ISTO É ESPIRITUALISMO

MAURICE BARBANELL

TRADUÇÃO: AMADEU ANTONIO

ISTO É ESPIRITUALISMO

MAURICE BARBANELL 1959

ÍNDICE

- . Além dos Cinco Sentidos
- . As Nossas Vidas depois da Morte
- . Vozes do Além
- . A Sessão como Resposta à Oração
- . "O Discernimento dos Espíritos"
- . Quando um Médium entra em Transe
- . "O Dedo que se Move Escreve—"
- . Os Médiuns: Nascem
- . Sermões nas Pedras
- . Provas Permanentes de Sobrevivência
- . Dádivas do Além
- . Eles Curam "Incuráveis"
- . Médico Morto Diagnostica
- . Desafiando a Lei da Gravidade
- . Uma Assinatura Espiritual
- . Em Safari com um Médium
- . Terá sido a Morte de Donald Campbell Fada?
- . Suprimido pela Igreja
- . As Implicações
- . Apontando o Caminho

PREFÁCIO

Quais são as minhas qualificações para escrever um livro com este título? Afinal de contas, trata-se de um assunto que é considerado

altamente controverso, um tema que costuma despertar sentimentos profundos.

Sou um Espiritista convicto porque a vida depois da morte me foi provada, para além de qualquer sombra de dúvida. Isto não se deve a uma ilusão alimentada por desejos. Durante trinta e sete anos, presenciei fenómenos psíquicos extraordinários que, no meu entender, só têm uma explicação. Foram causados por inteligências pertencentes a indivíduos que já não animam estruturas mortais.

No último quarto de século, estive numa posição privilegiada. Como Diretor de dois jornais psíquicos, fui convidado para muitas sessões que normalmente não estão acessíveis aos investigadores comuns. Porque tive a possibilidade de publicar as evidências de uma vida após a morte, mostrando assim o que pode ser obtido nas melhores condições, estas foram colocadas ao meu dispor.

Comecei a minha investigação sobre o Espiritualismo como um cético, com uma inclinação para a incredulidade. A minha mãe era uma mulher profundamente religiosa com uma perspetiva ortodoxa. O meu pai, no entanto, era ateu. Desde a infância que ouvia constantemente os meus pais discutirem os prós e os contras da religião, sem nunca chegarem a uma unanimidade. Os anos de dissensão tiveram o efeito de me tornar, primeiro que tudo, ateu e, mais tarde, na minha adolescência, agnóstico. A minha perspetiva era assumidamente materialista. A minha ambição era talhar uma carreira comercial de sucesso e fazer fortuna. O Destino, contudo, tinha outros planos.

Há trinta e sete anos, eu era secretário de uma sociedade de debates literários onde os oradores costumavam ser autores famosos. Era uma das minhas funções garantir que tínhamos uma boa discussão, abrindo o debate e opondo-me sempre ao orador, independentemente do que ele dissesse. Segui este rumo regularmente, exceto numa noite fatídica. O nosso orador nessa noite, em vez de ser um autor famoso, era um Espiritista — já não me recordo por que motivo foi convidado — que narrou as suas experiências psíquicas, delineando o que lhe pareciam ser as suas implicações.

O orador sentou-se e eu levantei-me. Como habitualmente, os meus colegas membros esperavam que eu me opusesse ao que ele dissera. Para desgosto deles, desiludi-os. Em vez de apresentar argumentos contra o seu discurso, afirmei que, num assunto tão controverso, nenhuma opinião de valor poderia ser expressa sem alguma experiência pessoal como base. "Esta é uma matéria para investigação", declarei. "Eu não investiguei. Outros que indagaram estão mais aptos a expressar os seus pontos de vista, quer a favor quer contra."

Quando a sessão terminou, o orador aproximou-se de mim. "Falava a sério no que disse?", perguntou ele. "Si-im", respondi. "Irá colocar isso à prova fazendo a sua própria investigação?", foi o seu desafio.

Como me encontrava num dilema e não podia recusar sem parecer insensato ou frívolo, declarei-me disposto a conduzir uma indagação. Além disso, acrescentei, para sublinhar a honestidade da minha perspetiva agnóstica, que não expressaria qualquer opinião até que tivessem decorrido seis meses.

Ele convidou-me a assistir a uma sessão semanal realizada num prédio degradado no East End de Londres. Embora, sem dúvida por esnobismo, não tenha ficado impressionado com os arredores, fiquei surpreendido com o que se passou. Na segunda sessão, ocorreu um fenómeno psíquico para o qual não consegui encontrar outra explicação alternativa senão a de que era genuíno. Fui confrontado com uma mediunidade que não era telepatia, que não era o resultado de atividade subconsciente e que não era fraude, deliberada ou involuntária.

Agora, passados trinta e sete anos, continuo a considerar-me um investigador. Estou familiarizado com todas as alternativas oferecidas como explicações para a mediunidade. Às vezes penso que poderia construir um caso melhor do que os críticos. Uma e outra vez tentei encontrar explicações normais para os fenómenos que presenciei. O meu critério foi sempre o de que nenhuma teoria supernormal deve ser aceite se uma normal se ajustar a todos os factos. Por vezes, é verdade, consegui propor uma teoria que poderia ajustar-se a um fenómeno.

Depois, descobria que uma inteligência que não podia emanar deste mundo estava a trabalhar bastidores. Era confrontado com outros fenómenos que tornavam um completo contrassenso a teoria que eu tinha avançado.

Os acontecimentos na sala de sessões são todos peças de um quebra-cabeças que só fazem sentido aceitando que ocorrem através da intervenção de inteligências supernormais. Não utilizo a palavra "sobrenatural", pois não acredito que exista algo maior do que a lei natural. Todos os acontecimentos, psíquicos ou outros, devem-se à operação de leis universais.

Um exemplo fascinante de atividade supernormal é o facto de, em muitas ocasiões, ter recebido mensagens espirituais através de médiuns diferentes, cada uma confirmando o que fora dito através da outra, embora normalmente nenhum deles pudesse saber o que transpirara nas outras sessões.

Encontrei fraude, tanto intencional como inconsciente. Creio poder dizer que desmascarei mais charlatães neste campo do que qualquer outra pessoa. A minha capacidade de desmascarar o trapaceiro deveu-se ao facto de ter presenciado tantos fenómenos genuínos que fui capaz de reconhecer a contrafação. Afinal de contas, o espúrio é uma cópia do real. Se não houvesse fenómenos genuínos, não poderia haver simulações dos mesmos.

A minha longa experiência, no entanto, mostrou-me que a percentagem de fraude no Espiritualismo é exagerada. Não é maior, nem menor, do que em qualquer outra faceta da atividade humana. A ideia de que tem grande prevalência é causada por Espiritistas como eu, que insistem sempre em que deve ser dada a maior publicidade possível aos médiuns fraudulentos.

Nos "maus velhos tempos", quando os jornais publicitavam apenas os trapaceiros nas sessões e ignoravam largamente todas as ocorrências genuínas, corria a impressão de que a totalidade do Espiritualismo estava pejada de vigaristas que se aproveitavam dos enlutados. Agora, em grande parte devido ao testemunho público de homens e mulheres famosos em todos os quadrantes da vida, a posição mudou. Os diretores de jornais compreendem, como frequentemente

me disseram, que, no seu próprio jargão, o Espiritualismo "é uma boa história". Estão ansiosos por imprimir os factos.

Escrevo este livro pela mesma razão que me levou a passar toda a minha vida adulta a discursar em reuniões públicas em todas as grandes cidades deste país, nos EUA, no Canadá e no Continente, e a contribuir com artigos para jornais nacionais e revistas publicadas no país e no estrangeiro. Qual é a minha razão? Dei por mim na posse de factos surpreendentes que revolucionaram por completo toda a minha perspetiva sobre a religião e a filosofia e, na verdade, sobre a própria vida.

"Se um homem morrer, viverá novamente?" é uma pergunta que é feita há milhares de anos. Os membros de todas as religiões acreditam, esperam ou temem sobreviver à morte. Eu estou certo disso. Incidentalmente, não consigo compreender a falta de lógica demonstrada pelos membros de religiões ortodoxas que dizem ser correto esperar pela sobrevivência e incorreto prová-la.

Para mim, a sobrevivência é um facto biológico devido à operação de uma lei natural. O nosso nascimento é causado pela operação de uma lei natural, na qual não temos voto na matéria. Se os nossos desejos pudessem ter sido solicitados, e concedidos, quantos de nós teriam querido nascer? Do mesmo modo, a nossa vida depois da morte faz parte da operação de outra lei natural, na qual, novamente, não temos escolha.

A sobrevivência não é uma recompensa ou um castigo pelas nossas ações na terra. Devemos continuar a existir para lá do túmulo simplesmente porque não temos alternativa. Para mim, os "mortos" são tão reais e vitais como os que são chamados de vivos. Eles comunicam comigo regularmente. Estou consciente do seu amor, afeto, inspiração, apoio e orientação.

Como ministro espiritista, conduzi muitos funerais. Nunca houve qualquer menção de luto por aqueles que morreram — apenas pelos entes queridos deixados para trás, que têm de suportar a perda física. Destaquei sempre a nota de triunfo e gratidão por um indivíduo ter sido libertado do cativeiro terreno para uma vida mais plena, mais rica e maior.

Porque as minhas experiências produziram uma revolução tão profunda na minha própria vida, e me deram uma maior compreensão do universo e do seu propósito, estou disposto a partilhar o meu conhecimento com aqueles que estão preparados para o receber.

Aviso-vos que pode ser uma longa busca, mas é uma aventura espiritual emocionante. Mesmo entre as escórias, o ouro está lá, à espera de ser encontrado. Mas o tesouro, quando escavado, é duradouro. Uma longa experiência provou-me que o Espiritualismo ilumina a escuridão, proporciona conforto na hora do luto e força em momentos de fraqueza, e fornece uma fé real, baseada não na credulidade cega, mas no conhecimento seguro.

Se está satisfeito com a sua perspetiva religiosa, filosófica, ética e moral, não posso ajudá-lo. Milhões de pessoas, no entanto, num mundo cheio de dúvidas, pavor e desânimo, já não aceitam as crenças convencionais simplesmente por serem tradicionais. O avanço impressionante da ciência, com as suas descobertas maciças, para o bem ou para o mal, numa era atómica, obrigou a maioria a reexaminar os fundamentos da sua fé. Demasiados descobriram que as crenças ortodoxas já não satisfazem. Elas foram dinamitadas com a primeira bomba atómica lançada em Hiroxima. Desde então, têm feito perguntas vitais relativas à origem, destino e propósito do homem, para as quais não conseguem encontrar as respostas.

Este livro é uma tentativa de fornecer algumas delas. Lerá as minhas experiências e o que me parecem ser as suas conclusões inevitáveis — que o homem é um ser espiritual com uma herança espiritual e com um destino espiritual por cumprir.

Capítulo 1

ALÉM DOS CINCO SENTIDOS

A evidência é a contribuição única que o Espiritualismo tem para oferecer. Fornece o alicerce de provas a partir do qual tudo o resto no Espiritualismo se segue. É, na minha perspetiva, a base de factos demonstráveis que o investigador honesto pode verificar por si mesmo.

Não me refiro a isto no sentido de uma experiência científica que possa ser repetida uma e outra vez sob condições controladas individualmente. Isso não é possível porque a mediunidade envolve a utilização de seres humanos. Onde quer que se lide com seres humanos, o fator humano pode ser caprichoso e propenso a desregular os cálculos mais intrincados.

No entanto, através da mediunidade é possível, como eu fiz, receber consistentemente comunicações que provam a existência de uma vida após a morte. A mediunidade é sensibilidade, a capacidade de registar vibrações, radiações ou frequências que não podem ser captadas por nenhum dos cinco sentidos.

Por mais maravilhosos que estes órgãos sensoriais sejam, eles são limitados no seu alcance de receção. Os olhos captarão vibrações de luz apenas dentro de uma determinada margem. Da mesma forma, os ouvidos receberão ondas de som apenas dentro de um campo restrito. Do infravermelho ao ultravioleta, existem numerosas vibrações de luz que se perdem para os nossos olhos simplesmente porque viajam demasiado rápido ou demasiado devagar. Sons que se movem de forma demasiado rápida ou demasiado lenta não podem ser detetados pelos nossos ouvidos.

O homem construiu uma variedade de instrumentos que lhe permitem estar ciente de imagens e sons que, de outro modo, se perderiam para os seus sentidos. O telescópio revela a majestade dos céus que o olho não consegue ver. O microscópio permite-nos estar familiarizados com formas minuciosas de vida que estão além da nossa visão. O radar, o raio-X, a rádio e a televisão captam para nós vibrações que estão além do alcance dos nossos órgãos visuais e auditivos.

O médium é, na verdade, um aparelho de rádio ou de televisão humano. Ele ou ela — geralmente é uma ela, porque as mulheres são mais sensíveis do que os homens — é capaz de se sintonizar com um mundo de atividade que, para o resto da humanidade, é invisível e inaudível. Tal como o aparelho de rádio ou de televisão, cada médium é limitada no seu alcance de receção. Ao contrário dos seus

homólogos mecânicos, contudo, os médiuns podem, através do desenvolvimento, aumentar a sua capacidade de receção.

O que é que o clarividente vê, e o que o chamado de clariaudiente ouve? A morte significa meramente uma mudança de comprimento de onda para aqueles que morrem. Eles descartam os seus corpos físicos, quando a partida é normal, tal como nos dispensamos de um sobretudo quando o tempo frio passou. No seu novo estado, expressam-se através dos corpos espirituais que sempre possuíram. Estes, em grande medida, são réplicas dos corpos materiais, exceto que não reproduzem a doença, a enfermidade ou a velhice.

Isto foi perfeitamente expresso na bela linguagem do Novo Testamento, quando Paulo diz: "Há corpo animal e há corpo espiritual." A isso segue-se a afirmação: "Porque convém que isto que é corruptível se revista da incorruptibilidade, e que isto que é mortal se revista da imortalidade."

Ao morrer, as pessoas não são transferidas para outro universo, pois não há uma mudança em sentido geográfico. Existe apenas um universo, tal como, na verdade, existe apenas uma vida, com um número infinito de manifestações. Cada gradação funde-se na seguinte. Na realidade, é incorreto falar de uma vida após a morte, ou mesmo de um mundo espiritual ou dos espíritos. Estamos agora tanto no mundo espiritual como alguma vez estaremos. Não estamos mais perto dele num avião, nem mais longe dele num submarino.

Os mortos — uma palavra fria e pouco atraente que contraria a realidade — continuam no mesmo universo em que nós estamos. Já ouvi comunicadores espirituais dizerem que nós somos os mortos e eles são os vivos. Eles não podem manifestar a sua presença a nós porque somos espiritualmente surdos e cegos. Como se separaram dos seus corpos físicos, não nos conseguem alcançar através dos nossos cinco sentidos. Tal como temos de usar instrumentos e aparelhos para registar o que os nossos olhos e ouvidos não conseguem receber, assim temos de utilizar os serviços de um médium para alcançar a comunicação espiritual.

O homem cego não consegue ver o pôr do sol. O homem surdo não consegue ouvir o canto dos pássaros. No entanto, o pôr do sol está

lá, e os pássaros cantam, como aqueles que têm visão e audição normais sabem para sua alegria.

A médium sintoniza-se com aqueles que estão no seu comprimento de onda e regista o que "vê" e "ouve". Nem o "ver" nem o "ouvir" envolvem a utilização dos olhos ou dos ouvidos. O processo é subjetivo, não objetivo, embora quando se alcança uma excelente sintonia, e a receção é brilhante, o resultado pareça ser objetivo.

Médiuns a quem questionei sobre a técnica de comunicação explicam que é como se tivessem um aparelho de rádio ou de televisão interno. Os clarividentes dizem-me que a sua visão não é de forma alguma afetada se os seus olhos estiverem firmemente fechados. Os clariaudientes obviamente não ouvem vozes nas suas comunicações, simplesmente porque os comunicadores já não falam com vozes.

A mediunidade envolve a utilização das faculdades do corpo espiritual que todos possuímos e que utilizaremos quando morrermos. Estas faculdades da psique estão ou adormecidas ou mais próximas da superfície. Quando estão mais próximas da superfície, encontram-se as potencialidades da mediunidade, que têm depois de ser desenvolvidas. Nesse sentido, a mediunidade é um dom com o qual a pessoa nasce. Os médiuns nascem e depois têm de ser desenvolvidos.

Em civilizações anteriores, quando os habitantes deste globo viviam mais perto da natureza do que nós, as suas faculdades psíquicas operavam mais prontamente. Estas, infelizmente, tornaram-se sufocadas pelas crescentes complexidades da civilização moderna, que impõem uma artificialidade de existência para a maior parte da humanidade.

As faculdades psíquicas podem ser exercidas sem o uso da mediunidade. A telepatia é um exemplo óbvio. O cartomante talentoso está a utilizar a faculdade psíquica. Intuições, pressentimentos, premonições, maus presságios, tudo isto são exemplos, a meu ver, de poderes psíquicos em operação. Produzem resultados para os quais, na altura, não existem explicações normais. O espaço e o tempo são conquistados em lampejos que pertencem a faculdades não físicas.

A mediunidade surge quando estes poderes psíquicos inatos são desenvolvidos em cooperação consciente com os chamados de guias

espirituais, que estão qualificados, devido ao seu estado evolutivo avançado, para agir como tutores em matérias espirituais.

Globalmente, a mediunidade enquadra-se em duas categorias, mental e física, embora por vezes se fundam uma na outra. No campo mental, existem a clarividência (ver claro), a clariaudiência (ouvir claro), graus de transe que variam de estágios de controlo até à completa inconsciência do que está a ser dito, e a escrita automática, que pode culminar com o comunicador a reproduzir os seus traços e maneirismos individuais.

Nos estados de transe, é sobretudo o guia quem fala, utilizando os órgãos vocais do médium — em casos mais raros, uma laringe artificial é temporariamente construída e um guia fala numa voz totalmente diferente. Quando a mediunidade de transe atinge a sua qualidade mais elevada, é possível obter controlo direto por comunicadores que não os guias.

Os fenómenos físicos apresentam muitas variedades. Nas sessões de voz direta, o comunicador fala numa reprodução temporária da sua antiga voz terrena. Isto pode ser tão notável que é possível detetar entonações individuais.

Na fotografia espiritual, aparece na placa ou na película um "extra" que é uma excelente reprodução das feições do comunicador, mesmo que, por vezes, nenhuma fotografia precisamente comparável tenha alguma vez sido tirada na terra.

Com a materialização, o mais raro de todos os fenómenos, a entidade que se manifesta constrói uma cópia temporária do seu corpo físico, uma reprodução que é a maior maravilha da sala de sessões.

Todos estes fenómenos físicos envolvem a utilização de uma substância chamada ectoplasma, que o médium possui sob forma invisível. A palavra "ectoplasma" (do grego *ektos* e *plasma* — substância exteriorizada) foi criada pelo Dr. Charles Richet, um professor francês de fisiologia, após testemunhar, em numerosas ocasiões, esta substância a fluir de médiuns. O Barão A. von Schrenck-Notzing, um médico alemão especializado em psiquiatria, dedicou trinta e cinco anos à investigação e realizou centenas de experiências em sessões.

Ocasionalmente, ele obtinha permissão para amputar porções de ectoplasma para análises químicas e microscópicas. Ele apresenta a análise química como: “Líquido incolor, ligeiramente turvo, fluido (filamentoso), sem cheiro; vestígios de detritos celulares e esputo. Depósito esbranquiçado. Reação ligeiramente alcalina.” Sob o título de “Exame Microscópico”, ele apresenta o seguinte: “Numerosos discos cutâneos; alguns corpos semelhantes a esputo; numerosos granulados da membrana mucosa; numerosas partículas minúsculas de carne; vestígios de potassa ‘sulphozyansaurem’. O resíduo seco pesava 8,60 gr. por litro; 3 gr. de cinza.”

Ideoplástico por natureza, o ectoplasma é capaz de ser moldado para “fabricar” o equivalente ao corpo humano. A sua relação com a materialização é semelhante à do protoplasma em todas as formas materiais de vida. Embora não material no seu estado primordial, o ectoplasma é de alguma forma composto por “químicos espirituais” até assumir o equivalente ao corpo humano, com um coração a pulsar, batimentos cardíacos e mãos quentes e sólidas. Torna-se uma forma que respira, caminha e fala, e aparenta estar completa até às unhas dos dedos.

O médium desempenha um papel vital nestas manifestações. Existe um cordão, embora invisível, que liga o médium e a materialização, desempenhando a mesma função que o cordão umbilical. O “milagre” da materialização é que, em poucos minutos, reproduz-se na sala de sessões o nascimento que normalmente leva nove meses no útero materno. E, ainda mais impressionante, nesses poucos minutos aparecerá um indivíduo mostrando-se, por exemplo, com a idade de sessenta anos, quando faleceu.

Uma forma de mediunidade que alcançou grande destaque é a cura espiritual. Aqui, o instrumento humano torna-se o canal para um poder espiritual que demonstra a sua realidade ao alcançar curas, muitas vezes em casos onde “incurável” fora o temido veredicto médico. O desenvolvimento do médium, uma vez reconhecida a posse do seu dom, consiste em aprender, através da prática constante, a tornar-se o vaso para que o maior grau possível de poder espiritual seja vertido através dele.

Isto é vastamente diferente da cura magnética, na qual a própria força vital do curador é usada no sofredor e ocorre um processo análogo ao recarregamento de uma bateria. É também diferente do que é conhecido como cura pela fé, onde o paciente é imbuído da ideia de que a aceitação de certas doutrinas religiosas pode precipitar uma cura.

Embora, indubitavelmente, a fé por parte do sofredor ajude na cura espiritual, posso citar muitas curas que foram alcançadas onde o paciente era completamente cético em relação aos poderes do curador. Além disso, crianças demasiado jovens para terem fé foram curadas por médiuns. O que é ainda mais extraordinário é o facto de uma quantidade tremenda de curas ser feita à distância, obtendo-se sucessos embora curador e paciente estejam separados por oceanos e continentes.

A cura ausente, como é chamada, triunfou em centenas de instâncias onde os pacientes nem sequer sabiam que fora feito um pedido em seu nome. Obviamente, nestes exemplos, não poderia haver qualquer elemento de fé por parte do paciente.

A imposição das mãos e as orações oferecidas pelos enfermos em igrejas de muitas denominações são formas de cura diferentes do tipo praticado pelos médiuns. Por vezes, pode ser que o ministro, mesmo sem o saber, esteja a expressar um dom psíquico. É, escusado será dizer, verdade que toda a cura emana da única fonte divina infinita.

O médium de cura caracteriza-se pelo facto de trabalhar em cooperação consciente com os seres espirituais que são os seus guias. Todos os destacados curadores espirituais estão convictos de que tiveram evidências para provar a realidade desses guias, alguns dos quais continuam no além o trabalho de aliviar o sofrimento que realizavam na terra.

Muitas das curas alcançadas através de médiuns de cura foram tão espetaculares que até homens da medicina as descreveram como “milagres”. Elas não são, contudo, miraculosas no sentido de que a lei natural tenha sido suspensa ou revogada. São instâncias de acontecimentos supernormais, de poder espiritual, afim à força vital, capaz de alcançar resultados que eram medicamente “impossíveis”.

A cura espiritual trata a causa e não o efeito, a origem da doença e não o seu sintoma. É cada vez mais reconhecido que um grande número de enfermidades tem uma origem mental ou espiritual. Estas doenças são descritas como psicossomáticas. Exemplos típicos são o facto de a preocupação poder produzir úlceras e de um choque causar um ataque cardíaco. Mente, corpo e espírito estão tão inter-relacionados que existe uma interação constante.

Existem muitos homens da medicina moderna que não hesitam em declarar que o medo, o ciúme, a ganância, a inveja e a frustração são as verdadeiras causas de muitas doenças. Os medicamentos não podem curar estas causas. A cura espiritual é particularmente bem-sucedida em doenças psicossomáticas.

Porque são clarividentes, muitos médiuns de cura são capazes de dar diagnósticos precisos e descobrir as causas das doenças. A sua clarividência confere-lhes, por vezes, uma espécie de visão de raio-X. Noutros casos, são capazes de ver a aura, as emanações coloridas de cada indivíduo que circundam o seu corpo como um ovoide. Este arco-íris humano que todos possuímos revela cada segredo ao olhar clarividente e indica claramente a sede de cada doença.

O Dr. Walter J. Kilner, do St. Thomas' Hospital, em Londres, conduziu uma longa investigação sobre a aura e registou os resultados no seu livro *The Human Atmosphere*. Com a sua primeira edição, publicada em 1911, vinha anexado um ecrã de dicianina (uma solução de corante de alcatrão de hulha entre dois pedaços de vidro hermeticamente selados) que tornava a aura visível à visão normal. A dicianina, que originalmente vinha da Alemanha, esteve inacessível durante anos. Os substitutos não se revelaram satisfatórios. Agora que a dicianina está novamente disponível na Grã-Bretanha, existem oportunidades para os experimentadores complementarem as investigações do Dr. Kilner.

As cores da aura denotam emoção, temperamento e caráter. O amarelo indica intelecto e sabedoria, o vermelho vivo significa ira, o cor-de-laranja ambição, o azul devoção, o roxo espiritualidade, o cinzento medo e o verde sombrio ciúme. Quando os clarividentes veem a aura a começar a murchar, é um sinal seguro de morte

iminente. Verifiquei frequentemente as afirmações feitas pela observação que um médium fazia da aura de um estranho e considerei-as exatas.

O ponto que quero sublinhar é que a mediunidade é a única explicação racional para os fenómenos psíquicos que descrevi. É possível pegar em qualquer fenómeno isolado e sugerir uma explicação alternativa que não envolva a intervenção de seres e poderes de além deste mundo. É possível, por exemplo, dizer que, por vezes, o que é chamado de clarividência pode ser telepatia, ou uma forma inconsciente de autohipnose.

A minha longa experiência, baseada no testemunho de mais de três mil sessões, provou que os fenómenos psíquicos formam um padrão. O padrão revela-me claramente que estão a trabalhar inteligências que não pertencem à terra. Apliquei todos os testes que a minha razão pôde sugerir — alguns deles são descritos nos capítulos que se seguem. E experimentei todas as explicações alternativas. No final, fui forçado à conclusão de que os fenómenos são causados por inteligências do mundo espiritual. Essa é a única explicação que se ajusta a todos os factos.

Capítulo 2

AS NOSSAS VIDAS DEPOIS DA MORTE

Através da mediunidade recebi comunicações que descrevem como é a vida no mundo além do túmulo. Os relatos vieram de pessoas que lá habitam e que descrevem as suas experiências em primeira mão. Existem limites para o que nos podem contar devido à sua incapacidade de transmitir imagens completas de uma existência que é superfísica e que é superior às dimensões e limitações terrenas.

A linguagem é um método artificial que é inadequado para transmitir a totalidade dos pensamentos e ideias. As ideias e os pensamentos, sendo não materiais, são maiores do que a linguagem, que é material. Um jarro com capacidade de um pinto, obviamente, não pode conter um galão de leite.

No entanto, a partir destas comunicações espirituais, obtemos vislumbres do tipo de vida que iremos experienciar quando chegar a nossa vez de dizer adeus à terra. Na verdade, à parte da mediunidade, nenhuma descrição detalhada da vida após a morte tem sido apresentada. No Novo Testamento encontra-se a afirmação: "Na casa de meu Pai há muitas moradas." Mas nada é dito sobre como são as moradas, como são feitas ou quem nelas habitará.

No dia seguinte à morte, serás precisamente o mesmo indivíduo que eras no dia anterior, exceto que terás descartado o teu corpo físico. Não tens de morrer para te tornares um ser espiritual. Tu és um ser espiritual hoje. A morte chega quando o teu verdadeiro eu se retira e funciona através do teu corpo espiritual.

A vida no mundo espiritual não é vaga, insubstancial ou nebulosa, mas sim cheia de atividade. Existem amplas oportunidades e ocupações para toda a gente. É tanto insensato como erróneo imaginar que, quando passamos desta vida, dormimos para sempre, ou até ao momento em que ocorra uma ressurreição. A morte é a ressurreição.

As pessoas estão habituadas a pensar no mundo material como sendo real e sólido. Mas a matéria sólida é, em grande parte, uma ilusão. A fissão nuclear fez-nos a todos compreender dolorosamente que a energia e a realidade se encontram apenas no invisível. Para a vasta maioria, as coisas da mente ou do espírito são sombrias e vagas. Mas para aqueles que vivem no Além, o espiritual e o mental são reais e o físico é a sombra. Os nossos pensamentos e aspirações são mais tangíveis para eles do que as nossas chamadas paredes sólidas.

É tudo uma questão de comparação. Enquanto sonhamos, por exemplo, todos os acontecimentos que ocorrem parecem ser sucessos reais. Se o sonhar passasse a ser a nossa existência perpétua, então tudo o que ocorre nesse estado seria tão tangível e tão sólido como os nossos arredores aparentam ser na terra. É apenas quando acordamos, e os nossos cinco sentidos funcionam, que descartamos os acontecimentos do mundo dos sonhos como nebulosos, simplesmente porque estamos agora a funcionar numa dimensão diferente.

Pode haver, após a morte, para muitas pessoas, um período de descanso e recuperação para lhes permitir ajustarem-se à nova vida. O

facto triste é que a maioria dos indivíduos é tão ignorante das verdades espirituais que é um choque tremendo para eles descobrirem que sobreviveram ao túmulo. Numa minoria de casos, pode levar o equivalente a centenas de anos para os indivíduos acordarem após a sua passagem. Estes são os ligados à terra, tantas vezes responsáveis por assombrações, cujas naturezas espirituais raramente funcionavam devido às suas vidas egoístas ou gananciosas.

Embora a morte os tenha libertado dos seus corpos físicos, a sua falta de evolução ainda os acorrenta à terra, mesmo estando num mundo espiritual. Alguns deles são responsáveis por obcecar toxicodependentes e dependentes de drogas, sendo também a causa de uma grande quantidade de loucura que, incidentalmente, pode ser e tem sido curada através da mediunidade. Na maioria destes casos, a obsessão é um ato inconsciente por parte da entidade espiritual intrusa. O Dr. Carl Wickland, um distinto médico americano, publica casos autenticados de tais curas no seu livro *Thirty Years Among the Dead*. Ao dar um choque elétrico à vítima, a entidade obsessora era desalojada e controlava a médium, que era a esposa do médico.

Não leva muito tempo, contudo, para que a pessoa comum, com a sua mistura de virtudes simples e "vícios" triviais, se ajuste. Felizmente, existem relativamente poucas pessoas realmente perversas, como, infelizmente, existem relativamente poucos indivíduos santos. A esmagadora maioria da humanidade nada tem a temer da morte.

Normalmente, ao acordar, o recém-chegado é saudado pelos entes queridos que o precederam. As famílias são reunidas, as amizades renovadas e as antigas associações restabelecidas. O reconhecimento não apresenta qualquer problema. Aqueles que nos amam na vida maior têm vigiado constantemente por nós e habitualmente ajudam quando se trata da nossa passagem. Porque no mundo espiritual o pensamento é uma realidade, eles são capazes de se mostrarem como os conhecemos.

Uma vez feito o reajustamento devido ao choque, descobrimos que não estamos num mundo estranho. A verdade é que já o visitámos em milhares de ocasiões. Nós "morremos" todas as noites. A nossa

separação do nosso corpo físico é temporária meramente porque o cordão de ligação não está cortado. Tal como o cordão umbilical tem de ser cortado antes de podermos alcançar a nossa entrada neste mundo, assim o "cordão de prata" ligado ao corpo espiritual tem de ser cortado antes de podermos fazer a nossa saída da terra.

Quando dormimos, o nosso corpo espiritual parte e viaja nesse domínio maior que está destinado a ser a nossa existência permanente. Embora estejamos agora inconscientes destas excursões espirituais, e das muitas experiências estimulantes que desfrutamos, elas tornam-se conhecidas por nós através da associação de ideias após passarmos. O que eram memórias sufocadas, incapazes de expressão na terra, são agora libertadas num completo despertar.

Um grande fator que opera é a imutável lei da atração. Apenas aqueles que possuem qualidades espirituais semelhantes podem habitar no mesmo plano nesta nova vida. Um marido e uma esposa, que estavam unidos apenas por um laço legal, entre os quais não existia amor e que estavam mentalmente divorciados um do outro, não estarão juntos no mundo espiritual.

As pessoas perguntam frequentemente quem será a parceira constante de um homem que foi casado três vezes, quando todos tiverem passado. O problema, contudo, nem sequer se levantará. Não existem ciúmes sexuais por Lá. O amor real e a realização paralela, espiritual e mental, providenciam a sua própria solução. Não pode haver incompatibilidades, nem o fingir que está tudo bem, nem hipocrisia, nem manter aparências para satisfazer a convenção. Mais tarde ou mais cedo os afins encontram-se — e este é o verdadeiro casamento espiritual — quando a justiça divina é alcançada e a compensação é feita.

Tenho ouvido frequentemente uma mensagem espiritual de uma esposa expressando satisfação com a escolha que o marido fizera de uma parceira para o seu segundo casamento. Este é um exemplo do que quero dizer quando afirmo que não existe ciúme sexual por parte de seres evoluídos no Além. Também tenho, ocasionalmente, escutado mensagens espirituais nas quais o marido ou a esposa comunicante

avisou o seu parceiro sobre a indesejabilidade do casamento que estava a ser contemplado.

Sei que muitos leitores acharão difícil de compreender, mas no Além as pessoas vivem de facto em casas, embora estas não sejam feitas de tijolos e argamassa. São construídas a partir do pensamento, que é a mais maleável das substâncias num mundo onde o pensamento é a realidade. É tão tangível para os seres num mundo espiritual como os tijolos e a argamassa são para nós.

Um princípio semelhante aplica-se ao vestuário que é usado, embora este não siga servilmente a moda terrena, mas consista em túnicas, que fornecem um índice do progresso espiritual do indivíduo. O instinto fundamental de se vestir persiste no mundo espiritual, onde os estados mentais são realidades.

Nos seus níveis mais baixos, as pessoas comem e bebem, enquanto pensarem que é necessário fazê-lo. Obtêm a ilusão que, naturalmente, é real para elas, daquilo que necessitam. E isso satisfá-las até progredirem para níveis mais elevados, onde sabem que este tipo de sustento é desnecessário.

Ao contrário do nosso mundo, não existem problemas de linguagem na vida após a morte, pois a nacionalidade não persiste. O pensamento é a única linguagem, e a telepatia o meio de comunicação. O engano, o fingimento, a trapaça e a mentira são impossíveis. Não existem segredos. Cada indivíduo é conhecido por aquilo que é, mental e espiritualmente.

Não existe idade no sentido físico, mas sim um crescimento em direção à maturidade espiritual. Assim, as crianças tornam-se “mais velhas” à medida que evoluem, enquanto as pessoas idosas rejuvenescem em espírito.

O trabalho consiste em exercer ocupações nas quais as pessoas expressam dons e talentos naturais. Na terra, fatores económicos e outros impedem frequentemente estes dons de encontrarem expressão e existem milhões de pregos quadrados em buracos redondos. No Além existem oportunidades infindáveis para evoluir estes talentos — salões de música, de aprendizagem, de cultura e de educação. Os

professores incluem aqueles cujas realizações lhes trouxeram fama terrena.

Para inúmeras mulheres que tinham anseios maternais que não puderam satisfazer, a vida espiritual será de facto um céu, pois os seus desejos ser cumpridos no cuidar de crianças que antecederam os seus pais.

Não há dinheiro para ser ganho, nenhuma propriedade para comprar, nenhuns carros para adquirir, nenhum finto para pagar, mas sim amplas oportunidades para expressar o verdadeiro eu em serviço.

Não existem pobres e ricos no Além, exceto a pobreza e a riqueza de espírito. A vida espiritual é de contínuo progresso, no qual cada indivíduo elimina gradualmente a escória da sua natureza no seu esforço em direção à perfeição. Não existe céu ou inferno no sentido teológico. Estes, contudo, são estados mentais reais que nós criámos pela forma como vivemos as nossas vidas. O mundo espiritual não tem uma localização geográfica separada de nós. Faz parte do único universo.

Não está dividido em esferas ou planos separados e independentes. Cada fase funde-se na seguinte, e o processo é infinito. Quando morremos, gravitamos para a esfera espiritual para a qual estamos aptos pelo caráter que evoluímos como resultado das nossas vidas. Não podemos ocupar uma esfera mais elevada do que aquela que o nosso estatuto espiritual determina. Nem desejaremos ocupar uma inferior, a menos que seja para um propósito específico, tal como realizar um trabalho de caráter verdadeiramente missionário.

Após a morte, para o dizer de forma simples, o santo e o avarento não habitam no mesmo plano. Espiritualmente, cada um é o que fez de si próprio, pelas suas ações, palavras e pensamentos. Existem tanto compensação como retribuição, porque as leis naturais de causa e efeito são perfeitas na sua operação. Não existe um Grande Juiz num trono branco, separando as ovelhas dos cabritos, pois nós próprios nos "julgámos" na natureza espiritual que alcançámos pelo caráter que formámos. Esse é o nosso passaporte espiritual. O nosso caráter, pelo qual cada indivíduo normal é responsável, é moldado pelas nossas vidas terrenas.

A esmagadora maioria não encontrará nada que a desaponte além do túmulo. Na verdade, haverá muito que lhes dará motivos para rejubilar. O seu pior inimigo é a ignorância que os torna despreparados para la vida que se segue à morte.

O Céu será a recompensa de uma vida sabiamente gasta na terra. Isto permitirá aos indivíduos estarem automaticamente com aqueles que verdadeiramente amam, desde que exista uma semelhança de estatuto espiritual, e com amigos que tenham uma afinidade mental e afeto comuns. O Inferno será um castigo autoinfligido por uma vida egoísta que impele o indivíduo a habitar com aqueles de natureza idêntica à sua.

Uma das maiores dores temporárias no mundo espiritual é a enorme quantidade de pessoas que não conseguem dar-se a conhecer aos entes queridos deixados para trás que choram por elas. Este, como me tenho apercebido muitas vezes, é um espetáculo patético, à medida que fazem esforços desesperados para comunicar através de estranhos para alcançar estes entes fustigados pela dor.

Com o tempo, instruídos por professores sábios, eles adaptam-se. Alguns deles trabalham para destruir a ignorância terrena que criou uma barreira entre os dois estados de existência. À medida que se habituam à sua nova vida, integram-se no seu devido lugar e aprendem a usar os seus talentos.

Não há ociosidade, não há preguiça e não há desemprego. Como não há corpo físico, não existem desgastes para reparar. Viajar não apresenta qualquer problema, pois toda a locomoção é realizada rapidamente conforme o pensamento o deseja. Alguns dos habitantes do mundo espiritual estão envolvidos em tarefas que implicam a cooperação consciente ou inconsciente com pessoas na terra. Nas artes, procuram inspirar todos os que se mostram recetivos. Cientistas, inventores e pioneiros trabalham constantemente tentando, muitas vezes com sucesso, inspirar mentes semelhantes no nosso mundo.

Capítulo 3

VOZES DO ALÉM

A evidência mais convincente e sustentada da vida após a morte que recebi chegou-me em sessões de voz direta. Embora tenha lido toda a literatura de valor sobre Espiritualismo produzida nos últimos cem anos, não encontrei nenhuns relatos que superem as provas recebidas na sala de sessões de Estelle Roberts, uma das maiores médiuns do mundo e possuidora de quase todas as faculdades psíquicas.

Ali, uma vez por quinzena, era meu privilégio estar presente quando se desenrolavam reuniões dramáticas entre os vivos e os chamados de mortos. No seu melhor, e isto era uma ocorrência frequente, estas conversas eram tão naturais que era difícil acreditar que uma das duas vozes participantes que eu ouvia emanava de um orador do outro lado do abismo da morte.

As vozes espirituais vinham através do que era chamado de trombeta, embora fosse na realidade um megafone em forma de cone e feito de folha de flandres. Estas sessões eram sempre realizadas em escuridão total, a pedido do guia espiritual da médium. Quando lhe perguntei se conseguiria obter o resultado caso a sala tivesse uma iluminação ténue, a sua resposta foi: “Dá-me as minhas condições e eu apresentarei as provas.” Ele cumpriu certamente a sua promessa, conforme irei descrever.

Devo explicar que a escuridão, ou uma luz rubi, é habitual para esta forma de fenómenos psíquicos e para a materialização. Os guias responsáveis por estes resultados dizem que o processo envolvido é afim à germinação da vida, a qual requer sempre escuridão.

As vozes espirituais podem, por vezes, ser produzidas com luz comum. Ouvi este fenómeno numa demonstração espontânea e inesperada quando estive na América. Como parte da minha digressão de palestras, tinha chegado a Lily Dale, em Nova Iorque, que é o maior campo espiritista da América. Não se trata, como se poderia depreender desta descrição, de uma coleção de tendas. É uma pequena cidade com dois hotéis que, nos meses de verão, se torna a Meca de milhares de interessados no Espiritualismo. Quase todas as fases dos

fenómenos psíquicos são demonstradas por cerca de sessenta ou setenta médiuns. Existe um auditório que comporta duas mil pessoas.

No dia da nossa chegada, foi oferecido um chá em honra da minha esposa e de mim próprio. Para o mesmo foram convidados todos os médiuns que se encontravam então hospedados em Lily Dale. Era uma tarde radiante de verão, com a luz do sol a entrar pelas janelas. Havia um burburinho de conversa, como é habitual quando setenta ou oitenta pessoas estão a tomar chá. Muitas delas estavam a fumar. Contudo, nestes arredores, que eu teria considerado desfavoráveis para fenómenos psíquicos, tive uma experiência marcante. A minha esposa foi apresentada a uma desconhecida, uma médium chamada Sra. Ann Keiser, que tinha vindo de Buffalo. Devo sublinhar que este era o primeiro encontro delas.

Inesperadamente, uma terceira voz intrometeu-se na conversa e anunciou pertencer à falecida avó da minha esposa. Deu o seu nome e mencionou que a minha esposa tinha recebido o nome em sua homenagem. Esta afirmação estava correta e era algo que a médium não poderia saber, visto que a avó tinha morrido na Grã-Bretanha. Digo isto com confiança porque nem eu sabia que a minha esposa tinha recebido o nome da sua avó materna. Ela tinha morrido quando a minha esposa tinha três anos de idade.

A seguir veio a voz espiritual, igualmente audível, do falecido irmão da minha esposa, uma vítima da Primeira Guerra Mundial, que também deu o seu nome e disse: “Estive à espera desta oportunidade para falar contigo.” A minha esposa veio ter comigo para descrever este acontecimento inesperado.

Levei a Sra. Keiser para uma sala contígua, onde havia menos barulho, perguntando-me se a demonstração se repetiria. Ao início houve um sussurro sibilante, que gradualmente se tornou mais alto, até que o meu falecido cunhado estava a falar de forma bastante distinta e numa voz masculina. Tudo o que ele disse era de natureza altamente provatória, referindo-se a assuntos que tinham surgido desde que eu deixara a Inglaterra e respondendo a algumas perguntas que estavam na minha mente, embora a médium nada soubesse sobre elas.

A voz espiritual, pelo que consegui perceber, vinha da região do plexo solar da médium. Durante todo o tempo em que a voz falava, os lábios da Sra. Keiser estavam firmemente fechados. Este era um fenómeno que não podia ser explicado pelo ventriloquismo. E não era certamente a voz da médium.

Poucos dias depois, tive mais exemplos desta mediunidade de voz do plexo solar quando partilhei a tribuna em Lily Dale com T. John Kelly que, embora tenha nascido no sul de Gales, viveu em Buffalo a maior parte da sua vida. É um facto curioso que quase todos os médiuns possuidores deste dom psíquico ou viviam em Buffalo, ou nessa região das cataratas do Niágara, ou então desenvolveram o dom nessa localidade. Pode ser que exista alguma ligação entre a energia libertada pelas águas em cascata e o desabrochar desta forma de mediunidade de voz.

A primeira vez que falei em público em Lily Dale, Kelly foi o médium que se seguiu com uma demonstração psíquica. O seu propósito era responder, enquanto estava vendado de forma segura, a perguntas escritas pelo público e colocadas em envelopes selados.

Ele estava sentado ao meu lado na tribuna. Em plena luz do dia, ouvi uma voz espiritual, vinda da região do seu plexo solar, dirigir-se a mim pelo meu diminutivo. Começou como um sussurro, tornando-se gradualmente mais alta até que as palavras podiam ser ouvidas distintamente.

A demonstração bem-sucedida de Kelly consistia em "ler", por vezes sem sequer abrir os envelopes, as perguntas escritas e depois dar as respostas. Mas não era ele quem falava. A voz que vinha através dos seus lábios, enquanto se dizia que ele estava em transe, era a de um indivíduo que afirmava ser o seu falecido pai. Não tendo conhecido o pai de Kelly, não posso dizer que fosse a voz dele, ou uma réplica da mesma. Posso dizer que não era a voz do médium. O que tornou a sessão, que durou quase uma hora, ainda mais notável, foi o facto de eu ouvir as vozes de pessoas, que diziam ser parentes mortos de membros do público, dar as respostas às perguntas, e o pai de Kelly repetia-as. Ouvi este fenómeno várias vezes durante a minha estadia de uma semana em Lily Dale.

Frequentemente, quando eu falava com Kelly, embora o médium não estivesse em transe, a voz espiritual do seu pai tomava parte na nossa conversa. Parecia emanar sempre da região do plexo solar do médium.

Deve haver algo nas condições climáticas da América que é propício para este tipo de mediunidade. Kelly e outros espiritistas americanos foram meus companheiros de viagem no navio que ia para a Grã-Bretanha. A meio do Oceano Atlântico, realizámos uma sessão pública que atraiu quase duzentas pessoas.

Kelly deu a sua demonstração psíquica de responder a perguntas em envelopes selados, em transe como habitualmente, e com a voz espiritual do seu pai a falar através dos seus lábios. Ele repetia estas respostas conforme lhe eram dadas pelas vozes dos comunicadores que afirmavam ser parentes falecidos ou amigos dos interpelantes. Notei, contudo, que as vozes estavam mais fracas em volume. Após termos chegado a Inglaterra, ouvi a voz espiritual do plexo solar do pai de Kelly falar muitas vezes, mas era quase um sussurro.

Certa vez, no meu escritório, quando eu estava a orientar Kelly em direção ao seu hotel e ele parecia confuso com as minhas indicações, esta voz intrometeu-se para dar detalhes ainda mais precisos. O facto de ter diminuído em volume em relação a quando a ouvira em Lily Dale aponta para que as condições climáticas sejam as responsáveis.

Cada médium tem um guia espiritual, papel que o pai de Kelly desempenhava. Normalmente, contudo, eles não são familiares do médium. Frequentemente são Índios Peles-Vermelhas, um facto que intriga os recém-chegados. A resposta não é difícil de encontrar. Nos dias do seu apogeu, os índios da América do Norte eram mestres das leis psíquicas, com um conhecimento profundo das forças supernormais e do modo como operavam. Isto qualifica-os, após a sua passagem, para agirem como tutores e guias dos seus médiuns.

O Índio Pele-Vermelha moderno foi “civilizado” e ocidentalizado, e a faculdade psíquica natural foi estagnada. O seu protótipo, no entanto, encontrava-se numa categoria vastamente diferente. Ernest Thompson Seton, um dos maiores peritos em Índios

Peles-Vermelhas, descreve as suas apuradas qualidades psíquicas no seu livro *Gospel of the Red Man*.

Conhecer muitos deles, como eu fiz ao longo dos anos, é considerá-los com grande afeto e respeito. Aqueles que trabalham através dos melhores médiuns são professores sábios que emanam uma qualidade que pode ser descrita como "amorabilidade". Estão imbuídos da ideia de serviço.

Estas qualidades estão exemplificadas na pessoa de Nuvem Vermelha, o guia de Estelle Roberts. Embora só o tenha visto uma vez, quando ele se materializou como uma criação temporária de carne e osso, falei com ele tantas vezes que o considero um velho amigo, alguém que conheço melhor do que muitos dos meus íntimos neste mundo.

A sua voz, quer ouvida através dos lábios da sua médium em transe, quer independentemente nas suas sessões de voz — sendo semelhante em ambas as formas de mediunidade —, é inteiramente diferente da de Estelle Roberts. O seu tom muito masculino é grave e rouco. Embora o seu domínio do inglês seja bom, tem uma forma especialmente atraente de pronunciar algumas das vogais. Uma transposição ocasional de uma sílaba tem muitas vezes um efeito divertido.

Certa vez, quando lhe foi pedido, Nuvem Vermelha deu detalhes da sua vida terrena como um índio Sioux. Explicou também como aprendeu inglês como parte do equipamento para a sua missão através de Estelle Roberts.

Uma vez por quinzena, alternando com a sua sessão de voz, ele realizava o que era conhecido como um círculo de ensinamento. O seu propósito era expor as implicações mais amplas das evidências que surgiam nas suas sessões. Já o ouvi palestrar por mais de uma hora de forma improvisada, por vezes sobre temas complicados sugeridos pelos seus ouvintes. Esta era sempre uma noite educativa.

As suas palestras revelavam uma versatilidade de conhecimento muito além do alcance da sua médium. Ela tivera de trabalhar arduamente na sua juventude para ter algum tempo para atividades culturais. Já ouvi Nuvem Vermelha manifestar um conhecimento de

ciência que lhe permitia discutir aspetos intrincados deste assunto com um cientista distinto. Escutei fascinado enquanto ele discorria sobre medicina, tanto antiga como moderna, com um médico. Ele é um perito em impérios defuntos, cidades perdidas e nos costumes de tempos idos. O seu conhecimento de religiões passadas e contemporâneas é considerável. Somado a tudo isto, citava longamente o Antigo e o Novo Testamento.

Embora as afirmações de Nuvem Vermelha produzissem divergências de opinião, pois ele acolhia sempre a discussão controversa, nunca mostrou o mais pequeno sinal de irritação para com quem discordasse dos seus pontos de vista. Frequentemente, o seu humor era exibido em réplicas magistrais.

Estelle Roberts tem sido uma grande amiga minha há mais de vinte e cinco anos. Visitei a sua casa em dezenas de ocasiões. Toda a sua vida foi dedicada à sua maravilhosa e versátil mediunidade, que demonstrou quase todos os dons psíquicos conhecidos. Ela encontrou relaxamento em quase o seu único outro interesse — o seu jardim.

A sua leitura está confinada principalmente aos periódicos que tratam de Espiritualismo. Sei que a leitura de qualquer outro tipo de literatura não lhe atrai. Nunca manifestou qualquer interesse por poesia, tanto da era presente como das passadas. Contudo, já ouvi Nuvem Vermelha repetir com precisão várias linhas aplicáveis escritas por um poeta moderno cujos versos continuam desconhecidos para a maioria. E frequentemente recitava versos de improviso que expressavam apropriadamente as suas ideias. Em muitas ocasiões fiquei comovido enquanto ele falava longamente em versos belos e rítmicos.

Estou absolutamente seguro de que, no seu estado normal, Estelle é incapaz destas proezas. O cético poderia argumentar que ela poderia manter as suas atividades culturais em segredo. Se ela conseguisse enganar dessa forma aqueles que a conheciam intimamente, comparar-se-ia às maiores atrizes do nosso tempo. O palco, o ecrã ou a televisão proporcionar-lhe-iam recompensas muito mais lucrativas do que as que obtém da mediunidade.

Uma profunda humanidade é uma das qualidades mais cativantes de Nuvem Vermelha. Exibe sempre uma tolerância ampla e uma compreensão profunda dos problemas e dificuldades terrenos. A compaixão de Nuvem Vermelha é profunda, a sua disposição é suave e bondosa, e ele nunca condena.

Capítulo 4

SEGRAVE PROVA A SUA SOBREVIVÊNCIA

A reunião para uma sessão de voz de Estelle Roberts seguia um padrão semelhante a cada quinzena. Havia o seu núcleo duro de participantes regulares e os recém-chegados, que nunca eram apresentados à médium. Esta era uma das precauções tomadas para garantir que os resultados estivessem à altura dos mais elevados padrões de evidência possíveis. O grupo contava habitualmente com cerca de vinte pessoas.

Poucos minutos antes de a sessão começar, vertia-se água fria através das duas trombetas que eram utilizadas. Estas estavam borratadas com um material fosforescente, exposto à luz antes da sessão, e que permanecia luminoso durante os trabalhos. A tinta luminosa permitia-nos seguir os movimentos das trombetas, que se comportavam com uma destreza que era, em si mesma, uma ocorrência supernormal.

Moviam-se pela sala com a rapidez do relâmpago, por vezes batendo no teto ou, ocasionalmente, estrondando contra o chão. Depois, as duas partes de que cada trombeta era feita desmoronavam-se. Pouco depois, uma força invisível reagrupava as duas secções numa só e as trombetas iam navegando alegremente pela sala outra vez. Eram guiadas com uma precisão infalível; nunca nenhuma falhou nem bateu em nenhum dos participantes.

Sempre uma das trombetas se impelia imediatamente diante da pessoa que ia receber la comunicação. Enquanto o comunicador

falava, a trombeta permanecia suspensa no ar, caindo apenas se o orador espiritual não conseguisse sustentar o esforço, ou no final da comunicação. Por vezes, para mostrar o seu domínio sobre estas trombetas, Nuvem Vermelha, ou um dos seus ajudantes, "afagava-o" com ela — esta é a única maneira como posso descrever o que acontecia. A trombeta tocava-o geralmente, com a sua extremidade larga, da cabeça aos pés.

Antes de a sessão começar, os sons de uma respiração estertorosa vinham de Estelle Roberts, uma indicação de que estava a entrar no estado de transe, no qual permanecia durante os trabalhos. Parecia sempre lamentável que ela estivesse inconsciente dos acontecimentos dramáticos que ocorriam através da sua mediunidade.

Habitualmente, cada participante no círculo segurava a mão do seu vizinho, o que Nuvem Vermelha dizia ser útil para a reprodução e fluxo do poder psíquico de que necessitava para obter os seus resultados. Ocasionalmente éramos instruídos a soltar as mãos. Ficávamos então sob palavra de honra de não tocar nas trombetas. Estas, dizia-nos Nuvem Vermelha, estavam sempre unidas à sua médium por "hastes ectoplásmicas" que, se fossem partidas, poderiam perigar a saúde dela.

Num círculo caseiro a que assisti regularmente durante alguns anos, e onde se obtinham fenómenos de voz direta, esquecemo-nos de dar este aviso a uma recém-chegada. Com toda a inocência, ela tocou na trombeta quando estava a ser interpelada. Ouviu-se um gemido da médium em transe. A sessão foi levada a um fim abrupto pelo seu guia, que nos disse, como logo confirmámos, que ela tivera uma hemorragia.

Nas sessões de voz de Estelle Roberts éramos encorajados a entregar-nos a uma conversa normal. Nisto, via-se uma das trombetas erguer-se do chão e ouvia-se a voz de Nuvem Vermelha exclamar: "Atenção!" Este era sempre um sinal de que outro comunicador estava pronto para falar. A trombeta descia lentamente para o chão. Podia-se perceber pela forma como se erguia se o orador era um novato ou um veterano. Com os recém-chegados, erguia-se lentamente, como se um grande esforço estivesse envolvido. Com aqueles que já tinham

comunicado anteriormente, os movimentos da trombeta eram rápidos e precisos.

O "Atenção!" de Nuvem Vermelha era o sinal para a nossa conversa terminar. Geralmente, enquanto a comunicação vinha através da trombeta, tocava-se um disco de gramofone. Era sempre o mesmo disco, com seleções da comédia musical "Rose Marie". Era estranho ouvir os seus refrões populares tocados como acompanhamento para reuniões intensamente comoventes entre entes queridos que a morte separara. Quando perguntei a Nuvem Vermelha a razão da escolha deste disco, ele disse que era puramente uma questão de vibração. As vibrações rápidas desta gravação, disse ele, ajudavam-no a produzir os fenómenos de voz direta.

Nunca houve qualquer confusão nestas sessões, porque Nuvem Vermelha, o perfeito mestre de cerimónias espiritual, falava entre cada comunicação. Num nicho separado por cortinas, uma estenógrafa sentava-se com uma luz a brilhar sobre o seu caderno, para garantir que fazia um registo literal. Eu costumava repetir, para benefício dela, cada palavra proferida pelos comunicadores e pelos destinatários.

Naquela pequena sala superior, ouvi, sessão após sessão, dezenas de vozes diferentes que emanavam de pessoas que já não se encontravam na terra. Escutei as vozes de homens, mulheres e crianças. Quase sempre, no início, as vozes espirituais eram débeis e vacilantes. Quando os comunicadores aprendiam a dominar a técnica, falavam em tons retumbantes e podiam ser ouvidos claramente fora da sala, e por vezes até no jardim abaixo.

Fui responsável por trazer Lady Segrave para aquela sala de sessões numa altura em que ela se encontrava destroçada pelo luto após a morte do seu marido. A sua história dramática tem realmente o seu início anos antes, em Daytona Beach, na Flórida, onde, ao bater o recorde mundial de velocidade em terra, o nome de Henry Segrave fez parangonas nas primeiras páginas dos jornais de todo o mundo.

Antes de tentar o recorde, ele recebera, de uma pessoa desconhecida, uma mensagem de sessão que fora dada a um grupo em Inglaterra. Era uma espécie de aviso e dizia ter sido dada por um rei da velocidade que já tinha partido. Afirmava que uma determinada

peça do carro se partiria quando ele atingisse uma dada velocidade. Segrave testou-o à velocidade mencionada, e ela partiu-se.

Esta mensagem, declarou voluntariamente Segrave, evitou um acidente automobilístico que poderia ter sido fatal. Com a curiosidade despertada, Segrave fez algumas indagações no Espiritualismo quando regressou a Inglaterra. Sabendo que o seu amigo Hannen Swaffer, o famoso jornalista, era Espiritista, o automobilista de corrida foi visitá-lo.

No flat de Swaffer, ele presenciou fenómenos psíquicos que intrigarão a sua mente de engenheiro. Um fenómeno causou uma tremenda impressão em Segrave. Aconteceu quando um médium não profissional estava presente. Era Archie Emmett Adams, o compositor de "*The Bells of St Mary's*" e de outras canções populares, que era um paradoxo vivo. Adams, mais atraído pela Teosofia do que pelo Espiritualismo, ressentia a sua mediunidade, muito embora fosse possuidor de fortes poderes psíquicos. Na presença de Adams, e na iluminação normal do flat, ou em plena luz do dia, Segrave presenciou, como muitos outros fizeram, a extraordinária proeza de o piano de Swaffer ser levitado do chão sempre que o médium tocava uma melodia nativa que ouvira em Honolulu. Ao regressar ao chão, o piano fazia um grande barulho. Segrave referia-se frequentemente a este acontecimento e, a rir, costumava dizer: "A única vez que apanhei um susto foi quando vi o piano dar um salto no flat de Hannen Swaffer."

Não muito tempo depois ocorreu o trágico acidente fatal no Lago Windermere, onde Segrave tentava estabelecer um novo recorde mundial de velocidade na água. O mais proeminente automobilista de corrida do seu tempo, um homem de charme e de personalidade cativante, querido por todos os seus amigos, terminou a sua carreira terrena. Milhares de pessoas ficaram chocadas com a notícia da tragédia. Para Lady Segrave, foi o maior golpe da sua vida. No domingo após a sua morte, verificaram-se alguns acontecimentos curiosos no flat de Swaffer.

Estes envolveram a misteriosa transferência de um jornal de uma sala para outra, e outros acontecimentos para os quais, aparentemente,

não havia uma explicação normal. O facto significativo acerca do jornal era que continha o último artigo escrito por Segrave. Fazia uma referência a Swaffer e incluía uma menção ao piano levitado.

Perguntando-se se estes eventos invulgares poderiam ter-se devido a Segrave tentar atrair a sua atenção, Swaffer escreveu a Lady Segrave, descrevendo em detalhe o que acontecera. Incluiu na sua carta, não as palavras convencionais de simpatia oferecidas aos enlutados, mas a garantia, vinda de alguém que recebera provas, de que, na hora da sua aflição, sentia a certeza de que o marido dela estava muito perto.

Esta era uma carta difícil, porque os Espiritistas não sabem, mesmo quando tentam oferecer um conforto real, se serão vistos como intrusos que podem estar a deitar sal em feridas abertas. Lady Segrave expressou gratidão na sua resposta. Disse que tinha suportado bem o golpe, pois era apenas por momentos que se dava conta da sua total desolação.

Mais de um ano depois, escreveu novamente a Swaffer, desta vez para indagar se ele recebera algumas comunicações do seu marido. Tinha lido um livro sobre Espiritualismo escrito pelo famoso jornalista, o qual, disse ela, a interessara enormemente. Indicava-lhe, acrescentou, que embora a sua vida parecesse sem sentido e fútil, poderia pelo menos ter a possibilidade de uma reunião pela qual ansiar.

Swaffer mostrou-me a correspondência e pediu-me para ajudar Lady Segrave a fazer a sua própria investigação no Espiritualismo. Achei que a sua melhor introdução seria assistir a uma das sessões de voz de Estelle Roberts. Mas havia apenas uma forma de garantir a admissão. Era obter um convite de Nuvem Vermelha. Ele ou nomeava especificamente as pessoas que queria ver presentes, ou então nós perguntávamos se poderíamos trazer um amigo, sem mencionar qualquer nome ou dar qualquer pista quanto ao sexo ou identidade. Nuvem Vermelha diria “Sim” ou “Não”. Nunca procurava perguntar quem o amigo poderia ser.

Pareceu que Lady Segrave ia ter sorte. Para a sexta-feira seguinte — as sessões eram sempre realizadas nesse dia —, eu obtivera

permissão para levar dois amigos, um casal. Na manhã da sessão soube que um deles estava doente e, portanto, ambos não viriam. Isto pareceu uma oportunidade para levar Lady Segrave. O problema era como conseguir a permissão de Nuvem Vermelha. Queria trazer Lady Segrave sem revelar a sua identidade, para que, caso ela recebesse uma comunicação espiritual, o seu valor provatório não fizesse diminuído.

Telefonei à médium e disse que os dois amigos que eu tinha combinado levar não podiam vir. "Posso trazer outra pessoa no lugar deles?", indaguei. "Perguntou a Nuvem Vermelha?", foi a resposta. "Não", tive de confessar. Seguiu-se uma longa discussão. No fim, Estelle Roberts disse que confiaria em mim. Não perguntou quem seria o visitante e eu não dei qualquer indicação. Então telefonei a Lady Segrave e convidei-a para a sessão. Para consternação dela, não pôde vir. Tinha um compromisso importante que não podia ser adiado com um aviso tão em cima da hora. Naturalmente, fiquei muito desapontado.

"Onde está o seu amigo?", perguntou a médium quando cheguei. Expliquei que "o meu amigo" não pudera vir. Não mencionei nomes, nem sequer se era um homem ou uma mulher que eu esperara trazer. Não dei qualquer pista de espécie alguma sobre a sua identidade.

Reunimo-nos como habitualmente na sala superior. As luzes foram apagadas. Pouco depois, uma das trombetas luminosas moveu-se e a voz profunda e sonora de Nuvem Vermelha foi ouvida a saudar-nos para a sessão. Por mera curiosidade, disse-lhe: "Sabe alguma coisa acerca da pessoa que tentei trazer esta noite?" A sua resposta foi críptica. "Cale-se e espere", gracejou ele.

Mais tarde, Nuvem Vermelha dirigiu-se a mim e disse que o próximo comunicador queria falar comigo. Observei a trombeta à medida que se movia lentamente em minha direção. Então uma voz falou. "Barbanell", chamou ela. "Sim", respondi, "quem fala?" "Segrave", veio a resposta. "Obrigado por tentar trazer a minha mulher."

Era um exemplo surpreendente e inesperado de conhecimento espiritual. Embora eu não tivesse mencionado a ninguém na sala de

sessões os meus esforços para trazer Lady Segrave, o seu marido tinha mostrado de forma inequívoca que sabia. “Está tudo bem, Sir Henry”, disse-lhe eu. “Só lamento que ela não tenha podido vir.” Com o seu charme típico, ele insistiu que fora muita amabilidade minha. Pedi-lhe uma mensagem que pudesse transmitir à sua esposa. Disse-me o que dizer, o que mais tarde repeti a Lady Segrave quando lhe telefonei. Não significava nada para mim, mas ela disse que era importante para si e acrescentou que era uma mensagem muito característica.

Uma quinzena depois, trouxe-a à mesma sala de sessões. Ela não foi apresentada à médium nem a nenhum dos participantes. Pouco depois, ouviu-se a voz de Nuvem Vermelha a saudar os seus amigos. Ao fazê-lo, uma trombeta moveu-se, aparentemente por vontade própria, ao redor do círculo. Suspensa no ar, fez uma pausa em frente de Lady Segrave. “Não me conhece”, disse Nuvem Vermelha dirigindo-se a ela. “Não”, respondeu ela, “sou uma desconhecida aqui.” “Oh, não, não é! Boa noite, Lady Segrave. Trarei em breve o seu homenzinho.” Já o ouvi usar essa frase muitas vezes, pois para Nuvem Vermelha eles são todos “homenzinhos” e “senhoritas”. A trombeta afastou-se. A sessão começou a seguir o seu padrão habitual enquanto as vozes espirituais se dirigiam aos membros do círculo. Algumas vinham apenas com uma saudação; outras com conforto e orientação para entes queridos ou amigos. Várias das conversas foram bastante longas.

Em breve a trombeta regressou a Lady Segrave, sentada ao meu lado. “D”, disse uma voz. Mais tarde, ela contou-me que apenas o seu marido a tinha tratado por esse diminutivo, um facto, devo sublinhar, desconhecido por qualquer pessoa presente. Tudo o que eu sabia era que o seu nome de batismo era Doris. Infelizmente, ela ficou entusiasmada e tensa com o primeiro regresso espiritual do seu marido e não conseguiu falar. “D”, repetiu a voz. “Fale com ele”, sussurrei. Por experiência, eu sabia que o sucesso destas sessões de voz dependia da resposta da pessoa interpelada. A minha insistência, contudo, pareceu torná-la mais tensa. A trombeta moveu-se em minha direção.

“Está aí, Barbanell, não está?”, suplicou a voz. “Sim, Sir Henry”, respondi, “mas por favor fale com a sua esposa.” Novamente ele

dirigiu-se a ela pelo mesmo diminutivo. Ela murmurou algumas palavras... e então a trombeta caiu, uma indicação de que Segrave não conseguira segurar o "poder" necessário.

Imediatamente, ouviu-se a voz de Nuvem Vermelha. Dirigiu-se a Lady Segrave. "Sei como se sente", disse ele, "e o seu marido está igualmente entusiasmado. Mas vou ajudar-vos a ambos." Quando, após a sessão, perguntei a Lady Segrave qual a sua reação, ela respondeu: "Parece bom demais para ser verdade."

O seu marido, no entanto, cuja coragem indomável lhe trouxera fama mundial, estava determinado a não ser vencido. Na sessão seguinte, mostrou que tinha começado a dominar a técnica de comunicação, pois houve uma grande melhoria. A evidência da sua identidade surgiu com as primeiras palavras para a sua esposa: "Estive contigo no dia catorze, D." "Lembraste-te do dia catorze?", perguntou ela. "Sim, o teu aniversário", disse Segrave, provando que não se tinha esquecido. Apesar do seu entusiasmo natural ao regressar para a sua esposa, exibiu a sua cortesia infalível ao saudar-me e dizer: "Estou a tentar arduamente passar." Não pude deixar de rir quando ele acrescentou: "Sei como conduzir um barco ou um carro, mas que o diabo me leve se já percebo como isto funciona. Hei de passar... ."

Ele conseguiu certamente. Senti-me como se estivesse a ouvir uma conversa alheia ao escutar a sua longa conversa com a esposa. Discutiram uma dezena de assuntos que incluíam a menção do ambiente doméstico dela, amigos e familiares. Tocou num tópico que, como ela mais tarde me confessou voluntariamente, era desconhecido por qualquer pessoa no mundo exceto ela própria.

Fiquei encantado ao notar que ela tinha agora perdido a sua tensão. "Estás comigo no carro?", foi a sua pergunta seguinte. "Sim", foi a resposta, "mas tem cuidado, D." "Porquê?", exclamou ela. "Sou uma condutora muito boa." Houve uma pausa, e o homem que fora o maior automobilista de corrida do seu tempo, respondeu: "Sim, eu também era..." Toda a conversa entre marido e mulher foi tão natural que, quando terminou, todos sentimos que estávamos a intrometer-nos. Mais tarde, discutindo a sessão com ela, mencionou que o

marido, de forma bem-humorada, costumava criticar frequentemente a sua condução.

Não entrarei em mais detalhes, exceto para dizer que, sessão após sessão, as evidências da sobrevivência de Segrave começaram a acumular-se. Era óbvio que ele já não era um novato na arte de comunicar a partir do mundo espiritual. Além disso, nas suas conversas, revelava que sabia tudo o que se passava com ela. Tornou-se tão perito em manipular os movimentos da trombeta que conseguia trazê-la para perto do ouvido dela e sussurrar com tanto sucesso que ela conseguia ouvir cada palavra enquanto eu, sentado ao seu lado, não conseguia sequer apanhar uma sílaba.

Certa vez, após uma longa conversa numa sessão, ela disse-me: "Toda a conversa dele foi muito característica, cheia de detalhes íntimos, de modo que soube, sem margem para dúvidas, que era o meu marido." Lady Segrave declarou voluntariamente que toda a sua vida fora transformada por este novo conhecimento, que lhe trouxe uma radiância de perspetiva onde outrora existira apenas desespero.

Uma noite, ela perguntou a Nuvem Vermelha se poderia trazer um amigo para a sessão seguinte, tendo o cuidado de não mencionar qualquer nome, nem de indicar se seria um homem ou uma mulher. O guia deu o seu consentimento. Foi um homem que veio, alguém que era um desconhecido para a médium e para todos os participantes. Lady Segrave, para garantir o valor provatório de qualquer comunicação que ele pudesse receber, tomou a precaução de não o apresentar pelo nome. Mas Segrave sabia quem ele era. "Mark", chamou-o.

Era o Conde de Cottenham, um dos seus amigos mais antigos, e um homem que estivera associado a ele na sua carreira de piloto. E ele sempre o tinha tratado por "Mark". Quando escutei a conversa entre os dois homens, até para mim foi quase impossível dar-me conta de que um estava morto e o outro vivo. Tudo parecia tão natural, e tão obviamente um reencontro de velhos amigos.

Disse a Segrave que ele parecia muito mais feliz do que da primeira vez que regressara. "Não percebe que foi isto que causou isso?", respondeu ele. "Não queria deixá-la. Passámos por todas as

nossas lutas terrenas juntos e, mesmo quando o sucesso chegou, isto aconteceu. Aceitei-o para mim, mas não para ela."

O Lord Cottenham garantiu-lhe que Lady Segrave estava muito mais feliz agora que encontrara um meio de falar com o seu marido. Ela foi uma participante regular durante meses e o seu marido nunca perdia uma oportunidade de comunicar com ela. Em breve ele dava provas de ajudar os recém-chegados a quebrar a barreira do som da morte.

Uma noite, Lady Segrave perguntou a Nuvem Vermelha se poderia trazer dois amigos para a sessão seguinte. Ele concordou e, como habitualmente, não se fez qualquer esforço para indagar quem eram. Quando estes dois visitantes, um jovem e uma jovem, a acompanharam da vez seguinte, nenhum de nós sabia quem eram. Mas Segrave sabia. Falou com ambos.

"Rod" foi a sua saudação para o jovem, que era o seu irmão Rodney. Da mesma forma, Segrave provou que sabia quem era a jovem, pois chamou-a pelo seu nome. Era a esposa do seu irmão. Esta era a primeira sessão de voz a que eles assistiam. Declararam voluntariamente que fora a experiência mais extraordinária que alguma vez tinham tido nas suas vidas. Embora Lady Segrave tivesse frequentemente descrito as suas conversas com o marido, eles simplesmente não tinham a noção de quão naturais estas eram.

A evidência cumulativa atingiu o estágio em que Lady Segrave me disse ter uma convicção esmagadora da sobrevivência do seu marido. Quando lhe pedi para resumir a sua investigação, ela respondeu: "As minhas provas revelam o seu conhecimento completo dos meus assuntos mais íntimos e privados. Uma e outra vez voltei a pensar nestas provas na minha mente, examinei-as de forma crítica e calma. Tentei explicar tudo de outra forma. Fiz a mim própria as perguntas: 'Poderá ser telepatia ou a mente subconsciente?' 'Terei sido enganada?' As provas resistiram sempre a todos os testes."

Capítulo 5

DECIFRADO O DESTINO DO EXPLORADOR

As mensagens espirituais nessa mesma sala de sessões decifraram um dos maiores mistérios do mundo: o destino do Coronel P. H. Fawcett, o explorador que desapareceu no coração da selva brasileira. Durante um quarto de século houve boatos, especulações e teorias. Nenhuma destas era a resposta para um enigma que tinha posto milhares de pessoas a adivinhar.

As expedições enviadas para o localizar saldar-se-ão em fracasso. Ninguém conseguia dar uma resposta autorizada às perguntas: "Estaria ele ainda vivo?" "Estaria mantido em cativeiro por tribos rebeldes?" "Teria perdido a memória?" "Teria escolhido terminar os seus dias a viver o tipo de existência que, mesmo no seu melhor, era adequada apenas para animais selvagens?"

Em 1951, foi afirmado "oficialmente" que o esqueleto de Fawcett tinha sido encontrado na selva, nas margens do Rio das Mortes, no Brasil Central. Estes restos mortais foram trazidos para Inglaterra e examinados por membros da Sociedade Real de Antropologia, que declararam não se tratar dos ossos de Fawcett. Mas eu já sabia, dezasseis anos antes, que Fawcett tinha morrido, pois ele comunicou na sala de sessões de Estelle Roberts.

A história romântica de Fawcett começou no início do verão de 1925. Com o seu filho Jack e um jovem inglês chamado Raleigh Rimell, liderou uma expedição ao coração do Brasil para explorar território desconhecido, o Planalto Central brasileiro. Desde o momento em que deixaram o último posto avançado da civilização, nenhuma palavra, por meios normais, chegou ao mundo exterior. Mas houve mensagens espirituais.

A expedição de Fawcett a este território perigoso estava rodeada de fascínio. O seu objetivo era descobrir a cidade perdida do continente sul-americano, que se acreditava ter sido um dos principais berços da civilização pré-histórica. Provavelmente sabe-se menos do interior de Mato Grosso, o cenário da sua busca, do que de qualquer outra área habitada de tamanho semelhante no mundo. Mesmo hoje, existem ainda extensões enormes que ninguém visitou.

Durante anos, tinham sido organizadas expedições, algumas patrocinadas pelo Governo brasileiro, para encontrar este berço de

uma civilização perdida. Contos fantásticos relatados sobre estas regiões misteriosas referiam-se a cidades sepultadas, tesouros escondidos, ricas minas de ouro e prata, feras pré-históricas e índios brancos.

Contava-se a história de uma expedição que partira há duzentos anos em busca de ouro e prata sepultados. Dizia-se que tinham atingido o coração do Planalto Central e deparado com uma inesperada cordilheira de montanhas. Subiram por uma fenda e viram-se num planalto fértil. O espetáculo que se deparou diante dos seus olhos encheu-os de espanto. À sua frente estavam as ruínas de uma enorme cidade que fora construída com blocos e pedra. Não havia sinal de vida humana; estava completamente deserta. Perguntaram-se se estariam a contemplar os resultados de um terramoto. A expedição nunca regressou. Outros exploradores discutiam se isto seria apenas mais uma adição aos muitos "contos de viajantes".

A imaginação de Fawcett, contudo, foi despertada por estes relatos das ruínas de um mundo perdido. Em 1925, escreveu que a sua localização era conhecida, no que diz respeito à "localização geral e topografia circundante", por três homens. Um era um francês, cuja última tentativa de lá chegar lhe tinha custado um olho, e que provavelmente não faria mais esforços. O segundo era um inglês que, antes de deixar o país, sofria de um estado avançado de cancro e provavelmente já não estaria vivo. O terceiro era ele próprio.

Fawcett, que estava determinado a alcançar o seu objetivo, encontrava-se bem qualificado para esta tarefa hercúlea. Como explorador, tinha alcançado fama mundial. Era um homem de grande coragem, habituado a privações, e em outras expedições perigosas tinha resistido mais do que os restantes membros do grupo. Considerava esta como a sua maior aventura.

Mantendo o silêncio sobre os seus planos ambiciosos, partiu a 20 de abril de 1925, com dois companheiros e dois guias. A 29 de maio chegaram ao Acampamento do Cavalo Morto, onde, numa expedição anterior, cinco anos antes, um dos animais de Fawcett tinha morrido. A partir deste acampamento, enviou um despacho prometendo novas mensagens de tempos a tempos. Esperava enviar estas mensagens

utilizando uma tribo de índios amigáveis. Desde o momento em que atingiu a fronteira do país perigoso e desconhecido, nada mais se ouviu do intrépido explorador. A sua expedição nunca regressou. As mensagens prometidas não chegaram.

O desaparecimento de Fawcett tornou-se um enigma que intrigou o mundo. Ele esperava estar ausente por vinte meses. Quando, após esse tempo, nada se ouviu dele, os seus amigos começaram a indagar sobre o seu destino. As investigações junto do Governo brasileiro obtiveram a resposta de que os seus funcionários no interior tinham falhado em encontrar o rasto de Fawcett. Era de temer que ele e o seu grupo tivessem perecido.

Em 1927, um engenheiro brasileiro, Robert Courteville, relatou ter-se encontrado com Fawcett a cerca de 170 milhas da capital de Mato Grosso. Fawcett, disse ele, tremia com febre e tinha as pernas muito picadas por mosquitos. O explorador pareceu ressentir a intromissão de Courteville, pelo que se separaram. Nessa altura, o engenheiro brasileiro não sabia que existia qualquer mistério em torno do desaparecimento de Fawcett. Quando mais tarde lhe contaram os factos, disse que organizaria um grupo de busca para o trazer de volta à civilização. Esta expedição nunca se concretizou.

Em 1928, uma expedição de socorro foi financiada por um consórcio de jornais americanos. Esta foi liderada pelo Comandante George Dyott. Eles seguiram o rasto de três anos de Fawcett, partindo do Acampamento do Cavalo Morto, até chegarem a uma aldeia de Índios Anauquás. Ali, Dyott encontrou o filho de um chefe que trazia pendurada no pescoço uma pequena placa de latão gravada com o nome de uma empresa que fornecera a Fawcett algumas caixas herméticas em 1924.

A nova expedição soube pelos habitantes da aldeia que Fawcett ali descansara com os seus dois companheiros, ambos coxos e exaustos. Depois, o explorador seguira viagem para território desconhecido. Durante cinco dias, disseram os índios, viram o fumo das fogueiras da expedição de Fawcett enquanto esta abria caminho através da erva alta. Ao sexto dia, nenhum fumo se avistava. Assumiram que o galante grupo fora assassinado. Dyott realizou uma

busca exaustiva, mas não conseguiu encontrar provas da sugerida tragédia. Regressou à civilização incapaz de dizer se Fawcett estava vivo ou morto.

Nada mais se ouviu até março de 1932, quando um suíço chamado Stephan Rattin se dirigiu ao Consulado Britânico em São Paulo com uma história estranha. Rattin, um caçador, disse que um ano antes viajara até ao coração de Mato Grosso. Ali, numa aldeia indígena, ficou surpreendido ao encontrar um homem branco que acreditava ser Fawcett.

Rattin descreveu-o como tendo olhos azuis, uma longa barba branca e vestindo um fato de peles. Estava a ser mantido prisioneiro pela tribo indígena e apresentava um espetáculo lamentável. Utilizando o inglês, uma língua na qual não era proficiente, Rattin conseguiu falar algumas palavras com o prisioneiro.

A história de Rattin era a de que o velho dissera ser coronel do exército inglês e suplicara-lhe que contasse a um amigo chamado Paget, em São Paulo, a sua situação precária. Mais tarde, descobriu-se que um Major J. B. Paget ajudara a financiar a última expedição de Fawcett.

Outra afirmação significativa feita por Rattin foi a de que o velho lhe mostrara um anel de sinete. Quando este foi descrito à Sra. Fawcett, ela disse que correspondia a um anel que o seu marido usava sempre. Um relato literal da declaração de Rattin foi entregue ao Cônsul-Geral britânico em São Paulo. Após um exame minucioso, foi rejeitado por estar demasiado cheio de erros e inconsistências. Além disso, era estranho que Fawcett não tivesse mencionado os seus companheiros. Três meses mais tarde, Rattin partiu numa expedição na esperança de encontrar Fawcett, mas não obteve sucesso. O mistério continuava a ser um mistério.

Peritos proeminentes declararam, após examinarem todos os factos, que, na sua opinião, a totalidade da expedição de Fawcett tinha perecido no verão de 1925, provavelmente massacrada por índios. Em junho de 1932, na sala de sessões de Estelle Roberts, fiquei surpreendido ao ouvir um dos comunicadores espirituais falar sobre Fawcett.

O comunicador disse a uma amiga minha, a Sra. Alice Liddell, que queria confirmar o que dissera numa sessão anterior sobre Fawcett ser um prisioneiro. O explorador, acrescentou ele, estava bem mentalmente, mas doente fisicamente. Perguntei à Sra. Liddell se recebera quaisquer comunicações anteriores a respeito de Fawcett. "Sim", respondeu ela, e contou-me estes factos.

Ela era amiga da Sra. Fawcett. Dois anos antes, numa destas sessões de voz, fora-lhe dito que Fawcett encontrara a cidade perdida. In 1933, a Sra. Fawcett teve uma sessão com Estelle Roberts. Foi levada anonimamente por E. A. Reeves, antigo Conservador de Mapas e Instrutor de Topografia da Sociedade Real de Geografia. Reeves, amigo de muitos exploradores, conhecia Fawcett muito bem, pois ele fora um dos seus primeiros alunos na Sociedade. Pouco antes de Fawcett começar a sua última viagem, foi com o seu filho ver Reeves e dizer-lhe "Adeus". Tinham discutido frequentemente assuntos psíquicos e Fawcett relatara muitas das suas experiências ocultas.

Embora a Sra. Fawcett não tivesse sido apresentada pelo nome, Nuvem Vermelha revelou saber quem ela era ao dirigir-se a ela como "senhorita Fawcett". Disse-lhe que o seu filho tinha morrido, mas que o seu marido estava, na altura, ainda vivo. "Ele é um psíquico avançado", disse o guia.

A Sra. Fawcett compreendeu a referência, pois o seu marido fizera um grande estudo do ocultismo na Índia e em Ceilão. Era conhecido como um místico por muitos dos seus amigos.

"Foi o seu marido que Rattin encontrou", disse Nuvem Vermelha, "mas de nada serve alguém sair para procurar por ele. Seria apenas uma perda de tempo e de dinheiro. O conhecimento que o seu marido adquiriu é surpreendente. Os homens dariam reinos para o ter."

Em sessões subsequentes, Reeves recebeu mensagens espirituais de Fawcett, não apenas através de Estelle Roberts, mas através de outros dois médiuns. Estas estabeleceram claramente que Fawcett falecera em 1935. Quando Reeves me contou esta história fascinante, organizei uma sessão especial para poder falar com Nuvem Vermelha e saber por ele o que acontecera a Fawcett durante os seus anos de silêncio.

"Estive a falar com Fawcett no meu mundo", disse Nuvem Vermelha. Depois, o guia repetiu o que dissera à Sra. Fawcett quando ela viera para uma sessão: "Disse-lhe que o seu marido estava na selva a viver entre o povo. Viajou para o interior do país, terra adentro, depois de lhe enviar um colar, que ela tinha colocado num museu.

Durante uma série de anos, habitou com a tribo, que olhava para ele como o seu rei, uma alma suave e amorosa a quem veneravam. Esforçavam-se por aprender 'a magia do homem branco', como lhe chamavam. Vivia mais ou menos como um prisioneiro com eles e achava difícil escapar. Esforçou-se por se reconciliar e aprender a magia que eles conheciam e praticavam. Assim, enviou muitas mensagens mentais à sua esposa e a outros com quem contactou."

Esta era uma referência aos poderes ocultos de Fawcett, pois várias pessoas tinham falado em receber mensagens telepáticas do explorador. Nuvem Vermelha referiu-se aos sofrimentos de Fawcett: "Teve vários ataques de febre causados pela atmosfera húmida e densa da selva, pelos hábitos do povo e pelos insetos. Embora tenha recuperado uma ou duas vezes da febre, esta deixou a sua marca no seu corpo. Foi esta febre que causou a sua passagem para o meu mundo. A estrutura de Fawcett tinha ficado emaciada devido às dificuldades e privações que tinha experienciado."

Capítulo 6

A SESSÃO COMO RESPOSTA À ORAÇÃO

A minha experiência mais comovente na sala de sessões de Estelle Roberts aconteceu quando fui interpelado por um comunicador espiritual desconhecido. Por volta da metade de uma sessão, Nuvem Vermelha disse-me, quase casualmente: "Está aqui uma rapariga que se aproximou de mim para entrar em contacto com a mãe dela na terra. Ela apresentará as suas próprias provas." "Conheço-a?", perguntei. "Não", respondeu o guia, "mas pode ajudá-la."

A trombeta moveu-se lentamente em minha direção e uma voz, obviamente pertencente a uma rapariga jovem, disse: “Eu irei. Está bem. Eu irei.”

Por longa experiência, eu sabia que a forma de obter os melhores resultados era encorajar os comunicadores a falar, e não os sobrecarregar com perguntas que poderiam ter um efeito dissuasor. “Força”, insisti, “vai tentar dar-me uma mensagem. Venha falar comigo.” A voz respondeu: “Irei se me for permitido falar. Um homem bondoso trouxe-me aqui.”

Depois, muito lentamente, mas de forma distinta, declarou: “O meu nome é Bessy Manning. Morri com tuberculose na última Páscoa. Trouxe o meu irmão Tommy comigo; ele foi morto por um automóvel. A minha mãe tem rezado porque lê o seu jornal, e pediu que um dia o grande guia, Nuvem Vermelha, me trouxesse aqui.”

No jornal psíquico que eu dirigia na altura, tinha descrito algumas destas sessões de voz, e Bessy estava a indicar que a sua mãe tinha lido o que eu imprimira. “Enviarei uma mensagem à sua mãe amanhã”, disse eu à rapariga. Bessy expressou gratidão e continuou: “Diga à Mãe que ainda tenho as minhas duas longas tranças. Tenho vinte e dois anos e tenho olhos azuis. Diga-lhe que quero que ela venha aqui. Poderia trazê-la?” Muito nostalgicamente, acrescentou: “Ela não é rica — ela é pobre.” “Verei se a consigo trazer”, respondi. “Ela está tão infeliz”, continuou Bessy. “Diz que perdeu os dois. Vai ajudá-la, não vai? Deus o abençoará se a ajudar. Obrigada... obrigada... obrigada.”

“Antes de poder enviar uma mensagem à sua mãe”, disse eu a Bessy, “preciso de saber onde ela mora, pois não a conheço.” A resposta de Bessy surgiu sem hesitação. “Eu digo-lhe”, disse ela. Devagar e distintamente deu o endereço: “14, Canterbury Street, Blackburn”.

“Nuvem Vermelha”, disse eu, “deve haver milhares de pessoas que rezam por conforto, como a mãe dela.” “Tenho apenas um instrumento”, respondeu ele, com uma nota de tristeza na voz. “Convidará a mãe dela para a próxima sessão?”, perguntei. “Se a convidarei?”, respondeu ele. “Convidaria?”

Eu nunca ouvira falar de Bessy Manning. Não sabia se existia uma Sra. Manning, ou se existia uma Canterbury Street em Blackburn, mas a minha confiança, construída ao longo de anos de experiência com Nuvem Vermelha, era tal que sabia que a informação espiritual estava correta.

Na manhã seguinte, sem a mais pequena dúvida na minha mente, enviei este telegrama para a Sra. Manning em 14, Canterbury Street, Blackburn: "A sua filha, Bessy, falou connosco no círculo de Nuvem Vermelha ontem à noite." Não recebi resposta, pelo que telegrafei novamente. Dois dias mais tarde, na segunda-feira, chegaram duas cartas da Sra. Manning.

A primeira dizia: "Não sei a quem tenho de agradecer pela grande alegria que me deram. Agradeço-vos com todo o meu coração e alma pelo telegrama que recebi no último sábado. Apetecia-me gritá-lo do cimo dos telhados. Ri e chorei tudo ao mesmo tempo. Que espírito maravilhoso é Nuvem Vermelha, e como sois todos bons e amáveis! Sinto-me segura de que levarão a vossa amabilidade mais longe e me deixarão saber o que a minha Bessy disse.

Oh, que felicidade gloriosa para mim e para os meus! Na minha próxima carta pagarei o custo do telegrama. Por favor, não se ofenda. É apenas justo. Como poderei alguma vez agradecer-vos o suficiente? Aquele pedaço de papel vale mais para mim do que ouro que não se pode contar. Rezarei com todo o meu coração por todos vós, e especialmente pela Sra. Roberts. Dir-me-á, não é verdade, se ela me enviou uma pequena mensagem. É uma verdade maravilhosa, gloriosa, e mais uma vez vos agradeço imenso. Também o meu marido e as minhas outras duas filhas vos agradecem."

Na sua outra carta, a Sra. Manning escreveu: "Recebi o seu segundo telegrama. Lamento ter feito com que tivesse de enviar um segundo e estou muito grata pela vossa maravilhosa amabilidade. Não deve ter recebido a minha carta que enviei pelo correio no domingo. Fiquei muito perturbada por não lhe poder enviar um telegrama de resposta, pois as coisas não estão muito brilhantes de momento. Quero que compreenda como todos estamos gratos. Faríamos qualquer coisa

possível para retribuir a sua grande bondade. Não sabe o que isto significa para nós.

A minha filha partiu na última segunda-feira de Páscoa e o meu filho foi morto há quase nove anos. Se não tivesse entrado em contacto com uma família espiritista, estaria completamente louca. Estou ansiosa por saber o que a Bessy disse. Quero confortar os outros como eu tenho sido. Não temos médiuns realmente bons por aqui. Deve ser formidável ouvir a Sra. Estelle Roberts e os outros grandes. Quem me dera ter o glorioso dom. Mais uma vez, agradeço-lhe muitíssimo."

Considero o regresso de Bessy Manning como uma prova impecável da vida após a morte. Nenhumas teorias de telepatia ou da mente subconsciente a conseguem desmascarar. Nenhuma sugestão de conluio ou de qualquer outro tipo de fraude pode ser considerada. A Sra. Manning nunca conhecera Estelle Roberts, nem se correspondera com ela ou com qualquer membro da sua família. Também não tinha escrito para mim nem para ninguém que assistisse a estas sessões de voz. Contudo, o nome completo e o endereço da sua filha tinham sido dados, acompanhados por uma mensagem completa que era exata em cada detalhe.

Mais tarde, quando conheci a Sra. Manning, contou-me que tinha rezado noite e dia por provas de que a sua filha vivia além do túmulo. A sua oração tinha sido ouvida e respondida. Como uma oração proferida em Blackburn pode produzir uma resposta em Middlesex, eu não sei. Tudo o que sei é que aconteceu. Esta comunicação de sessão prova que alguns pedidos são ouvidos, e que existe uma organização no Além capaz de providenciar a resposta quando as condições são apropriadas.

Combinei que a Sra. Manning viesse a Londres para a sessão de voz seguinte. O seu marido estava desempregado. Era obviamente uma altura de dificuldades para ela. Encontrei-me com ela na Estação de St Pancras nesta que era a sua primeira visita a Londres. Estava cheia de entusiasmo enquanto eu lhe mostrava algumas das atrações da cidade antes de a levar de carro até Teddington, onde as sessões de voz eram realizadas.

Não demorou muito até que Bessy, falando através da trombeta, se dirigisse à sua radiante mãe. “Mãe”, disse ela com entusiasmo, “é a Bessy que está a falar.” “Sim, Bessy”, respondeu a mãe.

A sua filha estava tão cheia de entusiasmo que, a meio da conversa, a trombeta caiu, um sinal seguro de que não conseguia reter o “poder”. “Bessy”, disse a mãe, “isto é maravilhoso. Sabes como a tua mãe te ama, não sabes?” “É maravilhoso”, respondeu Bessy. “Deus te abençoe, Mãe. Diz ao Pai para não se preocupar. O Tommy também está aqui”, acrescentou ela. “Estamos aqui juntos. O Tommy também está ansioso por falar contigo, Mãe. É tão maravilhoso que nem sei como falar... Estou tão entusiasmada.”

O sotaque do Lancashire era óbvio na voz da mãe quando respondeu: “Não fiques entusiasmada, amor. Fala com a Mãe. Tu vens a casa, Bessy?” “Tu sabes que sim”, respondeu ela. “Tento falar contigo lá. Dia após dia falas com o meu quadro. Ficas de pé em frente dele, pegas-lhe e beijas-o, e eu observo-te o tempo todo.”

Mais tarde, a Sra. Manning garantiu-me que isto era verdade. Muitas vezes, no seu desgosto, pegava na fotografia da filha, beijava-a e falava com ela. Bessy, para mostrar que sabia o que se passava na sua própria casa, disse à mãe: “Estavas a falar com o Pai sobre as botas dele esta manhã, não estavas, Mãe?” “Está certíssimo”, respondeu a Sra. Manning. “Disseste que precisavam de conserto, não disseste, Mãe?” “Compreendo o que queres dizer, Bessy”, foi a resposta.

“Minha Mãe, tratei-a por Mãe”, disse Bessy. Ao repetir as palavras de Bessy para permitir que a estenógrafa fizesse um registo literal, pensei que Bessy tinha dito uma vez “*Mother*”. Ela corrigiu-me instantaneamente dizendo “Mãe”, que era a sua saudação habitual para a mãe dela.

Mais evidências se seguiram quando Bessy se referiu às contas que a mãe trazia ao pescoço, dizendo que estas tinham sido outrora propriedade sua e que as tinha usado antes de morrer. Isto, soube mais tarde, estava exato. “Foi um grande choque para ti quando o Tommy foi morto”, foram as últimas palavras de Bessy para a mãe. Seguiu-se Nuvem Vermelha e disse: “Ela trouxe o rapaz, o Tommy, com ela.”

Depois, como fazia tão frequentemente, introduziu outro elemento de prova na sua frase seguinte: “O Tommy tem o nome do pai.”

Quando a sessão terminou, a Sra. Manning chorava, mas eram lágrimas de alegria, não de tristeza. “Sou a mulher mais feliz do mundo”, disse ela.

Na manhã seguinte, antes de ela regressar a Blackburn, Estelle Roberts deu à Sra. Manning uma sessão privada na qual, soube mais tarde, Bessy continuou a provar a sua identidade com detalhe atrás de detalhe, nenhum dos quais a médium poderia saber. Enviou mensagens para outros membros da família e uma para o seu noivo. “Diz ao Billy”, disse ela, “que ainda me lembro do anel que ele me enviou — aquele que eu usava quando fui enterrada.”

Poucos dias depois, a Sra. Manning enviou-me esta carta, sem dúvida para que eu pudesse ter o seu próprio testemunho:

“Escrevo isto para o conforto de outros, sabendo que serei ridicularizada por alguns, ridicularizada por uns poucos, mas abençoada por muitos. O meu único filho, a quem eu adorava, foi morto por um automóvel. Era um rapazinho querido, que me amava muito ternamente. Fiquei frenética — totalmente esmagada. Perdi toda a esperança. Todas as minhas ambições ficaram sepultadas no túmulo dele.

Oito anos mais tarde, a minha filha Bessy partiu, uma das raparigas mais amáveis e doces que alguma vez viveram. Pouco antes do fim, disse: ‘Se for de todo possível, eu voltarei.’ Sabia que ela cumpriria essa promessa. Ela veio da maneira mais inesperada. Eu ouvira falar frequentemente do círculo de Nuvem Vermelha.

Foi uma grande surpresa para mim receber um telegrama do Sr. Barbanell a dizer-me que a minha filha tinha passado, a pedir pela mãe e a dizer-lhes onde morava. Fiquei atónita e radiante com a notícia. Através da amabilidade dele, foi-me possível ir a Londres e assistir ao círculo. Foi uma grande experiência. Em toda a parte fui recebida com amabilidade. Ouvi muitas vozes espirituais e todas foram reconhecidas. Foi extremamente surpreendente.

Ouvi a minha própria filha falar comigo, da mesma forma amorosa de sempre e com as mesmíssimas peculiaridades de fala. Falou de incidentes que sei, por um facto positivo, que nenhuma outra pessoa poderia saber. Eu, a mãe dela, sou a melhor juíza e juro perante Deus Todo-Poderoso que era a Bessy. Disse-me que tinha trazido o seu irmão com ela, falou de ele ter sido morto e deu o seu nome. Falou de muitas coisas que se passaram na nossa casa, coisas que estavam longe da minha mente na altura.

Agradeço a Deus com todo o meu coração e alma. Ele respondeu às minhas orações, e eu rezei, longamente e muitas vezes. Não tenho medo da chamada morte. Estou ansiosa pelo glorioso encontro com os meus entes queridos."

Os anos passaram e esqueci-me de Bessy e da sua mãe. A guerra tinha-se intrometido e havia tanto para fazer. Estelle Roberts decidiu renovar as suas sessões de voz na nova casa para onde se mudara. Fiquei encantado ao descobrir que a sua mediunidade era tão poderosa como sempre e os resultados igualmente impressionantes.

Numa delas, Nuvem Vermelha disse-me: "Tenho uma visitante para si. Atenção." Através da trombeta, borratada como habitualmente com a sua tinta luminosa, ouvi a palavra "Olá" proferida três vezes. Como este parecia ser um comunicador a fazer o primeiro esforço, proferi palavras de encorajamento. Os tons de mulher que vieram através da trombeta disseram: "Conheço essa voz. Ajudou-me muito ao permitir-me falar com a minha filha."

Rápido como um relâmpago, antes de ela dar o seu nome, adivinhei que era a Sra. Manning a falar, embora não tivesse sabido da sua partida. Tinha regressado para completar a história, para dizer "que o glorioso encontro com os meus entes queridos" que tinha antecipado era agora uma realidade. "Tenho aqui a Bessy e o Tommy", disse ela através da trombeta. "Pode dizer à minha família? Dê-lhes apenas o meu amor e diga-lhes que estou a ajudar.

— Os meus entes queridos gostariam de saber."

Enviei uma cópia desta mensagem espiritual para o antigo endereço de Blackburn, mas a minha carta voltou com o envelope marcado como "Mudou-se". Fiquei desapontado por a família da Sra.

Manning não poder receber a mensagem da mãe. Depois, para minha surpresa, recebi uma carta de outro endereço em Blackburn. Fora escrita por uma Sra. J. Smith, que se descrevia como filha da Sra. Manning. Alguém tinha visto uma referência impressa que eu fizera sobre o regresso da mãe dela e enviara à Sra. Smith uma cópia da mesma.

"Sou a sua filha mais nova", escreveu ela. "A minha irmã e eu somos a única família restante nesta terra. Não lhe consigo exprimir a alegria e a felicidade que a mensagem me deu. Senti que queria correr para a rua e contar ao mundo. Em vez disso, sentei-me e chorei. Senti-me humilde e envergonhada por ter começado a duvidar e a desorientar-me, pensando que nunca mais ouviria falar daquela pessoa amada."

A mãe dela, acrescentou, falecera subitamente sem ter tido a oportunidade de se despedir. Estava sozinha quando teve um ataque. Altura em que as filhas chegaram ao seu lado, já era demasiado tarde para a mãe falar.

"Foi um golpe cruel, pois, com a sua partida, o sol da vida sumiu-se", escreveu a Sra. Smith. Os anos tinham-se arrastado e ela começava a desesperar. Agora, tinha recebido a resposta às suas orações. "É a coisa mais grandiosa que alguma vez me poderia acontecer", foi o seu resumo.

Capítulo 7

"O DISCERNIMENTO DOS ESPÍRITOS"

A julgar pela Bíblia, a clarividência e outras formas de mediunidade faziam parte das práticas normais da Igreja Cristã primitiva. Quando lemos o Capítulo XII da Primeira Epístola aos

Coríntios, verificamos que São Paulo enumera os "dons espirituais" acerca dos quais *"não quero que sejais ignorantes"*. A sua listagem destes dons é um bom resumo das formas modernas de mediunidade. Ele descreve a clarividência como o "discernimento dos espíritos".

Todos os domingos à noite, um quarto de milhão de pessoas na Grã-Bretanha, segundo as minhas estimativas, assistem a demonstrações de "discernimento dos espíritos" — o dom psíquico mais comum — num dos quatro mil serviços espiritistas que se realizam. Nenhumas luzes são apagadas para estas demonstrações. O médium escolhe membros da congregação, descreve formas espirituais que consegue ver junto deles e transmite as mensagens dos comunicadores.

O teste do ácido para a clarividência é que esta tem de ser provatória. A descrição dada pelo médium deve ajustar-se de tal modo ao comunicador que traga o reconhecimento por parte do destinatário. As mensagens têm de ser características e conseguir estabelecer a identidade do emissor.

Qualquer sugestão de que o médium está a transmitir o que recebe telepaticamente dos seus ouvintes não se ajusta a todos os factos. A telepatia é um acontecimento raro e quase bizarro. A clarividência é tão comum que existem pelo menos quatro mil médiuns a demonstrá-la regularmente todos os domingos. Seria uma tarefa muito difícil para um médium "sintonizar-se" telepaticamente com a única pessoa numa assistência lotada cuja mente pretendesse sondar. A maioria dos seus ouvintes espera receber uma mensagem espiritual do médium. Estes desejos mentais acumulados apresentariam uma barreira de pensamentos conflituosos.

Presenciei uma demonstração impressionante a este respeito. O médium Joseph Benjamin estava a dar uma demonstração de clarividência numa grande reunião pública onde se encontravam muitos desconhecidos. Apontou para uma mulher e disse, referindo-se às mensagens bem-sucedidas que já tinha dado: "Está a perguntar-se se eu tiro tudo isto da mente deles. Vou mostrar-lhe a diferença entre telepatia e clarividência. Isto é o que está na sua mente", disse ele à

mulher, e passou a relatar os problemas que ela admitiu a estarem a preocupar.

"Agora, isto não está na sua mente", acrescentou ele, "porque vem do seu falecido pai, e ele diz que terá de fazer investigações para provar que ele tem razão." Seguiu-se uma mensagem para a destinatária verificar com a mãe. Mesmo neste caso, contudo, isto não prova que o médium estivesse a obter a primeira parte da sua comunicação por telepatia. É concebível que tenha recebido a informação através do seu guia.

O cético poderia argumentar que o que é considerado clarividência é charlatanice, e referir-se a "leitores de mentes" no palco que confundem o público com a precisão das suas respostas. O "leitor de mentes" do vaudeville usa um código e frequentemente emprega cúmplices. A venda sobre os olhos do seu assistente é ou transparente ou de tal forma disposta que se consegue ver através dela, parcial ou totalmente.

Nenhum "leitor de mentes" conseguiria transmitir, semana após semana e ano após ano, perante uma assistência diferente a cada domingo à noite, e frequentemente em noites de dias úteis, mensagens que os destinatários dizem reconhecer como emanadas de pessoas que já não estão na terra. Os médiuns que demonstram clarividência regularmente em serviços espiritistas não durariam muito tempo se, por onde quer que fossem, dessem as mesmas mensagens aos mesmos cúmplices.

Mais tarde ou mais cedo, e penso que mais cedo, seriam descobertos. A quantidade de chantagem ou de "dinheiro para calar" que teria de ser paga aos confederados seria muito superior ao que os clarividentes obtêm pelos seus serviços. Os seus honorários habituais, na maioria dos casos, não excedem uma guineia. Conheço todos os médiuns de valor e não tenho hesitação em dizer que, no seu melhor, ganham apenas uma vida modesta.

As formas espirituais vistas pelos clarividentes parecem sólidas, reais e naturais, tal como o resto da humanidade. Não são aparições transparentes ou espetros fantasmagóricos. Estes pertencem mais ao reino da ficção do que ao dos factos. Benjamin, antes de eu lhe

perguntar, disse que nunca na vida vira o fantasma convencional, mas em mais de vinte anos de mediunidade vira e descrevera milhares de seres espirituais que se apresentaram à sua visão.

Sempre foi motivo de satisfação ter conhecido um dos maiores expoentes da clarividência da Grã-Bretanha, Tom Tyrell, um médium de Blackburn. As suas demonstrações eram tão extraordinárias que, quando o ouvi pela primeira vez, duvidei da sua genuinidade. Pareciam boas demais para ser verdade. Ele especializara-se em recitar os detalhes contidos nos cartões de memória fúnebre. Assim, a sua clarividência incluía o nome completo do comunicador, o endereço onde tinha vivido na terra — este completo até ao número ou nome da casa, a rua ou caminho, o distrito e a cidade —, a idade do indivíduo quando morreu e a data da morte.

Tyrell contou-me que, quando começou a desenvolver a sua clarividência, estava determinado a torná-la o mais perfeita possível. Tyrell fez um pacto com o seu guia. O médium disse que não transmitiria nenhumas mensagens espirituais a menos que o comunicador segurasse na mão uma réplica do seu cartão de memória fúnebre, que o Tom leria.

Tendo por este meio estabelecido, sem qualquer dúvida possível, a identidade do comunicador, o Tom estava então pronto para transmitir a mensagem. Nomes invulgares não apresentavam, assim, qualquer dificuldade para o médium, embora por vezes o intrigassem. Uma vez, em Birmingham, numa grande reunião pública em que eu estava presente, Tyrell fez uma pausa a meio da leitura de um cartão de memória fúnebre porque o endereço o deixou confuso. “Existe alguma Rotten Park Road nesta cidade?”, perguntou ele. “Sim”, garantiram-lhe.

O que ouvem e veem os médiuns quando praticam o “discernimento dos espíritos”? Durante muitos anos, Estelle Roberts foi justamente considerada uma das mais brilhantes demonstradoras desta forma de mediunidade pública. A sua visão psíquica, diz ela, pode ser subjetiva ou objetiva. Quando se enquadra na primeira categoria, vê as formas espirituais mesmo que os seus olhos estejam fechados. É um processo mental, ou interno, no qual parece estar a

usar uma espécie de "olho psíquico". Quando a sua visão é objetiva, as formas espirituais parecem ser tão reais e sólidas como as pessoas na terra.

O seu dom de clariaudiência funciona em simultâneo. Ela "ouve" as vozes dos comunicadores espirituais, que parecem estar a dirigir-se a ela. Quando estão suficientemente perto, é capaz de observar os movimentos dos seus lábios. A fala deles aparenta ter um tom mais suave do que as vozes mortais.

Com a clarividência pública, ela penetra noutra dimensão do ser. Ao longe, vê os indivíduos mortos que esperam para estabelecer a sua identidade. Ao longo dos anos, Estelle Roberts diz ter notado que, infelizmente, há sempre muito mais formas espirituais do que aquelas que ela pode possivelmente descrever no tempo de que dispõe. Ao início, ficam agrupadas, não necessariamente perto daqueles na assistência com quem estão associadas e a quem esperam alcançar. Compreendem que não conseguirão tornar a sua presença conhecida sem a permissão e a ajuda do guia da médium.

Quando um potencial comunicador é escolhido pelo guia, o indivíduo deixa o grupo e move-se para a vizinhança do familiar ou amigo na assistência que ele ou ela deseja alcançar. Esta ação indica também à médium qual a pessoa na assistência que deve ser interpelada. Uma vez estabelecido este facto, a forma espiritual regressa à tribuna e coloca-se perto da médium para que esta possa obter uma visão mais clara. Ao mesmo tempo, sintoniza a sua clariaudiência para ouvir o que a figura espiritual diz.

Entretanto, ao redor dela na tribuna, encontram-se Nuvem Vermelha e o seu grupo de ajudantes. A função deles é auxiliar os comunicadores, acalmá-los caso estejam entusiasmados ou perturbados, e ajudá-los a reproduzir, para fins de reconhecimento, a sua aparência física e até o seu vestuário terreno. Quando Estelle Roberts descreve alguma enfermidade física que o comunicador possuía na terra, isso não significa que esse defeito continue na vida após a morte. A condição terrena, bem como todas as outras características anteriores, tem de ser temporariamente duplicada para garantir o reconhecimento.

Uma vez plenamente estabelecida a identidade, estes defeitos desaparecem e a médium vê o estado espiritual e a aparência atual do indivíduo. Estelle Roberts tem notado frequentemente que as pessoas que progrediram no mundo espiritual mostram-se cada vez mais relutantes em reproduzir as suas características terrenas. Quando o destinatário reconhece o comunicador, dá-se uma transformação tão rápida para o seu verdadeiro estado espiritual que a médium, por vezes, mal consegue reconhecer que se trata da mesma pessoa.

No nosso mundo, as aparências são muitas vezes enganadoras. Nem sempre é possível ser exato no nosso julgamento da idade de alguém. Quando os comunicadores se mostram à médium, ela tem de avaliar a idade com que morreram através da sua aparência espiritual. Pode haver uma margem de erro semelhante no seu julgamento como no nosso quando tentamos adivinhar idades.

O tempo decorrido desde a morte também tem de ser calculado pelo médium, que baseia a sua opinião na aura ou radiação do comunicador. Quanto mais evoluídos forem, mais brilhante é a radiação que deles emana. Há ocasiões em que esta luz é tão deslumbrante que obscurece as feições e até as características distintivas do sexo. Este é frequentemente o caso de uma criança que se encontra no Além há muitos anos.

Para além do grupo de ajudantes de Nuvem Vermelha, encontram-se a assistir vários guias associados àqueles que desejam revelar a sua presença na reunião. Estes ajudantes experientes formam um círculo protetor ao redor do médium. Isto evita que qualquer entidade espiritual impulsiva se lance para a frente e interfira, mesmo inconscientemente, com as delicadas vibrações necessárias para que as mensagens sejam transmitidas com precisão.

Estelle Roberts contou-me: “Os comunicadores espirituais são atraídos para este círculo e isolados dos outros enquanto dão as suas mensagens. Mesmo com toda esta precaução elaborada, é impossível silenciar os gritos daqueles que rodeiam o círculo a clamar por reconhecimento.”

Desde o momento em que a médium caminha para a tribuna e até estar pronta para dar a sua demonstração, muitos destes indivíduos

mortos esforçam-se por atrair a sua atenção. Ela é, contudo, demasiado experiente para agir de acordo com os pedidos deles, a menos que Nuvem Vermelha os escolha para comunicar.

No entanto, se vir que um deles se encontra em óbvia aflição, pede mentalmente para que a esse indivíduo seja dada a oportunidade de se manifestar. Este clamor por reconhecimento é patético, mas por vezes assume uma forma humorística. Certa vez, no babel de vozes, ouviu um grito acima do alarido: "Ei, senhora, dê-me uma oportunidade! Os outros já tentaram." A morte, obviamente, não transformara o dialeto de Cockney nos sotaques de um docente de Oxford. E por que haveria de o fazer?

Nuvem Vermelha insiste em que cada comunicador deve provar a sua própria identidade. Ele e o seu grupo ajudarão, mas, exceto em raras ocasiões, não darão as provas por procuração. Mesmo quando grupos de familiares regressam juntos, cada um deve apresentar as suas próprias provas de identidade. Por vezes, quando Estelle Roberts tem dúvidas sobre a autenticidade de uma mensagem espiritual, obtém confirmação de Nuvem Vermelha, que sabe imediatamente se o comunicador está a ser verdadeiro ou não. Para alguém com a sua experiência e conhecimento, a aura do comunicador revela todos os segredos do seu dono, o que torna o engano impossível.

O ato da morte não muda imediatamente a perspetiva ou o caráter de um indivíduo. A médium garantiu-me: "Por vezes vejo indivíduos mortos que não acreditam ser a vontade de Deus que a comunicação se realize entre este mundo e o outro. Aparecem-me pessoas mortas de todas as espécies de denominações a dizerem-me que estou a fazer mal. Não contentes com isso, tentam impedir que outros comuniquem." Acrescentou que havia cenas lancinantes quando os comunicadores se davam conta de que não estavam a ter sucesso. Mas a alegria que experienciavam quando triunfavam mostrava que consideravam que o esforço valia bem a pena.

Outra médium brilhante que registou para mim as suas sensações ao demonstrar a clarividência é Helen Hughes. Mackenzie King, quando era Primeiro-Ministro do Canadá, fazia sempre questão de ter uma sessão privada com ela sempre que visitava a Grã-Bretanha.

As suas exibições públicas de clarividência são sempre dadas a grande velocidade e quase sem pausa. Frequentemente interrompe a meio de uma mensagem espiritual para começar outra de um comunicador que subitamente se tornou visível ou audível para ela. Sabendo que o destinatário anterior ficará desapontado com o pensamento de que a mensagem não será concluída, ela providencia a tranquilização dizendo que regressará à mesma quando tiver transmitido com sucesso a nova comunicação.

Toda a sua vitalidade e energia são vertidas numa demonstração que dura habitualmente cerca de meia hora. Depois, anuncia que o "poder está a minguar" e tem de parar, caso contrário a tração ou o arrasto é superior ao que consegue suportar. É significativo que o aplauso crie temporariamente um novo poder para estimular a força que diminui. Notei frequentemente que quando, no final da sua demonstração, o público rompe em aplausos voluntários, ela coloca-se de pé e transmite com sucesso mais uma, ou até duas mensagens.

Mesmo com anos de experiência, sou incapaz de dizer com exatidão o que torna as condições boas ou más para exibições de mediunidade em público ou em privado. Obviamente, as vibrações têm algo a ver com os resultados. Em reuniões públicas onde se cantam hinos e se toca música, as demonstrações psíquicas são inevitavelmente melhores do que em assembleias onde não há música nem hinos.

A atitude mental do público, quer individualmente quer como um todo composto, também tem influência nos resultados. O ceticismo honesto não é um impedimento, mas a hostilidade deliberada e a falta de vontade de ser recetivo têm um efeito congelante sobre o médium, o comunicador e a comunicação. O bom humor e a vivacidade de perspetiva são úteis. Um presidente ou orador enfadonho tornará a tarefa mais difícil para o clarividente que se segue. Um orador eloquente que quebre o gelo e mexa com o público torna a tarefa do médium mais leve.

Há algo na voz do destinatário que é indicativo para o médium. No início da mensagem, mais de uma pessoa pode tentar reivindicá-la. Notei com que sofreguidão Helen Hughes escuta os potenciais

destinatários e elimina um deles dizendo: “Não é a sua voz que eu quero.” Por vezes, o problema resolve-se para o médium ao ver o que ela descreve como uma luz psíquica a viajar do comunicador para o destinatário.

Testei a precisão da sua visão psíquica de muitas maneiras. Certa vez, após uma reunião pública, mostrei-lhe uma fotografia e disse, meio a brincar: “Se é médium, diga-me quem é.” Sem um momento de hesitação, respondeu: “Vi-o hoje... na tribuna... é o jovem aviador com o nome estrangeiro que tentei dar.” Ela tinha razão. Era a fotografia de um aviador polaco. Eu tinha-a obtido algumas horas antes de uma mulher que recebera uma mensagem espiritual detalhada a respeito dele através da médium.

Ocasionalmente, ela corrige-se a si própria porque, obviamente, não ouviu bem o que foi dito. Por vezes, embora não possua qualquer capacidade histriónica, fica tão transformada que parece tornar-se o comunicador. Assume as posturas deles e repete os seus maneirismos.

Embora tenha presenciado as suas demonstrações de clarividência tantas vezes que se me poderia perdoar o facto de as considerar como algo natural, continuo surpreendido com a capacidade desta médium para apontar para pessoas sentadas em diferentes partes do salão e dizer-lhes que estão relacionadas umas com as outras, detalhando os seus parentescos. Por vezes, elas tinham-se separado deliberadamente para que nenhuma pista pudesse ser dada à médium. Afinal de contas, é um palpite bastante seguro assumir que as pessoas sentadas umas ao lado das outras estão de alguma forma ligadas.

Escutei com fascínio numa reunião quando Helen Hughes escolheu seis pessoas sentadas juntas numa fila. A sua clarividência incluiu descrições e mensagens de familiares mortos de todas as seis pessoas. O que tornou a evidência marcante, contudo, foi o facto de, em cada caso, ela apontar para a pessoa certa no grupo com quem o comunicador estava relacionado, e anunciar qual era o parentesco.

Por vezes, num salão muito grande e lotado, os comunicadores mostram-se a Helen Hughes na tribuna, dão detalhes provatórios sobre si próprios, mas não oferecem qualquer indicação de onde estão

sentadas as pessoas que querem alcançar. Certa vez, esta tática por parte de uma figura espiritual teve um desfecho notável. O cenário foi o Caird Hall, em Dundee, que tem capacidade para cerca de três mil pessoas. Era uma reunião lotada.

A Sra. Hughes, no decurso da sua demonstração que se seguiu à minha alocução, deu uma descrição detalhada de uma rapariga cujo nome, disse ela, era Edith Proctor. Antes que a médium pudesse transmitir la mensagem espiritual, uma mulher sentada no balcão disse que conhecia Edith Proctor. À medida que a médium narrava detalhes provatórios relativos à rapariga, a destinatária declarou voluntariamente que compreendia cada um deles. Reconheceu também a exatidão da afirmação da médium de que o pai de Edith estava com ela no mundo espiritual.

Helen Hughes hesitou por alguns segundos e depois apontou para outra mulher sentada no meio do salão.

"Também conhece a Edith Proctor", disse ela. "Sim", veio a resposta. Após outra pausa, Helen disse à segunda mulher: "A senhora é a mãe dela." Este parentesco foi confirmado. Novamente a médium fez uma pausa e depois disse: "Espero que não fique embaraçada se lhe fizer uma pergunta." A mulher sorriu e Helen continuou: "Chega-me a palavra 'Black' [Preto/Negro]. Isso diz-lhe alguma coisa?" "Sim", foi a resposta. Mais uma pausa e a médium finalmente disse: "É agora a Sra. Black?" A mulher admitiu que sim. A médium acrescentou que a filha lhe enviava os parabéns pelo novo casamento.

Helen Hughes regressou à primeira pessoa que tinha reconhecido a mensagem e disse: "Esta rapariga volta para si. Deve tê-la conhecido muito bem." A resposta foi: "Sim." "Vive fora de Dundee?" Novamente veio a confirmação. "Bem, esta rapariga não vivia muito longe de si." Essa afirmação produziu o "Sim" final da destinatária.

Pedi a esta médium que explicasse como funcionavam os seus dons psíquicos em público. "Na clarividência, vejo uma forma espiritual de forma tão natural como se estivesse a usar os meus olhos físicos", disse ela. "Sinto-me como se estivesse lá e, ao mesmo tempo, não estivesse lá. Primeiro, antes de começar a fazer a demonstração, tenho de me tornar completamente impassível. Posso sintonizar-me a

qualquer momento. Quando o faço, consigo ver com os meus olhos espirituais e ouvir com os meus ouvidos espirituais. É quase como abrir ou fechar uma porta. É um poder dentro de mim que posso abrir ou fechar. É algo dentro de mim que faz o ver e o ouvir, algo como um olho interno e um ouvido interno."

Citei o caso da Sra. Caradoc Evans, a autora que escreve sob os nomes de Oliver Sandys e Condessa Barcynska, que me contou que, após a morte do seu marido, o ouviu "falar" com o que ela chamou de os "ouvidos do meu coração". Helen Hughes achou que esta era uma boa metáfora. "Embora eu, por vezes, oiça com os meus ouvidos", disse ela, "na maioria das vezes 'oiço' com o meu plexo solar. Estou consciente de algo que só posso chamar, à falta de melhor palavra, de 'poder'. Este 'poder' parece energizar, avivar e inundar através de mim.

Sinto como se uma força elétrica, que partilha de algo magnético por natureza, estivesse nos meus pés e, subindo, fluísse através de mim. Quando está a funcionar bem e é realmente forte, parece haver algo como uma série de fios de telégrafo, uma gama de vibrações, ao longo dos quais chegam as mensagens. Passado algum tempo, o 'poder' diminui. Não consigo captar as vibrações facilmente e, depois, como estou sujeita a tornar-me menos exata, tenho sempre de parar. Nunca se deve forçar este estranho 'poder', por medo da inexatidão e também porque impõe um desgaste ao organismo.

Pareço trabalhar muito com os métodos da rádio. Tenho também o que só posso descrever como um pequeno aparelho de 'televisão' dentro de mim, porque consigo ver e descrever cenas que aconteceram no passado, ou que possam vir a acontecer no futuro. Oiça de facto as vozes espirituais, por vezes a falar ao meu ouvido. Outras vezes, ouço-as na região do meu plexo solar. As vozes variam em clareza, sendo algumas tão altas como as vozes físicas comuns e outras sussurros ou tons abafados."

Quando elas falam nos seus ouvidos, e esta é a forma mais habitual de ouvir, Helen Hughes consegue avaliar a altura do orador pela direção da voz.

Os destinatários das mensagens espirituais desempenham um papel importante. Se falarem alto, isso cria uma vibração que auxilia o médium. Também encoraja o comunicador espiritual, que consegue ouvir a voz da pessoa que está a tentar alcançar. Perguntei-lhe sobre o problema de quando duas ou três pessoas afirmam reconhecer uma descrição clarividente. Habitualmente, disse ela, uma luz psíquica vem do comunicador e move-se para a pessoa a quem a mensagem se destina. Quando a luz não aparece, a médium sabe qual é o destinatário correto porque, quando ouve a resposta daquele a quem se destina, algo faz um "clique" dentro dela. Este "clique", disse ela, era causado pelo entusiasmo do comunicador espiritual ao obter reconhecimento.

Explicou o facto de interromper uma mensagem para começar outra dizendo que as vozes, intrometendo-se com rapidez, frequentemente não lhe dão muito tempo — uma evidência da ansiedade dos seus donos em alcançar os entes queridos. Por vezes, um orador espiritual tentará usar a vibração criada pelo comunicador anterior. Quando uma voz espiritual falha em fazer-se ouvir, o seu guia tem de intervir, mas isso nunca é tão eficaz como a comunicação direta. O seu guia explicou-me que é mais fácil quando aqueles que desejam comunicar usam os seus próprios comprimentos de onda. Por vezes, contudo, ficam demasiado entusiasmados e, por isso, ele tem de falar em nome deles.

"Quando dou uma demonstração de clarividência", disse Helen Hughes, "vejo uma forma espiritual de forma tão natural como se estivesse a usar o olho físico. Não tenho consciência de nenhuma sensação anormal até começar a responder aos sentimentos ou características do comunicador que me aparece. Estas sensações podem ser de felicidade ou tristeza, ansiedade ou paz. Por vezes dou por mim a responder às últimas sensações que o orador espiritual experienciou antes de deixar o corpo físico. Parece que, ao entrar novamente em contacto com a atmosfera da terra, há uma associação das antigas ideias e impressões, fazendo com que a última experiência terrena do orador espiritual se repita temporariamente."

A sua mediunidade funciona frequentemente de forma espontânea na rua, em comboios e noutros locais. Como estas

entidades espirituais a conseguem ver, saúdam-na frequentemente. Habitualmente, isto tem lugar de manhã e não à noite. “A frescura da manhã torna-as, de alguma forma, mais claras para a minha visão”, disse ela.

Frequentemente, em carruagens de comboio, Helen Hughes tem sido confrontada com o problema de comunicadores espirituais ansiosos que se mostram claramente, conversam com ela e, depois, pedem que sejam dadas mensagens a um dos ocupantes do compartimento. Quebrar a tradicional reserva britânica e falar com um companheiro de viagem num comboio já é mau o suficiente, mas passar uma mensagem espiritual a um completo desconhecido é arriscar uma rejeição. Ocasionalmente, tem arriscado. Quando transmite a mensagem, esta é quase invariavelmente recebida com gratidão.

Os recém-chegados que esperam que o regresso espiritual seja um acontecimento solene ficam surpreendidos ao descobrir que a clarividência pública é muito humana, uma mistura de seriedade e humor, um relato de ocorrências que por vezes parecem triviais, mas que são altamente provatórias para quem recebe as mensagens. Como já expliquei, todo o processo é governado por vibrações que concorrem para o sucesso quando são vibrantes, e falham quando são tensas ou lentas. O humor, que quebra rapidamente qualquer rigidez, é conducente a melhores resultados.

Tenho à minha frente notas detalhadas que tirei de uma demonstração, com a duração de uma hora e meia, dada por Joseph Benjamin. O médium disse a uma mulher que conseguia ver com ela uma rapariga que tinha morrido de tísica e que estava a fazer o seu primeiro regresso. Benjamin deu o nome da rapariga, contou como ela tinha morrido — a sufocar com a tísica — e acrescentou estes detalhes extraordinários: “Ela vivia perto de si, no outro lado da estrada, na esquina, na parte de cima de uma casa.” Tudo isto trouxe acenos ansiosos de assentimento.

Depois, a voz do médium subiu — uma nota de entusiasmo infiltra-se sempre quando ele estabelece um contacto estreito com o comunicador — à medida que acrescentava: “Esta rapariga tinha

quatro dedos, não cinco." "Sim", exclamou a mulher surpreendida, "ela tentava esconder esse facto." Este é um bom exemplo do que quero dizer com provas. Não é toda a gente que tem um dedo a menos. A sua ausência ajudou a selar a identidade da dona.

Uma indicação de como a informação é transmitida ao médium surgiu no decorrer da sua mensagem seguinte, quando, após transmitir algumas provas, perguntou à jovem mulher: "Porque vejo 'Nova Zelândia' escrito por cima da sua cabeça?" Ela respondeu: "Acabo de chegar da Nova Zelândia."

Um toque muito humano surgiu numa mensagem sucedânea, prefaciada pelo médium a perguntar a uma mulher: "Posso ser franco?" Quando ela deu o seu assentimento, ele transmitiu esta surpreendente comunicação espiritual: "Graças a Deus que te divorciaste do meu neto!"

O público ficou fascinado com a natureza detalhada de algumas destas mensagens. Isto viu-se na comunicação seguinte de um homem que deve ter sido uma personagem. Após dar o seu nome, Springer, e dizer que tinha morrido rapidamente devido a um ataque cardíaco, Benjamin acrescentou que este homem tinha vendido fruta, tinha dois filhos, era conhecido como "Velho Barney", mas por vezes chamado familiarmente de "Velho Barmey".

Não é de estranhar que, com esta riqueza de detalhes, a mulher que recebeu a mensagem não tenha tido dificuldade em reconhecer Springer. Ela concordou rapidamente quando o comunicador recordou como ela lhe tinha comprado alguma fruta e ele tinha recusado o dinheiro dela porque, na altura, pensou que ela precisava mais dele do que ele. Finalmente, o clarividente rematou a sua mensagem dizendo à mulher: "Tem sorte em ter a sua perna, porque o hospital queria amputá-la!"

A uma mulher de cabelos grisalhos, Benjamin narrou longamente acontecimentos misteriosos na sua casa que envolveram a queda inexplicável de um quadro e o comportamento igualmente estranho de um jarro musical. Ele sabia destas ocorrências, disse Benjamin, porque lhe estavam a ser contadas pelo marido morto da mulher, que dizia ser o responsável, sendo esse o seu meio de tentar atrair a

atenção dela. Isto, claro, pode parecer trivial, mas mostrou que o marido era capaz de transmitir o seu conhecimento dos acontecimentos na casa da esposa.

A seguir, o médium apontou para um homem sentado junto da mulher e disse: “Esse é o seu segundo marido — não, é o seu terceiro!” Ele tinha razão. Isto levou o homem a elogiar a esposa com: “Se todas as mulheres fossem como ela...” O clarividente respondeu rapidamente: “É por isso que os outros maridos dela voltam!”

Reconhecendo a exatidão de outra comunicação, a destinatária indagou se o clarividente poderia dar alguma orientação sobre um veredicto médico que se tinha revelado preocupante. Benjamin, sugerindo que este poderia ser um caso onde a cura espiritual poderia ajudar, salientou que os médicos não eram infalíveis nos seus diagnósticos. “Um médico disse-me que eu tinha seis meses de vida”, disse ele. “Seis meses mais tarde, o médico tinha morrido.”

“Como é que um homem como Benjamin descobre os seus talentos mediúnicos?”, poder-se-á perguntar. Na sua adolescência, ouviu falar de reuniões espiritistas numa rua vizinha. Foi com alguns amigos, sendo a ideia deles a de que poderia ser divertido criar um distúrbio. Não houve interrupções, pois o médium visitante escolheu-o com uma mensagem espiritual altamente provatória de um primo, que enviou o jovem Benjamin para casa num estado de torpor. Com a curiosidade despertada, regressou na semana seguinte. Desta vez, enquanto estava sentado na assistência, caiu no que pensou ser um sono, mas foi a sua primeira experiência do estado de transe.

“Quando voltei a mim”, disse ele, “toda a multidão estava em redor de mim. Um homem declarou que eu lhe tinha dado uma mensagem maravilhosa do seu falecido pai.” Depois disso, foi apenas uma questão de tempo. À medida que os seus poderes psíquicos se desenvolviam, era bombardeado com pedidos de sessões. O seu trabalho como prensador de alfaiate implicava um dia de treze horas e significava que nunca podia começar a funcionar como médium antes das 22 horas, aproximadamente. Uma decisão no sentido de fazer da mediunidade o seu serviço a tempo inteiro era inevitável.

Qual é a sua recompensa? É muito modesta, apesar do facto de ele se encontrar entre os clarividentes públicos de maior sucesso da atualidade. A associação que organiza as suas reuniões públicas bissemanais espera cobrir as despesas envolvidas cobrando um xelim pela entrada, mas este valor é dispensado para os pensionistas por velhice. Ambos os salões têm capacidade para cerca de cento e cinquenta pessoas. Para as suas sessões privadas, que têm de ser limitadas porque o poder psíquico não pode ser aberto como uma torneira, os honorários são de uma guineia. Não há fortuna na mediunidade.

Capítulo 8

QUANDO UM MÉDIUM ENTRA EM TRANSE

O que acontece quando um médium entra no estado de transe e abdica voluntariamente do controlo do seu corpo a favor de um guia espiritual? A ação é sempre voluntária, pois a essência da mediunidade é que o médium é o mestre do seu próprio ser físico. Diz muito sobre a confiança e o respeito que os médiuns têm pelos seus guias o facto de consentirem neste ato voluntário de cedência, sabendo que este não será abusado. É difícil para as pessoas de fora compreenderem o amor e o afeto que unem o guia e o médium. Ao longo dos anos, o instrumento humano recebe evidências de sustento e ajuda por parte do guia espiritual, que é invisível para os outros, mas que é para ela uma realidade viva e diária.

Pedi a Helen Hughes que descrevesse as suas reações ao entrar em transe e ao sair dele. O processo é afim ao adormecer, disse ela. Como preparação, ela relaxa física e mentalmente; torna-se consciente de um torpor gradual da sua consciência que lhe recorda as sensações que acompanham a inalação de clorofórmio. Sair do estado de transe é semelhante ao acordar de um sono. Se a condição de transe tiver sido profunda e prolongada, regressa à normalidade com a sensação de ter viajado de algum lugar distante. Esta sensação de viajar é mais evidente depois de os seus guias, por oposição a outras entidades espirituais, terem tomado posse.

Ela emerge sempre do estado de transe sentindo-se muito melhor do que antes do mesmo. Traz-lhe uma sensação de renovação, que ela compara a um copo de água a ser esvaziado e depois reenchido com água fresca. Descreveu a experiência do transe como bastante agradável. É precedida por uma sensação acolhedora de completo relaxamento e resignação. Os efeitos posteriores são semelhantes aos que se seguem a um sono saudável. A sua opinião ponderada é a de que a prática da mediunidade de transe não pode ter qualquer efeito deletério na saúde, desde que, naturalmente, seja feita com moderação.

Por vezes, os seus guias permitem que outros assumam o controlo temporário. Quando isto acontece, a voz, os gestos e a postura corporal do médium alteram-se e assumem as características do comunicador.

Tive muitíssimas sessões com Helen Hughes, sendo as mais marcantes, sob o ponto de vista provatório, as que se realizaram de forma improvisada, quando ela cedeu à condição de transe devido à sua perceção psíquica de que alguma informação de valor ia ser transmitida.

Existem três comunicadores regulares. O primeiro é Pena Branca, o seu guia índio, uma figura de dignidade, com uma fala lenta e pausada. “Ele é o filósofo, o professor e o consolador”, diz a médium, “e a grande influência moldadora na minha vida.” Depois há a Avó Anderson, uma mulher do norte do país com o sotaque e os idiotismos

característicos dessa área, com um humor simples e uma maneira de ser direta. Por último, há Mazeeta, uma criança índia cativante.

Se ouvisse as vozes destes três guias vindas de um aparelho de rádio, consideraria impossível acreditar que emanavam apenas de uma pessoa. Se tudo fosse feito por uma representação soberba, Helen Hughes acharia mais lucrativo retratar personificações de personagens como meio de subsistência. Por vezes, nestas sessões de transe, tem-se uma sucessão de comunicadores, com os três guias a falar no início e dois deles a regressar no fim. A Avó contenta-se com uma comunicação, mas o que diz é muito certeiro.

A palavra "transe", conforme aplicada à mediunidade, é na verdade um termo impróprio. O número de médiuns que ficam completamente inconscientes enquanto estão sob controlo espiritual é comparativamente pequeno. Existem graus de mediunidade de "transe" que variam desde os estágios elementares, que são na realidade exemplos de ensombramento, até à insensibilidade completa. Nalgumas das formas mais leves, o médium está consciente do que está a ser dito através dos seus lábios, mas não tem controlo sobre a comunicação.

Muitos médiuns descreveram as suas sensações enquanto são controlados. Alguns dizem que escutam a comunicação a sair através deles, mas parecem estar colocados a alguma distância de si próprios. Outros afirmam que, embora também ouçam o que está a ser dito, aparentam estar a ocupar uma posição acima de si mesmos. Alguns estão conscientes de experienciar viagens "fora do corpo" e são capazes de narrar o que viram e ouviram em locais distantes.

O meu julgamento amadurecido é o de que, mesmo quando o transe atinge o estágio de esquecimento completo, isto não significa que a mente subconsciente do médium tenha sido inteiramente eliminada. Eu afirmaria que é muito raro, em qualquer forma de mediunidade, receber cem por cento de comunicação espiritual. Todo o controlo, que é uma forma de possessão, é alcançado através da mente subconsciente do médium. O grau de sucesso depende do domínio espiritual que é alcançado.

Embora tenham sido feitas muitas tentativas para inventar engenhos mecânicos, nenhum funcionou sem a presença de um médium. Mesmo com a melhor invenção — descreverei mais tarde algumas destas, incluindo a receção de mensagens espirituais através de um instrumento Morse selado —, o médium tinha de estar presente para fornecer o poder necessário para fazer o aparelho funcionar.

O Sir Ernest Fisk, um dos maiores peritos em rádio, que esteve associado a Marconi nas suas primeiras experiências nesta direção, expressou-me a sua convicção de que a comunicação espiritual mecânica era possível. Se os fundos necessários estivessem disponíveis, disse ele, para financiar a investigação requerida, estava convencido de que um aparelho poderia ser concebido.

Na sua perspetiva, era apenas uma questão de ser capaz de registar radiações do mundo espiritual. Se tal feito é possível, não posso dizer. Se seria desejável, é altamente controverso. Na evolução atual comparativamente baixa da humanidade, estremeço ao pensar qual seria o resultado se milhões de pessoas pudessem carregar num botão e receber comunicações espirituais, do mesmo modo que conseguem ver televisão ou ouvir rádio.

Entretanto, estamos dependentes de instrumentos humanos. É óbvio que as mensagens devem ser afetadas, em algum grau, pelas mentalidades através das quais são transmitidas. Os médiuns não são telefones nem aparelhos de televisão. São seres humanos com ideias, opiniões, preconceitos e preconceções próprias. Até certo ponto, estes têm de colorir os resultados. Deve ser feita sempre uma cedência para a proporção, grande ou pequena, que pode ser o resultado do próprio pensamento subconsciente do médium. Esta é uma precaução elementar, ditada pelo senso comum.

A maioria das pessoas não se dá conta de quantas das suas ações são controladas pelas suas mentes subconscientes. Quando éramos bebés, o processo de aprender a andar exigia um esforço determinado e concentrado. Anos de hábito tornaram o andar quase um processo mecânico. Agora, a nossa mente envia uma mensagem ao subconsciente de que vamos andar. Imediatamente, este põe em movimento todos os músculos, nervos, tendões e movimentos de

sangue necessários para fazer as pernas andar. Uma atividade semelhante é encenada no caso do falar e, na verdade, para todas as funções corporais.

Antes de os médiuns serem controlados, o seu consentimento mental é a primeira etapa para aquietar a sua consciência. O comunicador espiritual, ao assumir o comando, tem, a fim de alcançar qualquer grau de transe, de subjugar a consciência do médium e depois tornar-se a inteligência diretiva ao impor o domínio sobre a mente subconsciente. Há muitos anos que é tema de controvérsia se a mediunidade de transe é melhorada pelo facto de o médium ter mais ou menos cultura e instrução. Uma escola argumenta que, quando o médium sabe pouco, o grau de resistência subconsciente é minimizado. Por outro lado, reza o argumento, quanto mais os médiuns sabem, melhores instrumentos se tornam.

A minha própria perspetiva é a de que, quanto mais sabemos, menos dogmáticos nos tornamos. Mesmo após cento e vinte anos de mediunidade, as suas técnicas continuam a ser alvo de acesa discussão. A partir da minha experiência razoavelmente longa, eu poderia fornecer exemplos para confirmar ambas as escolas de opinião. Recordo-me de uma experiência elucidativa com um dos nossos maiores médiuns, cujo guia fez um certo pronunciamento. Depois, disse ele: “Essa não é a minha perspetiva. É uma ideia que é dominante na mente subconsciente do meu médium. A única maneira de eu poder continuar a funcionar em liberdade é expressar este pensamento dominante e tirá-lo do caminho.”

Embora tenham sido dadas muitas descrições dos processos que se diz estarem a ser empregados na produção de fenómenos psíquicos, estas nunca são tão precisas que nos permitam alcançar nós próprios os resultados. Somos todos seres espirituais aqui e agora. Possuímos, embora em embrião, todos os atributos da nossa natureza espiritual que iremos expressar após a morte. Não nos tornaremos seres espirituais pelo facto de morrermos. Portanto, qualquer coisa que seja alcançada através da mediunidade por seres desencarnados poderia ser realizada por nós enquanto estamos na terra, se soubéssemos como fazê-lo.

Pode ser que uma barreira seja o facto de nos estarmos a expressar numa relação de tempo-espaço diferente daquela em que nos iremos manifestar após a dissolução do corpo. Existem casos autenticados, embora isolados, de um homem vivo ser capaz de controlar e falar através de um médium de transe, mas o fenómeno foi organizado por um guia espiritual que tomou a iniciativa na matéria.

O Oriente está cheio de relatos de iogues e faquires que são capazes, ao expandirem os seus poderes psíquicos, de alcançar um domínio da mente sobre a matéria e realizar proezas surpreendentes. Revelam processos afins à mediunidade. Consigo antever que, se os segredos das técnicas mediúnicas fossem revelados de uma forma que permitisse aos seres humanos fazer o que apenas os guias espirituais conseguem realizar na sala de sessões, isso levaria a uma confusão completa. Assim, pode ser que o conhecimento completo seja deliberadamente ocultado. Conheci investigadores que passaram muitos anos em experiências psíquicas que explicavam terem sido alcançadas por um determinado método. O desfecho inevitável foi que surgiram resultados que não poderiam ter sido produzidos pela teoria proposta.

Capítulo 9

SALVO DO SUICÍDIO

Um homem brilhante contemplou o suicídio porque a morte da sua esposa o tinha deixado inconsolável. Pode não saber o seu nome, mas terá ouvido falar da sua realização. Refiro-me a Lionel Logue, o especialista em voz australiano que curou o Rei Jorge VI da sua gaguez e se tornou um dos amigos mais íntimos do monarca. A amizade deles amadureceu a partir da altura em que, como Duque de Iorque, ele consultou Logue pela primeira vez sobre o seu defeito de fala.

O australiano tornou-se um visitante regular e bem-vindo ao Palácio de Buckingham, onde participava nas reuniões familiares. Sempre que o Rei tinha de fazer um discurso importante, e especialmente uma transmissão radiofónica, Logue, a pedido do Soberano, estava habitualmente presente, mesmo que apenas em segundo plano.

Porque sabia que Hannen Swaffer era um famoso Espiritista, Logue visitou o jornalista para solicitar a sua ajuda no seu cruel luto. Embora tivesse atingido o auge da sua carreira profissional, Logue confessou que achava difícil continuar agora que a sua amada esposa já não estava ao seu lado. Chorava por ela a cada hora do dia e estava ansioso por saber se conseguiria obter alguma prova da sua sobrevivência. Swaffer prometeu ajudar.

Abordou Lilian Bailey e perguntou se ela estaria disposta a vir ao seu flat e dar uma sessão a "um homem em grande aflição". A médium concordou e uma data foi combinada. "Naturalmente, não lhe direi nada sobre ele", disse Swaffer.

A Sra. Bailey, como qualquer outro médium de valor, preferia nada saber sobre os seus participantes. Qualquer conhecimento sobre eles, verificou ela sempre, funciona como um elemento dissuasor.

Além disso, quanto menos ela sabe, mais impressionante é qualquer prova obtida através da sua mediunidade. Swaffer apresentou Lilian Bailey a Logue, mas não mencionou o seu nome nem deu qualquer pista quanto à sua identidade. “E, tanto quanto sei”, disse o jornalista, “o retrato de Logue nunca tinha aparecido nos jornais.”

Quase no início da sessão, mesmo antes de entrar no seu estado de transe habitual, a Sra. Bailey pareceu embaraçada devido a uma cena que se tinha apresentado à sua visão clarividente. “Não sei por que razão é”, disse ela, “e mal me atrevo a dizer-vos, mas o Rei Jorge V está aqui. Pede-me para lhe agradecer pelo que fez pelo seu filho.”

Para surpresa da médium, Logue respondeu: “Compreendo perfeitamente.” Foi quase tudo o que aconteceu na primeira sessão do australiano. Lilian Bailey acrescentou ainda que conseguia ver a forma espiritual da esposa dele. “Mas”, disse a médium, “ela está demasiado entusiasmada para fazer mais do que enviar o seu amor ao marido.”

Swaffer combinou que Logue tivesse uma segunda sessão no seu flat. Ele próprio teve de sair pouco antes de esta começar para um banquete no Guildhall. Assim que regressou, contaram-lhe como a Sra. Logue tinha controlado a médium. Seguiu-se uma cena comovente à medida que a esposa provava ao seu marido perturbado que o amor deles conseguia cruzar o abismo da morte.

Logue ficou profundamente comovido quando a esposa, para provar que estava familiarizada com o que tinha acontecido desde a sua partida, lhe falou sobre as alterações que ele fizera na casa e no jardim, as quais eram desconhecidas por qualquer outra pessoa presente.

Nessa noite, mais e mais provas se acumularam à medida que o guia de Lilian Bailey transmitia mensagens íntimas da parceira de Logue no Além. Este guia, William Hedley Wootton, um oficial que morreu na Primeira Guerra Mundial, é perito em transmitir provas. Um desses elementos foi o facto de o termo de afeição de Logue para com a sua esposa ser “Muggsy”.

Wootton indagou: “Existe alguma pergunta que queira fazer?” Logue hesitou. Depois, pensou numa excelente pergunta: “A minha esposa quer dizer algo sobre o local onde nos conhecemos pela

primeira vez?" Wootton, ao responder, disse com uma expressão intrigada: "Ela está a referir-se a um pássaro chamado Charlie. Não é um canário. Parece um pardal."

Esta resposta sobrecarregou Logue. Charlie Sparrow [Sparrow significa Pardal] era o seu melhor amigo. Fora na festa do vigésimo primeiro aniversário de Charlie que ele conhecera a futura Sra. Logue e se apaixonara por ela. Logue fez a sua pergunta seguinte: "Ela lembra-se do local?" O guia respondeu: "Era Free... Fremantle." A casa de Charlie Sparrow era em Fremantle. Esta prova impressionou de tal modo Logue que, frequentemente, nas suas reuniões subsequentes com Lilian Bailey, ele lha repetia.

A seguir veio um aviso severo. A sua esposa disse-lhe que ele não devia sonhar em tirar a própria vida porque, em vez de alcançar a reunião que esperava, isso apenas os dividiria. Nessa altura, a médium não sabia que o pensamento do suicídio estava na mente de Logue. Como resultado desta sessão, o especialista em fala tornou-se muito amigo da Sra. Bailey e da sua família. A sua esposa continuou, em sessões sucessivas, a mostrar um interesse detalhado em tudo o que dizia respeito ao marido. Para indicar a proximidade que ela mantinha, relato um incidente.

Quando ele se mudou de uma casa grande para um flat, perguntou numa sessão se ela se lembrava do que tinha acontecido à roupa de cama. Imediatamente veio a resposta de que ela queria que ele usasse os lençóis e as fronhas amarelas — isto, há que concordar, mostra o toque de esposa — e descreveu a caixa onde Logue mais tarde os encontrou. Estas sessões mensais realizaram-se ao início na casa da médium em Wembley, mas depois, quando ele adoeceu, no seu flat em Knightsbridge. A médium diz que, de todas as pessoas que conheceu, raramente soube de um marido e de uma esposa tão devotados um ao outro.

Foi Logue quem lhe declarou voluntariamente que o Espiritualismo lhe tinha permitido compreender o seu trabalho de correção de defeitos de fala, que ocupara a maior parte da sua vida. Deu-se conta, desde que recebera as suas provas em sessão, de que tinha sido guiado a deixar a Austrália, quando não havia razão

aparente, e a procurar uma nova carreira na Grã-Bretanha. Sem saber porquê, na altura, tinha vendido a sua casa. Não havia perspetivas aparentes em Inglaterra e parecia uma loucura.

A médium está convencida de que Logue era naturalmente psíquico. Isto foi confirmado pelo facto de, frequentemente, saber instantaneamente o que estava errado com os pacientes que o consultavam, mesmo antes de fazer qualquer diagnóstico.

Tendo recebido as suas provas de sobrevivência, a vida de Logue transformou-se. O desespero deu lugar à radiância trazida pelo conhecimento, uma radiância que ficou evidente quando o conheci. A última ocasião foi numa igreja espiritista. Eu estava a conduzir o serviço de atribuição de nome (o equivalente do Espiritualismo ao batismo) para os dois netos de Lilian Bailey. Logue, para mostrar a sua gratidão à médium pelo conforto que ela lhe trouxera, agiu como padrinho.

Contou-me que não fazia segredo do seu Espiritualismo. Em várias ocasiões tinha descrito ao Rei Jorge VI as suas sessões com Lilian Bailey, relatando as maravilhosas provas que recebera da sua esposa, e nunca tinha encontrado hostilidade.

Houve uma altura em que Logue estava muito preocupado porque um dos seus filhos estava a morrer. A sua esposa, através de Lilian Bailey, insistiu que o rapaz viveria. O veredicto de todos os eminentes especialistas que Logue tinha consultado era o de que o seu filho não tinha hipóteses. A sua esposa, contudo, provou estar certa.

Eventualmente, a doença de Logue terminou com a sua passagem. Lilian Bailey descobriu que, no seu testamento, ele lhe tinha legado uma cadeira real. Era aquela que tinha sido especialmente trazida de Windsor a pedido do Rei, quando era Duque de Iorque, para que pudesse sentar-se nela quando tinha as suas consultas com Logue. Porque tinha notado o agrado dela por esta cadeira quando dava sessões no seu flat, Logue deixou-a à médium, quando partiu para ir ao encontro da sua esposa que o precedera.

Não demorou muito até que os dois regressassem no círculo caseiro de Lilian Bailey. Quando lhe perguntei o que Logue dissera,

ela respondeu que a felicidade dele era indescritível. Tinha descoberto que a vida espiritual era ainda mais bela do que esperara.

Um homem de negócios pragmático, que tomou as precauções mais elaboradas para ocultar a sua identidade, ficou convencido do Espiritualismo através da mediunidade de transe em trinta segundos. Tão meticulosas foram as salvaguardas que adotou para manter o seu anonimato que ficou conhecido como o "Homem Mistério". A sua história, à medida que se desenrolava, era uma visão fascinante da natureza humana.

Eu tinha ido a Leeds para discursar numa reunião da sua Sociedade de Investigação Psíquica, na qual Helen Hughes ia demonstrar a clarividência. Ela pediu-me que me juntasse a ela para o chá num hotel, onde, pela segunda vez, se ia encontrar com o "Homem Mistério". O encontro anterior deles tinha sido quando ele chegou para uma sessão.

O comportamento dele foi extraordinário. Quando entrou na sala, ela pediu-lhe que se sentasse. Ele fê-lo, mas não disse nada. Na verdade, durante toda a sessão, nunca proferiu uma única palavra. No final da mesma, saiu sem quebrar o seu silêncio.

Mais tarde, mostrou-lhe as notas copiosas que tinha tirado, mas havia um espaço em branco onde se mencionava um nome, distrito ou qualquer referência que pudesse dar uma pista para a sua identidade.

No chá no hotel, ele estava acompanhado por duas mulheres. Não foram feitas apresentações. Tudo o que eu conseguia adivinhar a partir da conversa dele era que parecia ser o típico habitante de Yorkshire, astuto e rústico. Ter-se-ia pensado que ele era duro como unhas. Nessa noite, porém, na reunião pública, vi outro lado da sua natureza. Helen Hughes deu a uma das duas mulheres uma mensagem espiritual que disse vir do filho dela. À medida que a médium acrescentava detalhes que eram obviamente provatórios, notei que as lágrimas rolavam pelo rosto do habitante de Yorkshire que, assumi eu, era o marido dela.

Cada palavra que a médium disse em ligação com a mensagem deste filho foi registada em estenografia pela outra mulher, que aparentava ser uma secretária. Após a reunião, o habitante de Yorkshire veio ter comigo, dizendo ter observado que eu tinha tirado

notas. Poderia facultar-lhe uma transcrição daquela única mensagem na qual estava interessado? “Para poupar tempo”, disse eu, “vou ler as minhas notas à sua companheira.” Assim fiz. As nossas notas coincidiam.

Quando cheguei às palavras “Doutor Bradley”, que faziam parte da mensagem dada por Helen Hughes, la secretária mencionou involuntariamente que este nome estava errado. O seu empregador repreendeu-a por fazer essa admissão. O incidente fez-me sorrir. Obviamente, o habitante de Yorkshire não apreciava a ideia de alguém perfurar o seu elaborado véu de secretismo. Essa noite, ao serão, relatei o incidente a Helen Hughes.

Na manhã seguinte, ela providenciou um desfecho inesperado. Tinha sido incapaz de adormecer. Enquanto se voltava inquietamente na cama, ouviu o nome “Bradbury”. “Esse é o nome que eu deveria ter dado, não Bradley”, disse ela. O erro era desculpável para uma clariaudiente, que tem de escutar. E a médium, muito doente nessa noite, não estava no seu melhor.

Tudo muito bem para Helen Hughes obter o nome correto, mas como ia eu transmitir a informação ao habitante de Yorkshire? Publiquei um relato deste acontecimento, terminando com as palavras: “Talvez o ‘Homem Mistério’ me deixe saber se isto está certo.” No dia seguinte à publicação do meu relato no jornal psíquico que eu dirigia, recebi um telegrama que dizia: “A Sra. Hughes estava inteiramente certa.” Estava assinado “Homem Mistério”.

Uma quinzena mais tarde, o “Homem Mistério”, ainda sem revelar o seu nome e por sua própria iniciativa, enviou-me para publicação a extraordinária história da sua busca psíquica. Começou com uma referência ao seu diminutivo e disse que tinha planeado as coisas dessa forma, pois apenas ao permanecer completamente anónimo é que qualquer prova que lhe fosse oferecida poderia ser convincente. Mas agora sentia que seria ingrato e rude não fazer algum reconhecimento público da “graça salvadora que me foi concedida através do auxílio espiritual”.

Fora o seu filho que tinha regressado para ele. O pai descreveu-o como tendo “um metro e oitenta e cinco de altura, e todo músculo, um

exemplar tão belo de um inglês como seria possível encontrar". Era um atleta completo, um excelente nadador, remador e jogador de squash. O seu serviço militar foi distinto, tal como a sua carreira. Tirou as suas licenciaturas em medicina com medalhas e distinções. Tudo apontava para que se tornasse um excelente cirurgião. O pai não teve pejo em expressar o amor que existia entre eles. Eram grandes companheiros, que iam nadar, andar de canoa, andar de automóvel e caçar juntos, frequentando inclusive o mesmo ginásio.

Depois veio a catástrofe, "a mais terrível e negra que poderia abater-se sobre a sua mãe e sobre mim. A data da mesma", disse o pai, "ficou para sempre gravada nas nossas almas. Tornou as nossas vidas sem propósito, vãs e uma zombaria para nós. Ficámos desolados, lavados em lágrimas e inconsoláveis. O nosso anseio por ele era uma angústia insuportável.

Num mês, o meu cabelo tinha ficado branco e a minha condição física estava a deteriorar-se rapidamente. O pensamento que mais me atormentava estava incorporado numa dúvida dilacerante sobre a sua existência contínua. E se ele se tivesse extinguido para sempre? O meu belo rapaz já não existia! Este pensamento mantinha-me num frenesi e pânico contínuos."

Acrescentou que, quando o caixão que continha o corpo do seu filho foi descido à terra, pensou: "Se isto é o fim, não quero continuar." Nos dias que se seguiram, passava horas no cemitério, na amargura invernal de dezembro, incapaz de se manter afastado do túmulo. Aqui gostaria de indicar o que mais tarde soube ser a natureza da tragédia. Este, o seu único filho, de vinte e cinco anos, foi acidentalmente morto por eletrocussão na festa do vigésimo primeiro aniversário da sua noiva.

Foi um choque tal para ela que morreu três semanas mais tarde. O seu cartão de memória fúnebre dizia: "Deitada a descansar ao lado do seu noivo". Os seus serviços fúnebres, com uma diferença de vinte e três dias um do outro, realizaram-se na mesma igreja, com a mesma leitura e os mesmos hinos.

Se ao menos, pensava o homem dilacerado pela dor, conseguisse obter alguma prova da existência contínua do seu filho, isso poderia

aliviar a angústia deles. Tinha estado em quatro reuniões espiritistas durante a sua vida, mas nenhuma delas o tinha impressionado. A terceira fora uma demonstração de clarividência por Helen Hughes. Lembrava-se de ter dito mais tarde que fora uma exibição muito boa de alguma coisa, mas de quê, não sabia.

Agora determinou visitar um médium. Recordou-se de que, na sua cidade, um homem que era um desconhecido para ele tinha enviado várias cartas sobre Espiritualismo para a imprensa. Em desespero, telefonou-lhe sem dizer quem era. Perguntou se poderia sugerir o nome de algum médium que pudesse ser visto a quarenta ou cinquenta milhas de distância. O homem do outro lado da linha não conseguiu sugerir ninguém, mas disse que a sua esposa poderia ser capaz de ajudar.

Ela foi trazida ao telefone, mas não conseguiu fazer melhor, exceto remeter o interpelante para outra amiga sua, dando o número de telefone. O pai angustiado telefonou-lhe. Ela, por sua vez, remeteu-o para outra amiga em Leeds e deu o seu número de telefone. Esta mulher, por seu turno, forneceu-lhe o número de telefone da secretária da Sociedade de Leeds para Investigação Psíquica. Mais um telefonema e estava a falar com a secretária, que combinou uma sessão com Helen Hughes. Quando foi perguntado o nome ao pai, este respondeu que preferia permanecer anónimo. A secretária disse que compreendia perfeitamente e registou a sessão como “anónima”.

A personagem principal desta história, como mais tarde me contou, vivia em Sheffield. Com a sua esposa, conduziu até Leeds, a cerca de quarenta milhas de distância, e deixou o automóvel num pátio de estação para que o seu número de matrícula não pudesse dar qualquer pista para a sua identidade. Além disso, foi sozinho à sessão porque receava que, inadvertidamente, a sua esposa pudesse revelar alguma informação. Viajou de elétrico para o distrito de Hyde Park, em Leeds, para a casa onde Helen Hughes estava hospedada e onde estava a dar as suas sessões.

A mulher que abriu a porta era uma completa desconhecida para ele, tal como ele era para ela. Mostrou-lhe uma sala, deu-lhe um jornal para ler e um lugar junto ao lume, dizendo que a Sra. Hughes tinha

alguém com ela, mas não demoraria muito. Pouco depois regressou para dizer que a Sra. Hughes estava pronta e levou-o para outra sala onde a médium caminhou ao seu encontro.

Agora chegava o momento crucial. À medida que o conduzia para um sofá, disse ela: "Uma influência muito forte entrou na sala consigo... um rapaz brilhante, alto, belo, e é o seu filho. Que rapaz maravilhoso! Com ele vem um odor a hospital, clorofórmio ou algo do género."

Depois, olhando para cima e vislumbrando de esguelha uma figura que apenas ela conseguia ver, a médium acrescentou: "Não, não, Doutor, eu sei que o cheiro não está ligado ao seu acidente." A seguir, voltou-se para o pai e acrescentou: "Ele diz que teve um acidente que nunca deveria ter acontecido e que num ápice se foi."

Mais informações se seguiram: "Diz que o senhor fez uma viagem considerável para se encontrar com ele. Mas não precisava de o ter feito. Ele nunca o deixou e veio no carro consigo hoje."

Houve novamente um aparte enquanto ela repetia: "Quarenta milhas, diz o senhor, de R... ." O coração do pai afundou-se porque pensou que ela ia dizer o nome de uma cidade a começar por "R". Mas a médium continuou: "Não, não, Doutor, estou a ouvi-lo — Sheffield." Aqui cito as próprias palavras do pai: "Poderia algum homem sensato ter resistido a tal revelação? Poderia alguma prova ser mais convincente, ou demonstração mais persuasiva?" O resto das provas, disse ele, era ainda mais maravilhoso, mas de uma natureza tão pessoal e íntima que o impedia de o contar publicamente.

Revelou, contudo, um incidente. A médium disse: "Ele está a ficar entusiasmado com algo pertencente a ele que está no seu bolso interior." O pai esvaziou o bolso interior do casaco. Além de uma carta de condução, um certificado de seguro e outro documento, não havia nada, e ele disse-o. "Sim, ele insiste", disse a médium. O visitante pensou subitamente no seu sobretudo no sofá ao lado dele. Apalpou o bolso interior. Havia um lenço de seda que tinha pertencido ao seu filho.

Poucas semanas mais tarde, ele decidiu que não fazia sentido ocultar o seu nome por mais tempo. Tinha agora sido revelado por

tantos médiuns, tal como o do seu filho. Pai e filho tinham o mesmo nome — Dan Bradbury. Congratulo-me por relatar que ele teve a coragem das suas convicções. Quando lhe pediram para presidir a uma reunião pública espiritista no maior salão de Sheffield, onde era bem conhecido e respeitado, ele consentiu.

"O último lugar onde alguns dos meus amigos esperariam ver-me é numa tribuna espiritista", declarou ele. "Alguns deles estão a dizer: 'Pobre do velho Dan, ficou chalupa.' Eu não me importo. A minha única qualificação para estar aqui é que a Sra. Helen Hughes me forneceu a prova da sobrevivência do meu filho." A médium estava a demonstrar a clarividência nessa noite. O que os amigos de Dan Bradbury não sabiam era que, sem as provas de Helen Hughes, é provável que ele tivesse "ficado chalupa", como ele próprio livremente admitiu.

Capítulo 10

"O DEDO QUE SE MOVE ESCREVE—"

Será o fenómeno da escrita automática uma prova de atividade do mundo espiritual, ou poderá ser explicado pelo funcionamento da mente subconsciente? A verdadeira resposta encontra-se no conteúdo da escrita. Se esta não revelar nada de supernormal e consistir meramente em "mensagens" cujo teor é conhecido do médium, então é razoável acreditar que a mente subconsciente é a responsável pela sua produção. Se, contudo, revelar conhecimentos que o médium não possui, então deve procurar-se outra explicação. É sempre uma regra segura no Espiritualismo nunca aceitar nada como tendo uma origem espiritual se uma explicação normal se ajustar a todos os factos.

Geraldine Cummins, uma médium não profissional, é a maior expoente viva da escrita automática. Através da sua mão surgiram centenas de milhares de palavras, muitas delas em prosa soberba, que ampliam e continuam o Novo Testamento. Parte desta escrita, *The Scripts of Cleophas*, que complementa os Atos dos Apóstolos, foi declarada como "veridicamente provatória" pelo Doutor W. E. Oesterley, que era Capelão Examinador do Bispo de Londres e um reconhecido perito na Bíblia. Alguns textos foram produzidos na

presença de clérigos notáveis, incluindo o Dr. Percy Dearmer, que era Cónego de Westminster, o Doutor Maud, então Bispo de Kensington, e os Cónegos das Catedrais de Bristol e de Cantuária.

Assisti à execução aparentemente incrível enquanto a Miss Cummins agia como automatista para esta forma de mediunidade. Sentou-se a uma mesa com folhas numeradas de papel pautado à sua frente. Os seus olhos estavam resguardados com a mão esquerda, enquanto o cotovelo descansava na pequena mesa. Na mão direita segurava uma caneta de tinto suspensa acima do papel. Em poucos segundos, a caneta ficou galvanizada e moveu-se à razão de 1500 palavras por hora.

À sua direita sentava-se a Miss E. B. Gibbes, a sua grande amiga, cuja presença parecia funcionar como um estimulante para a mediunidade da Miss Cummins. Enquanto a escrita era feita, a Miss Gibbes segurava as folhas de papel com ambas as mãos. A única altura em que guiava a caneta era quando cada página ficava concluída. Então, colocava uma folha fresca diante da Miss Cummins e a caneta veloz e implacável continuava a escrever. Durante mais de uma hora, nós os três, a Miss Gibbes, a médium e eu, sentámo-nos em silêncio, quebrado ocasionalmente por um "Sim" ou "Não" sussurrado pela Miss Gibbes.

Presenciei a produção de escrita de um dos guias da médium e de Frederick W. H. Myers, o distinto académico clássico que era um Espiritista convicto. Myers continuou um ensaio começado numa sessão anterior. Ocupou nove páginas de papel almaço e foi escrito em prosa belíssima, como se fosse tudo uma única palavra. Com grande rapidez, a caneta movia-se até à margem do papel, sem nunca escorregar, embora a médium não conseguisse ver.

A produção dos textos da Miss Cummins assume duas formas. Numa delas, ouve cada palavra "proferida" por uma "voz" interna e coloca-a no papel. Na outra fase, passa para um transe leve e a escrita é produzida mecanicamente.

A Miss Cummins é um dos onze filhos de um Professor de Medicina na Universidade de Cork. Devido às ferozes querelas teológicas que ouvia na Irlanda, virou as costas à religião na sua

juventude. Foi agnóstica desde o dia em que foi capaz de pensar por si própria. O seu apoio a uma sufragista numa reunião ao ar livre levou-a a ser apedrejada nas ruas de Cork por uma multidão enfurecida. Jogou hóquei pela Irlanda e é também uma entusiasta do ténis. Os seus principais interesses têm sido o teatro e a literatura moderna.

Porque queria tornar-se escritora, deixou a casa paterna rumo a Dublim. Viveu na casa de Hester Dowden, também ela filha de um professor, apenas para descobrir que a sua anfitriã era uma famosa médium de escrita. Cedo se deu conta de que possuía um dom semelhante, que a Sra. Dowden a ajudou a desenvolver.

Geraldine Cummins nunca estudou teologia, filosofia, psicologia, ciência ou as origens do Cristianismo. Embora tenha lido muito, as suas leituras limitaram-se em grande parte às obras de escritores modernos. Nem ela nem a Miss Gibbes, que esteve presente quando todos os textos automáticos relativos aos dias bíblicos foram produzidos, visitaram alguma vez o Egito ou a Palestina.

Durante muitos anos tem sido motivo de fascínio para a Miss Cummins comparar os textos que surgem nas suas sessões com o seu próprio trabalho como autora. Escreveu um romance e é coautora de duas peças de teatro popular irlandês que foram produzidas no Abbey Theatre, em Dublim. No seu próprio trabalho literário, Geraldine Cummins verifica que a sua composição é sempre muito lenta. Para esta escrita normal produzia seiscentas ou setecentas palavras em dois dias, e confessa ser uma tarefa laboriosa. Ao ler os resultados, tem de fazer muitas correções.

Quando, porém, é a médium para a escrita automática, o material flui da sua caneta sem uma pausa ou uma correção. Embora nenhuns iés sejam pontuados nem tês cortados, o texto é sempre legível, inteligível e sequencial. Frequentemente, em sessões com a duração de uma hora e meia, produziu mais de 2200 palavras. Não é de estranhar que pareça exausta no final da sessão.

Os textos das suas sessões relativos à era do Novo Testamento foram submetidos ao escrutínio de peritos. Dois deles foram o Professor W. P. Paterson, Professor de Teologia na Universidade de Edimburgo, e o Professor David Morison, Professor de Filosofia

Moral na Universidade de St. Andrews. O veredicto dos peritos foi o de que todos os detalhes de geografia, história e terminologia, onde podem ser verificados, são inquestionavelmente exatos. Estes dois professores e o Dr. Oesterley foram responsáveis por uma "Introdução" altamente crítica para *The Scripts of Cleophas*, da qual irei citar. Nela dizem ter-se *"certificado quanto à genuinidade e desinteresse do papel desempenhado pela Miss Cummins"*.

Diz-se que os textos são comunicados por um processo altamente complicado. A transmissão propriamente dita vem através do "Mensageiro", que assevera não ser o autor. Afirma que as comunicações são feitas *"a mando de Cleophas, que está demasiado afastado do homem para comungar com ele"*. O Mensageiro afirma que a crónica, desde então publicada sob o título de *The Scripts of Cleophas*, era conhecida na Igreja primitiva. Existiam apenas algumas cópias, contudo, e estas pereceram.

Declara que Cleophas, que se diz ser um convertido cristão do primeiro século, extrai de mais do que uma crónica, e que a sua função é moldar a totalidade delas numa única narrativa. Primeiro, Cleophas tem de recorrer à sua memória, depois transmitir a informação àquele a quem chama o "Escriba", que a transmite ao Mensageiro, o qual *"entra na mente"* da médium (ele chama-lhe *"a serva"*) para encontrar palavras para vestir o que recebeu. Face a este processo complicado, é notável que o resultado seja um documento tão lúcido.

O Mensageiro afirmou que os escritos originais dos quais o texto é extraído foram reunidos entre sessenta e setenta anos após o nascimento de Jesus, embora certas porções sejam de uma data ligeiramente posterior. Os seus autores, afirma ele, foram homens que tinham visto e ouvido os Apóstolos e que escreveram na sua maioria em Éfeso ou Antioquia, utilizando o grego ou, menos frequentemente, o aramaico ou o hebraico.

Os peritos responsáveis pela "Introdução" publicada para *The Scripts of Cleophas* dizem que estes complementam os Atos dos Apóstolos e as Epístolas de São Paulo na medida em que fornecem um relato da Igreja Primitiva e dos Apóstolos desde imediatamente após

la morte de Jesus até à partida de Paulo de Bereia para Atenas. Dizem: *"Este relato mostra sinais de independência da narrativa bíblica, e não aparenta ser baseado nela ou sequer dever-lhe muito. O 'Mensageiro' não está aparentemente consciente da existência da Sagrada Escritura, e declara: 'Não tenho o conhecimento daquelas partes dos Sagrados Escritos que foram preservadas.' "* Acrescentam que os textos contêm material *"que tanto complementa como explica o que sabemos do Novo Testamento e, além disso, fornece informações que a Bíblia fornece de forma incompleta ou não fornece de todo"*. Por exemplo, as experiências de Paulo após a sua conversão são descritas em detalhes que não aparecem no Novo Testamento.

Estes académicos salientam que os incidentes narrados nos primeiros doze capítulos dos Atos dos Apóstolos ocupam, ao todo, apenas cerca de trinta dias separados, enquanto os próprios capítulos cobrem um período de nove anos, no mínimo. Assim, dizem eles, é fácil ver que uma imensa porção da história apostólica escapou ao registo por parte dos historiadores bíblicos.

Estão convictos de que a Miss Cummins não pode ser a autora, salientando, por exemplo, que *"apenas um estudante invulgarmente cuidadoso e profundo poderia ter sido responsável por dar ao chefe da comunidade judaica em Antioquia o seu título exato de 'Arconte'. Não muito antes do tempo em que, presumivelmente, a crónica de Cleophas foi escrita, o chefe da comunidade judaica era chamado de Etnarca, mas quando a organização e o governo das cidades foram alterados pelo Imperador Augusto em 11 d.C., o título do chefe das comunidades judaicas foi mudado de Etnarca para Arconte.*

Teria sido um erro perdoável se a crónica tivesse usado o título Etnarca em vez de Arconte, especialmente porque o escritor vivia na Palestina, onde os judeus eram governados pelo Sinédrio; mas o uso do título comparativamente novo Arconte é um exemplo desse 'conhecimento exato por parte do escritor que se encontra em muitos outros detalhes marcantes apenas percetíveis, talvez, para aqueles que são eles próprios autoridades. Acima e para lá deste conhecimento detalhado, existem exemplos de perceção que pareceriam sugerir um contemporâneo. Os caracteres dos doze

apóstolos são descritos com uma compreensão e simpatia que são notáveis."

O relato fascinante foi continuado noutros livros, particularmente em *When Nero was Dictator*, que descreve como Paulo passou os últimos anos da sua vida, a respeito dos quais a Bíblia é omissa. Pega nos fios no ponto onde os Atos dos Apóstolos terminam e, numa linguagem inigualável, prossegue até às cenas finais dos últimos dias de Paulo na terra. Descreve a sua visita a Espanha, os seus planos para a conversão dos britânicos e o seu último encontro com Pedro em Roma. Há uma imagem brilhante da corte de Nero, com detalhes das intrigas desses dias, culminando num relato marcante do incêndio de Roma.

Geraldine Cummins é uma refutação viva da alegação de que nada de valor foi recebido através da escrita automática. Os seus dons psíquicos lançaram uma nova luz sobre a Bíblia, tornaram inteligível o obscuro e forneceram informações que os académicos procuravam há anos.

Hester Dowden, a médium de escrita que ajudou a desenvolver os poderes psíquicos de Geraldine Cummins, usava dois métodos para obter as suas comunicações: uma tábua ouija e um lápis. A tábua ouija deve o seu nome à combinação das duas palavras, uma francesa e a outra alemã, que significam "Sim". Um ponteiro, numa superfície de madeira altamente polida, move-se em direção às letras do alfabeto.

Quando a Sra. Dowden usava a tábua ouija, as mensagens eram soletradas de forma fulminante e, normalmente, os comunicadores davam os seus nomes e informações de um caráter altamente individual. O seu guia parecia ter um enorme prazer em fornecer provas do tipo que confundiria os céticos. Certa vez enviei um advogado para ter algumas sessões com a Sra. Dowden. Veio especialmente da Jamaica, a 4000 milhas de distância, para tentar obter provas de uma vida após a morte. Embora o seu pai fosse o Arcebispo das Índias Ocidentais, ele era agnóstico há anos, uma situação que não conduzia à harmonia no lar.

Na primeira sessão do advogado, ele recebeu comunicações que, segundo disse, eram características da única pessoa que ele esperava

que regressasse para ele. Em quatro semanas, em sessões com Hester Dowden, obteve mais de cem elementos de prova que lhe provaram claramente, como advogado, que a vida continuava para lá do túmulo.

A Sra. Dowden era também altamente bem-sucedida em "sessões por procuração". Pessoas que viviam no estrangeiro enviavam-lhe objetos que ela segurava como meio de receber comunicações para os seus donos. Invariavelmente, após analisarem a informação da sessão, confirmavam a natureza provatória destas mensagens. Pode-se avaliar quão convincentes devem ter sido as suas sessões quando lhe digo que ela deu mais de trinta mil em trinta anos de mediunidade.

Assistir a uma das suas sessões de tábua ouija era uma experiência inesquecível. As mensagens chegavam a uma velocidade de três mil palavras por hora — e tenha-se em mente que cada palavra tinha de ser soletrada. Quando usava o seu lápis para a escrita automática, a velocidade reduzia-se a meras 2500 palavras por hora. A maioria das pessoas verificará que mil palavras por hora é o máximo que consegue gerir. Não era invulgar Hester Dowden receber mensagens em línguas estrangeiras, em francês e alemão, que conhecia, e em espanhol, do qual era ignorante.

As comunicações mais impressionantes que surgiram através da sua mão foram as que pretendiam originar de Oscar Wilde. A assinatura espiritual de Wilde era uma réplica exata da sua terrena. A caligrafia revelava as suas peculiaridades. Acontecimentos dos seus dias de infância foram mencionados e a investigação provou que eram exatos. O estilo literário, que é o teste do ácido, era altamente característico.

Tudo começou numa sessão, uma noite, com as palavras: "Lírio, o meu pequeno lírio. Não, o lírio era meu — fio de cristal — uma cana de prata que fazia música de manhã." "Quem é?", perguntaram. Imediatamente a escrita recomeçou: "Tende piedade de Oscar Wilde — alguém que, no mundo, foi um rei da vida. Preso à roda do pensamento de Íxion, devo completar para sempre o círculo da minha experiência. Há muito tempo escrevi que havia crepúsculo na minha cela e crepúsculo no meu coração, mas este é o (último?) crepúsculo da alma.

No crepúsculo eterno movo-me, mas sei que no mundo há dia e noite, tempo de sementeira e de colheita, e o pôr do sol vermelho deve seguir-se ao amanhecer verde-maçã. Todos os anos, a primavera lança o seu véu verde sobre o mundo e logo a glória vermelha do outono vem zombar da lua amarela. Já o pilriteiro se vai rastejando como uma névoa branca sobre a ruela e a sebe, e ano após ano o espinheiro dá frutos vermelhos como o sangue após a morte branca do seu pilriteiro."

Perguntado: "Por que veio aqui?", respondeu: "Para deixar o mundo saber que Oscar Wilde não está morto. Os seus pensamentos continuam vivos nos corações de todos aqueles que, numa época grosseira, conseguem ouvir a voz de flauta da beleza a chamar nas colinas ou notar onde os seus pés brancos escovam o orvalho dos prímulas de manhã. Agora, a mera memória da beleza do mundo é uma dor primorosa.

Fui sempre um daqueles para quem o mundo visível existia. Adorei no santuário das coisas vistas. Não havia uma lista vermelha numa tulipa ou uma curva numa concha, ou um tom no mar, que não tivesse para mim o seu significado e o seu mistério e o seu apelo à imaginação. Outros poderiam sorver as borras pálidas da taça do pensamento, mas para mim o vinho tinto da vida. Tende piedade de Oscar Wilde. Pensar no que se passa no mundo é terrível para mim. Em breve os castanheiros acenderão as suas velas brancas e as dedaleiras ostentarão os seus sinos manchados e descaídos."

Depois, quando a escrita continuou: "Em breve a lua cheia nadará por cima da borda do mundo e ficará pendurada como um grande queijo dourado", as palavras "Pare, pare", foram interjetadas. "Esta imagem é insuportável", continuou a escrita. "Escreve como um merceeiro de sucesso que, de vender porco, se dedicou a escrever poesia. Encontro as palavras na mente da minha médium."

Isto dá uma indicação de quão difícil deve ser para um grande artífice literário expressar-se através de um médium. Ele continuou: "Tente outra vez — 'como uma grande abóbora dourada pendurada na noite'." À segunda vez, encontrou as palavras que queria.

Uma semana mais tarde, a escrita automática foi retomada novamente. O Dr. E. J. Dingwall, então oficial de investigação da Sociedade para a Investigação Psíquica, estava presente. Wilde, o cínico e satírico implacável, expressou-se assim: “Estar morto é a experiência mais enfadonha da vida. Isto é, se se excetuar o estar casado ou o jantar com um professor de escola. Duvida da minha identidade? Não me surpreende, visto que por vezes eu próprio duvido dela. Poderia retaliar duvidando da sua.

Sempre admirei a Sociedade para a Investigação Psíquica. São os mais magníficos duvidador do mundo. Nunca são felizes enquanto não explicam as suas aparições. E suspeita-se que um fantasma genuíno os deixaria primorosamente desconfortáveis. Por vezes tenho pensado em fundar uma academia de duvidadores celestiais... que poderia ser uma espécie de Sociedade para a Investigação Psíquica entre os vivos. Ninguém com menos de sessenta anos seria admitido, e deveríamos chamar-nos a Sociedade das Sombras Reformadas. O nosso primeiro objetivo bem poderia ser insistir em investigar imediatamente a realidade da existência de, digamos, o Sr. Dingwall.

“O Sr. Dingwall, será ele ficção ou realidade? Será ele facto ou romance? Se se decidisse que ele é um facto, então, naturalmente, duvidaríamos disso vigorosamente. Felizmente, não há factos por cá. Na terra, mal podíamos escapar-lhes. As suas carcaças mortas estavam espalhadas por toda a parte no caminho de rosas da vida. Não se podia pegar num jornal sem aprender algo útil. Nele, eram algumas estatísticas sórdidas de crime ou detalhes repugnantes relativos ao consumo de porco que nos saltavam aos olhos; ou diziam-nos com uma precisão que era perfeitamente assustadora e totalmente desnecessária a que horas a lua decidira ter ciúmes e eclipsar o sol.”

Haverá algum homem de letras que consiga sentar-se e produzir espontaneamente uma escrita semelhante à razão de sessenta a setenta palavras por minuto, que é a velocidade a que chegavam as comunicações de Wilde? Num dos casos, 1700 palavras, um argumento longo e lógico, foram escritas em cerca de uma hora e um quarto.

Wilde criticava, como fizera na sua vida terrena, outros escritores: “Conheci Yeats muito bem, uma mente fantástica, mas tão cheio de uma alegria inflamada em si próprio que a sua pequena bilha de poesia se esvaziou cedo na sua carreira. Uma pequena gota de beleza que foi espalhada apenas com dores infinitas ao longo do período de muitos anos.”

“O tempo podará implacavelmente as figueiras do Sr. Wells”, era outra frase. “Quanto ao Sr. Arnold Bennett, é o aprendiz assíduo da literatura, que invocou durante tanto tempo a varinha do seu mestre Flaubert que conseguiu realmente convencer-se a si próprio e aos outros de que aprendeu o truque. Mas o segredo de Flaubert está longe dele. Das suas personagens, pode dizer-se que nunca dizem uma coisa culta e nunca fazem uma extraordinária. São, naturalmente, perfeitamente fiéis à vida — tão fiéis como um mau quadro. Ultimamente, temos conhecimento, dedicou-se a produzir prostitutas.

É mais agradável voltarmo-nos para o Sr. Eden Phillpotts que, ao contrário do Sr. Bennett, em cujas páginas estéreis nenhumas flores florescem nem pássaros cantam, tem um amor real e genuíno pela Natureza e, infelizmente, toda a falta de variedade da Natureza. É um escritor que tem sido muito fiel, fiel demais, ao seu primeiro amor. Quem me dera que a primavera por vezes se esquecesse de vir a Dartmoor.

Sempre tive um sentimento de simpatia pelo pobre Shaw. Tinha um desejo tão vivo de ser original que movia a minha piedade. Está tão ansioso por se provar honesto e frontal que profere muito mais do que é capaz de pensar. Não consegue analisar. Está meramente a tentar derrubar a mobília e ri-se de alegria quando vê os fundos de lona das cadeiras que arremessou. Está sempre pronto a apelar ao seu público para que admire a sua obra; e o seu público admira-a por puro empenho com a alegria dele.

A única mente em que penetrei e que apela ao meu sentido literário é John Galsworthy. É o meu sucessor, num sentido. Pois embora mergulhe mais profundamente no interior do ser humano, está sempre ocupado com o exterior, que é tão importante no jogo da sociedade.”

Desta forma, ao longo de páginas e páginas, Wilde escreveu, a uma velocidade que estou certo de que nenhuma pessoa "viva" conseguiria duplicar, um fraseamento perfeito e críticas mordazes. Aqueles que leram *Salomé* poderão estar interessados nesta passagem:

"Como o cego Homero, sou um vagabundo. Por todo o mundo tenho vagado, procurando olhos através dos quais pudesse ver. Por vezes é-me dado perfurar este estranho véu de escuridão e, através de olhos dos quais o meu segredo deve estar para sempre escondido, contemplar mais uma vez o dia gracioso. Tenho encontrado a visão nos locais mais curiosos. Através dos olhos do rosto moreno de uma rapariga tâmil tenho olhado para os campos de chá de Ceilão, e através dos olhos de um curdo vagabundo tenho visto o Ararat e os iazidis, que adoram tanto a Deus como a Satanás e que amam apenas cobras e pavões.

Uma vez, num barco de recreio a caminho de St. Cloud, vi as águas verdes do Sena e as luzes de Paris, através da visão de uma menina que se agarrava a chorar à mãe e se perguntava porquê. Ah! Esses preciosos momentos de visão. São as estrelas da minha noite, as joias rutilantes no meu estojo de escuridão, o prémio de valor inestimável por amor do qual eu de bom grado trocaria tudo o que a fama me trouxe, o néctar pelo qual a minha alma anseia. Olhos! Que pode lucrar um homem se os perder, ou que pode um homem dar em troca deles? São mais belos do que a prata, melhores do que pérolas miúdas ou opalas de muitas cores. O ouro fino não os pode comprar, nem se podem obter pelos desejos de reis... ."

Hester Dowden recebeu também em escrita automática uma peça de teatro que se dizia emanar de Oscar Wilde. Sem revelar a autoria espiritual, mostrou-a a alguns empresários teatrais. Rejeitaram-na todos, contou-me ela, dando um como razão que era parecida demais com Oscar Wilde!

Um aspeto altamente intrigante da escrita automática é a correspondência cruzada, na qual mensagens, dadas em parte a médiuns diferentes, separados por muitas milhas, formam uma comunicação sequencial quando reunidas. Margery Crandon, uma das maiores médiuns que o Espiritualismo alguma vez produziu,

demonstrou-me uma fase de correspondência cruzada quando a minha esposa e eu fomos seus hóspedes na América.

As pessoas que pensam que os médiuns são estranhos e misteriosos teriam ficado surpreendidas ao conhecê-la. Era completamente normal na sua perspetiva, uma boa companheira, com uma disposição muito feliz.

Presenciámos a ampla gama e versatilidade da sua mediunidade pela qual, durante toda a sua carreira psíquica, nunca cobrou um cêntimo. Ao fazer este comentário, acrescento que não vejo nada de repreensível no facto de um médium profissional cobrar pelos seus serviços. Os médiuns, como qualquer outro membro da comunidade, têm de comer, pagar renda, usar roupas e ter dinheiro para todos os requisitos essenciais da vida.

O argumento, que considero falacioso, é por vezes apresentado de que não deveria haver qualquer pagamento quando estão envolvidos dons espirituais. Os defensores deste ponto de vista não explicam como é que os indivíduos em causa hão de existir. Devem ou ser pagos, subsidiados, ou ser feitos destinatários de dotações de caridade. Um clérigo que desempenhe funções espirituais tem de ser pago, e com toda a razão. Chamar-lhe um estipêndio não altera o princípio.

Num estado ideal, os possuidores de dons espirituais não teriam de se preocupar com a sua sustentação, mas sob as presentes circunstâncias económicas os médiuns têm de viver como toda a gente. Menciono que Margery Crandon nunca cobrou pelos seus serviços devido à crítica óbvia de que, onde o dinheiro está envolvido, poderia haver a tentação de comercializar os dons e até de trapacear.

Ela e o seu marido, que teve uma carreira médica distinta em Boston, devem ter ficado com um prejuízo de milhares de libras através da mediunidade dela. Financiaram muitos dos aparelhos científicos que foram concebidos para testar os poderes psíquicos dela. A hospitalidade deles era proverbial, pois tinham sempre a porta aberta. Cientistas, advogados, autores, clérigos, médicos, prestidigitadores e investigadores psíquicos contavam-se entre os convidados que assistiam com entusiasmo às sessões dos Crandon.

Margery Crandon foi o centro de uma polémica que se instalou em torno da sua mediunidade durante anos. As tempestades pareceram nunca lhe tocar. Permanecia quase distante e nem sequer ouvia uma palavra de crítica contra os seus detratores. Tampouco falava mal deles.

O seu interesse pelo Espiritualismo foi despertado depois de o seu marido ter lido algumas experiências em sessões conduzidas pelo Professor Crawford em Belfast. O Dr. Crandon ficou tão intrigado que se perguntou se conseguiria obter resultados semelhantes no seu próprio lar. Numa série de sessões regulares, descobriram que a sua esposa era a médium. O primeiro a comunicar foi o irmão dela, o canadiano Walter Stinson, que foi morto num acidente ferroviário. Depois de Walter ter provado a sua sobrevivência de formas que não deixavam dúvidas sobre a sua identidade — e o Dr. Crandon não era fácil de convencer —, tornou-se o génio espiritual presidente em todas as sessões da sua irmã.

Primeiro tiveram fenómenos psíquicos elementares, que consistiam em movimentos da mesa e mensagens soletradas por pancadas e batidas. Mais tarde veio o transe, a voz direta, a produção de ectoplasma, a materialização, a passagem de matéria através de matéria, a escrita automática, alguma dela em línguas estrangeiras, e a correspondência cruzada.

A prova era cumulativa. Embora ao início pudesse ter havido uma explicação alternativa para uma fase dos fenómenos, tomados no seu todo tornou-se claro para eles que a inteligência de Walter estava a dirigir os resultados. Uma característica significativa era o facto de ele anunciar de antemão os resultados que seriam mais tarde obtidos, demonstrando assim que havia uma intenção em ação.

Um dia Walter perguntou: “Que mais provas exigem?” Disseram-lhe que as impressões digitais eram consideradas provas irrefutáveis de identidade. Walter pediu-lhes que providenciassem cera e água quente na sala de sessões, e impressões digitais do polegar, que ele dizia pertencerem-lhe, começaram a chegar. Conseguiram confirmar estas com parte da impressão do polegar de Walter encontrada numa lâmina de barbear que ele tinha usado pouco antes da sua morte.

Não satisfeito, contudo, o infatigável Walter introduziu variantes. Ao início, as impressões digitais espirituais do polegar eram positivas, o que é o resultado normal. Estas foram seguidas por impressões digitais do polegar negativas, uma "impossibilidade" física, pois significava que as cristas se tornavam sulcos e os sulcos se tornavam cristas. A fase seguinte foi produzir outra "impossibilidade", impressões digitais do polegar negativas que eram tanto convexas como côncavas. Finalmente, Walter complicou as coisas com impressões digitais do polegar em espelho, de modo que, embora correspondessem às outras, crista por crista e sulco por sulco, estavam invertidas.

Todas estas impressões digitais do polegar, que ele produziu 131 vezes, mostravam, quando ampliadas, detalhes perfeitos da anatomia normal da pele, glândulas sudoríparas e as lacetas e espirais características, conforme confirmado por funcionários da polícia em Washington, Boston, Berlim, Munique, Viena e pela Scotland Yard.

Em todas as sessões em que as impressões digitais do polegar foram obtidas, foram tomadas precauções para imobilizar a médium. Os seus tornozelos e pulsos foram amarrados. Sentava-se numa cabina aberta, habitualmente um nicho ou canto da sala, com as mãos enfiadas através de "vigias". Margery Crandon, que suportou todos estes testes sem se queixar, concordou em ser revistada antes e depois das suas sessões, e consentiu inclusive em que lhe cosessem um fato de uma só peça e, depois, em ser amarrada e presa à sua cadeira com fita cirúrgica.

Foi uma vez sugerido a Walter que a sua impressão do polegar tinha semelhança com a de um homem vivo. Isto não era realmente um argumento contra a natureza supernormal dos seus resultados, mas uma alegação de que as impressões digitais não eram uma prova infalível de identidade. A resposta de Walter foi reproduzir ambas as suas mãos em cera.

Foi por conhecer todo este historial que fiquei encantado quando Walter, numa sessão improvisada, sugeriu que fizéssemos um teste de correspondência cruzada. Um dos convidados nessa noite era o Capitão John W. Fife, chefe do estaleiro naval de Boston. Walter

pediu ao Capitão Fife que escolhesse seis pessoas, as quais deveriam escolher uma palavra ou objeto na noite seguinte, às 19 horas. Depois, disse Walter, tentaria transmitir essa palavra ou objeto a Margery Crandon e a Sary Litzelman, outra médium de Boston que obtinha os seus resultados por escrita automática.

O Capitão Fife ia iniciar na manhã seguinte uma viagem de automóvel com os seus filhos. Sabia que iria andar de carro por New Hampshire, mas não fazia ideia de onde estaria às 19 horas. No entanto, prometeu encontrar um grupo para escolher uma palavra ou objeto e fazê-los assinar uma declaração dizendo o que tinham feito. Combinámos com o Capitão Fife que, após essa escolha ter sido feita, ele telefonaria para a Loja de French em Royalston, a cerca de setenta milhas de Boston, e lhes daria essa palavra ou objeto.

Margery Crandon tinha uma propriedade no campo, que era uma coleção de cabanas numa floresta, a cerca de uma milha de Royalston. Na manhã seguinte, esta médium, a minha esposa, William H. Button, então presidente da Sociedade Americana para a Investigação Psíquica, e eu partimos para Royalston. Sary Litzelman e o seu marido já se encontravam instalados numa das cabanas da floresta. Nenhuma destas cabanas tinha telefone. A Loja de French foi escolhida por ser o local mais próximo com um telefone. Quando chegámos a Royalston, passei por lá e vi o gerente, um Sr. Wilcox, e pedi-lhe que anotasse qualquer mensagem que recebesse por telefone pouco depois das 19 horas e que eu passaria mais tarde para a recolher.

Às 19h10, Margery Crandon sentou-se numa cabana e Sary Litzelman noutra, sem qualquer meio possível de comunicação normal entre elas. Na presença do Sr. Button, do seu criado japonês e de mim próprio, Margery Crandon escreveu as palavras “Melancia” [*Water Melon*]. Sary Litzelman, na presença da minha esposa, escreveu as mesmas palavras. Incidentalmente, as comunicações da Sra. Litzelman eram sempre recebidas em escrita especular, o que significava que tínhamos de as colocar em frente a um espelho antes de as podermos ler. Enquanto Margery Crandon escrevia, o criado japonês brincava com o cão dela, fazendo-o rosnar. A médium disse-lhe para parar, mas a distração não fez qualquer diferença aparente na sua escrita.

Fui de carro até à Loja de French e recolhi do Sr. Wilcox a mensagem que ele recebera por telefone escassos minutos antes. Entregou-me um envelope selado. Dentro dele, num pedaço de papel, encontrei escrito “Melancia”. Mais tarde, obtive uma declaração assinada por todos os que tinham participado nesta experiência psíquica. O Sr. Button, que estivera envolvido em várias experiências semelhantes, contou-me que estas só tinham sucesso quando propostas por Walter, ou conduzidas com a sua aprovação.

Durante a minha visita, Margery Crandon deu uma demonstração da sua capacidade de nomear corretamente os naipes e valores de cartas de jogar que não conseguia ver. Foi o Sr. Button quem sugeriu a ideia. Tinha estado a ler sobre experiências semelhantes conduzidas pelo Professor J. B. Rhine, que tinham atraído comentários a nível mundial. A Sra. Crandon concordou com um ensaio, mas recusou-se a considerá-lo um assunto sério. Participou nele aos bochechos, conforme vinha da cozinha para a sala de jantar, onde estávamos sentados, durante as suas preparações para o almoço.

Na carruagem Pullman vinda de Nova Iorque, o Sr. Button, um distinto advogado de empresas, tinha comprado dois baralhos novos de cartas de jogar. Estes foram-me entregues e eu quebrei os selos. Os dois baralhos, notei, tinham um desenho semelhante no verso das cartas. Deles escolhi vinte e cinco cartas: ases, reis, damas, valetes e dezures. Uma a uma, ergui cada carta, com o verso voltado para a médium, a sete pés de distância, enquanto a minha esposa, o Sr. Button, o Capitão Fife e eu olhávamos para as faces das cartas.

Margery Crandon nomeou vinte e uma cartas corretamente, sem qualquer hesitação. As quatro que falhou foram todas dezures. Destas, duas foram erradamente nomeadas, mas, por sua própria retificação, designou-as corretamente, num dos casos à segunda tentativa e no outro à terceira. Estas correções foram voluntárias da sua parte, sem qualquer insistência por parte de nenhum de nós.

Os dezures pareciam ser os que causavam dificuldade. Peguei nos cinco dezures, coloquei-os juntos no meio das outras vinte cartas. Desta vez, a médium encontrava-se a quinze pés de distância. Margery Crandon nomeou imediatamente vinte e quatro cartas corretamente,

incluindo quatro dos dezures. O quinto dez chamou-o erradamente ao início, mas corrigiu-se imediatamente. Para esta experiência, a minha esposa ergueu as cartas com o verso voltado para a médium, enquanto o Sr. Button, o Capitão Fife e eu observávamos.

Quando felicitámos a médium por este assinalável sucesso, ela respondeu, com um riso, que aquilo não era nada. Era tão fácil, acrescentou, que propunha "mudar a influência" para a minha esposa. Enquanto sob esta alegada influência, a minha esposa conseguiu atingir um elevado grau de precisão ao nomear cartas não vistas, produzindo resultados que estavam muito para lá daqueles que viriam do acaso. Não posso pretender explicar o que era esta "influência". Tudo o que sei é que, em muitas ocasiões desde esse dia, repeti a experiência com a minha esposa, mas os resultados nunca excederam os que se obtêm por acaso.

Capítulo 11

OS MÉDIUNS NASCEM

Tudo muito bem, poderá dizer-se, narrar estes exemplos de fenómenos psíquicos, mas como é que um médium descobre que é médium? Haverá algum padrão comum a eles? Existe, como verá, e a evidência é a de que nascem com um dom latente.

Estelle Roberts, talvez a mais versátil de todos os médiuns, teve a sua primeira experiência psíquica quando tinha oito anos de idade. Não guarda uma memória agradável do incidente, pois resultou em ser severamente repreendida por um pai zangado por contar mentiras. Numa sala no terceiro andar da casa deles, ela e a sua irmã mais velha preparavam-se para a escola.

As duas crianças ficaram surpreendidas ao ouvir três pancadas na janela. Simultaneamente, a sala escureceu. Pareceu como se uma nuvem pesada tivesse lançado uma sombra na janela. A jovem Estelle, sobressaltada, olhou para cima. Receosa de que a visão com que topou os seus olhos pudesse aterrorizar a sua irmã, gritou: "Não olhes!" Naturalmente, a irmã olhou — e desmaiou prontamente.

Estelle ficou colada ao sítio por uma visão de um cavaleiro em armadura reluzente. Parecia estar suspenso no espaço, do lado de fora da janela. Uma espada cintilante encontrava-se na sua mão estendida. A sua viseira estava levantada. Embora tenha passado mais de meio século, Estelle Roberts consegue ainda recordar as suas feições marcantes. Os seus olhos profundamente penetrantes sondaram os da jovem médium, a quem fez sinal. No momento seguinte, tinha desaparecido.

Tendo ouvido o grito da irmã, o pai correu para cima. Quando Estelle relatou entusiasmada o que vira, ele ralhou com ela por inventar uma história tão fantástica. “O que viste deve ter sido um morcego”, foi a sua resposta esmagadora. Mas Estelle Roberts considerou sempre este curioso acontecimento psíquico como uma introdução àquela que viria a ser a missão da sua vida. Só quando atingiu a meia-idade é que a figura do cavaleiro lhe reapareceu.

Na escola, Estelle era uma criança comum, mas diferia das suas companheiras num aspeto marcado. Ouvia constantemente “vozes” e via aparições. Outras crianças chamavam-lhe sonhadora, sem se darem conta de que ela estava fascinada a escutar vozes que mais ninguém conseguia ouvir. Quando mencionava este estranho acontecimento aos seus pais, que eram boas e sólidas pessoas de igreja, eles acusavam-na de sofrer de uma imaginação viva demais.

O seu primeiro emprego, à idade de quinze anos, foi o de ama. Esperava que o trabalho pudesse ocupar de tal modo a sua mente que as estranhas manifestações seriam excluídas, mas as vozes continuavam a persistir, tal como as visões. À medida que conduzia uma criança no carrinho de bebé, as formas espirituais pareciam segui-la. Conseguia ouvi-las a falar. Contavam-lhe coisas que não sabia e que não poderia sequer ter adivinhado.

Não compreendendo que possuía poderes psíquicos, Estelle tentou suprimi-los. Gradualmente, a compreensão foi-se impondo de que era realmente diferente das outras raparigas. Na sua ignorância, tinha receio de poder enlouquecer. Aos dezassete anos casou-se e encontrou um marido devotado, a quem confiou os seus receios. Ele

mostrou-se compreensivo, mas, nada sabendo sobre Espiritualismo, concluiu que a sua jovem esposa estava doente.

Uma noite, enquanto jazia na cama, viu, clarividentemente, uma figura passar lentamente pela sala. Porque reconheceu a forma, disse ao seu marido: "A tua tia está morta."

Com uma suspeita natural, ele perguntou: "Como é que pode saber?". Ela não sabia explicar, a não ser que sabia. Logo na manhã seguinte, chegou um telegrama a confirmar a morte da tia na noite anterior.

Depois, a tragédia instalou-se na sua vida. O seu marido, que nunca fora um homem forte, adoeceu gravemente. Ela teve de trabalhar arduamente para *sustentá-lo a ele e aos seus três filhos*. As suas vozes tentavam animá-la e confortá-la, mas parecia que eram portadoras de más notícias. Quando viu as formas espirituais reunirem-se em redor da cama do marido, soube que tinha chegado o momento de ele se despedir. Mandou os filhos sair de casa e sentou-se sozinha com o marido, cuidando dele nas suas últimas horas terrenas. Psiquicamente, tinham-lhe dito que ele não iria recuperar. Sentou-se à cabeceira da cama, aguardando a inevitável despedida.

À medida que esta se aproximava, viu duas formas espirituais a partilhar a sua vigília. Eram os pais do seu marido. Calmamente, enquanto o marido dava o último suspiro, ela notou um cordão fino, quase transparente, que parecia desprender-se lentamente da cabeça dele. Gradualmente, uma substância semelhante a seda emergiu de outras partes do corpo até que, finalmente, a forma espiritual completa do seu marido ficou visível para ela. Parecia ser uma réplica separada e viva do corpo que jazia na cama. Lentamente, este corpo espiritual foi retirado da sua visão. Com ele foram os médicos espirituais que tinham vindo para ajudar a passagem do seu marido para a sua nova vida. Os pais, que tinham vindo recebê-lo, também desapareceram.

Havia poucos chorosos no funeral. Ninguém ofereceu uma palavra de conforto à jovem viúva lavada em lágrimas. Ela permaneceu junto à sepultura aberta, uma figura solitária e desamparada. As lágrimas corriam-lhe pelas faces ao pensar nos filhos e no futuro sombrio que os aguardava, a eles e a si própria. O

encorajamento veio de uma fonte inesperada. Enquanto o clérigo lia o serviço fúnebre, os seus olhos fitavam a sepultura. Ficou sobressaltada ao ver o corpo espiritual do seu marido a pairar sobre o caixão. A visão era tão clara que ela conseguia reconhecer as suas feições. Ele sorriu docemente e pareceu emanar dele um encorajamento, transmitindo-lhe, de alguma forma, que não devia desesperar.

"Do pó ao pó, da cinza à cinza", entoou o clérigo. As palavras não a preocuparam, pois, diz ela: "Percebi naquele momento que o meu marido não me tinha realmente deixado".

Embora a experiência tenha trazido consolação, ainda havia problemas materiais a enfrentar — um deles era como ganhar dinheiro suficiente para sustentar os filhos.

Seguiu-se uma busca cansativa por trabalho. Eventualmente, encontrou um emprego como empregada de mesa num café a milhas de distância. Era uma existência árdua. Tinha de sair de casa às 7 da manhã e não regressava antes das 11 da noite. Todas as noites, após o longo dia de labuta, a viúva cansada tinha de preparar as refeições da família para o dia seguinte. Embora exausta com os seus esforços, o seu poder psíquico continuava ativo.

"Todos os dias", diz ela, "enquanto com os pés doridos percorria o chão do café, conseguia ouvir as minhas vozes e ver as minhas visões. Atrás das cabeças dos clientes que eu servia, conseguia ver as formas de 'anjos da guarda'. Eu poderia ter dado a esses clientes algo muito mais valioso do que as salsichas com batatas fritas que a maioria deles comia. Se eu tivesse compreendido, ter-lhes-ia dado alimento espiritual."

Sabiamente, guardou segredo, percebendo que se tivesse relatado as suas visões seria considerada louca e possivelmente perderia o emprego. Mesmo assim, continuava a não perceber a verdadeira explicação, a de que possuía mediunidade. Depois veio o que provou ser o ponto de viragem. Uma vizinha convidou-a a assistir a uma sessão espírita. Ela foi assinalada pela clarividente, que disse: "Você é uma médium nata. Tem um grande trabalho a fazer no mundo".

Esta foi a primeira explicação que recebeu sobre as suas vozes e visões. No entanto, antes de decidir juntar-se aos espíritas, sentiu que

era essencial que algum sinal psíquico lhe fosse concedido. Quando o disse à clarividente, que era uma médium experiente, foi-lhe pedido que seguisse um determinado procedimento. Durante uma hora, em noites consecutivas, foi dito a Estelle Roberts que se sentasse a uma mesa. O sinal que procurava viria então. A Sra. Roberts concordou em tentar a experiência. Durante seis noites sentou-se fielmente, mas nada aconteceu.

Cética e algo irritada, retomou a sua vigília na sétima noite. Quando a hora estipulada terminou, levantou-se com desgosto. "Pronto, já chega", disse para si mesma. "É o fim do Espiritualismo no que me diz respeito." Com a intenção de ir para o quarto dos filhos, caminhou em direção à porta. Enquanto se movia, sentiu algo a pressionar a parte de trás do seu pescoço.

A pressão continuou à medida que se aproximava da porta. Intrigada, olhou para trás e viu que a mesa à qual estivera sentada estava suspensa no ar. Uma das bordas estava de facto a tocar-lhe no pescoço. Contemplou o espetáculo de uma mesa a meio caminho entre o chão e o teto, mantida firme sem qualquer apoio aparente. Enquanto observava, a mesa moveu-se de volta pela sala e desceu suavemente para o chão na sua posição original.

Tendo ouvido dizer que se as mãos fossem colocadas sobre a mesa, se dizia que mensagens eram batidas nela, pensou em tentar a experiência. Uma mensagem veio por meio de batidas, usando um código que já lhe tinha sido explicado — uma batida para "a", duas para "b", três para "c", etc. A mensagem era: "Eu, Nuvem Vermelha, venho trabalhar para a humanidade". Esta mensagem foi a sua primeira ligação consciente com o seu guia. Marcou o início de uma grande cooperação que, em quarenta anos, trouxe conforto a milhares de pessoas que choravam os seus mortos.

Mais dramas foram reencenados numa cabana em Tankerton, na costa de Kent, do que em qualquer palco de qualquer teatro do mundo. É a casa de Gladys Osborne Leonard, por vezes conhecida como "A Rainha dos médiuns ingleses". Nesta pequena casa, em muitas centenas de ocasiões, houve reencontros emocionantes entre os vivos e os mortos. Os acontecimentos artificiais do palco desvanecem-se na

insignificância quando comparados com os soberbos dramas em que a Vida e a Morte desempenham os papéis principais. Curiosamente, a Sra. Leonard experimentou a sua primeira mediunidade de transe sob o palco do London Palladium quando era uma atriz em digressão.

Alcançou a fama através dos tributos públicos prestados à sua mediunidade por Sir Oliver Lodge. O prestigiado cientista, depois de assistir, inicialmente de forma anónima, a muitas das suas sessões, ficou convencido de que tinha recebido comunicações indiscutíveis do seu filho, Raymond, uma vítima da Primeira Guerra Mundial. Ele registou parte das suas provas em Raymond e noutros livros.

Foi através dos poderes psíquicos da Sra. Leonard que Robert Blatchford, durante anos um racionalista com uma perspetiva agnóstica que era quase militante, provou a sobrevivência da sua esposa, um facto que o obrigou a mudar toda a filosofia da sua vida. Mesmo assim, disse-me ele, durante anos mais tarde perguntou-se se "não seria bom demais para ser verdade". O chanceler R. J. Campbell, o distinto teólogo, também foi um dos clientes habituais da Sra. Leonard. Após uma longa busca psíquica, declarou ter recebido, através das sessões dela, a sua prova final da vida além-túmulo.

Quando conhecemos a Sra. Leonard, ela é tão modesta e reservada que acharíamos difícil acreditar que é uma das maiores médiuns de transe do mundo. Tudo começou quando, em criança, tinha visões que mais ninguém conseguia ver. Todas as manhãs, logo após acordar, enquanto se vestia ou tomava o pequeno-almoço no quarto das crianças, cenários belíssimos surgiam diante do seu olhar. Fosse qual fosse a direção para onde olhasse, as paredes, a porta ou o teto desapareciam. No seu lugar surgiam gradualmente vales com encostas suaves, margens e árvores encantadoras, e por todo o lado flores de todas as cores e formas. A cena parecia sempre estender-se por muitas milhas.

Ela tinha consciência, embora não soubesse explicar porquê, de que conseguia ver muito mais longe do que era possível com o cenário normal e físico ao seu redor. Embora fosse demasiado jovem para compreender, sabia que estava a olhar para vistas que não pertencem a este mundo. Lembra-se de pensar para consigo que grande contraste

havia entre o cenário e as pessoas das suas visões e aqueles que entravam no alcance da sua visão normal.

Os indivíduos das suas visões eram vastamente diferentes daquilo a que ela chamava as pessoas "cá de baixo". Transmitiam sentimentos de paz, luz e amor. Nunca havia um sinal de dúvida, medo ou mistério. "Tudo parecia demasiado expressivo de amor e alegria", diz ela, "para estar de alguma forma ligado ao estado insatisfatório em que eu vivia mentalmente." Na altura, não considerava as visões como anormais, ou sequer invulgar. No entanto, algum instinto fê-la manter o silêncio sobre elas.

Pensava que todos os outros à sua volta viam estas cenas, ou cenas semelhantes, mas não as depreciavam devidamente nem se detinham na sua beleza como ela fazia. Enquanto experienciava estas visões, costumava olhar para os rostos dos adultos que por acaso estavam na sala e ficava surpreendida ao notar quão desinteressantes e inertes eram as suas expressões, apesar das glórias que se revelavam à sua vista.

Uma manhã, como um mimo especial porque o seu pai ia para a Escócia, foi-lhe permitido descer para o pequeno-almoço em vez de o tomar no quarto das crianças. Tirada rapidamente da cama e enfiada num roupão, mal acordada, sentou-se à mesa do pequeno-almoço a olhar sonolenta para a parede oposta. A sua vista favorita do "Vale Feliz", o nome que lhe dava, começou a aparecer. Em vez de se abster de o mencionar, disse casualmente ao pai: "Não é um lugar especialmente bonito o que estamos a ver esta manhã?".

"Que lugar?", perguntou ele. A jovem Gladys apontou para a parede da sala de jantar, que estava vazia, exceto por duas espingardas ali penduradas. "Do que estás a falar?", perguntou o pai. A sua tentativa de explicação trouxe toda a família para o seu redor, todos agitados, ansiosos e irritados.

Ao início, sustentaram que ela estava a inventar, mas não conseguiram abalar a sua persistência. Descreveu muitas das suas visões com tantos detalhes que eles foram forçados a concluir que havia algo nelas, mas o que quer que fosse não estava de acordo com a

forma convencional de verem as coisas. O seu pai proibiu-a severamente de ter mais visões.

A faculdade psíquica surge naturalmente em muitas crianças, mas, infelizmente, com demasiada frequência tem de ser suprimida por pais que acreditam que são causadas por alucinações que requerem atenção médica. Apesar da proibição do pai, Gladys continuou a ter as suas visões e a familiarizar-se com as pessoas que nelas apareciam.

Para horror dos pais, escolheu o palco para carreira e viajou com uma companhia de repertório. Numa cidade, foi atraída por um letreiro que indicava uma reunião espírita, mas não ficou impressionada quando a visitou. Algo a impeliu a fazer uma segunda tentativa.

Desta vez, foi assinalada pela clarividente e recebeu uma mensagem espiritual de um primo cuja descrição foi prontamente capaz de reconhecer. Quando contou à mãe, esperando que esta notícia fosse bem-vinda, foi admoestada com o pedido de nunca mais mencionar o assunto. Gladys relatou que parte da mensagem era uma profecia de que estava a ser preparada para um trabalho especial, mas a mãe foi inflexível na sua recusa em ser associada ao Espiritualismo.

Outra mensagem espiritual previu como Gladys iria conhecer o seu marido. Achou difícil aceitar a previsão devido às roupas grotescas e à aparência do homem que lhe foi descrito. Ao apresentar-se num teatro de Whitstable, corria escadas acima para fazer a sua entrada no palco quando tropeçou num cesto de adereços e caiu de cabeça nos braços do encenador, que vinha a descer as escadas.

Ele também desempenhava um papel na produção. O figurino e a maquilhagem que usava correspondiam exatamente à descrição da médium. Enquanto jazia nos seus braços, ele beijou-a e ela correspondeu. “Soube que tinha chegado a casa”, diz ela. O deles foi um casamento idealmente feliz até que terminou, no sentido terreno, com a morte do marido na sequência de uma lesão nas costas.

Entretanto, nos bastidores e nos camarins por todo o país, Gladys Leonard e os seus amigos usavam cada momento livre disponível para se sentarem em sessões de mesas giratórias. Durante as primeiras

vinte e seis sessões, não houve resultados. Na vigésima sétima, surgiu uma comunicação de alguém que se autodenominava “Feda”, que afirmou que Gladys se tornaria uma médium de transe. Isto não agradou à atriz, mas Feda disse que conseguiria trabalhar melhor através dela em transe. Um aspeto curioso sobre Feda é que ela afirma ser uma antepassada da sua médium.

Gladys Leonard estava a trabalhar no London Palladium. Os camarins estavam superlotados. Ela e os seus amigos não conseguiam encontrar um local tranquilo para realizar uma sessão. Uma noite, deambulando pelo teatro, quando tudo parecia sem esperança, descobriram uma escada muito íngreme e estreita que descia do palco. Embora não tivessem o direito de o fazer, desceram a escada.

Deram por si numa sala grande e deserta, com motores e maquinaria que eram utilizados para o aquecimento, iluminação e outros fins do teatro. Este parecia o local ideal. Não havia ninguém à vista. As paredes e o teto eram tão grossos que conseguiam ouvir muito pouco, exceto o baque abafado da maquinaria. Descobriram um canto limpo, que parecia um refúgio de paz depois de todo o barulho e algazarra lá de cima. O seu marido, que tinha regressado das províncias e, felizmente, tinha sido contratado para esta produção pouco antes de ela estrear, conseguiu uma mesa e três cadeiras. Esconderam-nas lá em baixo, esperando desesperadamente não ser descobertos.

Entre as nove e as dez horas de cada noite, quando não eram necessários no palco, determinaram realizar as suas sessões. Ficaram encantados com os resultados. Feda soletrava mensagens, repetindo de cada vez que iria incorporar a Sra. Leonard, mas nada acontecia. Os seus dois amigos, Agnes e Nellie, e o seu marido mantiveram o entusiasmo, mas Gladys Leonard ficou cansada e impaciente. O teatro, então novo, fora construído por Sir Walter Gibbons, que era o diretor-geral da empresa proprietária. Nada sabiam sobre ele e nunca o tinham visto até virem para o Palladium para esta produção especial.

Uma noite, como de costume, a Sra. Leonard preparou-se para uma sessão enfadonha. Feda tinha desistido de soletrar mensagens através da mesa, dizendo que queria concentrar-se inteiramente em

incorporar a sua médium. Notaram que Sir Walter, que tinham começado a conhecer de vista, tinha descido à sala das máquinas e andava de um lado para o outro, com as mãos cruzadas atrás das costas.

Tinham chegado um pouco mais cedo do que o habitual, por isso sentaram-se em silêncio esperando que ele não os notasse na penumbra. Ele olhou para eles de relance e, para surpresa deles, não lhes ordenou que se fossem embora, como esperavam. Em vez disso, ocupado com o seu problema, continuou a andar de um lado para o outro a cerca de cinquenta ou sessenta pés de onde estavam sentados. "Será que ele nunca mais se vai embora?", pensaram.

Enquanto esperava, a Sra. Leonard caiu no que parecia ser um estado de sonolência invulgar. Sentia-se mais pessimista do que nunca em relação aos seus alegados poderes psíquicos. A sensação de sonolência e cansaço aumentou. Preguiçosamente, pensou: "Está mais escuro do que o habitual esta noite. Estou cheia de sono; eles não vão notar se eu dormir um pouco". Adormeceu. Quando acordou, não saberia dizer se tinha estado ausente por horas ou por minutos. A cena com que se deparou ficou indelevelmente gravada na sua memória. Agnes e Nellie estavam inclinadas sobre a mesa, segurando as suas mãos. Notou que estavam agitadas. Quando Nellie acendeu a luz, Gladys Leonard viu que as lágrimas brilhavam nas faces das suas duas companheiras.

"O que é que se passa, em nome de Deus?", perguntou ela. "Passa-se!", respondeu Agnes. "A Feda esteve a incorporar-te e a dar-nos mensagens espirituais dos nossos parentes. A mãe da Nellie comunicou. Tivemos um momento maravilhoso."

Na primavera de 1914, Feda disse que um terrível desastre iria acontecer ao mundo e que esperava ajudar muitas pessoas através da Sra. Leonard. Embora não se sentisse atraída pela ideia de se tornar uma médium profissional, as circunstâncias compeliram-na a adotar esse rumo. Depois veio a guerra, com a sua tragédia de luto para milhares de pessoas.

Gladys Leonard provou ser tão bem-sucedida como médium que rapidamente subiu à fama. Em cinquenta anos de serviço dedicado, ao

qual subordinou todas as outras atividades, conquistou o respeito mundial. Mesmo os anti-espíritas hostis e os investigadores psíquicos céticos elogiaram a sua probidade e a sua dedicação exclusiva à sua mediunidade.

Uma das muitas pessoas que procurou o seu auxílio psíquico na aflição, e que se tornou assistente regular nas suas sessões, foi Sir Walter Gibbons. Ele riu-se quando, depois de se tornarem grandes amigos, ela lhe lembrou a primeira vez que se tinham visto, sob o palco do Palladium.

A previsão de Feda concretizou-se numa longa e bem-sucedida missão que alcançou o propósito desta parceria aparentemente predestinada. Uma característica marcante das suas sessões durante muitos anos é o facto de os assistentes ouvirem frequentemente a voz de Feda a pronunciar frases ou sentenças antes de esta as repetir através da sua médium em transe.

A Sra. Leonard, cuja juventude foi preenchida com visões do outro mundo, teve outrora uma curiosa experiência fora do corpo. Nesta viagem astral, visitou o quarto de um homem que jazia em grande sofrimento na sua cama. Por uma razão desconhecida, administrou-lhe cura. Quando estava prestes a deixar o quarto para a viagem de regresso a casa, foi acometida por um acesso de tosse violenta. No momento seguinte, acordou sobressaltada para encontrar o seu marido com alguma ansiedade devido ao seu paroxismo muito real.

Enquanto estava deitada a pensar na sua experiência astral, percebeu que o homem que vira na cama era Sir Arthur Conan Doyle. Com alguma hesitação, escreveu-lhe, descrevendo a sua aventura noturna. Em resposta, recebeu um telegrama que dizia: “Por favor, venha imediatamente”. Quando chegou a casa dele, Sir Arthur contou-lhe que estivera desesperadamente doente nessa noite. A porta abrira-se e a figura de uma mulher entrara no quarto. Acrescentou que essa mulher se aproximou dele e lhe deu um tratamento de cura. “Depois, quando estava a sair”, disse ele, “ouvi-a ter um acesso de tosse violento!”

A Sra. Leonard, cuja mediunidade confortou milhares de pessoas enlutadas, teve ela própria de enfrentar a prova de fogo do luto. O anjo da morte visitou o seu lar e levou o seu amado marido, que estivera doente durante anos após suportar a dor como um mártir. A viúva não mostrou sinais de aflição porque encarou a passagem do marido como um feliz alívio do sofrimento.

Depois, aconteceu um evento único. Gladys Leonard deu uma sessão a si própria. Querendo receber notícias do marido, combinou com a sobrinha para registar o que seria dito quando entrasse em transe. Através dos lábios da médium inconsciente surgiu uma série de mensagens íntimas do seu próprio marido, descrevendo a sua nova vida e os parentes que encontrara, e terminando com uma mensagem de amor.

"Aprendi muito com a passagem do meu marido", disse-me a Sra. Leonard, "pois ele descreveu-me detalhadamente a sua nova aventura." Isso fortaleceu a sua determinação em continuar a mediunidade à qual tinha dedicado a sua vida. É apropriado citar o seu resumo das comunicações que chegaram através dos seus poderes psíquicos: "Nunca, em todas as milhares de mensagens de que tive conhecimento durante muitos anos de trabalho, ouvi uma única palavra que pudesse ter outra influência que não fosse útil e enobrecedora no caráter e na mente do destinatário".

Como a maioria dos médiuns, Helen Shepherd teve experiências psíquicas em criança. Pelo facto de estar sempre a "ver coisas", os seus pais metodistas nutriam temores secretos quanto à sua sanidade. Quando ela, a primeira de sete filhos de um acabador de garrafas numa fábrica de vidro, descrevia os seus companheiros de brincadeira invisíveis, era repreendida por se entregar a "fantasias absurdas", especialmente quando relatava como eles entravam em casa apesar de as portas da frente e de trás estarem trancadas.

Por mais vezes que fosse censurada por "contar mentiras", Helen sabia que conseguia ver e ouvir crianças reais, porque brincava com elas. Até na escola era castigada por causa das suas visões. Contudo, uma série de outras crianças partilhou uma das suas experiências psíquicas.

Aos onze anos, a caminho da escola matinal em Seaham Harbour, ao passar por uma entrada, sentiu-se atraída por uma criança, diferente de todas as que frequentavam a escola, que estava de pé junto à janela, no interior da sua sala de aula. Helen chamou cerca de doze outras crianças e apontou para a figura junto à janela que, estranhamente, todas conseguiram ver. Decidiram que a criança devia ter ficado trancada dentro da escola por acidente.

A professora aproximou-se da multidão tagarela para perguntar o motivo de tanta agitação. Apontaram para a janela, mas a criança tinha desaparecido. As explicações delas não convenceram a professora, que escolheu Helen como a "cabecilha" de uma partida. Como castigo por "ver um fantasma", fez com que Helen ficasse de pé junto à mesma janela onde a visão tinha aparecido.

Há uma sequência estranha para este acontecimento de infância. Anos mais tarde, depois de Helen Hughes, como se passou a chamar pelo casamento, ter dado uma das suas típicas e brilhantes demonstrações de clarividência em Glasgow, uma mulher adiantou-se para a felicitar. Era a professora que a tinha castigado. Agora, com algum arrependimento, declarou: "Bem, Helen Shepherd, pensar que tudo isto começou com o fantasma!".

Cerca de três anos após o incidente na escola, Helen teve outra experiência psíquica estranha. Enquanto brincava com os amigos na rua, olhou para o céu e viu claramente as palavras: "Febre a espalhar-se". Desta vez, nenhuma das outras crianças conseguiu ver algo de invulgar. Quando a mãe de Helen ouviu esta última história, repreendeu a criança. No entanto, três semanas mais tarde, Helen apanhou a febre.

Embora pouco tempo depois Helen tenha deixado a escola para começar como aprendiz de costureira, as visões e as vozes continuaram. À precoce idade de dezoito anos, casou-se com Thomas Hughes, um mineiro. As responsabilidades da vida de uma mulher trabalhadora e o nascimento de três filhos em pouco menos de quatro anos pareceram remeter as suas faculdades psíquicas para segundo plano. Após o nascimento do seu último bebé, desenvolveu uma grave

maleita na coluna e tornou-se inválida, sem esperança imediata de recuperação.

Seguiram-se os dias mais negros da sua vida. Ao seu sofrimento constante somava-se o temor crescente provocado pelo regresso dos estranhos acontecimentos psíquicos, que a começaram a fazer duvidar da sua própria sanidade. Não havia ninguém para lhe explicar o facto simples de que era uma médium não desenvolvida, nem sequer uma visão dramática que a fizesse perceber que tinha uma missão a cumprir.

Helen Hughes tinha ficado tão doente que se esperava que morresse. Parentes e amigos reuniram-se para o que parecia o fim inevitável. Em vez disso, deu por si a caminhar num jardim de uma beleza deslumbrante, profuso em flores de todas as cores. Para sua surpresa, encontrou uma amiga idosa que sabia já ter falecido há muito tempo. Entusiasmadas com este reencontro, tiveram uma longa conversa, na qual Helen se tornou consciente de um novo fôlego de vida vigorosa, em marcado contraste com a existência miserável que tinha sido o seu destino.

"Após alguns momentos de conversa", recorda Helen, "vi uma flor que, mesmo naquele jardim de beleza inefável, parecia superar todas as outras no brilho da sua cor, e inclinei-me para a acariciar. Mas fui travada com as palavras: 'Ainda não, tens trabalho a fazer'."

Acordou e deparou-se com os seus parentes e amigos debruçados ansiosamente sobre si. Animada, disse-lhes que sabia que não ia morrer. Exteriormente, eles concordaram; interiormente, duvidaram. O seu sofrimento não tinha terminado. Durante dois anos ficou sem conseguir andar e teve de usar uma cadeira de rodas.

Enquanto jazia impotente e desgastada pela dor, começou a ouvir as vozes de pessoas que sabia estarem mortas há muito tempo, e começou a vê-las. Esta experiência recorrente alarmou-a e reavivou o medo de que a sua sanidade estivesse a quebrar sob a longa pressão da doença. Foi levada a muitos médicos, mas nenhum a conseguiu ajudar.

Foi então que as suas vozes lhe ordenaram imperativamente: "Levanta-te e caminha". Ela não conseguia andar na altura, mas

tentou. Quando pôs os pés no chão, descobriu que eles tinham vida, embora parecessem estar mortos há muito tempo. As vozes incitaram-na a perseverar. Concorrentemente, a sua saúde começou a tomar um rumo lento para melhor.

Quando o médico a visitou, ela repetiu o que as vozes lhe tinham dito. Ele, acreditando que a mente dela poderia ficar perturbada, aconselhou-a a ir para fora descansar. Mas Helen Hughes tinha ficado inspirada por uma confiança crescente nas suas vozes. Sentia que tinha ultrapassado a fase crítica. Ao início, caminhava devagar, com a ajuda de bengalas, mas eventualmente foi capaz de as descartar. À medida que melhorava, as vozes tornavam-se mais fortes, mais altas e eram mais frequentes.

Eram acompanhadas por outros fenómenos psíquicos, que eram desconcertantes. Havia batidas na parede e a sua cama tremia. Surgiu então outra complicação. Durante meses, foi visitada regularmente pela forma de uma mulher desconhecida, que via claramente, mas que não falava com ela. A visitante entrava e saía pela porta, mas ocasionalmente parecia desaparecer. De alguma forma, Helen Hughes sabia que a sua visitante já não era deste mundo.

Decidiu que a única maneira de acabar com aquelas noites sem dormir era deixar a casa assombrada. Com o marido, visitou o escritório da mina para pedir outra habitação. Descreveu as suas experiências a um funcionário que, inesperadamente, se mostrou prestável e compreensivo quando ela antecipava a ridicularização. “Por favor, não pense que estou louca”, implorou ela. Ele foi a primeira pessoa a demonstrar uma verdadeira sensibilidade para com o seu problema.

“Não está louca”, disse ele, com um sorriso amigável. Voltando-se para o marido dela, acrescentou: “Há mais no dedo mindinho dela do que no corpo inteiro de algumas pessoas”. Mais tarde, Helen Hughes descobriu que ele percebia algo do assunto porque a sua esposa era espírita, mas, infelizmente, ele não fez referência ao seu conhecimento.

Ele atendeu ao pedido deles e arranjou-lhes outra habitação em Dawdon. Se Helen Hughes acreditava que uma mudança de casa

também poria fim aos estranhos acontecimentos, cedo se desenganou. Os fenómenos eram mais insistentes do que nunca. A mudança de casa, contudo, trouxe um desenvolvimento importante, embora inesperado. Thomas Hughes, que continuava a insistir por brincadeira que "ela andava a ver coisas", começou ele próprio a ver coisas. As suas dúvidas terminaram quando vislumbrou a mulher desconhecida que se tinha apresentado à sua esposa durante muitos meses.

Foi então que o destino jogou a sua cartada decisiva. Trouxe à casa um caminhante obscuro, mas espiritualmente esclarecido, que iria transformar a vida dela. Uma manhã, após uma noite atribulada, ouviram-se três fortes batidas na porta. Era um velho calceteiro que estivera a trabalhar lá fora. Perguntou se ela podia aquecer a sua caneca de chá ao lume. Helen convidou-o a entrar. Sentiu um impulso inexplicável de relatar as suas estranhas experiências e de confidenciar com o velho. O seu longo relato incluiu o medo de perder o juízo por ouvir e ver os mortos, bem como uma menção à persistente visitante mulher.

Ele escutou com simpatia e exclamou no seu sotaque carregado de Durham: "Ora, querida, és a mulher mais rica de Dawdon. A tua visitante veio para te ajudar e vais ser uma grande médium". Instou Helen Hughes a falar com a mulher na próxima vez que ela viesse, algo que ela nunca fizera. O calceteiro era espírita. Em poucos minutos, explicou a mediunidade dela e o seu propósito. "Estás apenas a usar um sentido extra, um que está para além dos cinco comuns", disse ele. "Segunda vista é como algumas pessoas lhe chamam."

Quando ele terminou, Helen Hughes recordou uma experiência de anos anteriores, em que houvera um indício da sua carreira psíquica sem que ela se desse conta. Um marinheiro norueguês, que tinha entrado num café que ela ajudava a gerir em Seaham Harbour, disse-lhe subitamente: "Senhora, a senhora fala com anjos.

A sua mãe anjo, Margaret, diz-me que está a ajudar a senhora e a sua família". Além do facto de o nome da sua mãe ser Margaret, e de ela ter achado estranho o marinheiro mencioná-lo, a compreensão do que ele dissera não lhe tinha ocorrido. Agora que o calceteiro tinha

explicado pacientemente e com lógica os seus estranhos fenómenos, sentia que tinha alcançado o ponto de viragem na sua vida.

Durante seis meses, o calceteiro vinha ver se ela estava bem todos os dias, encorajando-a de todas as formas que podia. Por fim, aconselhou-a a visitar uma igreja espírita. Recebeu uma mensagem da clarividente visitante, uma completa desconhecida, que sabia tudo sobre as suas experiências psíquicas e previu que ela própria se tornaria uma grande médium.

Helen Hughes aguardava agora com confiança uma visita da mulher mistério. Desta vez, cumprimentou-a e obteve como resposta: "Sou a mãe do Willie Ducker". O Willie era bem conhecido de Helen porque vivia na mesma aldeia. Estava no serviço ativo e tinha sido declarado desaparecido há vários meses. Ela nunca tinha conhecido a Sra. Ducker.

Na manhã seguinte, cheia de entusiasmo, levantou-se para contar à irmã do Willie. Quando chegou, foi recebida com a notícia: "O nosso Willie foi morto". A tragédia tinha sido transmitida à irmã numa notícia trazida escassos minutos antes pelo carteiro.

Capítulo 12

SERMÕES EM PEDRAS

O Espiritualismo fornece provas de que há "sermões em pedras". Por este meio, objetos inanimados são capazes de divulgar a sua história e revelar detalhes completos sobre o meio que os rodeia e as pessoas com quem esses artigos estiveram associados.

Existem duas correntes de opinião sobre a forma como a psicometria, uma palavra grega que significa "medição da alma", é realizada. A primeira defende que não envolve mediunidade. Requer apenas uma capacidade psíquica para registar emanações e condições associadas ao objeto. A segunda afirma que a mediunidade é necessária, porque o psicometrista depende da clarividente recebida de um guia ou de outra pessoa no Além associada ao objeto ou ao seu atual proprietário. A minha perspetiva é de que ambas as explicações são possíveis e de que por vezes se sobrepõem.

As radiações de objetos inanimados podem ser comparadas com a aura que envolve um ser humano. Para um clarividente treinado, as cores na aura dão um índice preciso da personalidade, do caráter, da saúde, das inclinações, das ambições e do estado de progresso mental e espiritual. Do mesmo modo, um objeto rende os seus segredos ao psicometrista perito.

A ciência familiarizou-nos com o facto de que aquilo que parece matéria sólida é, na realidade, uma série de frequências, radiações ou vibrações. Cada objeto que esteve na nossa posse fica impregnado com a nossa aura e retém estas emanações aural. Quando um psicometrista competente manuseia qualquer artigo, é capaz de fazer um traçado da sua história e de todas as suas associações.

Recebe as impressões mais fortes relativamente aos proprietários mais recentes. Há exceções decorrentes do facto de que, onde grandes emoções, como a tragédia ou o drama, foram postas em jogo, estas deixam uma maior impressão sobre o objeto.

Demonstrações públicas de psicometria são frequentemente dadas em reuniões espíritas. O procedimento consiste em um assistente ir junto do público com cartões numerados em duplicado. Aqueles que desejam ter um artigo psicometrizado pegam num cartão numerado, fixam uma parte ao objeto e retêm a outra para fins de referência.

Grande cuidado é tomado para evitar que estes artigos se toquem uns aos outros e levem, assim, a traçados confusos. O proprietário coloca o seu objeto num tabuleiro especialmente construído, dividido em compartimentos, cada um suficientemente grande para conter apenas um artigo. O médium pega num objeto e faz o traçado, chamando o número fixado para que a pessoa a quem pertence possa acompanhar o que é dito.

A psicometria, quando feita por um expoente altamente perito como Estelle Roberts, atinge uma precisão que é notável pelos seus detalhes. Eis alguns casos que surgiram sob a minha observação.

A médium escolheu um anel que, segundo ela, tinha grande antiguidade. A sua proprietária negou a afirmação, dizendo que o tinha comprado casualmente numa pequena loja de quinquilharias de pouca importância em Islington, no norte de Londres. Intrépida,

Estelle Roberts afirmou que o anel era valioso e que o seu valor deveria ter sido reconhecido por peritos muito antes de chegar a uma pequena loja. Insistiu que a pedra do anel era antiga, embora a cravação fosse moderna.

Estava tão confiante que aconselhou a proprietária a verificar as suas afirmações. A mulher decidiu fazer disso um caso de teste e deslocou-se ao Museu Britânico, onde a opinião dos peritos confirmou a exatidão das impressões psíquicas da médium.

"Deu-me uma leitura maravilhosa de um anel de escaravelho", escreveu mais tarde a proprietária, Edith Peck, à Sra. Roberts. "Prometi informá-la do resultado da minha visita ao Museu Britânico para descobrir quando é que o anel existiu pela primeira vez. Lembra-se de eu lhe ter dito que tinha a impressão de que o anel era moderno. Eles confirmaram a sua afirmação de que o ouro era moderno, mas não a pedra. A pedra pertence ao 'Médio Império', 1700 a 1800 a.C. Havia muitos fabricados na época, e eram enterrados com as múmias.

Os hieróglifos na base são flores de lótus. Tinham algum significado sagrado nessa altura. O anel era um escaravelho genuíno. É maravilhoso que tenha conseguido obter uma imagem de tal forma precisa da múmia, pois notei várias fotografias na galeria egípcia iguais à sua descrição, e eram da referida data; o cabelo em rolos ao lado do rosto era como descreveu. Penso que, se a pedra tivesse pertencido a um rei, o seu nome estaria inscrito na base do anel, mas provavelmente a senhora está correta quanto ao sacerdote. O que eu gostaria de saber é como é que ele foi parar a uma pequena loja de joalharia em Islington."

Noutra ocasião, quando Estelle Roberts se sentiu atraída por um pedaço de pedra plano, disse: "Espero que a pessoa a quem esta pedra pertence conheça a sua história. Veio de uma longa distância. Fez outrora parte de um mosteiro ou templo. A pedra é muito antiga. Vejo com ela a morte — o pisotear de pés e condições de sangue. Mais do que uma pessoa sofreu. Estou correta?".

O membro do público que tinha fornecido a pedra respondeu que essas condições eram exatas, embora a pedra fizesse parte de um antigo castelo. "Foi retirada da cantaria", disse a psicometrista.

“Sim”, respondeu o proprietário, “fui eu próprio que a retirei do centro da parede.”

A médium continuou: “Originalmente, havia um arco no topo da parede. O edifício de onde esta foi retirada teria centenas de anos. Muitas batalhas foram travadas ali. Vejo armaduras de aço e capacetes. Vejo uma brecha na parede. Agora a parede está a ser lascada por canhões. Há corpos mortos caídos no chão. Perto dali deve haver um grande curso de água”. Fez uma pausa. “Tem também outra pedra?”, perguntou. “É perfeitamente verdade”, veio a resposta.

A Sra. Roberts acrescentou que os dois pedaços de pedra tinham sido guardados juntos. A partir das vibrações do objeto que tinha na mão, conseguiu recompor a história da segunda pedra. Tinha recebido a impressão, ao início, de um mosteiro ou capela. Obviamente, devia referir-se à outra porção de pedra, pois a médium disse: “O segundo pedaço formava parte de uma antiga capela numa vizinhança diferente. Vejo que, em algum período, pessoas reais se hospedaram no castelo. Um membro até desapareceu. Perto da posição da pedra havia uma fresta de muralha, usada como miradouro, e também através dela eram disparadas setas”.

O proprietário respondeu entusiasmado: “Retirei essa pedra de um castelo real no norte de Gales, que tem a reputação de ser o local de nascimento do Príncipe Llewellyn”.

Estelle Roberts deu a história de outro objeto escolhido do tabuleiro, desta vez um broche. “Este broche foi usado por duas pessoas”, disse ela. “Esteve espetado numa almofada de pelúcia escura. Uma das utilizadoras costumava prendê-lo numa bonita peça de renda, que ficava franzida à volta do pescoço. Também vejo alguém a estudar muito profundamente. Sinto uma mente que pondera tudo minuciosamente, uma pessoa que se está a associar agora ao Espiritualismo e que passa neste momento por uma condição mental agitada que a puxa em duas direções.”

Um membro do público respondeu que esta interpretação era exata. Disse que o broche pertencia tanto à sua irmã como a si própria.

A médium referiu o facto de a destinatária da mensagem ter o hábito de usar o broche na cintura. “Quando se curva para apertar os

sapatos", disse ela, "lembra-se subitamente de que o pode partir." A proprietária concordou que era verdade. Apenas uma semana antes, o pensamento tinha-lhe surgido novamente quando estava a apertar os sapatos.

"Este broche esteve numa gaveta com uma luva branca colocada por cima dele", disse a psicometrista. "Também vejo na almofada, onde esteve espetado, algum trabalho de missangas. Onde está a pequena corrente que costumava estar com ele?"

"Parti-a", veio a resposta.

A Sra. Roberts continuou, dizendo que o broche tinha estado deitado contra uma cruz de marfim e que também tinha estado perto de um medalhão de prata antigo. "A minha irmã é dona da cruz, e o medalhão é meu", explicou a proprietária.

"Contra que mecha de cabelo esteve o broche deitado numa pequena caixa?", perguntou a médium. "O cabelo da minha sobrinha pequena", disse la proprietária.

Relatando as suas impressões ao manusear um relógio, a Sra. Roberts afirmou que este tinha estado associado a tempos conturbados. Um dos seus proprietários tinha falecido. Tinha pertencido primeiro a um homem, depois a uma mulher e, por último, a outro homem. "Não é usado há um tempo considerável", declarou a médium. "Sinto um caráter maravilhoso. O atual proprietário do relógio é alguém que é muito paciente e que, nalgum momento, sofreu dois grandes choques. De quem é este relógio?"

"Meu", respondeu um membro do público, "e tudo o que diz é perfeitamente verdade."

"Sabe que o proprietário passou por uma grande tragédia?", perguntou a médium.

"Sim, sei."

"Sabia que ele compareceu num tribunal onde alguém lutava pela vida e deu um testemunho que foi o ponto de viragem?"

"Sei que ele compareceu num tribunal."

“Um dos proprietários sofreu um acidente muito grave”, continuou a médium. “Este relógio tem entre oitenta e cinco e noventa anos. Conhece o rapaz jovem que agora o usa?”

“Conheço.”

“E conhece a senhora que o usava numa corrente fina à volta do pescoço?”

“Claro que sim; fui eu que lho dei.”

“Sabe que este relógio esteve num lenço de bolso dobrado, de cor, perto de uma pequena navalha?”

“Sim, sei isso.”

“O que aconteceu à moeda que costumava estar presa ao relógio?”

“Tenho-a eu agora. Está na corrente fina.”

A médium referiu depois o facto de que, quando o relógio fora entregue ao membro do público, o vidro estava estalado e, consequentemente, fora colocado outro. Certa vez, o relógio fora extraviado e foi mais tarde encontrado no interior das capas de um livro. “Antes disso”, disse Estelle Roberts, “costumava ficar num livro longo e quadrado. O livro tinha uma capa vermelha.” “Tudo isso é perfeitamente verdade”, disse a pessoa que tinha trazido o relógio.

A psicometria pode ser uma forma útil de mediunidade nos casos em que um consulente vive a muitas milhas de distância. Quando o consulente envia um artigo usado ou trazido por alguém que faleceu, o médium consegue ligar o proprietário espiritual àquele que ficou na Terra. Isto envolve a adição de clarividência à psicometria e afasta aquele velho fantasma, a telepatia entre o médium e o assistente.

Tem sido minha regra nunca lidar com pedidos pessoais de correspondentes que queiram sessões por procuração, mas abri uma exceção no caso de uma mulher que era uma completa desconhecida, a Sra. Rachael Berry, de Owen Street, Burnley. Verá porquê quando ler a sua carta:

“Sou viúva à precoce idade de vinte e quatro anos. Perdi o meu querido marido após partilharmos juntos oito meses de uma vida de casados feliz. Estou absolutamente desesperada por ouvir algo sobre ele, pois tenho a certeza de que me ajudaria imenso a carregar esta cruz tão pesada. Espero que me ajude, pois estou tão desesperadamente só. Se ao menos pudesse falar com ele, ou receber uma mensagem, ficaria tão aliviada. Amava-o tão ternamente. Ele faleceu há dois meses, à precoce idade de vinte e seis anos.”

A carta, que vinha assinada “sua na dor”, também mencionava que o marido tinha utilizado um micrómetro no seu trabalho. Este partiu-se uma hora antes de ele terminar o dia. Ele nunca mais trabalhou. Comovido pela dor da autora, pedi-lhe que me enviasse o micrómetro, dizendo que tentaria obter um traçado a partir dele. “Isto é apenas uma experiência”, avisei-a, “e não se podem garantir resultados.” Poucos dias depois, o micrómetro chegou num pacote que continha outras “coisas soltas”, como a Sra. Berry lhes chamava.

Foi perguntado a Estelle Roberts se ela psicometrizaria estes objetos. Não foram fornecidos detalhes e nada foi mencionado que lhe desse a mínima indicação das circunstâncias envolvidas. Apenas foi informada de que poderia prestar auxílio a uma mulher em sofrimento. A médium psicometrizou os artigos e enviou um relato detalhado das suas impressões. Este relato foi reencaminhado para um dos meus representantes, que visitou a Sra. Berry na sua casa em Lancashire. Deve salientar-se que a Sra. Berry não conhecera Estelle Roberts, nem nunca se tinham correspondido.

Quando o meu representante terminou de lhe ler as notas da médium, a Sra. Berry expressou a sua satisfação. Explicou voluntariamente que ela e o marido tinham estado ambos empregados na mesma fábrica. Um dia, o marido disse-lhe: “Tenho más notícias: parti o meu ‘micro’”. O micrómetro estivera na sua posse desde que começara a trabalhar como jovem aprendiz.

Os esforços da esposa para o confortar não foram muito bem-sucedidos. Mais tarde, ele queixou-se de uma dor de cabeça. Ao meio-dia, a sua condição tornou-se tão grave que um médico foi chamado. O homem doente foi enviado para o hospital, onde a sua condição foi

diagnosticada como febre cerebrospinal. Três dias após ter partido o seu "micro", ele faleceu. O acidente preocupou-o tanto que, mesmo durante a sua breve e fatal doença, tentou reparar o instrumento danificado.

No momento em que Estelle Roberts manuseou o micrómetro, tornou-se consciente de que o falecido, a quem via por clarividência, tinha utilizado o instrumento e que, de alguma forma, este estava associado à sua morte. "Ele parece estar um pouco confuso e ressentido com a sua passagem", disse a médium. "Todo o seu estado é o de alguém que não desejava deixar a Terra, pois tinha tanto por que viver. Ele acha difícil ambientar-se no Outro Lado. Diz que só estava casado há pouco tempo."

A Sra. Berry tinha dito na sua carta para mim que só estavam casados há oito meses, um facto que não tinha sido, naturalmente, transmitido à médium.

Referindo-se a um dos embrulhos enviados com o micrómetro, Estelle Roberts declarou que "a caixinha continha um cravo que ele tinha usado no dia do seu casamento". A Sra. Berry confirmou este e outros factos sobre a sua passagem que a médium forneceu.

"Ele continua a levar a mão à cabeça", afirmou a médium. "Também recebo a impressão de que ele se magoou antes da sua passagem." Estes relatos eram exatos, disse a Sra. Berry. A febre tinha afetado a cabeça do marido; ele levava constantemente a mão à cabeça. Enquanto esteve doente, caiu repetidamente da cama e, consequentemente, o seu rosto e as suas mãos ficaram bastante pisados.

A Sra. Roberts tinha obtido uma série de nomes: "John, que pode ser chamado Jack, Lily ou Nellie, Jim, Tom, e as iniciais 'R.B.'". As iniciais eram as do nome da esposa, Rachael Berry. Tom era o nome do seu pai. Ele e o marido dela eram muito apegados um ao outro. Jim e Lily eram amigos que estavam a cuidar do cão do falecido. John era um grande amigo que tinha falecido após a morte de Berry e cujo corpo jazia na sepultura contígua ao local de sepultamento do seu marido.

Quando o meu representante leu as palavras da médium: “Este jovem ainda não é capaz de registar os seus pensamentos devido à sua emoção... o seu grande desejo era ter sido deixado na Terra”, a Sra. Berry compreendeu perfeitamente. Ele tinha-se manifestado com muito mais sucesso do que ela esperava, pois fora católico romano e oposto ao Espiritualismo.

Capítulo 13

PROVAS PERMANENTES DE SOBREVIVÊNCIA

Frank Leah é um artista para quem os mortos posam no seu estúdio. Durante trinta anos, usou os seus talentos combinados de clarividência e arte para retratar milhares de mulheres e crianças mortas. Em quase todos os casos, pelo facto de estes desenhos terem sido identificados por parentes ou amigos dos modelos, eles fornecem provas permanentes de sobrevivência. Ele já morreu milhares de mortes, pois inevitavelmente tem de reproduzir em si próprio as condições terrenas finais das pessoas que ganham vida no seu cavalete.

Leah nasceu com o dom da clarividência. Em criança, a sua história psíquica segue o padrão habitual — ao início ficava assustado com as formas que conseguia ver, mas que eram invisíveis para os outros. Ficava intrigado sobre quem seriam aquelas figuras, até que gradualmente lhe ocorreu que pertenciam àqueles que estão mortos.

Durante muitos anos foi jornalista e caricaturista, até que um dia decidiu combinar os seus dons. Nos primeiros tempos da sua mediunidade, recebia assistentes, que vinham sempre anonimamente, após terem marcado consultas através de sociedades espíritas.

Agora, o método habitual consiste em um potencial assistente lhe telefonar e Leah, se for bem-sucedido, começar a desenhar um parente ou amigo morto de quem telefona, que é normalmente um completo desconhecido. Enquanto Leah desenha o esboço do comunicador espiritual, a quem consegue ver por clarividência no seu estúdio de Kensington, vai fazendo um comentário vivo das provas que está a

obter. O reconhecimento é frequentemente completo mesmo antes de quem telefona ter visto qualquer retrato.

É então pedido ao assistente que visite o artista no seu estúdio. Quando chega, descobre, em muitos casos, que o desenho foi concluído. Se não estiver, o artista transforma o seu esboço num retrato, fazendo alterações fulminantes enquanto fita a figura espiritual que pousa para ele.

Normalmente, pede ao assistente que traga uma fotografia para que se possa fazer uma comparação quando o desenho estiver terminado. Por vezes, Leah tem conhecimento prévio de uma chamada telefónica. Acorda e vê um rosto espiritual à sua frente. Por clariaudiência, é capaz de manter uma conversa com o seu visitante, colhendo informações sobre quem é e por que razão regressou.

A penalização de uma mediunidade bem-sucedida do tipo praticado por Leah é que ele sente a tortura de cada enfermidade, maleita e doença — todas as dores de que os mortos sofreram antes de serem finalmente libertados da Terra. Por alguma ligação magnética, que não compreendemos inteiramente, todos os comunicadores espirituais, ao regressarem pela primeira vez, reproduzem as suas últimas condições terrenas.

Eles impressionam frequentemente Frank Leah, para fins de identificação, com incidentes ligados às suas vidas de há dez, vinte, trinta ou quarenta anos. Ocasionalmente, estes incidentes são dados com uma riqueza de detalhes. Uma mulher mostrou-se outrora a usar o vestido com que foi apresentada à Rainha Vitória. Leah viu toda a cena da corte, repleta com os seus ávidos assistentes.

Como todos os outros médiuns, ele defende que não há nada de fantasmagórico ou misterioso nestes visitantes espirituais. Não os vê como fantasmas transparentes. Tão-pouco têm qualquer semelhança com a ideia convencional de uma aparição. Parecem sólidos, vivos e, muitas vezes, mais vitais do que as pessoas que ele encontra neste mundo. Consegue caminhar ao redor deles tal como se fossem modelos a posar para um artista. Eles ficam imóveis enquanto ele toma nota da sua forma, proporções e quaisquer outras características de identificação.

Quando são personalidades fortes, mostram claramente essas características, que reproduziram temporariamente, de modo a que os parentes os reconheçam nos retratos do médium. Leah é capaz de ver cada linha e ruga, a cor dos olhos e do cabelo, e de notar traços distintivos como um sinal ou um dente partido. Dão o tipo de informação sobre si próprios, nomes invulgares, a cidade ou países em que viveram, e as suas profissões, que produz uma rápida identificação.

Leah não está em transe quando executa estes desenhos. Está perfeitamente normal. O traço marcante é a velocidade com que são feitos. Uma vez terminou um retrato completo em nove segundos. Trinta segundos é bastante comum quando se lida com bons comunicadores, mas geralmente o tempo despendido é de três a cinco minutos. Os desenhos são sempre em tamanho real. São feitos à luz do dia no seu estúdio. Frequentemente tem feito pinturas a partir dos seus desenhos. Nestas, o colorido, especialmente dos olhos, prova a realidade da sua clarividência. Em muitas ocasiões desenhou mapas de locais estrangeiros que nunca visitou, com um plano detalhado de casas e outras redondezas. Num número muito reduzido de casos, Leah demonstrou a sua habilidade como escultor ao modelar um busto do comunicador, um tributo à exatidão detalhada da sua mediunidade.

Leah empenha-se em deixar claro que depende da cooperação dos comunicadores. Não pode ordenar-lhes que apareçam. Uma viúva abastada, que estava muito ansiosa por ter uma pintura a óleo do seu falecido marido, ofereceu-lhe uma comissão de seiscentas guinas. Nada teria agradado mais a Leah do que aceitá-la, mas o marido recusou-se a mostrar-se, embora não se importasse de falar com o artista. Porque o detestava, tinha-se recusado sempre a ser fotografado.

Os comunicadores do artista incluíram pessoas de muitas nacionalidades. Leah tem um desenho psíquico de um muçulmano persa, que deu o seu nome em persa. Para mostrar que era um seguidor de Maomé, referiu Meca. Além disso, deu o nome de uma cidade, Kierbeleh, perto de Bagdade, onde o seu corpo foi sepultado. Depois de se mostrar como aparecia habitualmente, retratou a sua

imagem durante a doença que suportou antes da sua passagem, chegando a indicar o saco de gelo que tinha na cabeça.

Fui o intermediário através do qual um marido e uma esposa receberam grande conforto quando Leah desenhou a sua filha de seis anos. Esta menina, Shirley Ann Woods, tinha sofrido de leucemia, uma doença rara que é uma espécie de cancro do sangue. Quando morreu, os seus pais ficaram submersos em dor. Por minha sugestão, a Sra. Woods telefonou a Leah sem revelar o seu nome.

Ele disse-lhe imediatamente que ela procurava um retrato da sua filha. Leah deu uma descrição perfeita de Shirley Ann, comentando o seu caráter, aparência, cabelo e tez. Altura em que o artista terminou, a mãe estava convencida de que ele estava realmente a olhar para a sua filha.

Mais tarde, quando o visitou no seu estúdio, ficou radiante com a excelente semelhança que ele tinha captado. Este é um daqueles casos excecionais em que não havia uma fotografia comparativa, pois a mãe não possuía uma imagem tirada com a idade com que Shirley Ann se mostrou ao médium.

A Sra. Woods pediu ao marido que visitasse o estúdio. Ele, também, ficou impressionado com o desenho. Na sua presença, Leah fez um segundo retrato, com detalhes adicionais da aparência da filha. Em ambos os desenhos, a menina era mostrada a usar um vestido de xadrez. Mais tarde, a Sra. Woods mostrou-me este vestido, que tinha guardado.

A extensão dos sucessos de Frank Leah é indicada pelo facto de ter sido publicado um livro sobre a sua mediunidade, ilustrado com alguns dos seus desenhos psíquicos e fotografias comparativas dos modelos.

Apesar da sua constante preocupação com a morte, o riso profundo do artista revela o seu sentido de humor. Diz que teria preferido uma vida monástica. O mais próximo disso é o isolamento voluntário que a sua mediunidade acarreta. Os impulsos do seu dom psíquico e a sua capacidade de confortar os enlutados tornam a vida contemplativa impossível.

Para repor a energia psíquica utilizada pela sua mediunidade, ele vai "em retiro" para um estuário solitário, onde pode pintar até o seu coração estar satisfeito. Depois, revigorado, regressa a Londres. Ali, espera pelo toque do telefone que significa que, mais uma vez, o amor se esforça por construir uma ponte sobre o abismo da morte.

Capítulo 14

DÁDIVAS DO ALÉM

Tenho sido o destinatário de muitas dádivas do mundo espiritual. São conhecidas como aportes (do francês, *apporter*, trazer). Quando mostro a minha coleção de aportes a amigos que não têm experiência de sessões, consigo sentir o seu ceticismo, mesmo quando são demasiado educados para o expressar. Quando a cortesia é atirada ao vento e a incredulidade é expressa, não fico surpreendido.

Acharia difícil de acreditar, se não o tivesse experienciado eu próprio, que objetos possam ser transportados a longas distâncias, desafiando assim as conceções normais de tempo e espaço. Mas estou a registar factos e, como registador, devo ser indiferente às opiniões daqueles que não partilharam da minha experiência. O facto surpreendente é que algumas das dádivas espirituais realmente "cresceram" entre as minhas mãos.

Os guias dos dois médiuns que foram responsáveis por trazer estes aportes nunca levavam estas sessões a sério. Era o espírito de festa que animava os procedimentos. Na verdade, Nuvem Branca, o guia da Sra. Kathleen Barkel, descrevia-o sempre como uma festa. Era habitual receber um cartão de convite, participar nos lanches quando chegávamos e receber uma prenda antes de partirmos.

A única indicação física que a Sra. Barkel tinha de que uma sessão de aportes iria em breve realizar-se era o facto curioso de que, durante dias antes, a sua silhueta começava a inchar. No final da sessão, o seu corpo retomava o seu tamanho normal. Não sei a explicação. A minha teoria é que, de uma forma ou de outra, o seu corpo era utilizado para armazenar o ectoplasma necessário para

rematerializar os objetos após terem sido trazidos através da atmosfera, sem dúvida na sua forma atómica.

Obviamente, com objetos trazidos de milhas de distância, teriam primeiro de ser desmaterializados para que as paredes, os tijolos e a argamassa não constituíssem obstáculos. Os guias responsáveis por este fenómeno insistiam que os artigos não eram roubados. Por vezes estavam perdidos e não podiam ser reclamados porque os seus proprietários tinham falecido. Poderiam ser objetos que estivessem enterrados sob a terra ou sob a água durante anos, ou mesmo séculos.

Frequentemente, o aporte revela um planeamento cuidadoso e inteligente por parte do seu dador espiritual. Os aportes que recebi, e que vi serem produzidos para outros, variam em natureza. Alguns são pedras semipreciosas. Também vi uma safira cravada em prata, uma peça de orelha de jade cravada em ouro de nove quilates, um medalhão de ouro e um anel de ouro com três opalas e quatro diamantes.

O número de pessoas na festa da sessão não parece afetar os resultados. Estive presente com uma dúzia de outros e com cerca de cinquenta. O número de aportes recebidos numa noite variou entre doze e vinte. As maiores dádivas a chegar foram fios de contas de múmia. Um facto curioso sobre as sessões de aportes da Sra. Barkel era que a luz branca não parecia ser prejudicial. Quando as dádivas chegavam, contudo, tinham de ser protegidas da luz. Numa noite de julho, embora as persianas estivessem baixadas, a luz continuava a fluir através das janelas, de modo que todos podíamos ver o que acontecia com bastante clareza. Noutra ocasião, a iluminação era fornecida por uma lâmpada de rubi, suficientemente forte para eu ler as notas que estava a fazer.

Na primeira das sessões de aportes da Sra. Barkel a que assisti, o marido da médium pediu-me para examinar a sala. Fi-lo, para agradar ao meu anfitrião, mas nada revelou. Nuvem Branca, quando incorporava a sua médium, solicitou que uma das mulheres a revistasse. Assim foi feito. Sempre tive uma grande afeição por Nuvem Branca, que não podia ser descartado como uma personalidade secundária da médium, pois tem uma individualidade inteiramente

sua. É descontraído e genial, com um riso característico. Tem espírito e as suas saídas revelam a sua visão humorística. Chama sempre à sua médium "o meu casaco" e os aportes, independentemente da sua natureza, eram "pedras". Estas eram trazidas, dizia ele, não como um teste científico ou para confundir os céticos, mas apenas para divertir os seus amigos.

A produção dos aportes era uma experiência fascinante. Kathleen Barkel, em transe, era obrigada por Nuvem Branca a levantar-se e a caminhar pela sala com a mão direita estendida. Depois, ele costumava chamar uma ou duas pessoas para o "ajudar". Fi-lo várias vezes. Foi-me pedido que colocasse uma mão no pulso da médium e a outra no seu braço. Desta forma, caminhávamos pela sala enquanto Nuvem Branca fazia agarrados rápidos no ar com a mão que estava livre.

Subitamente, exclamava deliciado: "Apanhado! Apanhado!". Depois, colocava as mãos da médium entre as minhas duas mãos, pedindo a três ou quatro pessoas que se chegassem à frente. Cada uma tinha de colocar uma mão por cima das minhas e a outra por baixo. Isto, dizia Nuvem Branca, permitia que o objeto fosse restaurado à sua forma original. Foi-me então pedido que retirasse as minhas mãos, mas que as mantivesse unidas. Momentos depois, perguntou-me se tinha recebido a minha dádiva.

"Não consigo sentir nada", respondi.

Poucos segundos mais tarde, houve uma sensação de calor entre as palmas das minhas mãos. Depois, lentamente, senti um objeto a tornar-se sólido. "Segura-o", disse ele. "Não separes as mãos." Regressei ao meu lugar, mantendo as mãos unidas, notando que o objeto se tornava gradualmente mais frio. A cada poucos minutos, à medida que recebiam as suas dádivas, outros membros da sessão regressavam aos seus lugares, unindo as mãos. Quando a sessão terminou, estávamos livres para examinar os aportes. O meu, nesta ocasião, era uma ametista.

"Como traz estes objetos para aqui?", perguntei a Nuvem Branca. Ele respondeu: "Só posso explicar-lhe dizendo que acelero as vibrações atómicas até as pedras se desintegrarem. Depois são trazidas

para aqui e eu abrandei as vibrações até se tornarem sólidas novamente".

Noutras ocasiões, insisti por detalhes sobre como as vibrações são aceleradas e diminuídas. Nenhum foi apresentado. Talvez os acontecimentos quadridimensionais estejam além da nossa compreensão tridimensional. Pedi ao guia que explicasse os movimentos de estocada no ar com a mão da médium. "Neste trabalho", disse ele, "sou ajudado por pequenas crianças espirituais, que são muito travessas. Muitas vezes não querem largar as pedras.

Tenho de lhes distrair a atenção e fazer um agarrado. Quando incorporo a minha médium, deixei o mundo das quatro dimensões e estou em três dimensões. Para os meus ajudantes, é como se eu estivesse numa gaiola, e por isso tenho de os bajular." Acrescentou que a produção destes aportes envolvia ter o controlo temporário de alguns dos quatro elementos — terra, fogo, ar e água.

Uma dádiva significativa veio, foi-me dito, de Dennis Bradley, o autor que também era alfaiate em Bond Street. Tinha-o conhecido após o tremendo furor que ele criou com os seus dois livros descrevendo as suas provas de sessões. A dádiva de Bradley chegou de forma semelhante ao processo que já descrevi. Trata-se de um anel de ouro de nove quilates, pequeno e simples, que presumivelmente pertenceu outrora à esposa de um membro da Força Aérea Real.

No interior está gravado o lema desse serviço, *Per ardua ad astra*. Isto era seguido pela letra "B". Considero este aporte como prova de um planeamento inteligente. O lema da R.A.F. pode ser traduzido como "Através das dificuldades em direção às estrelas". O primeiro livro espírita de Bradley foi *Towards the Stars*. O apelido dele e o meu começam ambos por "B", a letra inscrita no anel.

Nuvem Vermelha, através de Estelle Roberts, tratava de igual modo as suas sessões de aportes como festas. A última a que assisti foi uma noite memorável, pois foi a resposta bem-sucedida a um "desafio" feito pelo genro da médium, Kenneth Evett. Poucos dias antes, Kenneth queixara-se por brincadeira de que nunca tinha recebido um aporte. Isto pareceu divertir Nuvem Vermelha, pois a Sra. Roberts anunciou que conseguia ver o seu guia a sorrir.

Nuvem Vermelha disse que traria como dádiva "qualquer coisa dentro do razoável". "Poderia receber um aporte do Egito?", perguntou Evett, com um tom de desafio na voz. A médium disse que a resposta do guia foi: "É melhor ter cuidado, pode receber um escaravelho". Ao que Kenneth respondeu: "Isso seria ótimo, desde que o escaravelho não estivesse vivo".

Fui uma das cinquenta pessoas que se reuniram nesta festa de aportes, que durou duas horas. Todos receberam uma dádiva e algumas vieram para indivíduos ausentes. Contei-as no final da sessão — havia sessenta e duas dádivas espirituais. A forma de produção de Nuvem Vermelha diferia da de Nuvem Branca. A sala foi escurecida, mas uma luz ténue entrava por uma janela. Uma trombeta luminosa foi colocada no meio da sala. Nuvem Vermelha falava através dela após a sua médium estar em transe. Tal como Nuvem Branca, estava de humor brincalhão e espirituoso.

Todos os aportes vinham através da trombeta, que era, como habitualmente, um megafone feito de folha de flandres. Alguns eram recebidos através do bocal estreito. Outros vinham através da extremidade larga. À medida que a trombeta girava e redopiava acima das nossas cabeças, podíamos frequentemente ouvir os objetos a chocalhar no interior, à medida que presumivelmente se solidificavam. Um facto extraordinário era que algumas das dádivas que vinham através do bocal eram maiores do que o seu diâmetro, como comprovei ao medi-las. Tal como Nuvem Branca, Nuvem Vermelha dizia deliciado: "Apanhado!". Isto indicava que uma dádiva estava pronta para apresentação. O guia nomeava o indivíduo que devia chegar-se à frente e recebê-la. Colocavam-se as mãos por baixo da trombeta e ouvia-se o objeto chocalhar até cair nas palmas das mãos.

O espírito de festa fez-se notar desde o início. Charles, o marido da médium, orgulhava-se da sua coleção de aportes. Guardava alguns deles num recipiente de pele de camurça, numa carteira que repousava num bolso abotoado, feito especialmente no interior do seu colete.

"Tens aí todos os teus aportes?", perguntou-lhe Nuvem Vermelha. "Sim", respondeu ele, batendo na ligeira saliência que sentia ao tocar no casaco. "Aqui estão dois que não tens", disse o guia.

“Chega-te à frente.” Charles moveu-se em direção à trombeta, ouviu o som familiar de chocalhar e recebeu uma vez mais os dois aportes que estavam depositados na sua pessoa quando a sessão começou.

Entretanto, à medida que aporte após aporte era recebido, Kenneth Evett esperava impacientemente. Após cerca de uma hora, um curioso som de salpicos, que lembrava ondas a quebrar, pôde ser ouvido dentro da trombeta. Depois, Nuvem Vermelha pediu a Iris Evett, esposa de Kenneth, que se aproximasse da trombeta e recebesse para o seu marido “um dos escaravelhos mais sagrados, um belíssimo exemplar”. O guia pediu que fosse manuseado com cuidado e não pressionado com demasiada força, pois ainda não estava suficientemente solidificado.

Com a minha curiosidade despertada, perguntei a Nuvem Vermelha de onde tinha vindo o aporte. “Abidos”, respondeu ele. Como nunca tinha ouvido este nome antes, indaguei se Nuvem Vermelha faria o favor de o soletrar. Ele fê-lo, letra por letra, enquanto eu registava o nome. O clímax da sessão foi a produção de cerca de uma dúzia de aportes, a jorrar através da trombeta ao mesmo tempo. Mais tarde, examinei o escaravelho com interesse. Era um belíssimo exemplar e com orla de ouro. Outras dádivas recebidas nessa noite incluíram duas figuras de Buda, algumas contas de oração e uma coleção de pedras preciosas e semipreciosas: safiras, esmeraldas, rubis, ametistas, turquesas, ónix, topázios e opalas.

Kenneth Evett proporcionou uma sequência apropriada quando o encontrei da vez seguinte. Com a curiosidade despertada, tinha ido ao Museu Britânico, ao Departamento de Antiguidades Egípcias. Ali tinha apresentado o seu aporte e pedido uma opinião especializada. Foi-lhe dito que era genuíno, um belo exemplar, do tipo habitualmente encontrado em... Abidos!

Sir Arthur Conan Doyle foi responsável por um aporte que causou uma tremenda impressão na sua família. A médium, a Sra. Caird Miller, descobriu os seus poderes psíquicos em circunstâncias extraordinárias. É uma mulher de cultura e marcada inteligência, uma escocesa com todas as qualidades de cautela associadas a essa raça.

A Sra. Caird Miller não sabia praticamente nada de Espiritualismo até que uma série de estranhos acontecimentos se sucedeu pouco depois da passagem de Sir Arthur. Entre parênteses, gostaria de mencionar que, enquanto a sua mediunidade funcionava, ela era a chefe de um empreendimento comercial e constatou que o seu faro comercial não foi de modo algum prejudicado.

Embora fosse uma viúva duas vezes enlutada, a Sra. Caird Miller não tinha interesse em assuntos psíquicos até ter uma curiosa conversa com uma desconhecida. Sentada na sala de chá de uma grande loja do West End, notou que uma mulher na sua mesa parecia ansiosa por encetar conversa com ela. A sua reserva natural fê-la ressentir-se desta aproximação de uma desconhecida, mas a mulher foi insistente. "Sou espírita", disse ela, "e vi-a numa visão esta manhã."

Este comentário irritou a Sra. Caird Miller, que considerou a desconhecida uma excêntrica. Nada, porém, demoveria a mulher, que passou a descrever uma forma espiritual que dizia estar visível para si na sala de chá. Isto fez com que a Sra. Caird Miller prestasse atenção, pois era uma descrição perfeita do seu marido, que tinha morrido não muito tempo antes.

Com a curiosidade despertada, fez uma ampla investigação sobre o Espiritualismo, acabando por descobrir que ela própria possuía um dom psíquico. Vozes inequívocas falavam-lhe e davam mensagens concretas. Muitas vezes estas vozes davam informações sobre assuntos desconhecidos para ela, mas que, ao indagar, verificava sempre estarem corretas.

Cerca de um mês após a morte de Conan Doyle, ouviu uma voz declarar em tons claros: "Sou Arthur Conan Doyle. Quero que entre em contacto com a minha esposa e lhe envie uma mensagem".

Isto surpreendeu a Sra. Caird Miller, que nunca tinha conhecido o grande escritor. Não conhecia a sua esposa nem nenhum membro da sua família. A sua reserva era uma barreira para se aproximar de Lady Doyle, a menos que estivesse absolutamente segura do terreno que pisava. "Dê-me alguma prova da sua identidade", exigiu ela. A voz respondeu dando as iniciais de cada membro da sua família. Quando fez averiguações, constatou que eram todas exatas.

Ainda hesitante, disse à voz de Doyle, quando esta repetiu o pedido da vez seguinte: “Onde encontrarei a sua esposa?”. A resposta veio de forma bastante clara. A voz deu-lhe um número de telefone, disse-lhe que não o encontraria na lista telefónica, mas referiu que era o número confidencial da casa de campo de Doyle na New Forest. Isto era um teste.

Ainda cautelosa, a Sra. Caird Miller decidiu que, antes de se aproximar de Lady Doyle, tentaria averiguar se o número estava correto. Indagou junto da central telefónica, mas deparou-se com a resposta de que não lhes era permitido divulgar tais informações.

Aqui estava um impasse. A Sra. Caird Miller hesitou por uns momentos e depois pediu à operadora para ligar para o número que a voz lhe tinha dado. O número estava correto, pois logo estava a falar com Lady Doyle. Nessa altura, a família Doyle estava a ser inundada com alegadas mensagens espirituais vindas de todo o mundo. Lady Doyle e os seus dois filhos insistiam, com razão, que não aceitariam comunicações espirituais que pretendessem emanar de Sir Arthur, a menos que fossem acompanhadas por provas irrefutáveis que demonstrassem a sua autenticidade.

Isto foi de facto uma rejeição. A Sra. Caird Miller tinha cumprido as instruções da voz e deparara-se com o fracasso. Determinou não ter mais nada a ver com o assunto. Mas Sir Arthur não se deixou desanimar. Poucos dias depois, ouviu a sua voz novamente. Ele sabia tudo sobre a rejeição, disse, mas estava determinado a provar a sua identidade através desta nova médium. “Importa-se de ir fazer uma sessão com a Sra. Deane?”, perguntou ele, “e eu aparecerei numa fotografia.”

Esta sessão com a Sra. Deane, uma médium para fotografia espírita, foi organizada de forma anónima e nenhum indício foi dado sobre o seu propósito. Quando a chapa foi revelada e uma cópia impressa, além da fotografia da Sra. Caird Miller, havia um impressionante “extra” de Conan Doyle acima da sua cabeça. Este “extra” espiritual foi mostrado a Lady Doyle, que admitiu tratar-se de algo notável, que ostentava uma semelhança inquestionável com o seu marido.

Mesmo assim, contudo, ela exigiu ainda mais provas.

Isso, pensou a Sra. Caird Miller, era a gota de água. Mas o persistente Conan Doyle forneceu a prova necessária. Esta surgiu escassos dias mais tarde, quando a Sra. Caird Miller se encontrava no seu apartamento em Londres. Tinha acordado há pouco tempo e ido para outra divisão. Quando regressou ao seu quarto, encontrou uma chave em cima da sua almofada. Olhou para a chave com espanto. Não pertencia a nenhuma porta do seu apartamento. Como tinha ido ali parar era um mistério.

Enquanto ali permanecia, pensativa, ouviu a voz agora familiar de Conan Doyle dizer: "Essa é a minha chave. Vem da porta do meu escritório, que é mantido sempre fechado, em Crowborough. Mande chamar o meu filho, Denis". Aqui estava um teste — se a afirmação fosse verdadeira.

A Sra. Caird Miller telefonou a Denis Conan Doyle para Crowborough, Sussex, e contou-lhe o que tinha acontecido. Em poucos minutos, ele tinha entrado num automóvel e estava a caminho de Londres. Chegou ao apartamento da Sra. Caird Miller e levou a chave de volta para Crowborough. Mais tarde, telefonou a dizer que era certamente la chave do escritório do seu pai. Sir Arthur tinha-a transportado a uma distância de quarenta milhas. Isso convenceu Lady Doyle.

A partir de então, a Sra. Caird Miller tornou-se a médium através da qual as mensagens espirituais eram regularmente transmitidas de Sir Arthur para a sua esposa e família.

Capítulo 15

EDGAR WALLACE REGRESSA

A fotografia espírita, quando é bem-sucedida, fornece dos melhores exemplos de prova permanente de vida após a morte. Quando se recebe uma fotografia de alguém que se ama, e se está satisfeito além de qualquer dúvida de que a produção deste extra espiritual não pode ser explicada por artimanhas, então tem-se uma mofina muito guardada.

Não culpo os céticos por assumirem que a fraude deve ser a explicação. A produção destes extras é um acontecimento tão notável que se exigem provas incontrovertíveis antes de se ficar convencido de que o rosto do parente ou amigo falecido foi colocado na chapa por poder espiritual.

A fraude, contudo, acarreta a utilização de uma organização altamente complexa que não poderia ser mantida em segredo. O médium, ou um cúmplice, deve saber antecipadamente quem vem para uma sessão. De alguma forma, deve haver acesso a álbuns de família antigos, com fotografias a ser retiradas para cópia sem que esse facto seja descoberto. Alternativamente, o médium, ou um confederado, deve saber previamente a cidade onde a pessoa falecida viveu e realizar uma busca entre os seus fotógrafos, procurando imagens tiradas entre vinte a cinquenta anos atrás.

Se estes fossem os métodos pelos quais os fotógrafos espíritas trabalhassem, seriam em breve expostos. Não se pode arrombar casas e roubar imagens de álbuns sem ser descoberto. Tão-pouco se pode realizar investigações longas e exaustivas entre fotógrafos sem levantar suspeitas. Quando uma notícia de última hora surge e uma pessoa desconhecida atinge subitamente o estrelato, há uma caça febril por parte dos repórteres entre os parentes e fotógrafos das redondezas, mas obviamente sabe-se logo o que andam a procurar.

John Myers era um dentista em Victoria quando o seu interesse pelo Espiritualismo foi despertado por um médium que lhe disse que ele possuía o dom da fotografia psíquica. Com alguns amigos e alguns espíritas simpatizantes, formou um círculo para cultivar o seu dom, com resultados rápidos e surpreendentes. A sua esposa, contudo, não ficou totalmente agradada com este desenvolvimento.

Tal como o seu marido, pertencia à fé judaica, mas, sendo filha de um rabino, era muito mais ortodoxa do que o seu parceiro. A primeira vez que a conheci, consultou-me seriamente sobre se era correto, de um ponto de vista religioso, um judeu ser médium.

Após realizar o meu próprio e rigoroso teste, fiquei satisfeito com a genuinidade da mediunidade de John Myers. Num teste posterior, Edgar Wallace viu-se envolvido numa série de acontecimentos que

eram mais fantásticos do que qualquer enredo que a sua mente engenhosa tivesse arquitetado na Terra. Embora morto, o mestre artífice da ficção de suspense superou-se com um drama do além-túmulo.

A sua história começou com o facto de eu receber um pacote que continha o que se alegava ser escrita automática de uma mulher no sul de Gales. Na sua carta de acompanhamento, afirmava numa caligrafia longe de ser literata que o manuscrito continha comunicações de Edgar Wallace descrevendo a sua vida desde o momento da sua passagem. Notei que o prefácio tinha um prólogo dedicado: "Ao meu antigo amigo Hannen Swaffer".

Como estava quase atrasado para um compromisso com o famoso jornalista, empacotei o manuscrito sem o ler e levei-o comigo. Quando cheguei ao apartamento de Swaffer, apresentei-o para a sua inspeção. Esperava que este jornalista endurecido e cínico descartasse o manuscrito e fiquei intrigado ao ver que continuou a lê-lo durante bastante tempo. Por fim, observou: "Não posso dizer se isto foi escrito por Edgar Wallace, mas emana certamente de um repórter e observador treinado".

Aqui estava um dilema. Se a escrita automática fosse genuína, a sua publicação despertaria um interesse tremendo. Segui um plano que surpreenderá os não espíritas. Na sessão de voz seguinte com Estelle Roberts, expliquei o meu problema a Nuvem Vermelha e perguntei se ele me podia ajudar. "Não faças nada em relação ao manuscrito até eu ter falado com Wallace", respondeu o guia. Duas semanas mais tarde, Nuvem Vermelha anunciou que tinha falecido com Wallace, que disse ser o autor deste texto de escrita automática.

Publiquei-o, em fascículos semanais, sob o título "A Minha Vida Depois da Morte — por Edgar Wallace", e criou um furor. Os membros da sua família não ficaram satisfeitos com a sua publicação. Bob Curtis, que fora secretário de Wallace, foi veemente em denunciá-lo como não ostentando qualquer semelhança com o estilo do seu antigo empregador.

No meio de toda esta agitação desenfreada, contratei um novo repórter. Tinha telefonado para a União Nacional de Jornalistas e

pedido que o próximo repórter que aparecesse à procura de uma vaga me fosse enviado. Surgiu um jovem chamado A. W. Austen. Foi franco ao reconhecer o seu ceticismo em relação ao Espiritualismo e declarou ser agnóstico quanto à religião.

A extensão total da sua experiência de Espiritualismo tinha sido assistir a uma ou duas reuniões quando era repórter num jornal local do norte de Londres. Contratei-o, dizendo que tudo o que queria era que relatasse com isenção o que ouvisse nas sessões e reuniões espíritas.

Uma sessão de teste com John Myers foi a sua primeira tarefa. Pedi a Austen que estabelecesse as condições que consideraria como prova da mediunidade de Myers, e todas elas foram aceites. O próprio Austen comprou as chapas numa loja da sua escolha, marcou-as de modo a impossibilitar a substituição, colocou-as nos chassis e, mais tarde, na câmara. Myers não manuseou qualquer parte do processo fotográfico. Tudo o que fez foi estar presente na sala quando as fotografias foram tiradas. O médium, que também é clarividente, descreveu a presença espiritual de Israel Zangwill, o conhecido romancista judeu. Quando as chapas foram reveladas e as cópias impressas, uma delas continha um extra de Zangwill.

A sequência da sua publicação foi uma carta de uma agência fotográfica de Fleet Street a pedir uma taxa de reprodução. Alegavam que, embora o extra não fosse uma cópia exata, se assemelhava à fotografia com direitos de autor que possuíam daquele romancista.

Expliquei a dois representantes da agência que me visitaram que o extra de Zangwill fora obtido sob condições de teste. Qualquer pagamento de uma taxa de reprodução poderia implicar que este resultado tinha sido obtido de forma fraudulenta. Como eles estavam obviamente céticos em relação à fotografia espírita, convidei-os a realizar o seu próprio teste com John Myers. Estes fotógrafos altamente profissionais estavam mais do que dispostos a passar por essa experiência. As condições, com as quais o médium prontamente concordou, foram estabelecidas.

Eles comprariam as chapas numa loja da sua escolha, rubricá-las-iam à medida que fossem colocadas nos chassis, introduzi-las-iam na

câmara, estariam presentes quando as exposições fossem feitas e encarregar-se-iam da revelação e da fixação. Myers não deveria tocar em nenhum do material utilizado. A sua parte seria dizer quando as exposições deveriam ser feitas.

O procedimento acordado foi seguido. Sem o sabermos na altura, contudo, o representante que deveria rubricar as chapas ao colocá-las nos chassis usou um instrumento pontiagudo para as cortar, de modo a que esta marca e as suas rubricas pudessem mais tarde ser identificadas. Nem o médium nem eu fomos informados sobre esta precaução extra.

Enquanto as fotografias estavam a ser tiradas, Myers anunciou que conseguia ver Edgar Wallace por clarividência na sala. Transmitiu esta mensagem de Wallace, que tinha uma relação com o extra de Zangwill: "Se alguma imagem de facto surgir, será diferente de qualquer outra existente".

Quando as chapas foram reveladas e as cópias por contacto impressas, numa delas havia uma semelhança quase perfeita de Edgar Wallace. Ninguém jamais produziu uma cópia. Se a genuinidade deste resultado deve ser posta em dúvida, a pergunta a que os céticos têm de responder é: Como pode um médium produzir uma fotografia identificável de Edgar Wallace quando não existe nenhum duplicado em lado nenhum do mundo?

Numa declaração assinada, os representantes da agência fotográfica concordaram que as condições de teste tinham sido cumpridas e declararam voluntariamente: "Não houve substituição de chapas". O negativo que continha o extra espiritual de Wallace mostrava claramente as rubricas e a marca secreta feita na altura em que fora colocado no seu chassis.

Muito frequentemente no Espiritualismo, as provas recebidas podem ser comparadas com as peças de um puzzle. O extra de Wallace é um caso concreto. Poucos dias depois, numa sessão de voz com Estelle Roberts, Nuvem Vermelha surpreendeu-me ao pedir que eu pegasse nas trombetas e as segurasse. Quando perguntei a razão de o fazer, ele disse que Edgar Wallace estava presente e tentava comunicar. Como ele não estava familiarizado com a técnica e não

tinha consultado Nuvem Vermelha, o guia teve de o conter devido aos danos que daí poderiam advir para a médium.

Na sessão de voz seguinte, o próprio Wallace falou e provou ser um comunicador de primeira classe. Confirmou, se confirmação fosse necessária, que estivera presente na sessão de John Myers e que tinha conseguido transmitir a sua imagem para a chapa. Confirmou também que fora o responsável pelo texto de escrita automática que eu publicara. Informado sobre a desmentido do seu secretário, Wallace respondeu: "Diz ao Bob Curtis para não ser tolo". Prometeu dar a Curtis algo que o faria pensar seriamente.

Poucas semanas depois, Curtis tinha uma história surpreendente para contar. Depois de ter sido secretário de Wallace durante quinze anos, começara agora a exercer funções semelhantes para Sydney Horler, também famoso como escritor de suspense. Horler tinha enviado a Curtis algumas gravações de ditafone do seu próximo romance para serem transcritas. Curtis colocou a primeira gravação de ditafone num cilindro e "ficou sobressaltado, quase saltando do assento, ao ouvir a voz inconfundível de Edgar Wallace a surgir". Esta voz disse: "Uso isto para ditar os meus livros — as minhas histórias".

Como foi a voz de Wallace parar à gravação do ditafone? O mistério provou ser insolúvel no que diz respeito a explicações normais. Uma sugestão foi a de que Wallace possivelmente teria utilizado a gravação, e esta teria sido imperfeitamente raspada e polida de novo. Essa explicação não colava, pois a voz de Horler ter-se-ia sobreposto à de Wallace e as duas estariam imperceptíveis. Sendo assim, estavam bastante distintas, com a voz de Horler a surgir depois da de Edgar.

A misteriosa gravação foi levada para os escritórios da Dictaphone, onde a situação foi explicada a um dos seus peritos. Ele reproduziu a gravação e ouviu a voz de Wallace. Esta foi seguida pela voz de Horler, em tons mais graves, dizendo: "Não foi senão a uma hora precoce da manhã que Brendle tinha...", as palavras de abertura da história de Horler.

Curtis não pôde ser demovido da sua declaração de que a primeira voz pertencia a Wallace. A gravação foi examinada sob uma

potente lupa. O perito constatou que não havia qualquer interrupção entre o ponto onde a primeira voz terminava e a segunda começava. "É uma probabilidade de cem para um contra duas pessoas conseguirem falar na mesma gravação sem mostrar uma interrupção onde a agulha grava na cera", disse ele.

Para descartar qualquer teoria de raspagem incompleta, o perito raspou parcialmente uma gravação usada e mostrou depois o resultado. Onde a raspagem parava, havia uma ligeira mas distinta saliência. A gravação mistério não tinha essa saliência. Edgar Wallace tinha cumprido a sua promessa espiritual. Como ele disse mais tarde noutra sessão de voz: "Dei ao velho Bob algo em que pensar".

Meses depois, quando eu já me tinha esquecido destes acontecimentos, assistia à minha sessão de voz habitual com Estelle Roberts. Nuvem Vermelha surpreendeu-me ao dizer: "Estive a ver a Sra. Hopkin em Porthcawl".

"Porquê?", perguntei.

Com um risinho, o guia respondeu: "Para ver se ela recebeu mais alguma escrita de Edgar Wallace". Quando publiquei "A Minha Vida Depois da Morte — por Edgar Wallace", tinha-me abstido deliberadamente de dar tanto o nome da médium como o da cidade em que vivia, para que ela não fosse bombardeada por repórteres. Nuvem Vermelha, ao mostrar que conhecia ambos, tinha fornecido a sequência apropriada para o drama espiritual de Edgar Wallace.

Capítulo 16

ELES CURAM "INCURÁVEIS"

A prova de fogo da cura espiritual é que esta deve alcançar curas permanentes após todos os outros meios terem falhado. Centenas de tais casos podem ser apresentados. A Sra. Peggy Parish, de Christchurch Road, East Sheen, Londres, foi curada de cancro após o parecer médico ser o de que tinha apenas seis meses de vida. Isso foi há quase trinta anos. Não há dúvidas sobre o diagnóstico, porque foi confirmado por um teste patológico.

A Sra. Parish já tinha sido submetida a uma operação numa clínica. Uma segunda operação foi aconselhada porque o teste laboratorial tinha provado a natureza grave do tumor maligno. Ela regressou a casa para se preparar para a provação.

Entretanto, o seu marido foi informado por um médium, numa altura em que não era simpatizante do Espiritualismo, de que possuía um poder de cura que poderia curar a sua esposa. A única indicação deste poder, se é que o era, tinha sido o facto de, quando visitava a esposa na clínica, ela dizer sempre que se sentia melhor com a presença dele. Ele assumiu que a razão poderia ter sido psicológica.

Naturalmente, perguntou ao médium como poderia curar a sua esposa. Recebeu instruções precisas que envolviam a imposição de mãos. Isto provou ser tão bem-sucedido que a segunda operação se tornou desnecessária. Nunca se realizou. Inspirado por este acontecimento notável, o marido retirou-se de um cargo lucrativo e dedicou toda a sua vida a curar os doentes. Desde então, passou para essa vida maior que o inspirou. Mas a sua esposa, que é um milagre vivo, continua o trabalho de cura no santuário que foi construído para o marido.

A cura espiritual está entre as atividades mais benéficas realizadas no Espiritualismo. O curador é um médium que atua como um canal para um poder superior que é dirigido por seres inteligentes no Além. Em última análise, como é evidente, toda a cura, quer seja designada por espiritual, da fé, psíquica ou divina, emana de uma única fonte. Não faz parte da minha função depreciar a cura alcançada noutras esferas por outros métodos. Um Deus infinito pode ser alcançado de um número infinito de maneiras. Ninguém pode ter o monopólio do poder infinito, tão-pouco as forças divinas podem ser comandadas quanto ao local onde devem operar.

Cada tipo de cura espiritual está dependente de um processo de sintonização alcançado pelo instrumento humano. No que diz respeito à mediunidade, trata-se de uma cooperação consciente com guias espirituais. A nossa prova é que alguns deles foram distintos no mundo médico quando estavam na Terra, aumentaram o seu

conhecimento desde a passagem e regressam voluntariamente para curar os aflitos.

A cura espiritual é direcionada para tratar a causa da doença, por oposição ao efeito. É a opinião ponderada dos médicos modernos que a maioria das doenças origina na mente. Uma ilustração simples é que as úlceras são causadas pela preocupação. Tensão, medo, frustração, raiva, inveja, ódio — tudo isto produz reações físicas. Obviamente, nestas doenças psicossomáticas, como são chamadas, tratar os sintomas ou os efeitos não alcança a cura. Se removerem as úlceras e o paciente continuar a preocupar-se, ele terá mais úlceras.

Os médiuns de cura são canais para um poder espiritual dinâmico que ou estimula os processos naturais de autorrecuperação do corpo, ou traz o equivalente à força vital para remover a causa da doença. O corpo é um organismo que se cura a si próprio, mas a doença impede que os seus processos curativos inatos cumpram a sua função.

Médiuns como Harry Edwards são erroneamente descritos como "curadores pela fé". Há indubitavelmente alguma ajuda se o paciente tiver fé no curador. A esmagadora maioria dos pacientes tratados por Edwards, cujo correio é frequentemente de dois milhares de cartas por dia, recebe cura à distância porque vive longe. Muitos deles estão separados do curador por oceanos e continentes.

Destes tratamentos de cura à distância, uma grande proporção é dada a enfermos que não sabem que foi feita uma solicitação por parentes e amigos em seu nome. Como não têm conhecimento de estar a receber tratamento à distância, não pode haver qualquer fé por parte deles. Tão-pouco pode haver qualquer fé nas mentes de milhares de crianças pequenas que Edwards cura.

As estatísticas que ele compilou mostram que a melhoria é alcançada em oitenta por cento dos seus pacientes e as curas em trinta por cento. Estas são figuras surpreendentes quando se percebe que poucas pessoas se aventuram a consultar um curador espiritual a não ser como último recurso.

Estes triunfos de cura, especialmente os realizados à distância, implicam uma campanha espiritual altamente organizada. De certa maneira, cada pessoa que escreve ao curador estabelece uma ligação

psíquica que permite ao enfermo receber tratamento. Dito desta forma, não parece mais notável do que o radar, o rádio ou a televisão.

Aceitamos estes prodígios porque são agora comuns, mas se alguém os tivesse previsto há um século, teria sido considerado um louco. Parece-me que não é mais difícil acreditar que o poder espiritual possa alcançar aqueles com quem estabeleceu uma ligação psíquica do que uma onda de rádio possa viajar ao redor da Terra mais depressa do que o som consegue atravessar uma sala.

Edwards tem consciência de ter viajado, no seu corpo astral, até alguns dos seus pacientes, pois foi capaz de descrever as redondezas e os detalhes dos quartos que visitou. Muitos dos enfermos afirmam ter visto o seu corpo astral, ou mesmo as formas de operadores espirituais que fazem parte do grupo de cura no Além.

Além de possuir o dom da cura, Edwards defende que este tipo de médium deve ter compaixão, amor pela humanidade e um desejo esmagador de remover o fardo dos aflitos. No caso de Edwards, tal como acontece com a maioria dos médiuns, ele conheceu o sofrimento em primeira mão, de modo que a simpatia pelos companheiros de sofrimento surgiu naturalmente. Suportou privações e pobreza durante muitos anos. Quando casou, era tão pobre que teve de pedir dinheiro emprestado para a aliança de casamento. O oficial de justiça, que o visitava frequentemente com ordens judiciais quando Edwards se debatia com preocupações comerciais, cedo se tornou um amigo pessoal.

O curador deve também ter a paciência de Job, pois cada enfermo anseia por descrever todos os seus males em detalhe. Embora tenha escutado milhares de catálogos de dores e males, Edwards nunca perde a sua abordagem compassiva. Tem o grande dom de dedicar toda a sua atenção ao enfermo que está a ser tratado.

Milhares de pessoas viram Edwards demonstrar a cura nas maiores salas das suas próprias cidades e vilas. Viram-no realizar o "impossível". Não é feito por manipulação, como a utilizada por osteopatas e quiropráticos. Edwards não teve lições na arte da manipulação, contudo liberta membros bloqueados com uma destreza

que tem de ser vista para ser acreditada — e tudo é feito sem causar dor.

Quando Edwards começou a sua missão de cura, não sabia praticamente nada sobre o corpo e o seu mecanismo. Tão ignorante era ele sobre a maioria das doenças que tinha de consultar um dicionário médico para descobrir o significado das queixas mencionadas pelos enfermos. Hoje, estou certo de que se qualificaria como um perito no corpo humano, na sua construção, mecanismo, funcionamento e em todas as doenças que o assolam.

Anos de sintonização com o poder espiritual que flui através dele ensinaram Edwards a saber exatamente o que fazer em cada situação. Espera pelo momento em que "sabe" que deve realizar a cura, que é sempre feita de olhos fechados. Quando este momento chega, Edwards liberta um membro rígido, endireita uma coluna curvada ou "puxa" uma perna mais curta até ficar tão comprida como a sua companheira.

Tem sido dito que os seus resultados se devem à sugestão, à histeria ou mesmo ao hipnotismo de massas. Estas sugestões absurdas só poderiam vir de críticos que não viram Edwards em ação. Em todas as suas demonstrações públicas não há qualquer tentativa de induzir fervor religioso, histeria ou emocionalismo. Nenhuma luz é diminuída nem são usados projetores.

Naturalmente, ele tem de se limitar a males em que o público possa ver o benefício do tratamento. Como poderia mostrar que uma úlcera tinha desaparecido? Ele acolhe sempre a cooperação de homens da medicina, tanto antes como depois do tratamento. É-lhes pedido, por exemplo, que verifiquem a extensão de uma curvatura na coluna antes do tratamento e que anunciem o resultado após a cura ter sido dada. Nunca ouvi um único médico afirmar que a cura tenha sido um fracasso.

Embora oficialmente a Medicina não reconheça que a cura espiritual seja responsável por curar "incuráveis", centenas de médicos recorreram, e ainda recorrem, a Edwards para tratamento. As suas solicitações são feitas para parentes, amigos, pacientes e até para si próprios. Li as suas cartas nas quais expressam francamente

assombro pelos sucessos alcançados em casos em que sabiam que já nada mais podiam fazer.

A deontologia médica proíbe que sejam nomeados, mas os destinatários da cura espiritual incluem inclusivamente cirurgiões e especialistas distintos. Correram um risco ao cooperar com Edwards, porque medidas disciplinares foram ameaçadas pela Associação Médica Britânica. De facto, alertaram que tais médicos poderiam ser expulsos da ordem dos médicos.

Seis membros da nossa família real foram tratados por Edwards, um facto que não ajudou a Medicina oficial a ver este "profissional não registado" com bons olhos. Afinal de contas, a família real tem a mais elevada competência médica à sua disposição.

Quando Edwards trata um paciente, recebe habitualmente um "diagnóstico interior" quanto à causa do problema e uma indicação de onde o poder de cura deve ser aplicado. Se um paciente tem um problema na perna, Edwards "sabe" se a causa reside na perna, ou na coluna, ou na cabeça, ou onde quer que possa ser. Assim que os seus dedos tocam o foco do problema, o poder de cura flui. Nunca é necessária qualquer força.

Quando a cura termina, Edwards experiencia uma sensação de felicidade por "o trabalho ter sido feito". Ao início, teve de aprender a confiar neste "conhecimento interior", pois por vezes não conseguia acreditar que o tratamento tivesse sido dado e o sucesso alcançado.

Raramente sente fadiga, mesmo que uma demonstração possa durar uma hora e meia. Frequentemente, assevera, sente-se mais revigorado depois do que se sentia antes. Descreve as suas sensações durante a cura como sendo de um prazer requintado e puro deleite, maiores do que qualquer exaltação física.

Edwards tem de evitar tomar uma decisão antecipada sobre o que pode ou não ser feito. Certa vez, veio um paciente cego. Os olhos pareciam estar desintegrados. Não havia íris, nem havia pupila, apenas uma mistura difusa de estrias. O próprio veredicto de Edwards sobre a cura neste caso foi: "Não é possível". Depois, sentiu o poder de cura fluir através dele. Em poucos minutos, os olhos, sem visão desde o nascimento, conseguiram ver matizes de luz. Mais tarde, a paciente

disse que conseguia ver cores. Três meses depois, enquanto estava sentada num comboio em movimento, a paciente conseguia ver os postes de telégrafo.

Posso nomear uma médica que cooperou com Edwards. Como faleceu, não há perigo de ser "expulsa". Tratava-se da Dra. Margaret Vivian, que durante muitos anos dirigiu uma clínica de sucesso em Southbourne, Hants. Por minha sugestão, pediu a Edwards que desse cura à distância a quatro pacientes que ela e outros médicos não conseguiam curar. Os enfermos não foram informados sobre a experiência.

O primeiro era uma vítima de *sycosis barbae*, uma doença de pele penosa. Durante quase dois anos tinha recebido tratamento especializado dos departamentos de dermatologia de hospitais em Londres e nas províncias. Embora uma melhoria temporária fosse ocasionalmente observada, as feridas no seu rosto não saravam. A área que cobriam aumentava lentamente. Desde o momento em que a cura à distância começou, a melhoria foi gradual, até que, finalmente, o rosto ficou inteiramente curado.

O caso número dois era o de uma mulher que sofria de uma deterioração contínua da saúde, para a qual não se conseguia encontrar uma causa adequada. A sua condição piorou até ao ponto em que mal conseguia caminhar e achava difícil obrigar-se a comer. Estava-se no final do outono quando foi pedido a Edwards que desse cura à distância. Durante algumas semanas, não houve nenhuma melhoria particular. Depois, subitamente, no dia de Natal, ela sentiu-se melhor e, para surpresa dos amigos, comeu um grande almoço de peru e *pudim de ameixa*. Melhorou continuamente. Quando a Dra. Vivian a examinou, considerou que ela estava "em excelente saúde".

O terceiro paciente sofria de uma teimosa úlcera varicosa na pele, complicada por varizes de longa data. Uma vez mais, não houve melhoria visível nos primeiros meses. Seguiu-se depois uma rápida cicatrização.

A última paciente era uma mulher que sofria há anos de varizes. "Ambas as pernas estavam muito inchadas", disse la Dra. Vivian. "A menor esfoladela ameaçava uma úlcera indolente semelhante à do

caso número três." A cura à distância reduziu primeiro o inchaço e alcançou depois a cura, declarando a própria paciente que se sentia dez anos mais nova.

Edwards tentou interessar a Igreja de Inglaterra, mas oficialmente esta não quer nada com ele. As curas de "incuráveis" que ele submeteu, por convite, à sua última comissão foram suprimidas no respetivo relatório. No entanto, um grande número de clérigos consulta-o. Edwards realizou um serviço de cura conjunto com um vigário em frente ao altar numa igreja anglicana em Hove, Sussex. Demonstrou a cura em mais do que uma igreja congregacionalista e ajudou a dar formação a um dos seus ministros que possuía o dom da cura. Este ministro deu depois formação a outros colegas que tinham a capacidade de cura latente.

Edwards reconhece, como homem fundamentalmente religioso, que a cura deveria ser realizada em todos os locais de culto, e especialmente naquelas igrejas que afirmam dever fidelidade Àquele que disse: "Curai os enfermos". Não se pode, contudo, cooperar com médicos ou clérigos que não desejam cooperar connosco. Edwards não é médico nem clérigo. No entanto, é um grande curador, dotado do dom divino. É através da utilização deste dom como instrumento, sem reivindicar qualquer crédito para si próprio, que ele realiza o que se chama "milagres de cura". Pode-se colocar a questão de outra forma e dizer que ele é um dos meios pelos quais os enfermos têm uma segunda oportunidade, o acesso a um tribunal superior após a temida palavra "incurável" ter sido pronunciada nos seus casos.

Uma das grandes dificuldades que os médicos têm em aceitar a cura espiritual é que esta quebra todas as regras estabelecidas nos manuais que estudaram nas faculdades de medicina. Não parece ajudar o facto de se apontar que quase todos os avanços marcantes na medicina tiveram de enfrentar a oposição daqueles que têm perspetivas ortodoxas. Pioneiros não médicos depararam-se com uma hostilidade ainda maior em relação às suas terapias.

Sir Herbert Barker, denunciado como um "curandeiro", viveu o suficiente para desgastar a inimizade contra as suas manipulações de endireitador de ossos e acabou por ser convidado a ensinar os seus

métodos aos médicos. Freud levantou uma tempestade com a sua psicanálise, que é agora medicamente respeitável como psiquiatria. O mesmerismo era "fraudulento", mas o hipnotismo, que é seu filho, é regularmente empregue em Harley Street.

Hoje em dia existe pelo menos um especialista naquilo a que A. J. Cronin chamou "A Cidadela", que oferece aos seus pacientes a escolha entre o tratamento ortodoxo ou a cura espiritual. Podem dispor de toda a competência que este especialista demonstrou no tratamento de atletas famosos ou, nos mesmos consultórios, podem dirigir-se à divisão mobilada como um santuário, onde, com igual sinceridade, ele oferece a cura espiritual que tem realizado muitos "milagres".

Diga-se a um homem da medicina que a cura espiritual curou uma doença incurável e a sua reação é, não surpreendentemente, de ceticismo. Foi treinado para acreditar que existem certos tratamentos prescritos para todas as doenças conhecidas. Diga-se de passagem que a história mostra que existem modas nos tratamentos — sanguessugas, sangrias, a remoção do apêndice e, agora, os antibióticos.

Se a maior competência médica não consegue obter a cura, por que haveria um médico de acreditar que um profissional não registado, sem formação médica, sem ter estudado fisiologia e, frequentemente, sem sequer saber os nomes corretos das doenças, devesse ter sucesso? "Não", argumenta ele, "deve haver um erro. Talvez o paciente tenha sido mal diagnosticado."

Se lhe disserem que o diagnóstico está confirmado por chapas de radiografia, a desculpa oferecida é por vezes a de que as chapas se devem ter confundido com as pertencentes a outro paciente. Outra alternativa, dir-lhe-á, é que por vezes existem recuperações espontâneas e remissões naturais.

É extremamente difícil conseguir que qualquer especialista certifique que um paciente sofria de uma doença incurável e que foi curado dela. Numa longa experiência, tomei conhecimento de apenas dois especialistas que forneceram tal testemunho por escrito em ligação com o tratamento bem-sucedido de tumores malignos. Um especialista marcou o seu documento como "Privado e confidencial". O outro encabeçou o seu certificado como "Confidencial e privado".

O argumento médico final oferecido é o de que a cura não efetuou uma cura, mas apenas um alívio temporário. Isto levanta a questão de saber quão permanente é o "permanente". A resposta é apresentar a prova. Já mencionei a mediunidade fotográfica de John Myers, que também possui o dom da cura num grau muito marcado.

Passaram agora vinte e seis anos desde que conheci Laurence Parish, um homem de negócios de Nova Iorque com reputação internacional. Uma das razões da sua visita a Londres foi consultar especialistas relativamente à sua ciática de dez anos de duração e à sua visão, que era defeituosa desde a infância.

Para a sua ciática, tinha consultado as principais autoridades em mais do que uma capital. Sendo um homem rico, tinha gasto vastas somas nos aparelhos mais modernos e na experimentação de todos os remédios conhecidos, sem obter qualquer alívio. A sua visão era tão fraca que, doze meses antes, quando tinha mudado de óculos, lhe fora dito que, no espaço dos próximos um ou dois anos, teria de usar lentes bifocais com a maior graduação que se pudesse fabricar.

Parish ficou tão intrigado e cético em relação à fotografia espírita de Myers que me pediu para o apresentar ao médium, pois gostaria de fazer a experiência por si próprio. Myers concordou com os testes mais rígidos que Parish pudesse conceber. Isto envolveu a compra de tudo o que estivesse relacionado com o processo fotográfico, desde a câmara até ao prato em que as chapas eram reveladas. Mandou transformar parte do seu aposento no Savoy Hotel num quarto escuro. Myers não teve autorização para tocar em nada ligado aos testes fotográficos.

Os resultados obtidos deixaram Parish estupefacto e convenceram-no de que estava confrontado com um poder que não emanava deste mundo. Nas chapas viu rostos de pessoas mortas que conseguia reconhecer, cujos corpos tinham sido sepultados do outro lado do Oceano Atlântico. No entanto, Myers era um completo desconhecido e nunca tinha visitado a América.

No final do segundo dia das suas experiências, Parish fez ao médium uma pergunta simples. Visto que ele possuía um poder por meio do qual extras espirituais apareciam nas chapas, poderia este ser

usado para o curar? Myers, que via que Parish estava em grande sofrimento, respondeu que esse era um assunto com o qual apenas o seu guia espiritual poderia lidar. Parish persistiu e disse que gostaria, se possível, de consultar o guia. Ali mesmo, Myers entrou em transe e a pergunta foi dirigida ao seu guia.

Esta figura invisível, falando através dos lábios do médium, fez a espantosa afirmação de que na manhã seguinte, quando Parish acordasse, constataria que estava curado da sua ciática. Um surpreendido Laurence Parish tinha apenas algumas horas para testar esta afirmação, que se provou exata quando acordou no dia seguinte. Pela primeira vez em anos, não sentia dor e conseguia caminhar normalmente. Com grande entusiasmo, chamou Myers para lhe contar a alegre notícia. Para provar que a cura era completa, descartou a roupa interior especialmente grossa que tinha sido essencial usar.

Esta notável cura da noite para o dia encorajou-o a fazer mais um pedido. Seria um testemunho ainda maior para a cura espiritual, disse ele, se pudesse regressar a Nova Iorque e aparecer entre os seus amigos sem usar óculos.

A resposta de Myers foi semelhante — o seu guia deveria ser consultado. Desta vez, foi dito a Parish que a visão defeituosa seria curada, mas que levaria alguns dias. Uma semana mais tarde, Parish telefonou a Myers de manhã cedo para dizer que estava prestes a visitá-lo. O segundo milagre tinha sido alcançado. Conseguia ver sem os seus óculos. Antes de deixar Londres rumo a Nova Iorque, destruiu os óculos. O seu próprio testemunho foi: “Consigo agora ler sem os meus óculos um jornal ou qualquer outra matéria impressa com mais facilidade do que conseguia fazer anteriormente utilizando-os”.

Parish, um homem de negócios cauteloso, decidiu consultar novamente os seus especialistas. Apresentou-se para novo exame aos peritos médicos em Londres que tinham sido incapazes de lhe proporcionar alívio para a ciática. Quando o exame foi concluído, com o veredicto de que não havia sinal desta maleita, perguntaram a Parish o que tinha acontecido. Ele decidiu que seria infrutífero dar a razão. Uma cena semelhante foi reencenada quando visitou o especialista de olhos.

Até ao momento em que escrevo estas palavras, vinte e seis anos mais tarde, Parish não teve qualquer retorno da sua ciática ou da sua visão defeituosa. As curas mantiveram-se. Serão vinte e seis anos "permanentes"?

Parish convidou Myers a juntar-se à sua empresa comercial americana, que tem ramificações internacionais. Myers, na altura, era dentista, praticando a sua mediunidade sem pensar numa carreira comercial. Nunca tinha atravessado o Canal e não estava entusiasmado com a ideia de navegar pelo Oceano Atlântico, mas acabou por aceitar. Hoje em dia, se o quisesse ver, encontrá-lo-ia num gabinete tipicamente bem-sucedido de um homem de negócios americano, no arranha-céus conhecido como Rockefeller Plaza, onde ele é vice-presidente da empresa.

Esta é uma história que prova que "a verdade é mais estranha que a ficção", o que, afinal de contas, como alguém disse, é apenas outra forma de dizer que as obras de Deus excedem as obras do homem.

Capítulo 17

MÉDICA MORTA DIAGNOSTICA

Há mais de trinta anos que especialistas e médicos escoceses consultam regularmente uma dona de casa de Glasgow devido aos seus diagnósticos hábeis. Trata-se de Margaret Lyon, que tem sido chamada "A mulher que consegue radiografar de olhos fechados". O talento de diagnóstico não pertence à Sra. Lyon, mas sim à falecida médica japonesa que trabalha através dela em transe.

A mediunidade de Margaret Lyon é também responsável pelo facto de haver perto de uma centena de ministros da Igreja da Escócia a praticar a cura espiritual. Ela ajudou a desenvolver o dom da cura que estava latente no pioneiro ministerial deles. Este, por sua vez, ajudou a revelar um talento semelhante noutros ministros. Mesmo hoje em dia, a maioria deles não sabe que tudo começou com uma médium de cura.

Em trinta anos, Margaret Lyon não se consegue lembrar de um único caso em que os seus diagnósticos em transe se tenham provado

inexatos, mesmo quando, ocasionalmente, contradisseram frontalmente a opinião médica. Pode-se imaginar o tipo de situação que surgiu quando alguns dos seus pacientes foram homens da medicina que sabiam que os diagnósticos que tinham recebido eram os mais especializados que tinham à sua disposição. Para estes argumentos há sempre uma resposta. A médium afirma que um teste em porquinhos-da-índia, ou com o sangue do paciente, ou chapas de radiografia, provará que ela tem razão.

Assim, não é de surpreender saber que os enfermos que se tornam seus pacientes — há uma lista de espera muito longa — nunca são convidados a fazer um relato dos seus problemas. É-lhes dito detalhadamente o que está errado com eles. A causa da doença é frequentemente associada a um incidente no passado que, por vezes, foi esquecido.

Foi o sofrimento pessoal que trouxe originalmente Margaret Lyon para o domínio da cura. O seu filho, com a idade de escassos dois anos, sofria de uma doença misteriosa que nenhum médico ou especialista conseguia diagnosticar. Quando a mãe tinha atingido as profundezas do desespero, um amigo sugeriu que ela tentasse a cura espiritual. A Sra. Lyon foi recomendada a visitar Govan, onde um carpinteiro naval do Clyde, um médium chamado Jerry Nicholson, praticava esta forma de mediunidade.

Como último recurso, a mãe foi lá com o seu rapaz. O curador em transe, sem fazer quaisquer perguntas, examinou imediatamente a cabeça da criança. Logo diagnosticou a causa do problema como um verme do leite que tinha atacado o cérebro, e expressou o seu pesar por ser demasiado tarde para que qualquer recuperação pudesse ser feita.

No dia seguinte, o rapaz caiu em coma. Foi levado para o hospital, onde permaneceu durante três semanas e depois faleceu. Um exame *post-mortem* produziu o veredicto: “Morte por meningite bovina”. O médium tinha provado estar certo.

Esta experiência fê-la perceber o que a cura espiritual poderia alcançar se pudesse ser aplicada a tempo aos enfermos. Rezou para poder ser utilizada de alguma forma para ajudar outras mães que

pudessem encontrar-se numa situação semelhante à sua. Quando um médium lhe disse mais tarde que possuía o dom da cura em forma embrionária, Margaret Lyon determinou desenvolvê-lo.

Durante dois anos, foi membro assíduo de um círculo de desenvolvimento que reunia uma vez por semana. Como nada acontecia, decidiu relutantemente que talvez, afinal, não estivesse destinada a ser uma curadora. Depois veio aquela que ela decidiu que deveria ser a sua última sessão. Tudo o que se lembra é de ter adormecido. Pedindo desculpa, quando acordou, por aquilo que pensava ser uma quebra de boas maneiras, ficou surpreendida ao ser informada de que não tinha estado a dormir. Em vez disso, alguém que afirmava ser uma médica japonesa espiritual tinha falado através dela.

A visitante de outro mundo tinha dado o nome de Kahesdee, que, traduzido, significava "Eu sirvo". Kahesdee tinha anunciado que, com a cooperação da sua médium, um grande serviço poderia ser prestado aos necessitados, e que ela se especializaria no tratamento da tuberculose, uma afirmação significativa face ao facto de esta doença ter sido responsável pela morte do filho da Sra. Lyon.

Ao longo dos anos, Kahesdee demonstrou possuir um vasto leque de conhecimentos médicos, estar familiarizada com a fraseologia técnica utilizada pelos médicos e conhecedora das mais recentes investigações em terapêutica. Fala suavemente e trabalha com uma competência que é altamente impressionante de observar. O seu sentido de humor é do tipo discreto e ela conversa alegremente durante todo o tempo em que dá o tratamento. Típico do seu humor é o aparte que uma vez me fez: "Espero ser o fantasma mais conversador que alguma vez conheceu".

Muitos observadores comentaram o facto de, quando a Sra. Lyon está em transe, o seu rosto, olhos e postura corporal sugerirem o oriental. Kahesdee deu-me alguns detalhes sobre a sua vida terrena.

"Fui ensinada por um sacerdote japonês que tinha estado no Stoneyhurst College", disse ela. Era uma médica ligada à casa real na Coreia em 1895, na altura em que esta foi atacada pelos japoneses. Os invasores queimaram e enterraram viva a Rainha e todos os membros

da casa real. Kahesdee diz que morreu em resultado da exposição às intempéries, à precoce idade de vinte e três anos.

A Rainha estivera ansiosa por introduzir novas ideias de higiene no seu país. A difusão da medicina deveria ser o seu antídoto para as superstições locais. Kahesdee estava ansiosa por continuar a sua carreira médica que terminara de forma demasiado breve. Ligou-se à Sra. Lyon durante a maior parte da vida da médium. A médica espiritual sabia que seria necessária uma experiência que abalasse a alma, como a dor causada pela morte do filho de dois anos, para abrir o caminho para o início desta missão cooperativa.

Poder-se-ia perguntar que provas existem da existência desta médica espiritual. Margaret Lyon responderia que, utilizando a sua faculdade de clarividência, viu Kahesdee em muitas ocasiões e faz uma descrição precisa dela. O incrédulo poderia continuar a defender que isto não passa de imaginação. No entanto, existe confirmação da clarividência da médium.

Certa vez, quando estava em Londres, Margaret Lyon telefonou a Frank Leah, o artista psíquico a quem já me referi. Nunca se tinham conhecido, nem sequer correspondido. A Sra. Lyon não deu o seu nome. No entanto, imediatamente Leah lhe falou da presença espiritual de uma médica japonesa, declarou especificamente que era uma mulher e descreveu-a exatamente como Margaret Lyon sempre a via. Uma visita ao estúdio do artista mostrou que Leah tinha captado fielmente a semelhança da mulher que tinha descrito ao telefone. Este desenho psíquico tem lugar de destaque na sala onde é feita toda a cura da Sra. Lyon.

Mais uma vez me encontro em dificuldades porque a deontologia médica me proíbe de mencionar o nome de um médico envolvido nesta cura. Margaret Lyon perdeu a conta ao número de homens da medicina que a consultaram para si próprios, para os seus parentes mais próximos e para os seus pacientes mais difíceis. Este médico em particular, após consultar um especialista, foi informado de que sofria de tuberculose. Porque estava a piorar, acabou por ceder aos rogos da sua mãe para consultar Margaret Lyon. A mãe preocupada, uma

espírita, tinha-o importunado devido à sua condição debilitada. A médium foi inclusivamente convencida a visitar o médico na sua casa.

Através da médium em transe, Kahesdee discordou do diagnóstico do especialista e afirmou que tudo o que via era um abcesso sético no pulmão esquerdo. Anunciou que não permitiria que o pulmão fosse drenado, como tinha sido sugerido, sustentando que a cura espiritual poderia realizar a cura. O médico refutou tudo o que Kahesdee disse devido ao diagnóstico do especialista.

"Discutiremos sobre isso depois de ter sido feito um exame patológico da expetoração", foi a resposta do espírito. Um teste de expetoração foi feito vinte e quatro horas mais tarde. O veredicto foi: "Não tuberculoso". O primeiro assalto tinha ganho Kahesdee. Mesmo assim, o paciente médico tinha os seus receios. Acreditava que poderia ter tuberculose latente. Kahesdee esteve à altura da situação. Aconselhou um teste em porquinhos-da-índia, que é considerado conclusivo nestas matérias. Após seis semanas, os animais estavam vivos e de boa saúde. Kahesdee tinha ganho o segundo e último assalto.

Em ligação com esta cura, há uma história psíquica subsidiária que mostra como a confirmação pode por vezes surgir de forma dramática. Quando Kahesdee deu o seu diagnóstico, descreveu a presença espiritual do pai do médico, dizendo que, para fins de identificação, o conseguia ver a segurar uma seringa hipodérmica que enchia com um líquido amarelo. "Ele especializou-se em vacinas?", perguntou ela. "Sim", foi a resposta do médico, ao admitir a exatidão da descrição do seu pai.

O comunicador expressou contentamento pelo facto de o seu filho estar em boas mãos e acrescentou que daria conhecimento desse facto à sua esposa. "Nota a hora", foram as suas últimas palavras para o filho, "porque esta mensagem será confirmada". O médico olhou para o seu relógio e viu que eram 18h45. Tudo isto, como é evidente, aconteceu em Glasgow.

A mãe do médico, em Londres, não sabia que ele estava a receber cura espiritual, embora o tivesse instado a contactar a Sra. Lyon. Era um domingo e, preocupada com a saúde do filho, perguntava-se se

conseguiria obter conforto numa reunião espírita. Deslocou-se à igreja mais próxima, onde Lilian Bailey era a clarividente contratada para esse serviço. A mãe recebeu a primeira mensagem espiritual.

A Sra. Bailey referiu-se à presença do marido que, uma vez mais, se mostrava com a sua seringa hipodérmica. Ele repetiu quase palavra por palavra a mensagem que tinha dado ao filho. A mensagem espiritual da médium foi recebida por volta das 18h45. Duas cartas cruzaram-se no correio — uma do filho para a mãe, descrevendo o acontecimento de Glasgow, e a outra da mãe para o filho, relatando a sequência de Londres.

Outro médico, cujo nome não posso mencionar, ao confirmar várias curas de Kahesdee, afirmou: "Vi radiografias de homens e mulheres com cálculos biliares. E vi as radiografias tiradas após os pacientes terem sido tratados pela Sra. Lyon. Os cálculos tinham desaparecido".

É irónico mencionar que uma comissão de inquérito da Igreja da Escócia sobre a cura espiritual relatou que os seus ministros deveriam tentar tratamentos apenas em cooperação com médicos. O meu uso da palavra "irónico" é deliberado porque Margaret Lyon é a principal responsável pela cura espiritual feita sob os auspícios dos ministros da Igreja da Escócia.

O ministro que foi pioneiro na cura espiritual entre os seus colegas na Escócia é o Rev. J. Cameron Peddie. A sua igreja fica no distrito de Gorbals, em Glasgow, o coração do seu bairro de lata. Quando ouviu falar dos sucessos de cura de Margaret Lyon, este ministro trouxe a sua esposa, que estava apoquentada por uma fibrosite. O alívio foi instantâneo e a cura seguiu-se rapidamente. Os Peddie trouxeram a seguir o filho, que sofria de asma e problemas de pele. A cura completa ficou provada pelo facto de ele ter sido aprovado como A.1 para o serviço nacional na Reserva Voluntária da Marinha Real.

"Acha que eu poderia curar?", perguntou uma vez o ministro a Kahesdee. Ela disse-lhe para entrar no silêncio, meditar e tentar sintonizar-se com o poder que vem para a cura. O ministro seguiu o conselho do espírito e a sua faculdade de cura começou a desenvolver-

se. Os Peddie vieram muitas vezes para ver Margaret Lyon dar cura. A médium acompanhava frequentemente o ministro nas suas visitas a paroquianos doentes. Por vezes, ele trazia enfermos a Margaret Lyon.

Tanto na casa dela como na deles, a médium ajudou os Peddie a desenvolver os seus poderes. Durante oito anos, a Sra. Peddie sentou-se regularmente no círculo semanal da Sra. Lyon para ajudar a esse desenvolvimento. O progresso foi tão sustentado que a médium encorajava frequentemente a Sra. Peddie a tratar alguns dos pacientes que vinham ao lar dos Lyon. O Sr. Peddie também tem aparecido em público na plataforma de Margaret Lyon na ocasião anual em que os pacientes curados dão o seu testemunho.

Há aparentemente uma qualidade apostólica em qualquer dom do espírito, no sentido de que quem o possui pode estimulá-lo noutro onde este se encontre latente. Tal como Margaret Lyon foi capaz de acender a centelha da cura do Sr. Peddie, também ele, por sua vez, foi capaz de realizar uma função semelhante para outros ministros. Desta maneira, a cura espalhou-se até haver agora perto de uma centena de ministros a praticar a cura na Escócia.

Um deles, uma figura de destaque no presbitério de Glasgow, é o Rev. S. Smith, que trouxe primeiro a sua sogra para tratamento com Margaret Lyon. Tendo este sido bem-sucedido, ele veio muitas vezes, trazendo outros pacientes. Numa dessas sessões, Kahesdee disse-lhe: "Você pode curar, mas reserve o seu tempo para se desenvolver". Ele seguiu o seu conselho.

Margaret Lyon — ou deverei dizer Kahesdee? — teve um grande triunfo quando foi convidada pelo Rev. S. Smith para dirigir a palavra aos ministros da Igreja da Escócia sobre a cura e para lhes dar uma demonstração. Isto teve lugar em 1951 na Iona Community House, que está associada à Igreja da Escócia.

Mais de cem ministros estavam presentes, incluindo muitos que são agora proeminentes na cura. A médium foi avisada antecipadamente de que haveria uma barreira de perguntas, mas nenhuma foi feita. O Rev. S. Smith estava na presidência, com o Rev. Cameron Peddie sentado à esquerda da médium.

Após uma conversa preliminar da Sra. Lyon, esta entrou em transe e Kahesdee comunicou. Primeiro, com grande reverência, pediu uma bênção para o trabalho que ia ser feito. “ roguei a ajuda de Deus”, disse ela, “para me guiar a um caso espetacular, um da vossa própria congregação que eu não conheça, pois ainda temos alguns Tomés incrédulos entre nós”. Kahesdee acrescentou que queria alguém presente que tivesse ficado surdo devido a um sopro ou a uma explosão.

Finalmente, uma jovem na casa dos trinta anos — estava acompanhada por uma amiga que a tinha feito compreender o pedido do espírito — levantou a mão e disse que poderia ser a pessoa a quem se fazia referência. “Mas a senhora não me pode curar”, acrescentou ela, “estou surda desde 1943, quando uma mina terrestre explodiu perto do hospital em Londres onde eu era enfermeira. Estou completamente surda. Não consigo sequer ouvir o toque do telefone.”

Kahesdee respondeu: “Não estou aqui para ridicularizar a ciência médica, ou para dizer o que esta pode ou não fazer. Estou aqui para provar o dom da cura. Tragam-na para a cadeira”. A antiga enfermeira adiantou-se e sentou-se de frente para o público. A médium em transe, que permanecia atrás dela, deu o tratamento enquanto o Sr. Peddie, relógio na mão, cronometrava a atuação.

Momentos depois, Kahesdee disse à antiga enfermeira: “Fala com a tua amiga”. A paciente respondeu: “Estás a gritar?”. “Não”, disse Kahesdee, “estás a ouvir!”. O público soube que a leitura de lábios não era a explicação para esta cura instantânea porque a médium estava atrás da paciente.

“Isso levou apenas cinco minutos”, disse o Sr. Peddie. “Poderia acontecer num abrir e fechar de olhos”, respondeu Kahesdee. O silêncio reinou, devido à profunda impressão criada por esta cura espetacular. “Há alguma pergunta?”, perguntou Kahesdee. A amiga da paciente interveio com: “Nenhuma pergunta é necessária na presença de um poder como esse”. Depois, a antiga enfermeira falou. “Por que estão todos em silêncio?”, perguntou ela. “Os dias dos milagres não passaram.” Em resultado da cura, ela regressou à enfermagem.

Uma hérnia discal, esse flagelo moderno, não apresenta qualquer problema para Edward George Fricker. Se não houver complicações, tais como artrite ou ciática, ele cura uma hérnia discal num único tratamento que dura escassos segundos. Vi muitos pacientes deixar a sua modesta casa em Tottenham, no norte de Londres, carregando como recordações da cura os espartilhos e cintas com reforço de aço que lhes tinha sido dito serem indispensáveis.

Em cinco anos, Fricker tornou-se uma estrela brilhante no firmamento da cura simplesmente porque obteve resultados marcantes com centenas de pessoas que recorreram a ele como último recurso. Dar-lhe-á uma ideia da velocidade a que trabalha se eu referir que frequentemente trata mais de duzentas pessoas num único dia.

A cura é dada numa pequena sala da frente, que tem cerca de doze pés quadrados. A sua peça de mobiliário mais importante é um banco de piano, no qual cada paciente se senta para o tratamento. O curador, radiante de vitalidade e totalmente confiante, nunca vacila. É tanto clarividente como clariaudiente. Os seus guias ou lhe dão o diagnóstico, que é a forma mais rápida, ou, ocasionalmente, os problemas do paciente são reproduzidos no corpo do médium.

O grupo de cura espiritual, diz Fricker, é composto por antigos homens da medicina, cada um dos quais se especializa num tipo diferente de maleita. É função do guia espiritual encarregue selecionar o médico mais bem equipado para ajudar o paciente a ser tratado. O tratamento, à superfície, é simples, pois consiste ou na imposição de mãos, ou naquilo que parece ser a fricção da parte afetada.

As centenas de pessoas que acorrem a Fricker, e os milhares que lhe escrevem, fazem-no através do testemunho de viva voz. Têm parentes ou amigos que foram curados e, por isso, procuram tratamento para si próprios. O facto de Fricker viver um pouco fora do caminho comum não é dissuasor. Um homem doente irá sempre onde pensa que pode ser curado.

A própria história de Fricker é tão dramática como muitas das suas curas. Sem se dar conta, tinha sido psíquico toda a vida. Desde que era um rapaz de cinco anos, lembrava-se de ouvir uma voz que conversava com ele, mas com mais ninguém. A voz dizia-lhe sempre

para não dizer nada sobre este fenómeno aos pais, porque eles não o compreenderiam. É difícil de acreditar, quando se olha para o robusto Fricker, que ele tenha sido uma criança doente e franzina, propensa a doença atrás de doença. Diz que, tendo ele próprio sofrido, está em condições de apreciar os sofrimentos dos muitos que se aglomeram junto de si.

A sua mãe, a quem adorava, sofreu agonias durante dois anos devido a um cancro, antes de falecer. Ao observá-la na dor, Fricker rezou para ser capaz de curar outros. Uma noite, no seu quarto, teve uma experiência estranha. Um medalhão que lhe fora dado pela mãe, e que continha a fotografia dela, moveu-se misteriosamente pela sala. Fricker pensou que estava a perder o juízo. Vizinhos a quem, após alguma hesitação, relatou esta experiência, afirmaram, pelo facto de serem espíritas, que era a sua mãe a tentar atraí-lo. Sugeriram que ele se interessasse pelo Espiritualismo.

Algum tempo depois, viu um anúncio de que Joseph Benjamin estava programado para dar clarividência pública numa sala não muito longe dali. Fricker decidiu assistir. Era uma reunião lotada. A meio dos procedimentos, o médium descreveu a mãe de Fricker — de forma mais perfeita, diz o filho, do que ele próprio o conseguiria fazer. Benjamin fez uma pausa e disse: “Ela está a dar-me um nome extraordinário, um que eu nunca ouvi antes... Fricker... Agora ela quer que eu encontre o filho dela”. Sem hesitar, Benjamin apontou para Fricker, acrescentando que a sua mãe queria que ele soubesse: “Tu tens um grande dom de cura”.

Esta foi a primeira indicação disso que Fricker alguma vez recebera. Uma coisa, contudo, era ser-lhe dito que tinha um dom, mas outra era encontrar um paciente no qual o pudesse experimentar. Lembrou-se então de que a sua filha mais nova, desde o nascimento, tinha problemas com verrugas que lhe desfiguravam as mãos. Perguntou se a sua cura conseguiria remover as verrugas. Mas o que, perguntava a si próprio, deveria fazer para curar? Ele simplesmente não sabia a resposta.

Foi então que a voz que tinha ouvido em criança, e que estivera ausente desde então, lhe disse para colocar as mãos sobre as da sua

filhinha e mantê-las ali por escassos segundos. Fricker seguiu as instruções, retirou as mãos — e as verrugas continuavam lá. Isto, pensou ele, é o início e o fim da minha cura. Na manhã seguinte, contudo, a filha veio a correr, entusiasmada, ter com o pai, levantando as mãos para mostrar que todas as verrugas tinham desaparecido.

O seu segundo paciente deveu-se, ao que pareceu, a um encontro fortuito. Nessa altura, Fricker possuía uma fábrica — as exigências dos enfermos forçaram-no desde então a fazer da cura a sua única ocupação. Encontrou uma rapariga, que conhecia de vista, a sair de uma fábrica próxima. Ela tinha acabado de pedir ao patrão autorização para ir para casa. A sua enxaqueca, que a apoquentava há vinte e cinco anos, era tão insuportável que não conseguia trabalhar. A sua voz disse-lhe para a tratar — e ela ficou curada instantaneamente.

O seu irmão cético enviou-lhe um terceiro caso, um homem que fora forçado durante anos a viver engessado. Fricker curou-o rapidamente ao seguir as indicações da sua voz. Essas três curas lançaram-no na sua missão de cura. A notícia espalhou-se rapidamente e o número de pacientes começou a crescer. Continua a crescer.

Capítulo 18

DESAFIANDO A LEI DA GRAVIDADE

A mediunidade física é responsável por demonstrar o "impossível" no que diz respeito à ciência. Uma mesa que flutua no ar parece desafiar a lei da gravidade, tal como uma trombeta suspensa no espaço. Isto significa apenas, contudo, que outras leis estão em funcionamento, as quais são responsáveis por estes acontecimentos das sessões. Nunca há qualquer revogação das leis naturais e, portanto, não há milagres. Estes fenómenos "impossíveis" da sala de sessões são deliberadamente encenados por inteligências espirituais para responder ao desafio daqueles que exigem provas que possam ser percebidas pelos cinco sentidos.

Nas experiências, a que já me referi, do Professor Crawford da Universidade de Belfast, este conseguiu fotografar um dos métodos pelos quais uma mesa é levitada. O ectoplasma, saindo do médium,

formava-se primeiro numa haste e depois num suporte em consola que, aplicado à mesa, permitia que esta fosse movida. O Professor Crawford realizou uma série de experiências interessantes e conclusivas que provaram que o peso necessário para fazer a mesa subir era aproximadamente equivalente ao peso perdido pelo médium na altura.

Tenho visto ocasionalmente mesas erguidas com as suas quatro pernas fora do chão. Um médium de Sheffield, com quem experimentei, demonstrava regularmente este fenómeno. Com uma mão, esfregava vigorosamente a superfície da mesa. Depois colocava ambas as mãos cerca de nove polegadas acima da superfície e a mesa subia lentamente ao encontro das palmas das suas mãos estendidas. Ninguém estava a tocar na mesa nessa altura.

Com Jack Webber, um antigo mineiro galês que vivia no sul de Londres, era uma ocorrência frequente mesas pesadas serem levitadas. Utilizando a fotografia por infravermelhos, obtiveram-se imagens deste fenómeno significativo. O processo por infravermelhos também me permitiu obter fotografias de ectoplasma a emanar do médium e a agarrar uma, e mesmo duas trombetas, revelando o método pelo qual os operadores espirituais faziam mover estes megafones.

O segredo do sucesso nas sessões para fenómenos físicos é conquistar a cooperação dos guias responsáveis pela sua produção. Quando esta é assegurada, e eles sabem que se pode confiar em nós, então o cenário está montado para o sucesso. Essa é uma das razões pelas quais investigadores simpatizantes se saem melhor do que investigadores de sangue frio, que ou inibem os fenómenos com a sua atitude gélida, ou tornam os resultados nulos ao deixarem claro que consideram o médium um trapaceiro que vão expor. Esta falha em abordar o médium como um ser humano é a razão pela qual muito do que se chama investigação psíquica se torna um beco sem saída. A mediunidade é sensibilidade. O possuidor de poderes psíquicos sente mais intensamente o que os outros poderiam facilmente desvalorizar. Assim, a atitude de "convença-me-se-for-capaz", mesmo quando é honesta, não é calculada para produzir os fenómenos que o investigador deseja ver. É um problema humano que deve ser enfrentado.

Se a investigação científica significa a repetição de experiências semelhantes sob condições semelhantes, isto é virtualmente impossível na sala de sessões, simplesmente porque o fator principal é um ser humano, e um ser humano muito sensível. Por outro lado, é possível, como eu tenho feito, repetir experiências, não sob condições precisamente semelhantes, mas para obter resultados comparáveis.

Quando vi com Webber uma demonstração de como o seu casaco era retirado e recolocado, mesmo estando este atado e entrançado, e ele estando amarrado com cordas à cadeira, perguntei aos seus guias se podíamos fotografar esta atuação impressionante. Recebi permissão, desde que fossem tiradas apenas fotografias por infravermelhos e que as exposições fossem feitas quando fossem dados sinais através do médium.

A introdução da fotografia por infravermelhos na sala de sessões tem sido uma bênção tremenda, pois a experiência mostrou que a luz branca é prejudicial para o médium, a menos que seja usada com o consentimento dos guias e estes façam preparativos para neutralizar o seu efeito. Já descrevi como médiuns foram feridos quando, acidentalmente, a luz branca foi acesa.

Para o efeito da minha experiência fotográfica com Webber, ele foi firmemente amarrado à cadeira. Os seus braços foram primeiro atados a cada um dos apoios da cadeira e, depois, as suas pernas foram amarradas aos pés da mesma. Estou bastante familiarizado com o truque de fazer força quando se está a ser amarrado, de modo a que, ao relaxar mais tarde, se obtenha uma folga suficiente para permitir a manobra. Tomei precauções para garantir que isso não fosse possível com Webber. Além disso, tínhamos provas fotográficas para mostrar que a amarração no final da sessão era a mesma do início.

Após prender o médium à cadeira, todos os nós foram entrançados com linha de algodão preta, que normalmente se partiria se houvesse alguma interferência. Além disso, o algodão preto foi também atado à volta de um botão do seu casaco e dado um nó através de uma casa de botão. O mais pequeno movimento por parte do médium teria partido o algodão. No entanto, no final da sessão, todos os nós e linhas estavam intactos.

Todo o processo de retirar o casaco do médium e de o recolocar demorou catorze segundos. Entre a tomada das fotografias, fomos pedidos pelo guia de Webber para acender a luz branca, de modo a podermos ver claramente o médium com o casaco retirado e sentado em mangas de camisa. Isto aconteceu oito segundos após a sessão ter começado. Dois segundos mais tarde, uma terceira fotografia mostrou o casaco no processo de regressar ao médium; estava a meio do corpo de Webber, com as mangas parcialmente de volta à sua posição original. A frente do casaco parecia ser semitransparente, pois os botões do colete podiam ser vistos através dele. A quarta fotografia mostrou o casaco completamente restaurado na sua posição original. Obviamente, os assistentes não foram responsáveis por esta proeza. Nenhum deles poderia ter retirado o casaco sem mexer nas cordas ou partir o algodão. Em todo o caso, cada assistente tinha as mãos ligadas às do seu vizinho.

Não estou a afirmar que os fenómenos desta natureza sejam provas de uma vida além-túmulo, mas demonstram de facto a existência de leis super-físicas e de uma inteligência que não emana deste mundo. A inferência, portanto, é a de que pertence a alguém num mundo de outras dimensões. A inteligência, pelos seus resultados, prova que tem a capacidade de raciocinar. Este tipo de fenómeno é admirável para o cético, que não está interessado no aforismo de São Paulo de que as coisas espirituais devem ser discernidas espiritualmente, mas insiste em testemunhar manifestações espirituais a um nível material.

Demonstrações fotografadas do “impossível” foram também obtidas em sessões com Margery Crandon de Boston, EUA. Um dos resultados foi chamado “a maior exibição psíquica da história”. Provou a passagem da matéria através da matéria.

As experiências começaram por sugestão de William H. Button, que era então o presidente da Sociedade Americana de Investigação Psíquica. Button, um investigador entusiasta, era também um proeminente advogado de empresas. A sua mente jurídica tinha ponderado o problema de produzir provas que fossem em si mesmas uma prova científica do poder espiritual. Finalmente, ocorreu-lhe uma

ideia engenhosa, uma ideia que ele propôs a Walter, o irmão falecido de Margery, que atuava como seu guia.

Se, sugeriu Button, dois anéis de madeira maciça pudessem ser interligados numa sessão, uma proeza que é normalmente impossível, eles seriam uma prova permanente que não poderia ser explicada de outra forma e revelariam também o funcionamento de uma força supernormal. Walter prometeu cooperar. Os anéis de madeira maciça foram obtidos na sessão seguinte. Em poucos minutos ficaram unidos, um dentro do outro. Button ficou tão deliciado que pediu a Walter para repetir a experiência, o que ele fez.

Os jubilantes assistentes decidiram dar conhecimento dos resultados a Sir Oliver Lodge. O famoso cientista sugeriu que deveriam tornar o teste ainda mais rigoroso. Poderia ser argumentado por um cético hipercritico, disse ele, dado que os anéis eram feitos do mesmo tipo de madeira, que eram originalmente um bloco sólido que tinha sido cortado na forma de um par interligado. Para superar até esta crítica, Lodge ofereceu-se para fornecer dois anéis, cada um feito de um tipo diferente de madeira. Ele forneceu-os, um de teca e o outro de pinho duro, tendo-os fotografado antes de serem enviados para Boston.

Foi perguntado a Walter se conseguiria interligar estes anéis de madeiras diferentes. Ele fê-lo, e o resultado, “a maior exibição psíquica da história”, foi guardado numa vitrina de vidro. Isto levou alguns dos assistentes a produzir pares de anéis feitos de madeiras diferentes, todos os quais foram interligados com sucesso por Walter.

Depois, sucedeu-se uma série de acontecimentos estranhos. Quer estes se devessem a brincadeira por parte de Walter quer não, não posso dizer, mas parecia que ele andava a jogar jogos com os anéis interligados. Por vezes, na sala de sessões, os assistentes viam os anéis com o aspeto de terem partes corroídas. Outras vezes, Margery Crandon via serradura caída sobre a mesa e parte dos pares em falta. Depois, os anéis eram encontrados partidos ou separados. Finalmente, restou apenas a exibição na vitrina de vidro.

Quando Hannen Swaffer visitou a casa dos Crandon, Button foi buscar a exibição premiada. Infelizmente, encontrou um dos anéis

partido em resultado de uma fenda que ele sustentava não ter podido ser feita acidentalmente. Este acontecimento misterioso levou Button a argumentar que havia "uma lei da frustração" em funcionamento.

"Walter deu-nos provas, vezes sem conta, de que esta prova final poderia ser possível", disse ele, "mas depois algo acontece sempre para a levar. Isso faz-me pensar."

Haverá tal lei da frustração? Não sei.

Button, para ilustrar a sua teoria, apresentou uma coleção de aportes que tinham chegado à sala de sessões de Crandon. Eram cristais de rocha e espécimes minerais semelhantes, alguns pesando várias libras. Contou uma ocasião em que estava com Margery na carruagem-salão de um comboio. Estavam sentados sozinhos. Enquanto segurava as mãos da médium, perguntou a Walter se ele poderia produzir um aporte. Um desses grandes cristais de rocha apareceu subitamente em cima da mesa ao lado deles.

Capítulo 19

UMA ASSINATURA ESPIRITUAL

A materialização é a maior e a mais rara forma de mediunidade. Envolve ou a reprodução completa do corpo físico, ou daquelas partes essenciais dele que são necessárias para alcançar uma criação temporária de carne e osso. O que emerge numa sessão de materialização bem-sucedida é um ser vivo, pulsante, que respira, sólido, consciente, que fala e caminha, tem batimentos cardíacos e do pulso, é quente e sólido ao toque, e tem sangue ou o seu equivalente a fluir pelas suas veias.

Louisa Bolt realizava uma sessão de materialização apenas uma vez por ano. A sua silhueta esguia e pálida sugeria tudo menos uma médium de materialização. No entanto, foi em algumas das suas

sessões que vi os meus resultados mais marcantes nesta fase da mediunidade. A sessão que estou prestes a descrever é uma que viverá sempre na minha memória, pois uma promessa espiritual foi cumprida nessa noite. Uma forma materializada colocou-se à minha frente e, tal como dissera que faria, alguns meses antes, escreveu a sua assinatura num pedaço de papel que lhe estendi.

Como é habitual para este tipo de sessão, um "gabinete" tinha sido feito cortando um recanto da sala com cortinas. A Sra. Bolt, a seu pedido, foi amarrada com cordas a uma cadeira no gabinete. A luz vermelha era suficientemente forte para eu ver claramente as horas no meu relógio e para ser capaz de ler as notas que estava a fazer.

Poucos minutos após a sessão começar, os outros quatro visitantes e eu sentimos as brisas psíquicas frias que acompanham sempre a produção destes fenómenos. Tal como o gabinete, segundo nos dizem, é utilizado para armazenar e condensar o poder espiritual necessário para produzir materializações, também as brisas frias são tidas como indicativas de parte do processo utilizado pelos operadores invisíveis para obter os seus resultados. A descida da temperatura é inconfundível.

De dentro do gabinete apareceu uma mão pequena e branca que, fomos informados, pertencia a Ethel, a guia encarregue dos fenómenos. Numa voz suave e gentil, ouvimo-la perguntar: "Conseguem ver o meu rosto?". Depois, apareceu em frente ao gabinete, uma figura belíssima, trajada com vestes de um branco deslumbrante. Notei, como tenho feito frequentemente, que, embora uma luz vermelha iluminasse a sala, a roupagem ectoplásmica era de uma brancura nívea. Tão-pouco refletia a luz vermelha. Ethel insistiu em mostrar-nos o seu rosto de uma beleza impressionante — diga-se de passagem, não ostentava qualquer semelhança com o da médium. A Sra. Bolt é atraente, mas seria a primeira a admitir que os seus traços não se podiam comparar em beleza com os da sua guia.

Ethel pediu a cada um de nós que se adiantasse e lhe apertasse a mão. A sua mão era macia e quente. Para todos os efeitos, assemelhava-se a uma mão humana completamente formada. Quando lhe apertei a mão, ela permitiu que o drapeado sobre o seu armo

roçasse em mim. Pedi permissão para manusear esta roupagem espiritual, e esta foi prontamente concedida. Apenas a posso descrever como tendo uma textura de teia de aranha, muito mais macia do que a seda mais fina, e dando-me a impressão de tocar em teias de aranha.

Um dos cinco visitantes era Lady Caillard, cujo marido, Sir Vincent, tinha prometido materializar-se. Na vida terrena, ele fora um conhecido industrial que tinha sido presidente da Federação das Indústrias Britânicas. Eu não o tinha conhecido antes da sua passagem, mas tinha passado a conhecer a sua voz através de a ouvir em sessões com Estelle Roberts e Louisa Bolt. A voz que ouvi sair do gabinete era semelhante à forma de falar de Sir Vincent como a tinha ouvido noutras sessões. O melhor testemunho, contudo, veio da sua esposa, que foi facilmente capaz de a identificar.

"Estou a fazer o meu melhor", disse ele para ela; "tudo parece tão difícil, porque estou entusiasmado. Estarei contigo num momento. Deixa-me ficar suficientemente forte para suportar a luz." Isto indicava claramente que, além do labor dos guias, a entidade manifestante tem também a sua contribuição a fazer.

A seguir, Sir Vincent dirigiu-se a mim, dizendo: "Manterei a minha promessa". Poucos momentos depois, ouvi-o dizer a Lady Caillard: "Estou inteiramente pronto. Estou mais do que pronto". Num tom compenetrado, rezou: "Oh Deus, dá-me forças".

Depois, apareceu em frente às cortinas do gabinete. Era várias polegadas mais alto do que Ethel. Eu teria calculado a sua altura em seis pés. Os seus traços estavam completamente materializados, incluindo inclusivamente o seu bigode distintivo. Chamou a esposa pela alcunha que ela disse que ele usava sempre quando se dirigia a ela. Depois, voltou-se para o lado do gabinete onde estavam algumas rosas, trazidas pela esposa, que tinham sido colocadas numa taça sobre uma mesa. "As minhas flores", exclamou. Com uma mão materializada claramente visível, retirou duas rosas da taça e pediu-lhe que se chegasse à frente. Quando ela o fez, ele entregou-lhe as flores. "Esta é a nossa realização final", disse ele. Primeiro pegou-lhe na mão e depois abraçou-a.

Lady Caillard, uma católica romana praticante, tinha iniciado a sua investigação sobre o Espiritualismo quando a passagem do marido a deixou destroçada pelo luto. Gradualmente, as provas da sua sobrevivência tinham-se acumulado através de muitos médiuns e variadas fases de fenómenos. Esta, contudo, era a primeira vez que ele se materializava, para cumprir uma promessa que fizera em sessões anteriores.

A cena que foi reencenada diante de nós foi uma na qual senti que não tinha o direito de estar presente. Este era um reencontro emocionante entre um marido morto e a sua esposa viva, o maior de todos os dramas humanos, um drama carregado de suprema emoção. O Sir Vincent materializado beijou a esposa várias vezes e, durante os seus abraços, sussurrou-lhe palavras de afeto e de encorajamento. Ele já tinha dito à esposa, uma mulher muito doente, em sessões anteriores, que o reencontro deles não estava longe. Referiu-se novamente ao seu próximo reencontro que, diga-se de passagem, teve lugar cinco meses mais tarde, quando ela faleceu.

Quando ela regressou ao seu lugar na sala de sessões, Sir Vincent insistiu em apertar a mão a cada um de nós. Tal como a de Ethel, a sua era uma mão real. Sei que era. Quando me apertou a mão, bateu-me com a outra mão. Pertenciam certamente a um homem! As suas mãos eram mais duras do que as de Ethel, que eu tinha apertado mais cedo na sessão.

Sir Vincent anunciou que teria de se retirar por uns momentos para o interior do gabinete para obter "mais poder". Quando reapareceu, Lady Caillard chamou-lhe a atenção para o facto de estar a usar no pulso um relógio que tinha mandado fazer especialmente para ele. Ao pressionar um pequeno trinco saliente, o relógio dava badaladas primeiro das horas, depois dos quartos e, finalmente, dos minutos, de modo que as horas podiam sempre ser sabidas, mesmo no escuro.

"Olha, aqui está o teu relógio", disse ela. Enquanto estendia o pulso, a mão materializada dele libertou o trinco e o relógio badalou as horas.

Depois, pediu-me o meu caderno no qual pretendia escrever a sua assinatura e, assim, cumprir a sua promessa feita numa sessão anterior. Eu tinha estado a tirar notas num caderno "braille", um tipo que usava sempre nas sessões porque contém linhas em relevo e me permite escrever no escuro, se necessário.

Adantei-me em direção ao gabinete e ofereci o meu caderno, ao qual tinha dado a volta para que a sua escrita evitasse as linhas em relevo. Depois de escrever parte da sua assinatura, queixou-se das saliências e pediu uma folha de papel lisa. Esta foi-lhe dada por mim. A sua esposa entregou-lhe um lápis. Segurei o meu caderno com a folha de papel lisa por cima dele. "Agora podemos ver como por um espelho, de forma obscura, mas depois face a face", disse ele.

Depois escreveu a sua assinatura. "Cumpri a minha promessa?", perguntou ele. Assegurei-lhe que sim. Sir Vincent deu um passo mesmo para fora do gabinete e mostrou-nos que era uma figura completamente formada e materializada. "Foi um grande reencontro", disse ele.

Mesmo isto não foi o fim da sessão. Foi-me pedido que me adiantasse para ver Ivy, uma pequena controladora de cor que ajuda a Sra. Bolt. Ivy pediu-me para segurar um piano de brinquedo que ela queria tocar. Ajoelhei-me para atender ao seu pedido. Na minha posição de joelhos, observei que ela tinha exatamente a minha altura. Conseguia ver o seu rosto preto, dentes brancos, lábios grossos e língua rosa. Assim, numa única sessão, três materializações distintas, embora diferentes, tinham-se tornado visíveis para nós.

Os poderes psíquicos de Louisa Bolt são responsáveis pelo que de mais próximo de uma mediunidade mecânica eu tenho visto. Primeiro surgiu um aparelho, o Refletógrafo. Este consistia num teclado ligado a um ecrã, no qual letras iluminadas apareciam quando as teclas eram premidas por poder espiritual. Após meses de experiências, o sucesso foi alcançado, e com boa luz vermelha. A médium estava firmemente presa a uma cadeira. Dela emanava uma haste psíquica que tateava em direção ao instrumento. Da extremidade da haste, uma mão espiritual materializava-se, operava o Refletógrafo e soletrava mensagens.

A seguir veio o Comunígrafo. Este apresentava-se na forma de uma mesa circular com um tampo de vidro, através do qual letras iluminadas eram mostradas quando os operadores espirituais faziam o contacto entre um pêndulo e pontos elétricos ligados a um teclado por baixo da mesa. Após cada palavra estar terminada, uma estrela brilhava no ecrã. No final de cada comunicação, uma campainha era tocada. Dois livros foram escritos neste instrumento, sendo cada palavra soletrada pelo comunicador e registada por um estenógrafo.

A realização final envolveu selar um manipulador de Morse de modo a que este não pudesse ser operado de nenhuma forma normal, e receber comunicações espirituais através dele. Foram necessários oito anos de desenvolvimento para atingir a fase em que as mensagens espirituais vinham em código Morse, com boa luz vermelha, e com a Sra. Bolt aparentemente já não em transe, pois manteve uma conversa normal durante todo o tempo.

Se eu não tivesse visto materializações na sala de sessões, duvido que teria aceitado alguns dos "milagres" registados na Bíblia. Muitos clérigos modernos rejeitam estes relatos bíblicos de aparições pós-morte porque sustentam que estes conflituam com o conhecimento científico. É estranho que o Espiritualismo, que levanta o antagonismo daqueles com perspetivas religiosas muito ortodoxas, forneça as provas que tornam os "milagres" da Bíblia viáveis porque são duplicados hoje em dia na sala de sessões.

O que é extraordinário é o facto de que, embora a Bíblia tenha sido traduzida por homens que sem dúvida não tinham conhecimento do Espiritualismo, praticamente todas as suas descrições daquilo que eram indubitavelmente fenómenos psíquicos estão em linha com os acontecimentos mediúnicos modernos. Além disso, estes relatos da Bíblia cumprem as condições exigidas pelas leis psíquicas tal como as vemos operar hoje em dia.

O Dr. Barnes, quando era Bispo de Birmingham, incorreu no desagrado de colegas clericais porque rejeitou as aparições pós-morte de Jesus e disse que eram mitos. Se ele tivesse testemunhado, como eu tenho feito, uma repetição dos fenómenos que ocorreram no Cenáculo, teria percebido que nem milagre nem mito estavam envolvidos.

Jesus, de acordo com o relato, apareceu no que era virtualmente um duplicado do seu corpo terreno, um corpo tão sólido que o cético Tomé foi convidado a manuseá-lo. De forma semelhante, eu e outros temos manuseado os corpos materializados de pessoas que tinham morrido há anos.

Se a história de Jesus tivesse terminado com a crucificação, é duvidoso que alguma vez se tivesse ouvido falar mais de Cristianismo. Olhando friamente para a narrativa da Bíblia, é incontrovertível que a crucificação representa o Cristianismo desacreditado, com a sua figura principal desprezada e pendurada entre dois ladrões. Um discípulo tinha traído Jesus por trinta moedas de prata. Outro provou ser um traidor, enquanto todos os restantes fugiram na hora da provação.

Foram as provas, e não a fé, a certeza, e não a esperança, que transformaram os discípulos em apóstolos a arder em zelo para espalhar o novo evangelho. As provas consistiam em ver que o seu líder não tinha perecido com a morte. Ele tinha sobrevivido e, a partir da vida além-túmulo, dava provas da sua presença contínua. Esse é o significado da sessão no Cenáculo. Foram provas psíquicas semelhantes que transformaram Saulo, o perseguidor, em Paulo, o grande propagandista. Esse é o significado do que aconteceu a Saulo a caminho de Damasco.

O conhecimento do Espiritualismo é a resposta para muitos enigmas da Bíblia. Por que razão escolheu Jesus estes doze homens para serem os seus discípulos? Não foi pela sua vocação, pela sua educação, pelos seus dotes sociais ou mesmo pelos seus caráteres. A minha tese é a de que eram médiuns, selecionados pelos seus talentos psíquicos, que constituíam aquilo a que os espíritas chamariam o círculo perfeito. É tão verdade hoje como era então que os dons psíquicos não são necessariamente acompanhados por dotes espirituais, mentais ou culturais.

Pedro, João e Tiago eram o que nós chamaríamos médiuns físicos. A julgar pela narrativa da Bíblia, a sua mediunidade física não estava dependente de Jesus, mas funcionou mesmo após a sua morte. Quando se tratava de demonstrar fenómenos psíquicos de caráter físico, Pedro, João e Tiago eram sempre convidados a acompanhar

Jesus. O exemplo soberbo é a sessão no Monte da Transfiguração, onde o ar puro e a quietude eram condições ideais para manifestações psíquicas.

Diga-se de passagem que em parte alguma da minha leitura do Novo Testamento encontro relatos de fenómenos psíquicos que não estejam em harmonia com a sua apresentação na atualidade. Não há, por exemplo, materializações à luz do dia porque, tal como constatámos hoje, a luz branca é prejudicial para a produção destes fenómenos. Ocorriam sempre à noite ou ao crepúsculo.

Examinemos esta sessão no monte, tal como descrita no Evangelho de S. Lucas. Enquanto Jesus rezava, lemos nós, "o seu aspeto alterou-se e as suas vestes tornaram-se de um branco resplandecente". A transfiguração não é um fenómeno psíquico invulgar. Tenho visto frequentemente o rosto de um médium transfigurar-se, devido ao ectoplasma construído sobre ele, até que os traços de uma pessoa falecida sejam claramente reconhecíveis. E as "vestes de um branco resplandecente" são uma descrição perfeita da roupagem ectoplásmica.

Pedro, João e Tiago estavam "carregados de sono" ou, como diriam os espíritas, estavam em transe. Acordaram para constatar que Jesus estava a comunicar com Moisés e Elias, que, como é óbvio, tinham morrido há muitos anos. Depois, Pedro sugeriu que deveriam construir três tabernáculos, um para Jesus, um para Moisés e um para Elias. A palavra "tabernáculo" poderia facilmente ser traduzida por "gabinete". Pedro tinha sem dúvida em mente a possibilidade de se realizarem outras sessões de materialização no monte.

Esta sessão fornece a resposta perfeita àqueles que afirmam que os fenómenos psíquicos são condenados na Bíblia. Em apoio da sua crença, citam habitualmente textos que se diz terem sido proferidos por Moisés. Se esses textos são, como sugerem, condenações de fenómenos psíquicos, então Moisés desafiou as suas próprias proibições quando se materializou, juntamente com Elias, perante Jesus.

O Evangelho de S. João regista que, a primeira vez que Jesus se materializou após a sua morte, "quando ainda estava escuro", Maria

Madalena, que o conhecia bem, o confundiu com o jardineiro. Tal erro é incompreensível sem a chave psíquica. Como podia uma figura tão marcante e imponente como Jesus ser confundida com um jardineiro? A explicação é simples. O jardineiro deve ter fornecido a mediunidade necessária para esta primeira materialização de Jesus.

E, por se tratar de uma aparição inicial, a marca e a personalidade do jardineiro ficaram impressas na materialização — uma ocorrência que não é invulgar nas sessões de hoje em dia. Não é senão quando Jesus a chama pelo nome que Maria reconhece quem é a figura. Depois, corre para o saudar, mas depara-se com a injunção: "Não me toques". Um clamor semelhante é ouvido na sala de sessões quando uma forma espiritual se materializa pela primeira vez, simplesmente porque o poder não é suficientemente forte para suportar o manuseamento.

Mais tarde, em contrapartida, quando Jesus aparece na presença dos seus doze discípulos, cuja combinação de talentos psíquicos fornece um poder quase perfeito, não só ele é claramente identificável, como Tomé é convidado a tocar-lhe para que o seu ceticismo possa ter fim.

A moral que procuro extrair é a moral simples de que o Cristianismo deve a sua existência a fenómenos psíquicos que são semelhantes aos acontecimentos das salas de sessões da atualidade. Sempre que tenho ido a uma sessão de materialização, dou por mim a comparar as demonstrações que presenciei com as descritas no Novo Testamento.

Eu, tal como outros, vejo nestes fenómenos uma razão para aceitar os "milagres" da Bíblia que levaram milhares de pessoas a virar as costas à religião sobrenatural. Assim, a sessão torna-se uma ponte onde a ciência e a religião se podem encontrar, provando que a ciência pode ser religiosa e a religião científica.

Tenho tido muitas demonstrações marcantes do poder do espírito, como lhe chama a Bíblia, com médiuns na Grã-Bretanha e na América, quando tenho assistido a sessões de materialização. Durante uma digressão de conferências na América, fui convidado para uma sessão na Pensilvânia, onde vi uma materialização e a médium ao

mesmo tempo, e provei que não se tratava de uma alucinação ao tocar em ambas.

A médium era Ethel Post-Parrish que, pelo facto de ser a primeira vez que eu estava presente numa das suas sessões, me convidou previamente a examinar a sala e o gabinete, o habitual recinto fechado com cortinas. Para agradar à médium, fiz o meu escrutínio, embora soubesse que a prova de genuinidade residiria nos resultados — como de facto residiu.

A sala em que a sessão se realizou tinha cerca de quarenta pés de comprimento e estava iluminada por uma boa luz vermelha. Várias formas materializaram-se e caminharam ao longo de toda a extensão da sala. A figura de maior destaque a aparecer foi Silver Belle, uma rapariga índia que disse ser a guia da médium, a principal responsável pela produção dos fenómenos. Exibia orgulhosamente uma estrela brilhante na testa e chamou-me a atenção para as suas duas tranças longas e escuras. O seu cabelo era inteiramente diferente em cor e textura do da médium.

Silver Belle veio ter comigo, apesar de eu estar sentado na extremidade da sala, à maior distância do gabinete. Pegando-me no braço, pediu-me para deixar o meu lugar e para a acompanhar através da sala até chegarmos ao gabinete. Depois, convidou-me a entrar e a certificar-me de que a médium estava ali. Não só vi a Sra. Post-Parrish, como me foi dito para lhe tocar no cabelo e para a apalpar ao longo de todo um lado.

Durante todo o tempo, Silver Belle permaneceu fora do gabinete. Ficava assim em condições de dizer que me encontrava entre a médium e a forma materializada, vendo-as a ambas e tocando em ambas ao mesmo tempo. Quando anunciei este facto, Silver Belle pegou-me novamente no braço e caminhou de regresso comigo para o meu lugar original.

Foi Nuvem Vermelha, o guia de Estelle Roberts, quem me proporcionou uma demonstração que foi igualmente impressionante. Foi uma ocasião rara em que a médium deu uma sessão de materialização, uma forma de fenómeno que ela não demonstrava frequentemente. Antes da mesma, Nuvem Vermelha tinha solicitado

que duas placas luminosas e uma lanterna vermelha fossem colocadas na sala de sessões. Estas foram postas no recanto das cortinas que se tornou o gabinete improvisado.

Mais uma vez, coube-me a mim, a convite da médium, examinar o conteúdo do gabinete e fazer uma busca minuciosa na sala. Para satisfazer o capricho da médium, fiz o meu escrutínio e não encontrei nada que estivesse de alguma forma fora do comum.

Estelle Roberts entrou no gabinete e ficou logo em transe. Não demorou muito para que os fenómenos psíquicos fossem demonstrados. As duas placas luminosas flutuaram para fora do gabinete e passaram em frente das cortinas. Entre o seu brilho fosforescente, cedo distingui a silhueta de um rosto. Vinda da direção dos seus lábios, ouvi uma voz que identifiquei como pertencendo a Nuvem Vermelha. Tenho-a ouvido vezes demais para não a reconhecer.

Ao seu convite, aproximei-me a duas ou três polegadas do gabinete. “Dá-me a tua mão”, disse-me ele, enquanto estendia a sua própria. Apertámos as mãos. Não havia dúvida de que eu não estava a segurar a mão da médium. A mão do espírito materializado era forte e masculina, inteiramente diferente da de Estelle, que é esguia e inequivocamente feminina. “Sente o meu cabelo”, foi o pedido seguinte de Nuvem Vermelha. Quando acedi, notei, e senti, que o seu cabelo era longo e sedoso e chegava quase até onde seriam os seus ombros. Isto era extraordinário porque o cabelo da sua médium é curto, crespo, duro e inclinado a ser frisado.

Pelo menos seis vezes deixei o meu lugar e fiquei muito perto da forma materializada de Nuvem Vermelha. Duas vezes, para se mostrar o mais claramente possível, providenciou para que a luz da lanterna vermelha fosse focada nos seus traços. Era um rosto atraente, com olhos eloquentes. Calculei a sua altura como sendo várias polegadas mais alta do que a de Estelle Roberts.

Sustentarei sempre que a minha amiga Helen Duncan, a médium de materialização, foi vítima de um clamoroso erro judiciário. Quando, durante a guerra, foi acusada no Old Bailey ao abrigo da arcaica Lei da Feitiçaria de 1735, alguns jornais chamaram-lhe “O

julgamento do século". Obviamente, uma lei que entrou em vigor mais de um século antes do início do Espiritualismo não tinha a intenção de se aplicar aos médiuns modernos.

A sua condenação, e consequente aprisionamento, levou os espíritas a fazerem campanha, com sucesso, pela revogação desta lei, a qual, ao ser ressuscitada, implicava que todas as sessões eram ilegais e, assim, punha em perigo a nossa liberdade religiosa. Nas suas memórias de guerra, Sir Winston Churchill registou que enviou uma nota ao Secretário de Estado da Administração Interna queixando-se do facto de, numa época de urgência e perigo, tanto tempo e dinheiro serem desperdiçados num julgamento de "feitiçaria".

A defesa do advogado de que a Sra. Duncan era uma médium genuína, e a sua oferta para demonstrar os seus poderes de materialização dentro do recinto do tribunal, não foram consideradas legalmente admissíveis. A "infração" ao abrigo da Lei da Feitiçaria consistia em fingir que conseguia conjurar espíritos. Se ela era genuína ou não, passava ao lado do que dizia respeito a esta lei. O advogado da defesa estava seguro da capacidade dela para demonstrar os seus poderes de materialização no julgamento, pois ela deu-nos provas, mesmo antes de este começar, de que era capaz de o fazer. Apesar da tensão da sua provação, ela ofereceu-nos de bom grado uma sessão experimental que foi marcante nos seus resultados. Jardas e jardas de ectoplasma fluíram dela, e ondularam e correram em massas turbilhantes até que mesmo espíritas experientes como eu olharam com assombro para o espetáculo.

Com Helen Duncan, tive o privilégio de ver o crescimento de uma materialização dentro do gabinete. No exterior, observei as formas ectoplásmicas à medida que diminuíam gradualmente de tamanho até se assemelharem a pequenas esferas de luz e, finalmente, desaparecerem como se estivessem a afundar-se no chão. No interior do gabinete, assisti ao ectoplasma a emanar das narinas, boca e ouvidos da médium em vagas ondulantes de luminosidade que se solidificavam gradualmente na figura de seis pés do seu guia.

Harry Price, um investigador que vivia da publicidade, propôs a teoria extraordinária de que, em vez de ser uma médium de

materialização genuína, Helen Duncan engolia jardas de morim que mais tarde regurgitava. Para mostrar quão absurda era esta teoria, a Sra. Duncan submeteu-se de bom grado a um exame de radiografia. A "explicação" de Price era a de que ela tinha um segundo estômago, como uma vaca. O exame de radiografia provou que tanto o seu estômago como o seu esófago eram normais. O advogado da defesa no Old Bailey tentou introduzir as fotografias de radiografia como prova, mas estas também foram legalmente inadmissíveis.

Mais de uma vez nas sessões de Helen Duncan, fui convidado a manusear algum do ectoplasma imediatamente após ter sido produzido. Estava sempre seco como um osso e tinha um "toque" estranhamente rígido, provando que não poderia ter sido regurgitado. Realizei uma experiência que foi conclusiva no seu resultado. Por sugestão minha, Helen Duncan e todos os assistentes numa sessão engoliram comprimidos de azul de metileno. Estes tinham o efeito de tingir com uma cor azulada o conteúdo de todos os nossos estômagos. No entanto, quando as materializações apareciam, apresentavam a sua cor branca habitual.

Tendo dado estes exemplos de materialização, gostaria, em contrapartida, de fornecer um que é exatamente o oposto — a desmaterialização. Helen Duncan tinha um dom psíquico que lhe permitia ler perguntas escritas colocadas em envelopes selados e fornecer as respostas. Testei esta capacidade muitas vezes. Certa vez, escrevi uma pergunta relativa a uma mulher com um nome composto muito invulgar, Bayley-Worthington. Naturalmente, certifiquei-me de que a médium não via o que eu escrevia, mas ela foi capaz de repetir a minha pergunta, incluindo este nome incomum, e de me dar uma resposta.

Aconteceu eu mencionar este fenómeno a Estelle Roberts que, nunca o tendo visto demonstrado, expressou o desejo de participar numa sessão desse tipo. Organizei um encontro entre as duas médiuns. Entreguei a Estelle Roberts uma folha de papel na qual ela escreveu uma pergunta que mais ninguém conseguia ver. Dobrou o papel e colocou-o num envelope. Este foi selado por ela e entregue a Helen Duncan.

Antes de tentar “ler” a pergunta, a Sra. Duncan seguiu o seu procedimento habitual. Lentamente, esfregou o envelope selado na fonte e, depois, na base da sua coluna. Disse que era sempre necessário fazer isso antes de conseguir repetir as palavras no papel dobrado. Depois, lentamente, exclamou: “Quando — irei — eu — receber — notícias — do — meu — ...”

Aqui, uma expressão intrigada surgiu no rosto da Sra. Duncan. “Desapareceu!”, anunciou ela.

Estelle Roberts comentou: “Isso é muito bom. Leu a minha pergunta, toda ela exceto as duas últimas palavras”. Continuando com um aspeto intrigado, Helen Duncan repetiu: “Desapareceu!”. Estelle Roberts assegurou à Sra. Duncan que ela tinha sido exata até onde tinha ido e, para confirmar a sua afirmação, abriu o envelope com a intenção de mostrar a pergunta que tinha escrito. Foi então que ficámos todos surpreendidos, pois o papel tinha desaparecido! O envelope estava vazio. E o papel nunca mais reapareceu.

Estelle Roberts disse-me que compreendia o significado deste estranho acontecimento. Tinha feito uma pergunta relativa a alguém que tinha falecido, e lembrou-se de que Nuvem Vermelha tinha dito que ela não deveria procurar informações sobre esse indivíduo até que tivesse decorrido um certo tempo, e isso ainda não tinha sucedido.

O poder de materialização da Sra. Duncan tinha outra faceta curiosa, na qual um ponteiro de ardósia escrevia sem qualquer meio visível aparente de suporte. Este era um fenómeno que ela nunca levava a sério e tinha sempre de ser bajulada para o demonstrar.

Os requisitos eram duas ardósias, como as que as crianças da escola usam, e um ponteiro. Primeiro, lavei as ardósias até ficarem limpas e escrevi uma pergunta com um ponteiro, certificando-se de que a médium não conseguia ver o que eu estava a fazer. Depois, coloquei o ponteiro horizontalmente entre as duas ardósias e atei-as à volta com um cordel. Helen Duncan colocou-as por baixo de uma mesa.

Segurava uma mão por baixo das ardósias para as manter cunhadas e para evitar que caíssem. Ouvi o ponteiro fazer o seu som habitual de arranhar à medida que uma resposta à minha pergunta era

escrita. Quando a resposta ficou concluída, ouviram-se três batidas distintas vindas de debaixo da mesa. Este era o sinal para a Sra. Duncan apresentar as ardósias. Quando as abri, havia uma resposta do espírito escrita por baixo da minha pergunta.

Capítulo 20

SUPRIMIDO PELA IGREJA

A religião de um indivíduo depende habitualmente do local onde nasceu. Aqueles que defendem com veemência as doutrinas que abraçam como membros, por exemplo, da Igreja de Inglaterra, seriam, com toda a probabilidade, igualmente entusiastas na defesa do Hinduísmo se tivessem nascido na Índia.

Ninguém tem realmente uma mente aberta sobre a religião — e poucos são suscetíveis à argumentação. Na sua maioria, a nossa religião fundamenta-se naquilo que nos foi ensinado em crianças, a menos que haja convulsões mentais e espirituais na vida adulta ou mais tarde.

A criança aceita sem questionar o ensino religioso que ouve. Como a sua mente é resiliente e plástica, as doutrinas, expostas com toda a sinceridade por adultos, são aceites como verdades literais. Com o tempo, a sua repetição tece-as na estrutura da mente subconsciente, de modo que a aquiescência se tornou quase automática. Mesmo em anos posteriores, a menos que haja uma reviravolta, as perguntas sobre religião produzirão quase mecanicamente as respostas que se deviam à formação da infância.

Quanto mais idoso o indivíduo se torna, mais difícil é descartar as crenças religiosas às quais se agarrou durante tanto tempo. Isto é especialmente verdade no caso dos clérigos. Discuti outrora este problema com o Rev. John Lamond, um teólogo de Edimburgo que não anunciou as suas convicções espíritas senão muito tarde na vida. Obviamente, esta era uma questão que lhe tinha causado muito exame de consciência. Com um olhar penetrante, disse-me que tinha sido uma das suas decisões mais difíceis aliar-se ao Espiritualismo, que era visto com desdém pelos "puritanos".

A atitude do clérigo em relação ao Espiritualismo é semelhante à do médico quando confrontado com as curas espirituais. Ele é confrontado com relatos de fenómenos que parecem contradizer tudo o que aprendeu na faculdade. Os acontecimentos da sala de sessões não se alinham com a sua teologia. A perspetiva do clérigo é ortodoxa, e ele pode pensar que a sua lealdade está envolvida.

Não é de surpreender que ache extremamente difícil acolher o que se afirma ser uma "nova revelação", através de médiuns cujos fenómenos se diz serem semelhantes aos acontecimentos da Bíblia, os quais o clérigo encara com especial devoção.

Quer ele se dê conta disso quer não, a sua formação teológica dá-lhe uma antipatia subconsciente em relação ao Espiritualismo. Assim, não se pode esperar que o encare de forma desapaixonada. Tem havido, como ainda há, exceções marcantes de clérigos que defenderam o Espiritualismo. Eram eles próprios mediúnicos, ou casaram no seio de uma família mediúnica, ou, por razões pessoais, ficaram ansiosos por descobrir se uma vida além-túmulo poderia ser demonstrada e receberam provas esmagadoras.

Uma das minhas grandes surpresas foi ser abordado por um cónego que me disse estar disposto a pagar cem libras se a vida além-túmulo lhe pudesse ser provada. "Certamente, como cónego, o senhor acredita nisso e não necessita de provas", disse eu. "Sim, eu costumava acreditar", respondeu ele, "mas agora já não tenho tanta certeza. Perdi a minha esposa e gostaria de saber."

Embora, por virtude da sua vocação, o clero devesse ser composto por peritos espirituais, a sua ignorância sobre os estados após a morte é quase alarmante. Afinal de contas, passam uma grande parte do seu tempo a preparar as pessoas para a morte e a tentar confortar os enlutados. O que com demasiada frequência se atravessa no caminho de adquirirem provas da sobrevivência é uma perspetiva teológica baseada na aceitação de certas crenças doutrinárias.

A Igreja de Inglaterra realizou um inquérito sobre o Espiritualismo, inquérito esse que durou dois anos. O seu relatório foi suprimido. Nada mais se teria ouvido falar dele se eu não tivesse sido responsável pela publicação das principais conclusões do seu relatório

maioritário. Sempre sustentei que, se este relatório tivesse sido desfavorável ao Espiritualismo, não teria sido consignado às gavetas do Lambeth Palace.

Enquanto a comissão esteve reunida, e mesmo antes de o seu relatório ter sido elaborado, um clérigo luterano escreveu ao Arcebispo de Cantuária a pedir algumas informações. Este ministro sueco queria que o Dr. Cosmo Gordon Lang lhe dissesse qual a atitude da Igreja de Inglaterra em relação ao Espiritualismo. O ministro, o Rev. Martin Liljeblad, mostrou-me, quando visitei a sua casa na Suécia, a resposta que recebeu do Primaz.

Disse o Dr. Lang: "O Espiritualismo e os serviços espíritas não são tolerados nem encorajados na Igreja de Inglaterra".

Diga-se de passagem que a hostilidade demonstrada pelo Dr. Lang ainda é evidente na atualidade. Isto é indicado no relatório da comissão dos arcebispos sobre a cura divina, que não só suprimiu as provas de curas oferecidas por Harry Edwards, como aparentemente se desviou do seu caminho para apresentar o Espiritualismo sob a luz menos atraente.

A comissão de inquérito sobre o Espiritualismo teve o seu início no início de 1937, quando o Dr. William Temple, uma das maiores mentes da Igreja de Inglaterra, era Arcebispo de Iorque. Foi abordado pelo Dr. Underhill, então Decano de Rochester e mais tarde Bispo de Bath e Wells, e pelo Rev. G. Maurice Elliott, um vigário do norte de Londres com uma grande experiência de mediunidade.

Quando instaram o Dr. Temple de que o momento era oportuno para a Igreja indagar sobre o Espiritualismo, ele concordou. Esta foi uma ação de mente aberta. Apenas três anos antes, numa palestra pública em Glasgow, o Dr. Temple tinha afirmado: "É positivamente indesejável que haja uma prova experimental da sobrevivência do homem à morte". Esta era uma visão que ele mantinha há muitos anos. Apesar da sua perspetiva expressa, o Dr. Temple abordou o Dr. Lang e foi formado um comité para investigar o Espiritualismo.

Após um inquérito sistemático, de 1937 a 1939, que incluiu a realização de sessões com médiuns, os dez membros do comité emitiram as suas conclusões. Sete deles, os representantes mais

influentes, assinaram um relatório maioritário unânime. Os restantes três — um era esposa de um bispo, outro era secretário de um bispo — assinaram um relatório minoritário de caráter indefinido. Em traços gerais, o relatório maioritário era favorável ao Espiritualismo.

Tenho o seu texto à minha frente enquanto escrevo. Os seus signatários incluem o Dr. Underhill, o Dr. W. R. Matthews, o Decano de S. Paulo, o Cónego Harold Anson, Mestre do Temple, o Cónego L. W. Grensted Nolloth, Professor da Religião Cristã em Oxford, o Dr. William Brown, o célebre psicólogo, e o Sr. P. E. Sandlands, K.C.

Fiquei impopular junto do Lambeth Palace por revelar o conteúdo deste relatório maioritário. De facto, a minha publicação causou tal agitação nos jornais nacionais que o Arcebispo de Cantuária pediu a uma espírita de destaque que usasse a sua influência para suprimir o clamor da imprensa sobre este assunto. Tratava-se da Sra. M. A. St. Clair Stobart, presidente da Confraternidade, que procurava uma aliança entre a Igreja e o Espiritualismo.

O Dr. Matthews protestou publicamente contra a retenção do relatório. O mesmo fez o Cónego Gerald H. Rendall, que declarou: "As fulminações ou injunções mal avisadas dos reverendos ‘Pais em Deus’, ou a política de secretismo que motivou a supressão das conclusões do Comité de Inquérito do Arcebispo, refletem o tímido clericalismo que tantas vezes tem sido o flagelo da Igreja oficial. Poucos percebem a extensão e o peso do ressentimento que uma ação deste género produz. Os tabus sobre a discussão livre não só irritam, como dão cor e desculpa ao slogan: ‘O clericalismo é o inimigo’".

Quando o Dr. Temple foi nomeado Arcebispo de Cantuária, fiz o meu melhor para o convencer a publicar o relatório. Tivemos uma longa correspondência, mas não consegui avançar com ele. O mesmo Dr. Temple que, na sua cruzada pela justiça social, mostrou estar muito à frente dos seus colegas clericais, parecia ser quase um intransigente na religião. E o mesmo Dr. Temple, que foi destemido em muitos pronunciamentos sobre assuntos controversos da época, certificou-se de que eu não poderia citar as suas cartas ao marcá-las como "Confidencial" ou "Não para publicação".

Ao dar a conhecer o relatório, instei com ele, isso dissiparia a crença de que a Igreja recorria à evasão e à supressão em vez de encarar a verdade. O Dr. Temple, que não cedeu, chegou a dar a entender que tinha desempenhado um papel de primeiro plano ao instar para que o relatório não fosse publicado!

Estranhamente, apenas dois anos antes da nossa correspondência, o Dr. Temple escreveu um artigo para o *Daily Herald* no qual dizia: "As questões políticas mais importantes da atualidade são as questões de saber se Deus existe e se o homem sobrevive à morte do corpo". No entanto, aqui estava ele, a desempenhar um papel de liderança na retenção das provas da sobrevivência do homem. Poderia ser que, como Arcebispo de Iorque e, mais tarde, como Arcebispo de Cantuária, a sua lealdade aos seus cargos fosse o fator primordial?

Faz parte da minha tese que a ortodoxia, não apenas na religião, mas em todos os aspetos da atividade humana, é uma grande barreira à aceitação de novas ideias. A ortodoxia incute uma rigidez de mente que dificulta o acolhimento de novas ideias. É o verdadeiro obstáculo à aceitação do Espiritualismo por aqueles que são membros de qualquer denominação religiosa.

Consegui publicar as principais conclusões do relatório maioritário porque pelo menos um membro objetou a que os resultados do inquérito fossem enterrados nos arquivos do Lambeth Palace. Mais tarde, o relatório maioritário foi impresso na íntegra — não pela Igreja de Inglaterra, mas pelos espíritas. É a resposta perfeita para aqueles que argumentam que o Espiritualismo é anticristão. Eis uma passagem:

"É frequentemente instado como sendo de grande significado que o Espiritualismo, em muitos aspetos, reafirma as mais elevadas convicções das pessoas religiosas, e que tem trazido muitas a uma nova certeza da verdade de ensinamentos que tinham deixado de ter qualquer significado para elas."

Outra passagem é ainda mais marcante: "É claramente verdadeiro que o reconhecimento da proximidade dos nossos amigos que morreram, e do seu progresso na vida espiritual, e da sua contínua preocupação por nós, não pode fazer de outra forma, para aqueles que

o experienciaram, senão adicionar uma nova imediação e riqueza à sua crença na Comunhão dos Santos".

Noutra declaração, os signatários afirmam: "É certamente verdadeiro que existem paralelos muito claros entre os acontecimentos milagrosos registados nos Evangelhos e os fenómenos modernos atestados pelos espíritas. Se afirmarmos que estes últimos devem ser postos em dúvida porque ainda não se provaram capazes de formulação e verificação científicas, devemos acrescentar que os milagres, e a própria Ressurreição, também não são capazes de tal verificação". Houve até críticas à Igreja por ser "consideravelmente demasiado cautelosa nas suas referências aos falecidos".

O relatório maioritário terminava dizendo que era importante que os representantes da Igreja se mantivessem em contacto com grupos de espíritas. É uma pena, por si mesma, que a Igreja de Inglaterra não tenha publicado este relatório. Afinal de contas, a verdade nunca pode prejudicar a verdadeira religião. O final perfeito para este capítulo é a seguinte citação: "Penso que uma das piores críticas à nossa instrução religiosa é termos criado a impressão de que Deus foi singularmente ativo numa parte do mundo, a saber, a Palestina, até ao ano 66 d.C., mas que Ele não fez nada em mais lado nenhum e não tem feito nada desde então".

O Dr. Temple escreveu essas palavras, que são uma condenação da Ortodoxia. No entanto, quando confrontado com provas de que a revelação era um processo contínuo, mesmo até aos tempos modernos, ajudou a reter este conhecimento dos membros comuns da Igreja de Inglaterra e do mundo.

Capítulo 21

AS IMPLICAÇÕES

Apresentei algumas das provas da vida além-túmulo, que considero provada além de qualquer dúvida. As provas revelam que o

homem, após a morte, é um ser consciente, inteligente, dotado de razão, que possui memória, amizade, afeto e amor, e com a capacidade, dadas as condições corretas, de guiar os entes queridos deixados para trás. Pelo que consigo ver, todos os tipos de prova que estabeleceriam a identidade humana foram demonstrados. Mostram que o homem persiste como um indivíduo, com os traços, características e idiossincrasias que tornam uma pessoa diferente de todas as outras.

Tudo o que pode ser demonstrado é a sobrevivência consciente após a morte. A imortalidade, pela própria natureza do caso, não pode ser provada. Não existem meios pelos quais se possa demonstrar que o homem continuará a viver para sempre. A implicação lógica da sobrevivência provada é que a existência humana continuará e não terá um fim súbito. Como tivemos provas das atividades de seres de estatuto espiritual mais elevado do que aquele que é possuído pelo homem logo após a sua passagem, é razoável supor que existe uma lei de progresso evolutivo no Além.

É-nos dito que este é um processo pelo qual a escória é gradualmente eliminada e o ouro puro da divindade inata encontra uma expressão crescente. Novamente, somos informados de que o processo é eterno, com um esforço constante em direção à perfeição. Cada subida, contudo, revela outro pico a ser conquistado. Não há finalidade nas realizações mentais ou espirituais. Quanto mais se sabe, mais se percebe que há para saber. Não há limite para o conhecimento. Tudo isto, contudo, deve ser considerado como especulação, mas baseia-se em comunicações de seres evoluídos que mostraram ser capazes de produzir provas de identidade para satisfazer o crítico mais cauteloso.

Como passam os animais neste universo espiritual? Existem tantas provas para a sobrevivência de animais domesticados como existem para os seres humanos. Os cães e os gatos forneceram a maior quantidade de provas de uma existência continuada. Ocasionalmente, têm ocorrido fenómenos psíquicos para estabelecer a sobrevivência de um cavalo muito amado, de um macaco de estimação e até de uma ave domesticada.

Estou certo, pelas provas que recebi, de que irei encontrar os animais domesticados que foram membros da minha família e que morreram. Provaram a sua presença em numerosas ocasiões. Estou satisfeito por todos os animais domesticados que tiveram uma associação íntima com o homem continuarem essa ligação no além. Na perspetiva dos amantes de animais, o céu não seria o céu se os animais de estimação que partilharam as suas vidas na Terra já não estivessem com eles no Além.

É a consciência individual que sobrevive à sepultura. Todos os amantes de animais sabem que os seus animais de estimação desenvolvem individualidades distintas em resultado do seu contacto próximo com o homem. Parece que a associação entre o humano e o animal ou confere ao animal de estimação uma individualidade que este não possuía, ou estimula uma individualidade latente. O cão e o gato desenvolvem uma "humanidade" em resultado desta amizade que não possuíam anteriormente. Pode fazer parte da contribuição do homem para o esquema evolutivo conferir esta humanidade aos animais que ficam ao seu cuidado.

Esta humanidade é um fator na sobrevivência. Traça a linha de demarcação entre a sobrevivência individual de animais domesticados e outros que não persistem como indivíduos após a morte. É possível visualizar uma sobrevivência em grupo daquilo que, à falta de melhor termo, se poderia chamar "os animais inferiores", por oposição à persistência individual de um cão ou de um gato que dá provas de uma consciência quase humana.

Além da sepultura, mesmo os animais domesticados não seguem o mesmo caminho de evolução que o homem, pelo menos, segundo me dizem. O animal domesticado não continua o processo de aperfeiçoamento da sua individualidade. Isto não precisa de perturbar os amantes de animais, pois a separação pode ser daqui a centenas ou milhares de anos. Fiz a comparação em termos de anos para dar uma aproximação de um processo que ocorre num mundo espiritual que não está sujeito à nossa dimensão de tempo.

Ao lidar com a lei evolutiva, ofereço os meus pontos de vista sobre a reencarnação. Este é um problema extremamente complexo

que causa controvérsia mesmo entre os espíritas. Não haveria qualquer utilidade em tentar branquear a dificuldade. O mundo espírita está dividido em dois campos: o pró-reencarnação e o anti-reencarnação. Uma divisão semelhante encontra-se no mundo espiritual, com os antis a afirmar que não viram provas disso, e os prós a sustentar que de facto ocorre. Penso que poderia argumentar com igual força o caso a favor e contra o renascimento.

A dificuldade para os prós é a sua incapacidade de fornecer, além de qualquer sombra de dúvida, provas de uma existência anterior na Terra. Li todos os casos que pretendem fornecer esta prova, mas nenhum, a meu ver, atinge o padrão de ser incontestável. Existem sempre explicações alternativas. A mais simples, que está em conformidade com factos já demonstrados, é a incorporação espiritual. Na mediunidade, a incorporação espiritual mostra ser um acontecimento habitual nas sessões. Pode muito bem ser que os casos reivindicados como prova de reencarnação possam ser explicados pelo facto de o indivíduo ser inconscientemente incorporado.

Existem graus que vão desde a inspiração, onde o indivíduo não tem consciência de que é o instrumento de poderes superiores, até à obsessão, onde uma entidade espiritual tomou posse temporária ou permanente de um indivíduo. O meu amigo Dr. Carl Wickland escreveu um livro detalhando as suas experiências de trinta anos em sessões, nas quais a loucura era curada através da utilização da mediunidade da sua esposa para desalojar a entidade obsessora.

A experiência não raras vezes vivida de pessoas que vão a uma cidade estranha, no seu país ou no estrangeiro, e se sentem familiarizadas com locais que estão a ver pela primeira vez, não é prova de que tenham vivido ali numa vida anterior. Pode ser explicada por razões psicológicas, pelo facto de a perceção da cena pela mente se antecipar ao reconhecimento da mesma pelo cérebro. Outra explicação pode ser a viagem astral, que é um facto bem estabelecido. É possível assumir que possa ter sido feita uma visita fora do corpo.

É infelizmente verdade que a reencarnação é aceite por um grande número de pessoas como um pábulo para uma vida monótona e sem aventuras. Satisfaz o ego acreditar que em outros tempos foram

figuras tão glamorosas como gladiadores romanos ou princesas egípcias. No entanto, estou disposto a acreditar que, em casos excecionais, exista reencarnação voluntária, mas não que esta seja uma "lei do karma" obrigatória. Esta "lei" é proposta como uma explicação para as desigualdades e injustiças, e como um meio de efetuar compensação e retribuição.

Mas não consigo compreender como é que um indivíduo pode voltar para aprender uma lição que tinha negligenciado anteriormente se não sabe que lição é essa. Também não vejo como é que quaisquer problemas espirituais são resolvidos por um homem, que viveu na miséria mais abjeta numa existência anterior, reencarnar com uma colher de prata na boca.

Tão-pouco aceito o argumento de que os génios e os prodígios infantis só possam ser explicados pela reencarnação. Além da sua linhagem hereditária, cada criança nasce com *x*, a qualidade desconhecida que é a sua herança espiritual. O *x* não é o produto dos seus pais ou dos seus antepassados. É aquela porção do espírito divino que encarna e anima o corpo fornecido pelos pais. Sendo divino, tem todas as qualidades inatas da infinidade.

A criança pode com igual facilidade ser o superior ou o inferior espiritual dos seus pais, dos seus avós ou dos seus bisavós. Não existe uma equação simples entre o espírito e a matéria.

Os génios e os prodígios infantis bem podem ser precursores daquilo que a evolução produzirá na raça humana nas gerações vindouras. Por vezes, existe até uma explicação muito simples. O meu amigo Florizel von Reuter foi um prodígio infantil cujo domínio magistral do violino foi a sensação da Europa. Tinha-se apresentado perante todas as suas cabeças coroadas muito antes de ter dez anos de idade. A sua é uma história psíquica empolgante.

Os pais de Florizel tinham-se separado escassos meses antes de ele nascer. A Sra. von Reuter estava determinada a que o seu filho tivesse um temperamento que fosse inteiramente diferente daquele que o pai possuía. O seu ideal do que a criança por nascer deveria ser era Paganini, o grande violinista. Enquanto a criança estava ainda no seu

útero, ela rezou intensa e ardentemente para que Paganini a influenciasse e a inspirasse.

Terá a sua prece sido respondida? Será essa a explicação para o facto de Florizel se ter tornado um prodígio infantil com o seu violino? Anos mais tarde, quando mãe e filho se interessaram pelo Espiritualismo e assistiram a sessões, médiuns que não conheciam a sua história descreviam-lhes frequentemente Paganini.

Não faz parte da minha tese que o Espiritualismo forneça as respostas para todos os problemas do homem. Certamente fornece algumas delas. Ao provar a sobrevivência após a morte, prova também que o homem é um ser espiritual com um direito de nascença espiritual e um destino espiritual. O homem é visto como um espírito com um corpo, e não como um corpo com um espírito — uma distinção com uma diferença muito grande.

O homem não é o seu corpo, embora se identifique com ele durante a totalidade da vida. "Não me estou a sentir lá muito bem", dirá ele, quando na realidade quer dizer: "O meu corpo não se está a sentir lá muito bem". Por mais ridículo que possa parecer, a resposta correta a uma pergunta sobre a saúde não deveria ser: "Infelizmente tenho reumatismo", mas sim: "Eu estou bem, mas o meu ombro esquerdo tem reumatismo". O reflexo que se vê num espelho não somos nós. A nossa certidão de nascimento não nos diz quem somos; limita-se a registar o nome pelo qual a nossa personalidade corporal é conhecida.

O homem, que arrancou à natureza muitos dos seus segredos profundos, que sondou as profundezas e barrou as alturas, que explorou praticamente todos os cantos da Terra, que consegue destruir vastos territórios com uma única explosão; o homem, de quem se diz ser o ápice da criação, continua sem se encontrar a si próprio. As suas descobertas e invenções maravilhosas e temíveis, em vez de lhe trazerem serenidade, paz e tranquilidade, aumentaram o seu medo e apreensão. Está mais amedrontado em relação ao futuro do que alguma vez esteve. Materialmente, pode ser próspero; espiritualmente, está falido. O seu conhecimento da Terra é maciço; a sua ignorância

de si próprio é assustadora. “Homem, conhece-te a ti mesmo”, a antiga injunção, está ainda por cumprir.

A descoberta da energia atómica apresentou ao homem o maior ponto de interrogação da história. Ele oscila precariamente no precipício, esperando pelo benefício prodigioso que a ciência lhe possa trazer, contudo temeroso de que, em vez disso, possa tratar-se da maior catástrofe na qual milhões de pessoas perecerão. O problema surge porque a descoberta científica ultrapassou o desenvolvimento espiritual do homem. Ele não está espiritualmente preparado para o poder que a ciência libertou. No entanto, por mais impressionantes e profundas que estas descobertas possam ser, o segredo da vida continua a escapar ao cientista. Ele não consegue fabricar um objeto microscopicamente minúsculo que esteja vivo. Quão castigador é o pensamento de que os cientistas conseguem fazer uma bomba atómica, mas não conseguem fazer uma pulga!

Qual é a diferença entre um corpo vivo e um corpo morto? Estruturalmente, parecem ser o mesmo. O que é que, em escassos minutos, fez cessar o batimento cardíaco? Por que razão os pulsos já não latejam? Por que não está o hálito a ser inalado ou exalado? Por que razão a rigidez se apodera dos membros?

Morremos simplesmente porque aquilo que anima a estrutura corporal partiu. O princípio vital foi retirado. Sem este dinâmico, o corpo e todos os seus órgãos não conseguem funcionar. Este princípio não material é o espírito, que é a essência de toda a vida. É impossível definir o que está além da linguagem, mas o espírito é a matéria da própria vida.

As provas psíquicas revelam que o homem sobrevive à sepultura como um espírito individuado. Não é a morte que lhe confere uma natureza espiritual. O corpo desfaz-se em pó, ou dissolve-se em elementos que já não mantêm uma forma reconhecível, porque o espírito animador se retirou para continuar o seu propósito noutro local. O corpo é o menor; o espírito é o maior. O corpo é o servo; o espírito é o senhor. O corpo é a máquina; o espírito é o indivíduo. Obviamente, aquilo que tem uma existência limitada de setenta,

oitenta ou noventa anos não pode ser superior ao poder que lhe deu vida e sobrevive à sua dissolução.

Estamos familiarizados com muitas das leis físicas que controlam os acontecimentos terrenos. A sala de sessões introduz-nos num leque de leis psíquicas que regulam os fenómenos produzidos através da mediunidade. É razoável, portanto, assumir que existe também um domínio de leis espirituais para controlar os aspetos espirituais do ser. Tudo isto indica uma inteligência infinita que é responsável por um universo governado por leis em todas as suas ramificações. As mentes finitas não conseguem compreender a infinidade, mas emerge uma conceção de um espírito infinito como o arquiteto divino do esquema cósmico.

Este é o Deus do espírita, não um homem deificado ou uma divindade tribal, ou, na verdade, qualquer ser antropomórfico. Este é o Deus de todos os povos, de todas as criaturas, do universo sem limites, não a propriedade exclusiva de qualquer religião ou nação. Este é o Deus incapaz de favoritismo, ira, ciúme, vingança ou quaisquer fraquezas humanas. "Deus fez o homem à sua imagem", e o homem tem estado a retribuir o cumprimento desde então.

O homem está na imagem espiritual, e não na física, de Deus. A relação é espiritual. O homem aqui, e no além, é parte integrante deste espírito infinito. Nasce porque uma partícula dele encarna na matéria e dota o corpo de vida. Submete-se a uma variedade de experiências destinadas a treinar e a equipar o seu espírito para a etapa seguinte da sua existência.

Em todos os momentos, cada ser humano está unido a Deus. Esta relação espiritual é um facto no nascimento, na vida, na morte e além. É uma união eterna que não pode ser cortada. Devido a esta relação, o homem é Deus em miniatura. É o livre-arbítrio que decide, se ele for normal, a extensão em que permitirá que a semente da divindade latente floresça. Potencialmente, o homem deve possuir todos os poderes de um espírito infinito. Significa isto, creio eu, o sentido das palavras: "O reino dos céus está dentro". Ao que, como é óbvio, se pode acrescentar: "Assim como também o reino do inferno".

O homem constrói ou destrói o seu próprio destino e cria o seu próprio céu ou inferno. Determina a sua própria evolução espiritual, que nada tem a ver com nacionalidade, nascimento, posição, riqueza ou profissão. A lei natural da causa e efeito opera. O homem é aquilo que faz de si próprio, pela sua conduta. Oportunidades para o crescimento do caráter, que é na realidade o desenvolvimento espiritual, surgem a cada indivíduo.

Ninguém se encontra numa posição mais privilegiada para prestar serviço do que qualquer outra pessoa. Ser desinteressado, atencioso, bondoso e compassivo não depende de se ser rico ou pobre. No que diz respeito ao caráter e à realização espiritual, colhemos apenas o que semeámos. O homem avarento não pode ser um santo, pois a avareza não pode produzir a santidade.

Após a morte, o homem continua a sua vida precisamente no estatuto espiritual que tinha alcançado antes de deixar a Terra. Não pode ser de outra forma. É impossível haver fingimento, trapaça ou engano. A lei natural não pode ser frustrada. Ninguém pode fingir estar na posse de um desenvolvimento espiritual que não alcançou. Os padrões da Terra não se obtêm além da sepultura, onde a medição é feita com uma bitola diferente. Aqui podemos fingir ser diferentes daquilo que realmente somos porque o nosso verdadeiro eu raramente ou nunca é revelado. Escondemo-nos por trás da máscara da personalidade. A morte arranca todas as máscaras e revela a alma em toda a sua nudez.

Esta lei natural da causa e efeito, ou de semear e colher, não pode ser alterada por arrependimentos no leito de morte, pela recitação de qualquer fórmula teológica, pela administração de qualquer chamado sacramento, por mais sinceramente que seja feito ou honestamente aceite. Nenhum homem, seja ele clérigo, sacerdote ou rabino, tem poder para alterar o funcionamento da lei natural. Verdadeiramente, “de Deus não se zomba”.

O rótulo religioso, ou a falta dele, não fará qualquer diferença. A prova de fogo é apenas a vida que foi vivida. Nenhuma recitação de palavras de livros considerados sagrados pode alterar o funcionamento

das leis universais, que não são afetadas por assistências à igreja, capela, templo ou sinagoga.

O que é considerado religião por milhões de pessoas tem um valor, não por causa daquilo em que acreditam, mas apenas se as inspirou a viver uma vida melhor. Deve ser uma aplicação pessoal e prática à vida quotidiana. Somos todos individualmente responsáveis por aquilo que fazemos. A morte não transformará pecadores em santos, pascácios em sábios ou tolos em filósofos.

A compreensão de que o homem é um ser espiritual, que emerge das provas da sala de sessões, é um facto tremendo que, em última análise, transformará todo o cenário terreno. Dará à humanidade um novo sentido de valores baseado numa compreensão do seu lugar e propósito no plano divino. Milhões vivem vidas de futilidade, correndo atrás da sombra e da ilusão porque são ignorantes do propósito da sua existência. Praticamente a totalidade da sua atenção está focada nos corpos, com uma negligência quase completa dos seus eus espirituais, que serão a realidade duradoura. Se uma fração do tempo, esforço e energia dedicados às nossas naturezas materiais fosse gasta no desenvolvimento da nossa divindade latente, o mundo seria em breve um lugar melhor. E milhões estariam a viver na luz espiritual em vez de na escuridão.

Sendo assim, a maioria dos seres humanos morre mal equipada, impreparada e desprovida de prontidão para a etapa seguinte das suas vidas além da sepultura. É assustador contemplar os milhares de desajustados sem instrução que morrem ignorantes daquilo que os espera. Falharam em aprender as lições na escola da Terra.

Assim que se percebe que se é um ser espiritual, passa-se a ter uma nova escala de valores e uma perspetiva totalmente diferente. O medo e a preocupação são banidos quando se tem a consciência de que nenhum dano duradouro pode atingir o nosso verdadeiro eu. Além disso, o conhecimento de que se possui uma armadura espiritual, devido à nossa relação divina, ensina-nos a explorar um pouco desse vasto poder latente dentro de nós, para fornecer força nas horas de fraqueza, orientação em momentos de crise e ajuda quando tudo parece difícil. Este conhecimento faz-nos perceber que existem lições

a serem aprendidas tanto na sombra como no sol, tanto na dor como no prazer, tanto no sofrimento como na alegria, tanto na tempestade como na paz. Cada experiência adiciona a sua quota-parte e ajuda a construir o caráter, que é a posse eterna.

O maior inimigo no mundo é o materialismo. Este é o cancro maligno, com crescimentos parasitários em todas as classes e nações. O conhecimento da sobrevivência após a morte, com todas as suas implicações espirituais, torna a crença no materialismo impossível. O Espiritualismo é a antítese do materialismo. O Espiritualismo prova que o indivíduo egoísta é aquele que deve pagar o preço pelo seu egoísmo.

O desejo de poder ou de riqueza, independentemente do sofrimento que seja infligido na sua aquisição, existe porque os indivíduos em causa não têm conhecimento das consequências espirituais. Por um breve período, o poder e a riqueza podem trazer uma falsa adulação e um respeito de fachada, mas tudo isto é muito passageiro. A morte traz um ponto final a todas as ambições de ditadores, avarentos, glutões e acumuladores. Tal como a bondade é a sua própria recompensa, também o egoísmo traz a sua punição merecida.

Com o tempo, por causa deste novo conhecimento, o antagonismo, individual, nacional e internacional, será substituído pela cooperação e pelo desejo de servir o próximo. A liberdade espiritual será consagrada como o direito inalienável do homem devido à sua herança divina.

Todas as manchas e excrescências que mancham a existência humana e impedem o espírito de encontrar a sua plena expressão serão obliteradas. Não só a mente deve ter plena liberdade, como o corpo, o templo do espírito, tem de viver em condições que sejam tão apropriadas ao seu cenário como o estojo de uma joia brilhante.

A totalidade das relações humanas, em todos os aspetos do ser, será alterada pela apreciação das necessidades espirituais da vida. Diferenças de cor, credo, raça, língua e nacionalidade serão superadas pelo conhecimento prevalecente da natureza espiritual do homem. Em essência, o mesmo espírito, embora diferindo em grau, está dentro de

cada ser humano no mundo. Esta é uma relação imortal e divina que é ainda mais forte do que os laços de família ou de sangue. Estes não persistirão, mas a nossa relação espiritual perdurará.

A verdade simples é que Deus fez-nos a todos de um único espírito. Quer gostemos quer não, as leis universais ordenaram-no de tal forma que o canibal, o negro, o índio, o aborígene e os membros de cada raça, independentemente da cor das suas peles, são parentes espirituais. Espiritualmente, somos membros uns dos outros, todos crianças na família divina. Isto é, de facto, as Nações Unidas espirituais.

Eis as verdades eternas que transcendem todas as nossas diferenças físicas. O assassínio não pode extinguir essa relação espiritual ou pôr fim à nossa responsabilidade para connosco próprios, ou aos nossos deveres uns para com os outros. O homem que foi morto em batalha continua a ser um facto espiritual que não pode ser extinguido. Vê-se assim que a guerra não resolve problemas; limita-se a transferi-los para outros planos de existência.

Tal como o homem adquirirá uma riqueza, dignidade, brilho e nobreza de vida quando estiver consciente do seu potencial espiritual, assim uma nova ordem surgirá à medida que estas verdades eternas forem compreendidas pelos governantes e por aqueles que ocupam cargos elevados. Então, as visões dos sonhadores, reformadores, pioneiros e mártires ter-se-ão realizado e o reino dos céus na Terra será uma realidade viva. O homem viverá em paz com o seu vizinho e consigo próprio. O poder do espírito será então conhecido em toda a sua sublime majestade.

Capítulo 22

APONTANDO O CAMINHO

Creio que faz parte do plano concebido por mentes superiores no Além que as verdades do espírito sejam capazes de demonstração para aqueles que estão preparados para as receber. A história da religião revelada é uma história que mostra a interação do espírito e da matéria. O poder do espírito esteve sempre em ação, adaptando-se, ao

longo dos séculos, às necessidades, à compreensão e à capacidade dos seus destinatários.

A Bíblia, como muitos outros livros sagrados, é um testemunho da atividade do espírito. Quer muitas das suas personagens sejam chamadas profetas, videntes ou médiuns, não faz qualquer diferença. Eram todos os instrumentos de um poder superior que, ao fluir através de canais humanos, produzia sinais e prodígios que eram erroneamente considerados milagres.

Cada revelação foi moldada à época e ao país em que apareceu. Houve sempre oposição por parte dos defensores da ortodoxia da altura, daqueles que defendiam a letra, a doutrina, o dogma, o credo, o ritual e a cerimónia, os quais eram os obstáculos à aceitação da inspiração proveniente de uma vida maior. A nova revelação surgia habitualmente através de um grande médium, que primeiro atraía a atenção pública através dos fenómenos psíquicos que ocorriam na sua presença. Depois, ele inculcava as implicações, os princípios éticos que são o fundamento de todas as religiões mundiais.

No decurso do tempo, o líder morria e a ossificação instalava-se. A inspiração original era esquecida, ou enterrada, ou recoberta por um novo edifício teológico. "A letra que mata" tinha suplantado temporariamente "o espírito que dá vida". Tornou-se, por isso, necessário que o ciclo se repetisse uma e outra vez, à medida que as mentes superiores encontravam oportunidades para apresentar as verdades eternas do espírito, as únicas que proporcionam uma compreensão da vida.

A situação pode ser exposta de forma simples. Tudo o que aconteceu no passado, em qualquer parte do mundo, deveu-se ao funcionamento de leis naturais. Alterá-las, suspendê-las ou revogá-las implica uma crítica à inteligência governante, que tem de intervir porque os acontecimentos estão temporariamente fora de controlo devido a contingências imprevistas. E isso significaria que a Divindade não é omnisciente nem omnipotente.

As leis de Deus são as mesmas ontem, hoje e para sempre. A Palestina não é mais sagrada do que a Grã-Bretanha. Não pode haver amor divino para o ano arbitrariamente chamado um que não esteja

igualmente disponível para qualquer ano do século vinte. Na Palestina moderna não existem provas da descida do poder do espírito que ali ocorreu há dois mil anos. Não é o país que torna o acontecimento espiritual possível. Em vez de "sinais e prodígios" na Palestina de hoje, existe a sombra da guerra.

O conflito entre judeus e árabes deve-se principalmente a ideologias teológicas divergentes. Do mesmo modo, esta é a razão da divisão na Índia entre o hindu e o muçulmano. Estão separados por credos que provocam "guerras santas", se é que a guerra alguma vez pode ser santa. Quando a teologia suplanta a inspiração, os resultados são a esterilidade e o fratricídio. O espírito, sendo o denominador comum, une as pessoas. A teologia, com a sua crença no monopólio ou na dispensa especial, cria barreiras de conflito e até de ódio. Como pode a teologia, que emana da mente do homem, comparar-se com a inspiração, que emana de fontes divinas?

Vejo na introdução do Espiritualismo moderno parte de um grande plano para unificar todas as religiões e todos os povos. A sua prova é que não existem almas judias, protestantes, católicas romanas, batistas ou hindus. Quando, na morte, o homem descarta o seu corpo, também lhe caem as escamas dos olhos e começa a perceber que espiritualmente não pertence a nenhuma nação, raça ou religião. Quando as implicações da sua sobrevivência se lhe revelam, e ele percebe como estas diferem de todas as suas noções preconcebidas, o seu instinto natural é partilhar esta notícia tremenda com aqueles que ama, que deixou para trás e que são tão ignorantes sobre o assunto como ele era.

Através de todas as formas de mediunidade que se desenvolveram em pouco mais de um século, os meios de comunicar este conhecimento estão disponíveis. Ele fá-lo primeiro ao provar a sua identidade, de modo a que os destinatários tenham a certeza sobre quem está a comunicar. Quando a identidade tiver sido estabelecida, então ele pode descrever as condições da sua nova vida e a relação desta com os que deixou, àqueles que sabem que podem confiar no que ele diz. Desta forma, a revelação do Espiritualismo moderno é dada a conhecer a um número crescente de pessoas, à medida que o amor fala ao amor através do véu da morte.

Isto está a acontecer em milhões de lares onde a lareira familiar se tornou o altar. Não são necessários palácios eclesiásticos, nem catedrais, nem vitrais, nem paramentos, nem imagens sagradas, nem relíquias sagradas. Isto não é escrito com desdém ou de forma depreciativa. Percebo que existe uma necessidade estética e emocional no homem que pode ser satisfeita em ambientes onde encontra beleza, tranquilidade e, em milhares de casos, aquilo que considera ser a sua fé. Mas, com o maior respeito, nada disto tem a ver com a verdadeira religião. O louvor, a adoração, a liturgia, tudo isto pode satisfazer certos anseios, mas não aproxima necessariamente o homem de Deus nem lhe dá a perceção da sua natureza espiritual.

Pelo que vejo, o plano consiste, e tem consistido há mais de um século, em fornecer ao homem e à mulher comuns provas das realidades espirituais. Não considero fortuito que o Espiritualismo moderno tenha surgido no cenário terreno numa altura em que a ciência começava a desenvolver o seu domínio sobre a mente do homem. A era vitoriana foi uma era em que houve uma guerra constante entre a ciência e a religião, e a religião saía constantemente a perder. A ciência não aceitava nada que não pudesse ser demonstravelmente provado. A religião apelava apenas à fé, à esperança e à crença.

Triunfante, la ciência tornou-se cada vez mais materialista; não aceitava nada a menos que pudesse ser percebido pelos cinco sentidos. Paradoxalmente, a ciência foi compelida a mover-se para os domínios do imaterial e a afirmar que o fundamento da matéria reside em pontos de poder tão minúsculos que nenhum instrumento os consegue registar, mas suficientemente poderosos para causar devastação e destruição generalizadas.

A religião sem a ciência encorajou a credulidade e a superstição, a crença de que a classe sacerdotal possuía poderes mágicos, e, em muitas terras, o fomento do analfabetismo para perpetuar ditaduras religiosas. A milhões de pessoas foi dito que a dúvida era um mal, que as suas almas imortais seriam postas em perigo se lessem certos livros que os seus senhores espirituais decretavam deverem ser-lhes proibidos.

A religião sem a ciência levou a cruzadas “santas”, ao suplício do potro, à câmara de tortura, à inquisição na qual os hereges eram condenados à morte para que as suas almas pudessem ser salvas. A religião sem a ciência perpetuou a noção insensata de que um Deus infinito pode ser a propriedade exclusiva de uma só Igreja, que um livro finito pode conter a totalidade da verdade infinita e que existem povos escolhidos especialmente favorecidos pela Divindade. A religião sem a ciência afirmou que a fé é preferível às obras, que a salvação só pode ser alcançada pela aceitação de crenças teológicas.

A religião sem a ciência pintou quadros ridículos de um céu dourado reservado aos eleitos, e quadros ainda mais ridículos de um inferno ardente para os condenados. A religião sem a ciência levou ao fanatismo, à intolerância e ao jogo com o medo. As implicações religiosas do Espiritualismo não podem ser discutidas na rádio, na televisão da B.B.C. ou em qualquer um dos canais de televisão comerciais. Esta proibição aplica-se igualmente aos unitários e aos cientistas cristãos.

O que alcançou a ciência sem a religião? Com a fissão nuclear, trouxe a humanidade para a encruzilhada do destino. A ciência é responsável por muitos benefícios. As suas invenções e descobertas enriqueceram a mente do homem e deram prazer ao seu corpo. As comunicações aceleraram; o mundo tornou-se mais pequeno. A ciência deu ao homem maior lazer, embora ele não saiba o que fazer com o tempo de que dispõe.

Permitiu-lhe deslocar-se muito mais rapidamente de um país para outro, e de um local para outro, embora não lhe tenha mostrado o que fazer com o tempo que poupa. Aumentou a sua esperança de vida na Terra. Afastou muitas doenças, embora surjam novas maleitas, sem dúvida devido às complexidades da civilização. Multiplicou os alimentos que ele come, mas o aumento constante da população continua a apresentar o espetro da fome em muitas terras.

A ciência sem a religião, sem o travão de quaisquer considerações éticas ou morais, trouxe-nos a bomba atómica. Os cientistas costumavam argumentar que o uso feito das suas descobertas não era da sua responsabilidade. Essa posição já não é

sustentável. As descobertas são demasiado maciças e demasiado temíveis. A ciência, que começou por insistir em ser materialista, foi compelida a abandonar a sua crença na solidez da matéria. A solidez material é uma ilusão.

Lembro-me de que há vinte e cinco anos, quando Sir Oliver Lodge compareceu como testemunha principal num caso em que uma médium estava envolvida, o famoso cientista, em resposta a uma pergunta, declarou que este era o mundo da ilusão, e que o mundo espiritual era a realidade. A sua resposta foi encarada com desdém. A ciência provou agora metade da sua afirmação, a ilusão da matéria sólida. A outra metade será demonstrada na plenitude do tempo.

O que tem tudo isto a ver com o Espiritualismo? Creio que este é a ponte na qual a ciência e a religião se encontrarão e cooperarão no futuro. É uma ciência religiosa e uma religião científica. A sobrevivência pode ser cientificamente provada. A sua prova tem profundas implicações religiosas. Quando a ciência e a religião cooperarem, como estava destinado que fizessem, será um tremendo passo em frente na evolução do homem.

O Espiritualismo, quando plenamente compreendido, não se preocupa com qualquer tipo de teologia. Preocupa-se com a verdadeira religião, na demonstração de factos espirituais que compelem o homem a perceber a sua relação com cada um dos outros indivíduos e com o poder que o dotou de vida.

Tendo como fundamento a prova das realidades espirituais, a ciência trabalhará para a melhoria da humanidade e para proporcionar condições em que o homem todo, e não apenas o seu corpo, obtenha a sua expressão mais plena. A religião, trabalhando em cooperação com la ciência, cumprirá a sua função de fomentar a natureza psíquica do homem para que este possa ser o destinatário de uma inspiração e revelação ainda maiores.

Assim, o homem construirá a sua própria salvação com o pleno conhecimento daquilo que é, para que aqui está e naquilo em que se deve tornar. A sua salvação reside na regeneração, no reconhecimento de que é um ser espiritual, com um destino espiritual a alcançar. Esta é a grande esperança para milhões de pessoas que desesperam na

atualidade. Uma geração cansada da guerra, cínica, cética e perplexa, anseia por uma filosofia e uma religião adequadas às exigências modernas. Virou as costas às antigas fés, que considera ultrapassadas. Os ensinamentos convencionais e ortodoxos já não atraem a maioria.

Um texto da Bíblia não é a resposta para as dúvidas. A recitação de um credo, no qual, com demasiada frequência, secretamente, o clérigo já não acredita, não é a ideia que a maioria das pessoas tem de um guia para uma vida que mistifica e desafia através dos seus paradoxos, perigos e problemas. Temerosos do que o amanhã possa trazer, veem-se como rolhas que flutuam sem rumo num mar sem cartas de navegação. E há sempre o mistério da morte para acrescentar confusão a um cenário já de si caótico. A ciência, argumentam eles, falhou-lhes. O mesmo aconteceu com a religião. A filosofia pode especular, mas não fornece respostas finais.

O Espiritualismo aponta o caminho. Mostra que Deus não se deixou ficar sem uma testemunha. Oferece conhecimento, apoiado por provas, para afastar a ignorância e a superstição. Mostra que não há nada a temer na morte ou na vida. O homem, o ser imortal, já não precisa de viver nas trevas. A luz da verdade do espírito está lá para o guiar sobre como viver, de modo que, quando fizer a sua passagem, não fique cheio de arrependimentos, porque saberá que a sua peregrinação terrena não foi em vão.

Esta é a revelação moderna, acompanhada, como outrora, por "sinais e prodígios". Esta é a verdade que cada homem sensato pode provar por si próprio. Isto é o Espiritualismo.